

ALEXANDRE ANDRADE DA COSTA

***Inteligência: representações do cenário internacional e
seus reflexos no Brasil (1935-1941)***

**ASSIS
2014**

ALEXANDRE ANDRADE DA COSTA

***Inteligência: representações do cenário internacional e
seus reflexos no Brasil (1935-1941)***

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Doutor em História
(História e Sociedade)

Orientador: Tania Regina de Luca

**ASSIS
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Costa, Alexandre Andrade da
C837i Inteligência : representações do cenário internacional e seus reflexos no Brasil (1935-1941) / Alexandre Andrade da Costa.
Assis : [s.n.], 2014.
279f. + anexos.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2014.
Orientadora: Tânia Regina de Luca.

1. Imprensa. 2. Revista Inteligência. 3. Representações.
I. Título. II. Autor.

CDD 079.81

COSTA, Alexandre Andrade da. 2014. *Inteligência: representações do cenário internacional e seus reflexos no Brasil (1935-1941)*. 330f. (Tese de Doutorado em História.) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

RESUMO

O intuito desta pesquisa é estudar a revista *Inteligência: mensário da opinião mundial*, fundada por Mário Gracioti, em 1935, na cidade de São Paulo. A revista *Inteligência* constitui-se em relevante fonte para pesquisa, uma vez que trazia textos e caricaturas sobre a situação internacional, selecionados, (re)organizados e traduzidos por intelectuais que integraram a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), fundada em 1932. Pretende-se analisar, a partir de suas páginas, de que maneira os responsáveis pela publicação representaram os distintos contextos político-ideológicos que se confrontavam com a finalidade de atuar, modificar ou justificar posições políticas internas sem perder de vista que os textos publicados resultavam de escolhas que não podem ser separadas da visão de mundo dos seus idealizadores. No que concerne à metodologia, trata-se de apreender a revista como fonte e objeto de estudo.

Palavras Chaves: Imprensa, Revista *Inteligência*, representações, guerra.

ABSTRACT

The purpose of this research is to study *Inteligência*, monthly magazine of world opinion, founded by Mario Gracioti in 1935, in São Paulo. This review constitutes a relevant source for research, since it brought about the texts and caricatures organized and translated by intellectuals who joined the Society of Political Studies (SEP), founded in 1932. Intended be analyzed from your pages, that way the publishers represented the different political and ideological contexts that clashed with the purpose of acting, modify or justify domestic political positions without losing sight that the published texts resulted from choices that can not be separated from the worldview of its creators. Regarding the methodology, it is to grasp the magazine as a source and object of study.

Keywords: Press, *Inteligência*, representations, war.

Agradecimentos

Uma tese de doutorado é um trabalho que demanda do estudante muito tempo e dedicação. Analisar a fonte e, posteriormente, tentar esboçar uma interpretação sobre ela, requer um esforço que acaba por isolar o pesquisador do mundo que o cerca por algum tempo. Engana-se, todavia, quem imagina que o trabalho resulta de uma empreitada solitária. Para que uma tese seja escrita, inúmeras pessoas cruzam o caminho do estudante, contribuindo para que a pesquisa se desenvolva de maneira profícua.

Em março de 2003, quando cheguei a Assis, obtive uma bolsa de auxílio para estudantes de baixa renda, oferecida pela Universidade. Como requisito para a obtenção da mesma, eu deveria indicar um professor do Departamento de História, responsável pelas atividades que realizaria enquanto durasse tal vínculo. Procurei a professora que trabalhava com o assunto ao qual eu pretendia dedicar minha trajetória: Tânia Regina de Luca.

Desde então, iniciou-se uma relação profissional que foi responsável por todo o meu aprendizado no campo historiográfico. Não há palavras que dimensionem o tamanho da dívida de gratidão que tenho com essa profissional, cujo nome representa para toda a comunidade acadêmica um paradigma de excelência, comprometimento e dedicação. À professora Tânia Regina de Luca, meu muito obrigado pela paciência, por cada minuto de seu precioso tempo dedicado às correções da tese e pelas memoráveis histórias que construímos ao longo destes 11 anos de orientação.

À minha família, pais, avó (a um ano do centenário) e irmã, que tiveram, diariamente, seu cotidiano alterado por conta dos meus compromissos e souberam lidar com os inúmeros problemas que eu trouxe. Especialmente minha mãe, mulher de fibra, que ficou com minhas filhas todo o tempo que estive fora do Brasil, em Paris, em decorrência da pesquisa.

À minha esposa, Susyanne Souza, que arcou com todas as responsabilidades de permanecer trabalhando e cuidando das nossas lindas filhas, Laila e Laura, durante os meses em que me ausentei. As palavras de agradecimento, aqui, não exprimem a dívida de gratidão e, principalmente, a admiração que reputo à minha dedicada companheira. Às minhas filhas, peço perdão pelas ausências constantes e pela porta do escritório, sempre fechada, que teimou em nos separar, nestes últimos quatro anos.

Aos professores Ilka Stern Cohen e André Mota, que durante o exame de qualificação fizeram observações fundamentais para a compreensão da complexidade do objeto ao qual eu me dedicava. Muitas delas foram incorporadas ao trabalho e verdadeiramente compreendidas tempos depois, quando a experiência internacional modificou o meu ponto de vista. À professora Anaïs-Flechét, da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ), que me recebeu e me dotou dos documentos necessários para ingressar nas bibliotecas de Paris. À professora Diana Cooper-Richet, que foi uma amiga durante minha estada na capital francesa, guiando meus passos pelos inúmeros centros de pesquisa e dedicando seu tempo a me orientar enquanto lá permaneci. Um aprendizado que, por certo, trouxe inúmeras vantagens para o enriquecimento das problemáticas da pesquisa.

Às funcionárias do Centre d'Histoire Culturelle des sociétés contemporaines, Céline Clouet e Esther van Rossen (CHCSC), cuja gentileza e generosidade fizeram do trabalho nesse riquíssimo centro de pesquisa uma experiência encantadora. Aos funcionários dos *Archives de Paris*, da BnF, da *Bibliothèque Paris Saint-Genève*, da *Bibliothèque Universitaire de Saint-Quentin-en-Yvelines* e da *Bibliothèque de documentation internationale contemporaine (BDIC)*, meus sinceros agradecimentos por satisfazer, prontamente, a todos os meus questionamentos e demandas.

Aos funcionários da Unesp de Assis, do Cedap, da Biblioteca (Auro, da velha guarda), da Pós-Graduação e de todas as sessões pelas quais passei pela rotineira amabilidade que sempre me dispensaram. À Almir Teixeira e Claudinéia Moraes, que me ajudaram a compilar e digitalizar as fontes. À André Dorta e Valéria Bertolotto que estiveram presentes em todos os momentos nos quais os computadores e seus segredos passaram dos limites do meu conhecimento. À Alaíde Maria, pela revisão.

Aos meus amigos, Augusto, Melanie e Priscila, minha fraterna tríade, que sempre me auxiliou, em São Paulo e em toda parte, a resolver as questões que me afligiam e desorientavam. À Heraldo Galvão e André Matos, pela companhia e discussões durante o tempo de aulas na Pós-Graduação. Andréa Fazio, por estar sempre presente nos momentos de maior angústia. Ao dedicado Caio Butarello, meu primeiro leitor, que apontou os equívocos e sugeriu alternativas, muito obrigado.

Ao grupo de pesquisa de estudos de imprensa de Assis, Danilo Ferrari, Camila Bueno, Patrícia Trizotti meu agradecimento pelas sugestões e leituras comuns. A Anelize Vergara, em especial, por ter compartilhado comigo um momento ímpar de nossa trajetória profissional, a estada na França, pela companhia e pela disposição em

dialogar sobre nossos desafios. Aos meus amigos Guilherme Bravo e João Franzolin, pela amizade e diálogos bibliográficos constantes.

Finalmente, agradeço à Fapesp que, por meio das bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado, propiciou a condição necessária ao enfrentamento destes desafios. Àqueles que não citei aqui e que participaram direta ou indiretamente dessa trajetória, gostaria de deixar minhas sinceras desculpas e agradecimentos.

*Ao Rapha,
in memoriam.*

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo I: <i>Inteligência: o projeto, os responsáveis e o processo de composição da revista</i>.....	20
1.1. <i>Inteligência: gênese de um projeto</i>.....	21
1.2. Munidos de tesoura e cola: a edição enquanto operação intelectual.....	60
Capítulo II: <i>Inteligência: mosaico político na Enciclopédia dos tempos modernos</i>.....	100
2.1. A tessitura do mosaico: o fascismo como inspiração.....	101
2.2. Nas margens: as representações das democracias ocidentais.....	147
Capítulo III: <i>Inteligência: o mosaico recomposto</i>.....	200
3.1. Permanências e rupturas.....	203
3.2. O Brasil em perspectiva.....	230
Conclusão.....	273
Anexos.....	280
Bibliografia básica.....	323

Introdução

'Publiquemos una revista' quiere decir 'una revista es necesaria'.¹



Inteligência, Ano IV, nº 47, p. 103, nov. 1938.

A palavra *mosaico* possui origem alemã *mouseen*, a mesma que deu origem à palavra *música*, que significa “próprio das musas”.² Forma de decoração que atravessou a antiguidade e chegou à contemporaneidade, trata-se de uma atividade na qual os artistas compõem com tesselas, fragmentos de pedras ou outros materiais, uma obra. A imagem acima, publicada na revista de recortes *Inteligência: mensário da opinião mundial* demonstrava ao leitor a agonia do homem daquele tempo, torturado pelos ícones da modernidade, rádio, televisão, submarino dentre outros.

¹ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una practica. In: *Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1990, p. 09.

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mosaico>, acesso em dez. 2013.

Assim como a arte musiva, na qual o desenho final é fruto de inúmeras colagens e bricolagens, a composição dessa revista foi resultado de operações intelectuais que partiam da mesma premissa. A estratégia utilizada pelo editor para chamar a atenção para sua revista era propor que ela oferecia uma síntese dos principais problemas mundiais. Desta forma, o mosaico composto pelo mensário era eminentemente político e revelava as práticas editoriais e a visão de mundo proposta pelo idealizador.

A confecção da revista ficava a cargo da sua redação, uma vez que cabia a Graciotti e seus colaboradores, folhear e ler amplo conjunto de publicações internacionais, selecionar artigos considerados relevantes para figurar nas páginas de *Inteligência*, editá-los, uma vez que de muitos deles estampavam-se apenas trechos, além da árdua tarefa de traduzi-los para o português.

O conteúdo era, portanto, resultado de deslocamentos significativos, uma vez que provinha de um impresso periódico produzido para um público não brasileiro, que foi retirado do seu espaço original de publicação, no qual mantinha relações com o projeto editorial. Dialogava com outras matérias que estavam no seu entorno e, além disso, passava, no mais das vezes, por um processo de redução que poderia alterar significativamente seu sentido original, além do trabalho de versão que, como bem lembram os especialistas, também é uma reinvenção.

Assim, são múltiplas as ressignificações, pois além das já citadas, o material publicado no novo suporte transmite outras mensagens. Essas operações, que nada tinham de inocentes, e o complexo processo de produção da revista permitem compreender a visão de mundo defendida por seus idealizadores, seu entendimento das questões internacionais e, de modo indireto, as alternativas que propunham para o Brasil.

Para compreender tais escolhas, é fundamental ter em conta quais as fontes utilizadas na construção do periódico, quais as temáticas diletas, de que maneira a produção textual articula-se à iconográfica, quais os valores subjacentes e os sentidos que tais decisões editoriais poderiam assumir para o leitor.

Inteligência: mensário da opinião mundial ocupa lugar particular na história da imprensa, pois que suas idiossincrasias a distinguem da grande maioria das publicações da época: não contava com quadro de colaboradores, não era dirigida por indivíduos que ocupavam posição de destaque no cenário jornalístico e/ou intelectual, era composta exclusivamente de textos provenientes de periódicos internacionais e, em raras oportunidades, trazia editorial. *Le mois* foi a fonte de inspiração para *Inteligência*, que

também dialogava com *Seleções*, ainda que esta última tenha sido lançada no Brasil posteriormente,³ e que nem sempre fosse composta por compilações, uma vez que oito anos após sua fundação,

(...) o *Reader's Digest* passou a publicar também seus próprios artigos, a princípio anônimos e sem dados de origem (somente após 1933 esses artigos passaram a apresentar a assinatura de seus autores). Por esse período a revista também inaugurou uma outra forma original de produção de artigos: encomendavam-se alguns para serem publicados em outras revistas e em seguida eram retomados pelo *Digest* sob a forma condensada.⁴

As peculiaridades da revista de Gracioti impedem que se leve a cabo um estudo ancorado nos editoriais, a exemplo do que fizeram as historiadoras Maria Lígia Coelho Prado e Maria Helena Rolim Capelato no clássico *O bravo matutino*, no qual analisaram os editoriais do jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* no intuito de distinguir as diferentes posições políticas e os ideais defendidos pelo matutino em conjunturas diversas. No caso de *Inteligência*, recorreu-se ao editorial para justificar alterações no preço no início de cada ano ou para dar conta de outras iniciativas de seu idealizador – fundação de editora e lançamento da revista *Viver*, mensário de saúde, força e beleza. Cabe ressaltar, como ensina Beatriz Sarlo, que

(...) las editoriales son zonas poco confiables si lo que se quiere es reconstruir, en perspectiva histórica, la problemática de una revista. Las editoriales son tan ostensiblemente un discurso programático, que bien se puede prescindir de ella o, al menos, someterlas al contraste con el discurso que resulta de la disposición de materiales.⁵

Os estudos historiográficos que tem por problemática o estudo de revistas tem revelado como tais periódicos são complexos e necessitam de denodados cuidados para se tornarem objeto de pesquisa. O historiador, como sustentou Ana Luíza Martins, corre

³ Cabe destacar que a revista morte-americana tem sido objeto de vários estudos, com destaque para o trabalho de JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande*. Bragança Paulista: Edusf, 2000, que demonstrou como se construiu, nas páginas de *Seleções*, uma determinada representação da América Latina que era apresentada aos leitores como espaço exótico e caótico. Nas suas palavras, “O trabalho de seleção e condensação dos artigos era metódico. Inicialmente era feito inteiramente por DeWitt Wallace. Depois, com o sucesso da revista, foram contratadas pessoas que faziam esse trabalho. Dessa forma, os escritórios do Digest em Pleasantville pareciam-se mais com um laboratório de leitura – e não com uma editoria comum de jornal ou revista, onde os repórteres e jornalistas produzem as matérias”, p. 32. Preocupação similar norteou o trabalho de BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: FFLCH/USP, 1998, que analisou a maneira como as revistas *Cruzeiro* e *Manchete* representaram, por meio de fotografias, a América Latina.

⁴ PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest. Um mapa da intolerância política. (1954-1964)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH/USP, p. 58.

⁵ SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 12.

sérios riscos de, ao mergulhar na fonte, maravilhar-se com as páginas revisteiras e tomar suas afirmações como verdadeiras.

A partir da historiografia e da metodologia que tem como preocupação precípua a análise de periódicos, pretende-se inserir a revista *Inteligência* na história da imprensa e evidenciar o papel desempenhado no momento de circulação, distinguindo suas duas fases além de verificar de que modo a revista dialogava com os outros periódicos publicados no período.

Por meio da análise do material textual e iconográfico intenta-se estabelecer de que forma os intelectuais responsáveis por *Inteligência* interpretaram o contexto político no qual o Brasil estava inserido, para caracterizar a proposta editorial do periódico e dos intelectuais que a ela se dedicaram. Dessa forma, o projeto trata de questões que envolvem a 2ª Guerra Mundial, a participação do Brasil neste conflito e, ainda, as modificações contidas em sua trajetória.

O renovado interesse dos historiadores no que concerne ao estudo das distintas mídias e das imagens são temas que ganharam novo ânimo devido à transformação ocorrida no campo historiográfico a partir dos anos 1970 e 1980. Os estudos culturais, tomaram a imprensa não mais como mecanismo de comprovação de teses previamente estabelecidas mas, principalmente, como fonte que poderia contribuir para a compreensão das formas de atuação no espaço público, encontraram um manancial de problemáticas e questionamentos.

Esta pesquisa insere-se na intersecção entre a História Cultural e a História Política e tem por objetivo o estudo sistemático da revista *Inteligência* e das caricaturas políticas nela publicadas. Pretende-se compreender, por meio das páginas desse periódico, as temáticas que suscitaram intensos debates nas décadas de 1930 e 1940 e suas representações.⁶

Ao trabalhar com as revistas do início do século XX, Ana Luiza Martins chamou a atenção para o risco de o pesquisador se deixar levar pelo encanto que o folhear destas

⁶ De acordo com CHARTIER, Roger. *El pasado presente. Escritura de la historia, historia de lo escrito*. México: Universidad Iberoamericana, 2005, p. 35, a representação “(...) permite, en efecto, unir estrechamente las posiciones y las relaciones sociales con la manera en que los individuos y los grupos se perciben a sí mismos y a otros. Las representaciones colectivas, definidas a la manera de la sociología de Durkheim, incorporan em los individuos , en forma de esquemas de clasificación y de juicio, las divisiones mismas del mundo social. Son ellas quienes llevan las diferentes modalidades de exhibición de la identidad social o del poder político, como lo hacen ver y creer los signos, las conductas y los ritos. Finalmente, estas representaciones colectivas y simbólicas encuentran, en la existencia de los representantes, individuales o colectivos, concretos o abstratos, la garantía de su estabilidad y de su continuidad”.

páginas propicia, e que pode resultar numa recepção acrítica desse material. Vale acompanhar suas sugestões metodológicas, segundo as quais

(...) a pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos.⁷

Há que se considerar ainda a questão da materialidade – dimensões, formato, qualidade do papel e da impressão, o projeto gráfico e a diagramação, a presença ou ausência de iconografia – a organização interna do material (editorial, artigos, seções, espaço para a opinião do leitor), propagandas, preço, ou seja, um conjunto de elementos que podem informar a respeito do público leitor imaginado por aqueles que se aventuraram na empreitada. Não basta analisar apenas os números iniciais, antes deve-se ter em conta todo o período de circulação, as mudanças e permanências que podem ter ocorrido ao longo do tempo. É na confluência entre tais aspectos e a análise do conteúdo que se será possível delinear a visão de mundo compartilhada pelos responsáveis e difundida pela revista, uma vez que não se pode esquecer que ela se constitui numa forma de intervenção no espaço público, como bem sugere a epígrafe.

A historiografia tem insistido sobre a relevância de se estudar os idealizadores, as redações e os grupos que se formam em torno das mesmas para compreender as motivações, os interesses, as lutas que levaram à decisão de lançar um periódico.⁸ E aqui, mais uma vez, faz-se necessário particularizar *Inteligência*, concebida e efetivamente dirigida por Mário Graciotti e que contou com um rol diminuto de indivíduos que o assessoravam na confecção da revista. Na reconstituição do trabalho cotidiano da produção do mensário, é essencial recorrer aos livros autobiográficos de Graciotti, que podem conter informações sobre a rede de sociabilidade reunida em torno

⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001, p. 21. Ainda segundo a autora, “As distorções e os disfarces – traços que demandam alerta quando se trabalha com propaganda e publicidade –, disseminam-se no impresso revista, exigindo de seu pesquisador o exercício da crítica permanente do documento, interna e externa, passível de aflorar o verso e o reverso de uma mesma história, ou possibilitar as múltiplas histórias decorrentes do fato, do momento, do período, de um processo histórico”. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003, p. 61.

⁸ GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 41, bem assinalou que “(...) trabalhar com o meio intelectual é, em grande parte, mapear um espaço social que ambas as noções cobrem no duplo sentido há pouco mencionado. O primeiro, organizacional, contido no delineamento de uma rede de relações que materializa intercâmbios sociais durante certo período e segundo várias formas. Os ‘lugares’ de sociabilidade são de uma geração – escolas, associações intelectuais, revistas, salões etc. – podem ser indicadores valiosos para a análise de movimentos de produção e circulação de idéias”.

da publicação, sem perder de vista que se trata de um relato produzido muito tempo depois dos acontecimentos.

Estudar uma revista que tratava de questões candentes e que publicava caricaturas de conteúdo eminentemente político pode ser uma oportunidade para o estabelecimento de vínculos produtivos entre passado e presente, fundamental para a compreensão das disputas que, em última instância, relacionam-se aos embates em torno da memória. Sobretudo porque, como concluiu a crítica literária argentina Beatriz Sarlo, “deberíamos considerar las revistas (por lo menos aquellas que han tenido continuidad significativa) como marcas de los puntos de giro en el espacio cultural del siglo XX”.⁹ Além disso,

(...) o desafio que segue posto para os historiadores está justamente em ir além das prescrições que os poderosos da hora vociferavam e tentar, a partir de um estudo sistemático das publicações do período, aquilatar até que ponto os sonhos controladores de fato concretizaram-se. Observe-se, por exemplo, a ausência na historiografia de apreciações, mesmo superficiais, a respeito do papel desempenhado pelas revistas literárias e culturais, que floresceram no período, e isso para citar apenas um setor dos impressos periódicos. Não há porque supor que a arte de escrever – e de ler – nas entrelinhas, a crítica indireta, o silêncio contra tentativas autoritárias de controle, não tenham sido manejadas com acuidade pelos homens daquele tempo.¹⁰

As imagens exigem um tratamento meticuloso, pois são muitas as armadilhas que o historiador, que pretende servir-se delas como fonte, deve enfrentar. No caso específico de *Inteligência*, o campo imagem é representado por caricaturas inseridas na seção *Política*. Veículo de representação e de percepção da realidade, elas se configuram em estratégias, que uma vez reinseridas nas páginas do mensário, intentam construir/reforçar, articuladas ou não aos textos dos quais emana uma determinada visão de mundo. Por essa razão,

(...) la caricatura es aquí un documento fundamental, cuya lectura y desciframiento permite entender la época en estudio observando las dinámicas de los enfrentamientos facciosos por el usufructo del poder y el papel que desempeñaba la prensa como parte de la estrategia de esas luchas entre grupos rivales; igualmente, es un recurso que permite descubrir la forma en que se generaban determinados imaginarios en torno de ciertas personalidades del momento. Asimismo, desde la sátira y el humor, posibilita el análisis de los discursos oficiales y contestarios y el develamiento de los intrínquilis políticos.¹¹

⁹ SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 15.

¹⁰ LUCA, Tânia Regina. Anuário da Imprensa brasileira (1942): uma leitura e muitos desafios, In: MATTOS, Geisa, JAGUARIBE, Elisabete & QUEZADO, Ana. *Nordeste, memórias e narrativas da mídia*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010, p. 112-113.

¹¹ GANTÚS, Fausta. GANTÚS, Fausta. *Caricatura y poder político. Crítica, censura y represión en la ciudad de México, 1876-1888*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2009, 441 p. 19.

O conjunto de procedimentos teórico-metodológicos permitirá o enfrentamento das questões colocadas pelo estudo de *Inteligência* que, até o presente momento, não conta com fortuna crítica na historiografia brasileira. Para compreender em que cenário esta revista surgiu é necessário compreender como a história contemporânea ligou pessoas, nações e destinos ao longo deste conturbado período.

Na passagem do século XIX para o XX, parte da Europa experimentou o que foi denominado por Hannah Arendt como “a era de ouro da segurança”. Não havia conflitos generalizados entre as nações e a prosperidade econômica, oriunda do progresso fabril e científico legava aos cidadãos – de pelo menos parte do continente – esperanças quanto ao futuro.

Todavia, decorridos apenas alguns anos, a Primeira Guerra Mundial pôs fim ao idílio. Grande parte dos países europeus pegou em armas e foi às trincheiras defender suas flâmulas. O nacionalismo vicejou e as consequências foram dramáticas: milhares de mortos e feridos, a hegemonia européia abalada e o surgimento de vários pequenos países, resultado da dissolução de antigos impérios.

A Rússia, que saíra da guerra depois de assinar o Tratado de Brest-Litovski com a Alemanha, conheceu um processo revolucionário que culminou com a instalação de um governo comunista, a partir de 1917, enquanto o restante da Europa parecia disposto a trilhar, de novo, os caminhos do liberalismo e da democracia. Todavia, a partir de 1922, com a marcha sobre Roma e a chegada de Mussolini ao poder, novas forças entraram em jogo no cenário internacional. O ano de 1933, nesse sentido, assinalou a vitória de grupos de direita que, na Alemanha, celebraram a vitória de Adolf Hitler, chanceler a partir de janeiro deste ano. Imediatamente, se voltaram contra os comunistas, inimigos de longa data.

Em campo oposto estava França, Inglaterra e Estados Unidos, países nos quais valores democráticos continuavam a vigorar. Enquanto a primeira tornara-se, depois do Tratado de Versalhes, a maior potência militar da Europa e a segunda detinha grande poderio devido a seu vasto império ultramarino, os Estados Unidos demonstravam possibilidades de crescimento e ganhavam força no cenário internacional, apesar dos defensores do isolacionismo.

No Brasil, o curso da política tampouco esteve isento de tensões. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista (PCB) que, liderado por Luís Carlos Prestes, propugnava instalar no país um governo semelhante ao soviético. A década posterior iniciou-se com

a revolta que levou Getúlio Vargas ao poder e, em 1932, Plínio Salgado, liderou a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação à direita no espectro político que, em diversas oportunidades, entrou em conflito com os membros do PCB e grupos liberais de São Paulo, que pegaram em armas contra o poder federal em 1932.

Pouco depois, em 1935, ocorreu a Intentona Comunista, denominação pejorativa que rotulava a tentativa de golpe liderada por Prestes e derrotada pelo governo. Os envolvidos foram punidos e tiveram início, por parte do executivo, os pedidos de estado de sítio, que suspendiam as garantias constitucionais em caso de ameaça à ordem estabelecida. A polarização ideológica vivida pelos povos europeus tinha suas ressonâncias entre nós e influenciava os acontecimentos políticos que culminaram na instalação do Estado Novo, em 1937. Getúlio Vargas justificou o golpe de Estado com a pretensa ameaça comunista, descrita no Plano Cohen, ao qual se acrescia o argumento de que a política partidária disseminava a desordem e o caos, que impediam o fortalecimento da nação.

A partir do golpe, o país tornou-se uma ditadura. A nova constituição, logo chamada de a Polaca, foi inspirada na congênere polonesa e previa uma série de restrições às liberdades individuais. Em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pelas celebrações governamentais e por toda a área cultural. Atuando como órgão regulador das mídias, o DIP coordenava os jornais e revistas e visava impedir quaisquer críticas ao governo. Vítima do posicionamento contrário a Getúlio, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi invadido em março de 1940, encampado pelo DIP e dirigido por Abner Mourão, tornando-se porta-voz da política varguista.

Os rumos da política brasileira e mundial sofreram inflexão, em 1939, com o começo da Segunda Guerra Mundial. Momento privilegiado da polarização ideológica (democracia versus totalitarismo), os resultados da guerra, com as vitórias iniciais dos alemães e a posterior derrocada destes, denotaram em que medida os arranjos e rearranjos políticos articulavam-se aos campos de batalha. A guerra, enfim, que num primeiro momento justificava os regimes de exceção, colocou fim a estes quando da vitória das Nações Unidas.

Acompanhar os momentos que levaram à Segunda Guerra Mundial, seu desenrolar e os reflexos desses acontecimentos no Brasil constitui o cerne desta pesquisa, para o que se mobiliza a revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* no período compreendido entre 1935-1941, momento no qual o periódico foi editado por

Mário Graciotti, médico e jornalista que militava, então, no campo da direita brasileira. Por meio da análise sistemática de suas páginas, pode-se compreender como os intelectuais responsáveis pelo mensário representaram as distintas forças em luta, num momento que foi denominado de “era das ideologias”.¹²

O estudo de *Inteligência* permite delinear as diversas tensões existentes no cenário internacional e nacional, no que concerne às distintas ideologias políticas que se enfrentavam na luta pela hegemonia do campo político-econômico.¹³ Trata-se de interpretar essas tensões e evidenciar como, em determinados momentos, estas articulavam-se à política brasileira. Cumpre notar que, na historiografia, não há nenhum estudo específico sobre a revista, cujo conteúdo é, por vezes, utilizado como fonte para esclarecer questões do período.¹⁴

O primeiro capítulo, “*Inteligência: o projeto, os responsáveis e o processo de composição da revista*”, está subdividido entre: “*Inteligência: gênese de um projeto*” e “*Munidos de tesoura e cola: a edição enquanto operação intelectual*”. Nele, pretende-se mostrar como os editores imaginaram, compuseram e publicaram uma revista a partir de recortes e colagens de conteúdos da mídia impressa internacional além de levantar algumas hipóteses sobre a metodologia aplicada no processo de confecção do mensário, com destaque para a figura do compilador, responsável por amearhar, dentre o universo de revistas e jornais, o material que daria vida à revista.

O segundo capítulo, “*Inteligência: mosaico político na Enciclopédia dos tempos modernos*”, subdivide-se em outras duas partes: “*A tessitura do mosaico: o fascismo como inspiração*” e “*Nas margens: as representações das democracias ocidentais*”. Nesta parte, intenta-se discorrer sobre a visão de mundo defendida pelo editor e idealizador do mensário como a que melhor respondia às questões de seu tempo. Na medida em que a Itália ganhava força no cenário internacional, as páginas de *Inteligência* serviram de tambor, de onde ecoavam as vitórias tanto diplomáticas quanto em conflitos – como o da Abissínia, por exemplo. Concomitantemente, os artigos e

¹² BRACHER, Karl Dietrich. BRACHER, Karl Dietrich. *La era de las ideologías*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1989.

¹³ Vale lembrar que, de acordo com Pierre Bourdieu, “a ideologia deve uma parte de sua força ao fato de que ela só realiza no e pela orquestração dos hábitos geradores: esses sistemas de disposições singulares, mas objetivamente reconhecidos por verdadeiros, asseguram a unidade na e pela diversidade caleidoscópica de seus produtos, simples variantes das outras variantes, que formam um círculo cujo centro está em toda parte e em nenhuma parte”. BOURDIEU, Pierre. *A ontologia política de Martin Heidegger*. Campinas: Papirus, 1989, p. 41.

¹⁴ TAKEUCHI, Márcia Yumi. A comunidade nipônica e a legitimação dos estigmas: o japonês caricaturizado. São Paulo: REVISTA USP, São Paulo, n.79, p. 173-182, setembro/novembro 2008. A autora vale-se das caricaturas da revista como fonte para o seu trabalho.

caricaturas, neste período, ressaltavam a fraqueza das nações democráticas, duramente criticadas, cujas representações acabavam inseridas nas margens do mosaico composto pela junção de textos e imagens, alimentados mensalmente por novas tesselas.

No terceiro capítulo, “*Inteligência: o mosaico recomposto*”, subdividido em duas partes, “Permanências e rupturas” e “O Brasil em perspectiva”, a ideia é tratar das alterações ocorridas no processo de composição da revista além de demonstrar de que forma a modificação na conjuntura internacional, convulsionada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, foi responsável pela recomposição das temáticas que apareceram com maior ênfase naquele momento. Nesse sentido, intenta-se evidenciar de que forma as pressões dos Estados Unidos e os interesses econômicos do grupo de *Inteligência* sobrepujaram e, de certa maneira, impediram que o projeto inicial de Mario Gracioti permanecesse presente no mercado de bens simbólicos.

Capítulo I: *Inteligência*: o projeto, os responsáveis e o processo de composição da revista

*Estes 24 números de INTELIGÊNCIA, que alcançaram, nestes dois anos, uma tiragem global de 312.000 volumes, que se encontram nas bibliotecas daqueles que estudam, constituem, sem favor algum, dadas a riqueza e a variedade das fontes de onde extraímos toda a nossa matéria, uma verdadeira enciclopédia dos tempos modernos.*¹⁵

Mário Gracioti.

¹⁵ Aos nossos leitores, In: *Inteligência*, Ano III, jan. 1937, n°. 25, p. 21.

O presente capítulo está subdividido em duas partes: “*Inteligência*: gênese de um projeto” e “Munidos de tesoura e cola: a edição enquanto operação intelectual”. Nele, pretende-se discutir como ocorreu o surgimento de *Inteligência* no cenário do universo impresso brasileiro dos anos 1930 além de evidenciar as características apresentadas pelo mensário, suas seções e as estratégias adotadas pelos editores no momento de compor a revista. Para tanto, faz-se necessário restabelecer as trajetórias dos idealizadores e colaboradores que compunham o grupo responsável pela edição e publicação do periódico paulistano além de compreender de que maneira a confecção da revista a distinguia de suas congêneres nacionais.

1.1. *Inteligência*: gênese de um projeto

Inteligência: mensário da opinião mundial nasceu de uma proposta feita por Mario Graciotti a Samuel Ribeiro em São Paulo, em 1934 e constituiu-se numa revista sem similar no cenário do impresso periódico no Brasil. Estes homens, cujas trajetórias cruzavam o universo dos negócios e dos periódicos uniram-se no intuito de lançar no mercado de bens culturais e simbólicos brasileiros um produto que conheceu longa existência.

Samuel Ribeiro, convidado a dirigir o novo impresso, nasceu em Santos, no bairro Quartéis, no dia 08 de janeiro de 1882 e faleceu em sua residência, em São Paulo, à Rua Maranhão, em 07 de setembro de 1952. Casou-se no Rio de Janeiro a 06 de julho de 1915, com Heloisa Guinle, filha de Eduardo Palassim Guinle e Guilhermina Coutinho Guinle. Natural de São Paulo, nasceu em 23 de abril de 1890 e faleceu na mesma cidade, a 19 de maio de 1990. Não tiveram filhos.

O casamento com uma das herdeiras de Eduardo Guinle possibilitou a entrada de Samuel Ribeiro no campo da mais alta elite econômica do Brasil, porque o pai da noiva era proprietário da Companhia Docas, que monopolizava o trabalho no Porto de Santos além de outros investimentos. Nesse sentido, a união com Heloísa Guinle representou um grande aporte de capital social a Samuel Ribeiro que, a partir de então, seguiu carreira no mundo dos negócios. Sem relação direta com o mundo das letras, sua atuação como diretor de um periódico que angariou sucesso de público, deveu-se à associação com um homem cuja trajetória foi marcada pela participação em diversas e distintas iniciativas editoriais.

Samuel era engenheiro civil, formado pela Escola Politécnica de São Paulo, e foi presidente da Caixa Econômica Federal, entre 27 de junho de 1931 e 15 de abril de 1946. Durante sua gestão, foi construído e inaugurado, no dia 29 de agosto 1939, o imponente prédio da paulista à Praça da Sé.¹⁶ Vale destacar que Ribeiro e Graciotti ocuparam cargos no governo paulista à época do movimento de 1930. O primeiro foi tesoureiro da Comissão de Assistência Social do Estado, da qual o segundo era diretor.¹⁷ Além disso, durante o Estado Novo, Samuel Ribeiro intermediou a tentativa de compra, por parte do regime estadonovista, do jornal *O Estado de S. Paulo*, quando seu proprietário, Júlio de Mesquita Filho, encontrava-se no exílio, pela segunda vez.

Apesar dos esforços envidados a compra foi embargada pelo dono do jornal que se recusava a vender o matutino. O episódio, no entanto, demonstra a circulação de Samuel Ribeiro pelas mais expressivas esferas de poder durante a ditadura de Getúlio Vargas. O nome do então diretor da Caixa Econômica Federal esteve associado a diversas atividades. Ao que parece, Samuel Ribeiro era presença bastante requisitada nos círculos econômico-financeiros da capital, além de dedicar-se a outros hobbies, como a criação de cães.¹⁸

Mario Graciotti nasceu em São Paulo, em 1902, na Rua Itaboca, no bairro do Bom Retiro, filho do Sr. José Graciotti, marceneiro, e de D. Ada Graciotti. Neto de italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX, afirmou “que sua infância foi diferente da de muitas crianças da época, porque teve acesso a livros, ou melhor, além da possibilidade de ler bons autores, também se interessava por literatura.”¹⁹ Era formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Foi diretor técnico da Comissão de Assistência Social, por ele organizada, como dependência do Estado. Participou da Revolução Constitucionalista de 32 e, desde 1919, quando aparecia dentre os colaboradores da revista *A Cigarra*, dirigida por

¹⁶ In: <http://franciscodepaula.sites.uol.com.br/filhos.htm>, biografia consultada em nov. 2010.

¹⁷ Para mais detalhes, ver GRACIOTTI, Mário. *Os Deuses governam o mundo*. São Paulo: Nova Época Editorial, 1980.

¹⁸ De acordo com a *Folha da Manhã*, 15 mar. 1935, p. 01 e 17 mar. 1935, p. 01, ele estava entre os maiores criadores de São Paulo, o que lhe conferia certo protagonismo em Exposição Canina, realizada na capital.

¹⁹ BRESSAN, Alexandre. *O Estado de S. Paulo*, 15 dez. 1985, p. 51. O redator elaborou uma síntese da atividade jornalística e literária do autor e concluiu: “Raríssimas pessoas podem dizer que ‘venceram’ na vida. Entre aqueles que se filiam a esse grupo se encontra Mário Graciotti. Escritor, médico, empresário, “estudioso dos problemas sociais e jornalista, todas essas facetas de sua vida inter-relacionam e, isoladamente, apresenta, características muito próprias. (...) Mario Graciotti tem mais de meio século de dedicação à carreira literária e mais de 20 prêmios. Escreveu 14 livros – *O homem plural*; *Os Deuses governam o mundo*; *Automóvel de Luxo*, *O ultimo romântico*; *A quarta dimensão*; *O mundo antes do dilúvio*; *Viagem ao redor das origens*; e *O firmamento do universo finito*, entre outros”.

Pelágio Pimenta, estava presente no cenário da imprensa brasileira.²⁰ Ao longo dos anos 1930, Mário Graciotti colaborou com as revistas *Metrópole*,²¹ *Raça*²² e, nos anos 1940, foi um dos fundadores de *Divinum Opus*²³ e de *Ilustração*.²⁴ Em 1943, o jornalista criou o Clube do Livro, que editou diversas obras nacionais e internacionais, vendidas a preços módicos.

As atividades de Mário Graciotti na imprensa foram reconhecidas pelos seus pares. Em 1944, em reportagem publicada no jornal literário *Dom Casmurro*, ele era denominado “pioneiro da revista moderna no Brasil”.²⁵ Em 1934, foi eleito para a Academia Paulista de Letras, de onde saiu dois anos depois, voltando novamente em 1968, em nova eleição, para ocupar a Cadeira n. 37.²⁶ Em 1977, juntamente com outros jornalistas, fundou a Academia Paulista de Jornalismo, da qual foi o titular e primeiro presidente. Foi diretor da Fundação do Livro Escolar, representando a Academia Paulista de Letras e, durante anos, redator do *Diário Popular*.

Foi também um dos fundadores e presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas. Incentivador da leitura como a melhor maneira de educar o povo, deixa diversos livros

²⁰ Pauta da 130ª Sessão Especial, realizada em 23 de abril de 1963, *Diário Oficial do Estado de S. Paulo*, Ano LXXIII, nº 78, p. 60, 26 abr. 1963.

²¹ Em janeiro de 1930, o jornal *Correio Paulistano* destacava que “*Metrópole*, pontualmente, apareceu, ontem, quinta-feira, que é o seu dia de aparecer. E a gente quase não acredita que ela possa, de semana a semana, surgir com a sua roupagem nova, toda diferente, dia a dia, melhor e mais sugestiva. São Paulo não podia deixar de ter revistas brilhantes como essa, à altura da nossa civilização e da nossa cultura. Estamos a pensar que *Metrópole* preenche uma lacuna, e, por isso mesmo, vencerá. O número de ontem está excelente. Trás colaboração de Antonio Garrido, Yago José, Amadeu Nogueira, Hermes Lima, Walter Barioni, Mário Graciotti, Franklin Nascimento, e outros...”, 10 jan. 1930, p. 06.

²² A revista *Raça* foi assim descrita por um periódico paulista: “*Raça*, a moderna revista que se publica em São Carlos, está circulando com o seu fascículo 12. Bom como os anteriores, o presente exemplar está otimamente elaborado. Assim, contém trabalhos de fina urdidura e efeito, assinados por Cassiano Ricardo, Bezerra de Freitas, Plínio Salgado, Mário Graciotti, Francisco Patti, Orlando Damiano, Walter Baroni”, *Correio Paulistano*, 22 fev. 1930, 06.

²³ De acordo com reportagem de Nelson Vainer, Mário Graciotti integrava o rol de fundadores da revista, em 1940. *Dom Casmurro*, Ano VII, nº 349, 22 abr. 1944, p. 01. *Divinum Opus* foi, posteriormente, integrada à Editora “Médica-Social Limitada”, em 1942, por Odair Pacheco Pedroso que a renomeou *Revista Médico-Social*. O pedido de alteração de título foi encaminhado ao Major Antônio José Coelho dos Reis, Diretor Geral do DIP, que o deferiu. Ver: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2475485/pg-8-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-03-09-1942>, acesso em dezembro de 2013.

²⁴ A revista *Ilustração* foi descrita no matutino paulistano como “interessante mensário editado nesta capital, contendo farta matéria sobre artes, sociais, cinemas, esporte, modas femininas, etc. Este número, como os anteriores, trás variada colaboração”, *O Estado de S. Paulo*, 01 out. 1941, p. 08.

²⁵ A reportagem era assinada por Nelson Vainer, que citava o epíteto de pioneiro da revista moderna no Brasil’ conferido pela revista *Leitura* à Mário Graciotti, *Dom Casmurro*, 22 abr. 1944, p. 01.

²⁶ A posse de Mário Graciotti na APL ocorreu quando a entidade passava por reformulações que lhe garantiram certa estabilidade. De acordo com Antônio Celso Ferreira, “a APL somente viria a ganhar fôlego durante a presidência de Amadeu Amaral (1919-1929) e de Alcântara Machado (1929-1941), quando foram reformulados os seus estatutos, preenchidas vagas pendentes, com a inclusão de pessoas mais jovens e dinâmicas, além de iniciadas atividades culturais e comemorativas de alguns eventos”, In: *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica. (1870-1940)*. São Paulo: Unesp, 2001, p. 254.

publicados e, entre eles, *O livro é o caminho da salvação*. Pelo seu fecundo trabalho em prol dos livros, recebeu ao longo de sua vida diversos prêmios.²⁷ Em 1974, a atividade de Mário Gracioti à frente de revistas e demais periódicos, foi analisada por Marcelo Dantas, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que concluiu: “Quando se escrever a história do livro entre nós, o papel de Mário Gracioti estará ao lado de um Monteiro Lobato, um José Olympio, um Octalles Marcondes Ferreira e outros servidores da cultura nacional”.²⁸

Chama a atenção o fato de que a atividade de jornalista não estava desassociada de preocupações políticas. A participação na Revolução Constitucionalista revela que Mário Gracioti colocava-se no grupo daqueles que não aceitavam os rumos que os acontecimentos estavam tomando e que, em virtude disso, levantaram-se contra Getúlio Vargas. Apesar disso, sua participação no movimento derrotado não parece ter lhe causado maiores dissabores uma vez que o general instalado em São Paulo, Waldomiro Lima, o incumbiu de dirigir a Assistência Social do Estado, posição na qual permaneceu ora como diretor ora como assistente da direção por pelo menos vinte anos, como funcionário público.²⁹

Cumprir destacar que o general Waldomiro Lima havia sido responsável por derrotar os revoltosos de 1932 e que a aproximação dele e de Mário Gracioti só foi

²⁷ *O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1994, p. 23, Nota de falecimento. Dentre os prêmios, “A Academia Brasileira de Letras já lhe outorgou 3 expressivas distinções: Prêmio Carlos de Laet, pelo seu livro *Europa Tranqüila*; Premio Joaquim Nabuco, pelo seu livro *Universo Finito*; Medalha Machado de Assis, pela sua obra de difusão cultural; pelo seu livro, *Portugal*, recebeu o Premio Internacional Silva Martha, da Associação Comercial de Lisboa. Do “Pen Club de São Paulo”, recebeu Prêmio de Ensaio Ermínio de Moraes, pelo seu livro *O mundo antes do Dilúvio*; Prêmio de História, pelo seu trabalho *Viagem ao redor das Origens* e Prêmio de Ensaio Ermínio de Moraes pelo seu livro *O Firmamento do Universo Finito*; a Prefeitura de São Paulo outorgou-lhe o Prêmio de Literatura Juvenil pelo seu trabalho *O mundo antes do Dilúvio*; Em concurso promovido pelo Jornal de Letras, do Rio, em 1968, Mário Gracioti foi considerado um dos ‘10 mais da cultura brasileira’; Em 1972, o Governo da República concedeu-lhe a Ordem do Mérito Nacional Educativo e o Governo de São Paulo a Ordem do Ipiranga”. In: GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980.

²⁸ DANTAS, Marcelo. Literatura elitista e literatura para o povo. *O Estado de S. Paulo*, 20 jan. 1974, p. 05.

²⁹ Ao analisar o governo do general Waldomiro Lima, RODRIGUES, João Paulo. *O levante “constitucionalista” de 1932 e a força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934)*. Tese (Doutorado em História), Assis, SP: FCL, 2009, p. 235, assinalou que: “baseando-se nas ações e viagens do general Waldomiro Castilho de Lima, pode-se aventar, nessa perspectiva, a hipótese de que seu governo, ao menos nos primeiros meses, tenha sido essencialmente o braço armado de Getúlio Vargas no acompanhamento da perturbadora conjuntura paulista do pós-levante. A despeito da provável ambição ‘tenentista’ de reaver o controle do estado, Vargas utiliza-se da disciplina militar dos ‘revolucionários’ de 1930, a fim de assegurar, em primeiro lugar, a pacificação das massas e, consecutivamente, reorganizar a economia paulista. Em síntese, a indicação do general Waldomiro Castilho de Lima corresponde ao propósito de recuperar as finanças paulistas e, simultaneamente, acalmar o povo, impedindo, também, a rearticulação política da burguesia estadual, sob uma fiscalização direta”,

possível em virtude de sua política conciliatória com as elites de São Paulo.³⁰ Com a saída de Waldomiro Lima e a indicação de Armando de Salles Oliveira para a interventoria estadual, Mário Graciotti permaneceu no trabalho na Assistência Social em concomitância com sua atuação no campo literário e político.

O autor acumulara experiência no campo das letras, uma vez que trabalhou, nos anos 1920, em diferentes periódicos paulistas, como o *Fanfulla* e *A Platéia*. Integrou o grupo de intelectuais que participou do movimento antropofágico, e foi proprietário da *Livraria Italiana*, além de haver sido o primeiro editor de Mário de Andrade.³¹ Mario Graciotti publicou, desde o início, textos na *Revista de Antropofagia* dirigida por Antônio de Alcântara Machado e gerenciada por Raul Bopp que surgiu, em São Paulo, em 1928.³² Em uma de suas reminiscências, ele revelou que mandou, para a revista de Oswald de Andrade,

(...) colaboração por duas ou três vezes, na sua revista de Antropofagia, na qual publicava os seus manifestos e as suas críticas. Bem no fundo, eu estava macaqueando, porque me parecia ‘glorioso’ fazer parte de vanguardas literárias. Mal sabia eu que tudo aquilo era ilusão, bobice sem consistência, inútil, em face dos problemas, afligentes, vivos, que mais tarde cheguei a conhecer. Foi aí que

³⁰ De acordo com o DHB, “Em 1932, comandou, juntamente com o general Góes Monteiro, a repressão ao Movimento Constitucionalista deflagrado em São Paulo contra o governo de Vargas. Derrotados os revoltosos paulistas, foi nomeado por Vargas governador militar em São Paulo, acumulando ainda o comando da 2ª Região Militar (2ªRM), sediada no estado. Em janeiro de 1933, passou a ostentar o cargo de interventor federal e não mais o de governador militar, ao mesmo tempo em que deixava o comando da 2ª RM. Procurou fazer um governo de conciliação com as forças políticas tradicionais de São Paulo, o que não evitou que fosse hostilizado na maior parte do tempo pela grande maioria dessas forças. No Congresso Revolucionário realizado no Rio de Janeiro, em novembro de 1932, ao qual compareceram o próprio presidente Vargas e vários membros de seu governo, foi homenageado com uma moção de louvor. No congresso, defendeu a representação corporativa, a eleição indireta para presidente e governadores de estado e a adoção de uma legislação trabalhista e social”, In: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/valdomiro_lima, consulta em 18 nov. 2012.

³¹ De acordo com a base de dados do Arquivo Miroel Silveira, da ECA/USP: “história do livro e, conseqüentemente, da vida cultural e intelectual do Brasil tem ainda um outro apoio além das gráficas. São as livrarias e editoras como a Francisco Alves e a Livraria Teixeira instalada na Av. São João, 16. Tais endereços eram lugares de encontro e de bate-papos, como a Livraria Moderna que, em 1921, transferiu-se para a Rua Boa Vista, 38 B. Mas a pioneira desse movimento foi a Livraria Italiana, à Rua Florêncio de Abreu, 4, cujo dono, Mário Graciotti foi o primeiro editor de Mário de Andrade. Com sua hospitalidade fez com que sua livraria ficasse conhecida como “cenáculo de São Paulo”. In: http://www.eca.usp.br/ams/base_d_lista_ent.html. Consultado em nov. 2010. Há uma controvérsia quanto à propriedade da livraria. Para HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985, p. 249, “outra livraria em que os modernistas frequentemente se encontravam era a Livraria Italiana, de Antonio Tisi, no Largo de São Bento. Ele publicou um ou dois títulos de Mário e Oswald de Andrade, Sud Menucci e Mário Graciotti, porém é mais lembrado por apresentar aos leitores brasileiros as figuras da literatura italiana contemporânea”.

³² A presença de Mario Graciotti foi atestada por Tarsila do Amaral que, ao elaborar um texto sobre a primeira denteição da revista, inseriu o nome do autor dentre os colaboradores. AMARAL, Tarsila do. Pintura Pau-Brasil e antropofagia, In: *Revista anual do Salão de Maio*, n. 01, 1939, p. 42. A Revista Anual do Salão de Maio tinha como responsável o engenheiro e pintor Flávio de Carvalho.

joguei fora a minha bengala, as polainas, que eram moda na época, e a pérola na gravata...³³

A sua crítica à superficialidade do periódico parece se articular aos demais escritores que leram e participaram da primeira dentição, como ela foi denominada. Augusto de Campos destacou o “fato de a antropofagia haver sido tomada, pela maioria, de forma bastante superficial e que não ultrapassava, no mais das vezes, a ideia da ‘cordial mastigação’ dos adversários ostensivos do Modernismo”.³⁴

Mário Gracioti atuou, ainda, junto a uma equipe de outros intelectuais, na tradução de autores italianos para posterior publicação no Brasil. De acordo com ele, quando da Fundação da Universidade de São Paulo,

(...) ao inaugurar as suas aulas, o prof. Piccolo, verificou que tinha, apenas 4 ou 5 alunos que, aliás, confundiam a figura de Leopardi, um dos mais expressivos poetas europeus da era napoleônica, com a de Stecchetti, poeta popular italiano. Então, o professor Piccolo resolveu fazer uma estante clássica italiana, mandando traduzir e publicar 5 autores italianos: Manzoni, D’Annunzio, Pascoli, Ariosto e Leopardi. Os tradutores escolhidos pelo dr. Ferruccio Rubbiani, que assessorava o prof. Piccolo, foram Francisco Pati, para traduzir Manzoni, Guilherme de Almeida para traduzir D’Annunzio e eu para traduzir Leopardi. Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo traduziriam os outros.³⁵

Em 1933 lançou a obra *O último romântico*, bastante elogiada pela crítica literária de São Paulo. Em sua análise, J. Câmara salientou que

(...) da geração atual, no campo do pensamento e da arte muito pouca coisa ficará. Os grandes problemas da hora presente absorveram-na. Presa no turbilhão das lutas político-sociais do momento, ela caracteriza-se pela ação, arrastada, inelutavelmente, para o terreno da economia política e das novas formas de Estado. A arte, propriamente dita, sofre, assim, um colapso. Passa para plano secundário ou é, francamente, esquecida. No entanto, sempre há de se salvar alguma coisa...E, segundo creio, a obra de Gracioti fará parte, sem dúvida, desse patrimônio.³⁶

³³ GRACIOTTI, Mário. *O outro caminho da libertação. Conversa imaginária com o Frei Leonardo Boff*. São Paulo: Ibrasa, 1990, p. 72.

³⁴ APUD: LUCA, Tânia Regina. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil. 1916-1944*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 88. Os artigos de Mario Gracioti saíram, respectivamente, nos números 03 e 07 da *Revista de Antropofagia*, no ano de 1928.

³⁵ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 75. A tradução de Mário Gracioti, acrescida de um prefácio do professor Piccolo, tornou-se um “elegante volume de 150 páginas”.

³⁶ CAMARA, J. Um escritor moderno, *Folha da Manhã*, 21 maio 1933, p. 02. A recepção da obra de Mário Gracioti foi controversa. Para o crítico da revista *Fon-Fon*, por exemplo: “O último romântico por que?! Geralmente, em se tratando de um livro de contos, o título do primeiro trabalho serve para dá-lo ao volume. Mas não é o caso do sr. Mario Gracioti, que abre o livro com o conto *O ruivo*, a história de um cachorro vagabundo, um bohemio de rua, e prossegue copiando a vida, até sem nenhuma dose de romantismo...Os contos são em número de oito. Os assuntos explorados são bem simples. A linguagem usada também é simples. Há mesmo uma certa monotonia no processo literário do sr. Mario Gracioti, que evidencia pobreza de imaginação. Ou o autor muda de processo, isto é, perde o seu feitio de *amador*

O crítico deixou relevante contribuição para a compreensão do papel que a arte desempenhava àquela altura dos acontecimentos inter(nacionais). Uma vez que as atenções voltavam-se para os diversos movimentos contestatórios que surgiam no mundo o lugar da arte sofria um colapso que somente passava ao largo aqueles nomes cuja obra marcava indelevelmente uma época. Para J. Câmara, depois de *O último romântico*, Mário Graciotti era um destes nomes. Em outra resenha, o livro passou pelo crivo de Plínio Salgado, que destacou a análise das

(...) pequenas realidades da vida dos humildes, dos humilhados, dos anônimos. Análise celular das massas. Dessas massas que estão se agitando por todo o mundo, como um ‘gulf-stream’. Dessas massas humanas cansadas e atormentadas pelo instante da redenção. (...) ‘O ultimo romântico’ é um livro revolucionário. Tem ‘espírito revolucionário’, sem querer. (...) É o que digo: leiam ‘O ultimo romântico’, o livro que revela um grande fazedor de contos originais.³⁷

À época do lançamento da revista, como se vê, o idealizador já possuía experiência no campo literário, editorial e em traduções, o que lhe garantia o *savoir faire* necessário para folhear e cotejar os volumes dos periódicos da imprensa internacional. Além disso, sua posição na Academia Paulista de Letras proporcionava reconhecimento junto aos demais jornalistas e escritores brasileiros.³⁸ Cabe assinalar que Mário Graciotti pertencia à rede de relacionamentos de Plínio Salgado,³⁹ tendo se casado com uma das sobrinhas do chefe do movimento integralista. Ele relatou, também, num de seus livros, que “desde a época da Pensão Avenida, isto é, desde 1923, nunca mais me afastei de Plínio, no fundo, um religioso muito místico, que carregava no

das letras, ou terá falhado totalmente no gênero mais difícil da prosa, que é o conto”, *Fon-Fon*, Ano XXVII, nº 11, 18 mar. 1933, p. 41.

³⁷ SALGADO, Plínio. *O último romântico*, *Folha da Manhã*, 22 jan. 1933, p. 21.

³⁸ Os demais intelectuais que integravam a dita Academia eram: Alcântara Machado, Motta Filho, Macedo Soares, Rubens do Amaral, Paulo Setúbal, Cassiano Ricardo, René Thiollier, Castro Nery, Léo Vaz, Sud Menucci, Othoniel Motta, Ellis Junior, Álvaro Guerra, Guilherme de Almeida, Aristeu Seixas, Oliveira Ribeiro Neto, Spencer Vampré, Lourenço Filho, Altino Arantes, Veiga Miranda, Affonso Taunay, Cleómenes Campos, Navarro de Andrade e Menotti del Picchia. *Folha da Manhã*, 13 out. 1935, p. 01.

³⁹ BARROS, José Eliseo. *O modernismo integralista nos romances O esperado e O estrangeiro de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado (Literatura Comparada), UFRJ, 2006, p. 33, ao estudar os romances de Plínio Salgado, destacou o seguinte excerto: “Eram freqüentadores do meu apartamento Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Mario Graciotti, Manoel Mendes, Gabriel Marques, Plínio Melo, Augusto Frederico Schmidt. Discutia-se literatura, política, filosofia, sociologia. Ia-se a noite ao “Correio Paulistano”, onde encontrávamos Menotti Del Picchia, Mota Filho, Alfredo Elis, e todos os escritores e poetas que passavam por São Paulo”.

colo, num cordãozinho, medalha benta de seu santo favorito, se não me engano, São Judas”.⁴⁰

Ambos estiveram juntos na Itália, em 1930, oportunidade na qual foram recebidos pelo ditador Benito Mussolini. O encontro, que durou pouco tempo, foi registrado por Graciotti em um de seus livros. Nele, o autor relembra que

*(...) ficamos 21 dias em Roma. Foi, para mim, e para os meus companheiros, um inesquecível deslumbramento. Vimos o que foi possível ver. E todas as minhas impressões procurei pô-las no meu livro de viagens, ‘Europa Tranqüila’. Quando publiquei esse livro, omiti, propositalmente, um aspecto político, que marcou a nossa presença em Roma: a visita ao chefe do governo italiano, Benito Mussolini. Na época em que publiquei as minhas impressões de viagem, pareceu-me contraindicado, num livro literário, um tanto jovial e pitoresco, inserir ângulos políticos, que poderiam dar às minhas páginas uma fisionomia diferente daquela à qual eu me havia proposto: fazer um livro literário, narrando as minhas impressões sobre a Itália e a Europa, sem nenhum desejo de entrar em assuntos políticos, para os quais, aliás, nunca tive pendores fortes.*⁴¹

Sobre tal viagem, a imprensa comunista do Rio de Janeiro, possuía outra versão.

O periódico *A Manhã* destacava:

*(...) o sr. Mario Graciotti (...) é um literato integralista da intimidade do sr. Plínio Salgado e foi seu companheiro de viagem à Itália, a expensas do Consulado italiano. Aliás, cabe-lhe a responsabilidade de termos hoje por aí o sr. Plínio Salgado feito chefe fascista; porque quando o místico ‘führer’ paulista, em passeio pela Itália, passou por Assis foi tomado de forte crise de misticismo e resolveu entrar para o convento dos franciscanos – o que não fez só pela pressão que nesse momento o sr. Mário Graciotti exerceu sobre ele. Não fosse pois o sr. Mario Graciotti, e hoje não teríamos no homem da tombola, em vez do ‘chefe nacional’, apenas o angélico frei Plínio.*⁴²

Exageros à parte, reiterava-se a proximidade de Graciotti com o chefe do o movimento nacionalista, cuja viagem ocorreu às expensas do consulado italiano. Tal acusação não parece descabida, uma vez que Mario trabalhara no jornal *Fanfulla* e tinha ligações com o círculo fascista de São Paulo.⁴³ Em 1931, ambos lançaram o jornal

⁴⁰ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 209, afirmou que “Para mim, o convívio com o Plínio era como um deslumbramento”. Apesar de não se referir à proximidade que manteve com Plínio, alguns indícios sugerem que a mesma se manteve por longo tempo.

⁴¹ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p.236-37. Os grifos, quando não indicados de outra maneira, são meus. Ao que parece, a primeira edição do livro *Europa Tranqüila* deu-se em 1949. O excerto revela a tentativa do autor de reafirmar-se como intelectual sem vinculação a partidos ou ideologias. Todavia, suas ações durante os anos 1930 e 1940 provam, de maneira contundente, o contrário.

⁴² Originalmente publicado em *A Manhã*, 19 jun. 1935, p. 07, sem assinatura.

⁴³ Cf. BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

nacionalista *A Razão*, que circulou por um ano,⁴⁴ e em 1932 fundaram em São Paulo a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que se organizava em distintas comissões de estudo.⁴⁵

Na grande imprensa, a criação da Sociedade foi bem recebida. Em artigo no qual comentava o nascimento do órgão paulistano, no texto, não assinado, lê-se:

(...) ainda agora se fundou nesta Capital a ‘Sociedade de Estudos Políticos’, destinadas, sem intuítos partidários ou de política imediata, a desenvolver entre seus associados uma larga e metódica cultura política, com o fim de fixar, em linhas nítidas, um pensamento integralista no Brasil. É sem dúvida, uma obra meritória, tanto mais que, esquecida dos indivíduos e das facções, quer romper a velha ramagem da politicagem, com os raios de sol das ideias, sempre benéficas e fecundas.⁴⁶

As compartimentalizações da SEP refletiam também as cisões no interior do grupo e, como bem assinalou Marly Vianna:

A sociedade abrigava também liberais que, embora descontentes com a sociedade liberal vigente não chegavam aos extremos do direitismo. Foi a ala pliniana, conservadora, da SEP que se transformou na Ação Integralista Brasileira e foi dessa época o lançamento do jornal *A Ofensiva*.⁴⁷

A presença de liberais descontentes e de defensores da extrema direita parece ter pautado também as publicações que surgiram pós-SEP e que integraram o campo da imprensa integralista. Ao evocar os acontecimentos daquele período, Olbiano de Melo,

⁴⁴ De acordo com Patrícia Schmidt, o jornal teve curta duração e acabou queimado. Ainda segundo a autora, em *A Razão*, “Plínio escrevia diariamente críticas ao modelo de sociedade e política vigentes”. *Idem*, p. 30. TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974, p. 88, explicou que o jornal fora queimado em virtude de seu posicionamento pró-governista durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

⁴⁵ TRINDADE, Hégio. *Op. cit.*, p. 126-127, um estudioso do tema, apontou as seguintes integrantes e subdivisões da SEP: “Propaganda: Arlindo Veiga dos Santos, Fernando Callage, Leães Sobrinho, Bastos Barreto; Economia: Mario Zaroni, Victorino Fasano, Bernardo Lichtenfelds, José Maria Machado, José de Toledo; Pedagogia: Ataliba Nogueira, Motta Filho, Gastão Strang, Sebastião Pagano, Joaquim Penino; Constitucional e Jurídico: João de Oliveira Filho, Ataliba Nogueira, Câmara Leal, Áureo de Almeida Camargo; Higiene e Medicina Social: Humberto Pascale, Mario Graciotti, José de Almeida Camargo, Waldemar Rocha, Durval Marcondes; Geografia e Comunicações: Américo Neto, Iracy Igaira, Eduardo Rossi; História e Sociologia: Motta Filho, Leães Sobrinho, Antonio Toledo Piza, Queiroz Filho, Carlos Alberto Carvalho Pinto; Religião: Rui Barbosa de Campos, Sebastião Pagano, Plínio Correia de Oliveira, Santiago Dantas; Política Internacional: José Maria Machado, Sebastião Pagano, Joaquim Dutra da Silva; Educação Física: Leopoldo Sant’Anna, Américo Netto; Arte e Literatura: Walter Barione, Cassiano Ricardo, Silveira Bueno, Nuto Sant’Anna; Agricultura: Mario Zaroni, João Raymundo Ribeiro, Manuel Pinto da Silva, Ricardo Azzi”.

⁴⁶ *Folha da Manhã*, 12 maio 1932, p. 06.

⁴⁷ VIANNA, Marly de A. G. Algumas notas sobre o Integralismo, In: *Achegas – Revista de Ciência Política*, http://www.achegas.net/numero/42/marly_42.pdf, p. 13, consulta em 02 set. 2012. A autora assinala que “a primeira manifestação pública dos integralistas deu-se a 31 de janeiro de 1933 no Clube Português de São Paulo, estando presentes Plínio Salgado e Miguel Reale”. *Idem*, p. 14. Vale destacar que tal Clube era presidido por José Maria Machado, um dos intelectuais que participou da fundação e que permaneceu na redação de *Inteligência* até a saída de Mário Graciotti.

referiu-se a Mário como um dos auxiliares mais próximos de Plínio, tanto que o mesmo compareceu na primeira marcha organizada pelo movimento em São Paulo⁴⁸.

Enquanto Plínio e a ala conservadora rumaram para a criação de um partido de massas e sua respectiva imprensa doutrinária, Mário Graciotti e outros intelectuais que compunham o quadro da associação seguiram por outro caminho. Mário Graciotti reclama, na verdade, para si a idéia da criação da Sociedade. De acordo com ele,

(...) conversava-se muito sobre esses assuntos *e reivindico para mim uma sugestão feita ao grande amigo*. Embora eu não tivesse praticamente nenhuma preparação político, por intuição, eu lhe explicava: - Plínio, os seus artigos são ótimos, mas ficam, em virtude da pequena tiragem do nosso jornal, restritos a uma elite, pequena, também, que nos distingue com a sua leitura. *E o povo? E a juventude estudantil? E o operariado? Como poderíamos alcançar essa gente, senão através de estudos que cuidem realmente de seus problemas? Por que não organizamos uma sociedade ou grupo, destinado a estudar em profundidade os nossos problemas substantivos, os agudos problemas do povo brasileiro? Por que não criamos, por exemplo, uma Sociedade de Estudos Políticos, a SEP?* (...) Fui o primeiro secretário desse movimento cultural, cívico, político, sob a orientação de Plínio Salgado, que dividiu os setores de estudo em quatro grandes partes, confiadas a nossos amigos: Candido Mota Filho, José Carlos de Ataliba Nogueira, José de Almeida Camargo e João de Oliveira Filho. Realizaram-se várias reuniões naquele salão. E enquanto se preparavam as teses de estudo sobre saúde, transporte, educação, finanças, economia, comunicações... no espírito de Plínio se acentuava a parte propriamente político partidária, isto é, a Ação Integralista Brasileira, fundada em outubro de 1931, cujas organização e símbolos foram sugeridos por devotados companheiros, entendidos em assuntos militares.⁴⁹

A narrativa, em tom de memória, elaborada por Mario Graciotti permite inferir que a participação dele naquele grupo afastava-se da efetiva participação dentro de um partido político como a AIB mesmo sob a liderança de Plínio Salgado.⁵⁰ Em outros termos, trata-se de responder à questão: “como alcançar esse público, senão por meio de estudos que cuidem realmente de seus problemas?”. Em virtude disso, num primeiro momento, o objetivo, segundo Patrícia Schmidt, era “arregimentar intelectuais, jovens, e

⁴⁸ MELO, Olbiano. *A marcha da revolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1957, p. 67-68, afirmou que “Em São Paulo, realizou-se, então, em 23 de abril de 1933, a primeira parada de ‘camisas verdes’. Plínio está cercado de uma boa equipe de colaboradores. Dentre eles destacam-se Francisco Stela, Miguel Reale, Ulisses Paranhos, Iracy Iagayara, Alpinolo Casali, Ernesto e João Sépe, Eurico Guedes, Orlando Damiano, *Mário Graciotti*, (...)”.

⁴⁹ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 253-254, grifo nosso.

⁵⁰ O subtítulo de uma de suas obras expunha o que o autor pensava sobre o engajamento. O livro *O outro caminho da libertação. Conversa imaginária com o frei Leonardo Boff*, apresentava, na capa, a seguinte justificativa: “por onde se comprova que para servir não é preciso ser teólogo, sacerdote ou pertencer a alguma igreja ou partido político”. Tal ideia parece se coadunar com sua prática como participante de um movimento para o qual, apesar de não desempenhar nenhuma função oficial, ele contribuiu de forma inequívoca.

discutir uma solução para o Brasil”.⁵¹ Na *Folha da Manhã* noticiou-se, de forma elogiosa, a criação da Sociedade:

A revolução veio ensinar à boa fé brasileira que a vida política, como expressão nacional, não pode mais ser apenas a atividade de um grupo. (...) ‘Elevemo-nos pelas idéias, dizia o Conselheiro Nabuco quando, as discussões se pormenorizavam, no Parlamento do 2º Império. E é isso que precisamos fazer e é isso que precisamos animar. Ainda agora se fundou nesta Capital a ‘Sociedade de Estudos Políticos’, destinadas sem intuítos partidários ou de política imediata, a desenvolver entre seus associados uma larga e metódica cultura política, com o fim de fixar, em linhas nítidas, um pensamento integralista no Brasil. (...) quer romper a velha ramagem da politicagem, com os raios de sol das idéias, sempre benéficas e fecundas. Que se faça obra da cultura, porém. Porque é da cultura de sentido coletivo, de desprendimento cívico pela pátria total, que o Brasil precisa. É só com essa armadura que teremos leis resistentes, harmonia social, progresso econômico e liberdade organizada.’⁵²

Em mais de uma oportunidade, o idealizador do mensário defendeu em suas obras o legado pliniano. O líder integralista foi vítima da incompreensão e da perfídia de alguns inimigos e “enganam-se aqueles que julgam Plínio um adepto incondicional do fascismo mussoliniano ou do nazismo hitlerista”, eis que a visão de mundo dos integralistas remetia não aos regimes europeus, mas a intelectuais brasileiros que, antes mesmo de Hitler e Mussolini, criticaram o sistema democrático e liberal.

O grande teórico, para Mário Graciotti, fora Alberto Torres, que:

(...) pregava um processo de eleição democrática, baseado no processo do censo alto. Seria mais ou menos assim: o povo de um município escolheria, por voto direto, os vereadores para a Câmara Municipal; estes vereadores escolheriam o Prefeito do Município, entre os mais capazes deles mesmos; os prefeitos de uma determinada região escolheriam, entre eles, o deputado à Assembléia Legislativa do Estado; entre os deputados seria escolhido o Governador, e os governadores, entre eles, escolheriam o Presidente da República.⁵³

⁵¹ SCHMIDT, Patrícia. *Plínio Salgado: o discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 2006, p. 52. Em um de seus livros, Mario Graciotti assinala que “(...) desde 1923, nunca mais me afastei de Plínio”. In: GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 209.

⁵² *Folha da Manhã*, 12 maio 1932, p. 06. Grifo nosso. Ao comentar sua adesão ao grupo que fundou a SEP, Candido Motta Filho afirmou que “acaba de ser organizada em S. Paulo a Sociedade de Estudos Políticos. Tem duplo sentido: cultural e de propaganda nacionalista. A Sociedade de Estudos Políticos – SEP – é dirigida por um grupo de centralização, constituído dos srs. Plínio Salgado, Motta Filho, José de Almeida Camargo, Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, Lopes Casali, Arlindo Veiga dos Santos, Fernando Calage. Procurado pela reportagem da Folha da Noite, o dr. Motta Filho assim nos informou a propósito do assunto: (...) acho que o problema brasileiro é um problema de cultura. (...) Veja o meu amigo, porque estou pronto para continuar a ‘estudar e a auxiliar aqueles que quiserem comigo restabelecer o prestígio da inteligência’”. *Folha da Noite*, 17 maio 1932, p. 01, grifo nosso.

⁵³ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.* 1980, p. 212. Alberto Torres também fez parte do panteão de pensadores cultuados pelos intelectuais integralistas que publicaram a revista *Panorama*, que passou a circular em janeiro de 1936. O nome do teórico brasileiro aparece na capa do primeiro exemplar do periódico ao lado de artigos de integralistas como Miguel Reale, Gustavo Barroso e do líder do movimento, Plínio Salgado.

Alberto Torres teve sua obra relançada nos primeiros anos da década de 1930 e influenciou uma geração de intelectuais brasileiros que criticavam o regime liberal. Evaldo Vieira lembra que “depois de 1930, a ideologia nacionalista passa a ocupar um lugar de maior destaque e encontra muitos outros divulgadores. Republicadas em 1932 e 1933, as obras de Alberto Torres ganham maior interesse ainda para os intelectuais”.⁵⁴

A proximidade entre Mário Graciotti e Plínio Salgado durante os primeiros anos da década de 30 e a participação do primeiro em diversas iniciativas político-culturais em que Plínio Salgado estava inserido sugerem que o lançamento do mensário articulava-se ao projeto político que ambos defendiam para o Brasil. Em um artigo no qual avaliava a trilogia escrita por Plínio, *O estrangeiro*, *O esperado* e *O cavaleiro de Itararé*, Mário Graciotti assinalou que

(...) esses livros, que carregam uma fisionomia de combate à sociedade contemporânea do país, *devem ter uma repercussão. Por isso, a última parte da trilogia é dedicada à mocidade civil/militar do Brasil. Se não encontrarem eco, é porque o destino desta terra não se esclareceu ainda.* (...) Essa morte marca o fim do terceiro período da sociedade brasileira. A da Colônia, a do Império e a da República. *O quarto período é o que nasce amanhã. Por isso, como a serpente de fogo da Coluna Prestes, é preciso, ainda caminhar sobre a Pátria Adormecida.*⁵⁵

O excerto denota que em 1933 a análise da obra literária do líder do movimento integralista refletia um posicionamento político. Os livros “deveriam” repercutir como sinal de que o Brasil possuía um definido caminho para o futuro. Além disso, o crítico recordou da marcha realizada por Luís Carlos Prestes e sugeriu que os jovens brasileiros deveriam novamente caminhar pela pátria a fim de despertá-la e protegê-la da anarquia. Como se percebe, o texto de Mário Graciotti possuía claras conotações políticas ao indicar aos leitores que conhecessem ou se interessassem pelas obras de seu amigo.⁵⁶ O longo artigo do escritor paulistano foi publicado no momento da fundação da Ação Integralista Brasileira e coadunava-se com a ampliação de seus quadros e esfera de influência.

⁵⁴ VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 99.

⁵⁵ O drama literário do Brasil – analogia dos contrários, *Folha da Manhã*, 19 fev. 1933, p. 20, grifo nosso.

⁵⁶ As atividades literárias de ambos também se tornaram notícia em 1934, quando se publicou que, durante a sessão de posse dos novos eleitos na Academia Paulista de Letras, “o sr. Mario Graciotti” seria recebido “pelo sr. Plínio Salgado”. Como se vê, nesse caso, era o chefe integralista quem trazia Mario Graciotti para o centro das atenções literárias de São Paulo. Academia, In: *Folha da Manhã*, 12 set. 1934, p. 01.

A SESSÃO DE HONTEM DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

O que ficou resolvido, quanto á posse dos academicos recentemente eleitos — Foi eleito, para a vaga do sr. Alberto Seabra, o sr. René Thiolier



Grupo formado depois da reunião da Academia Paulista

Realizou-se hontem á tarde, sob a presidência do sr. Arthur Motta, e secretariada pelos srs. Rubens do Amaral e Motta Filho, uma sessão da Academia Paulista de Letras, para recepção dos academicos recém-eleitos, srs. padre Castro Nery, Mário Graciotti e Oliveira, Ribeiro Netto, que, logo após serem iniciados os trabalhos, foram saudados pelo presidente.

Tratou-se, logo a seguir, de assumptos, relativos á sede e á publicação da revista daquella instituição, resolvendo-se designar uma comissão para entender-se, a respeito, com o sr. Marcelo Munhoz, secretario da Educação.

Discussida a questão da posse dos academicos recentemente eleitos, ficou assentado que o sr.

Navarro de Andrade será recebido pelo professor Lourenço Filho; o sr. José Carlos de Macedo Soares, pelo sr. Affonso Taunay; o sr. Motta Filho, pelo sr. Cassiano Ricardo; o sr. Paulo Setubal, pelo sr. Guilherme de Almeida; o padre Castro Nery, pelo sr. Valomiro Silveira; o sr. Oliveira Ribeiro Netto, pelo sr. Menotti Del Picchia; o sr. Mário Graciotti, pelo sr. Plínio Salgado.

Procedeu-se, depois, á eleição para preenchimento da cadeira vaga com o fallecimento do sr. Alberto Seabra, verificando-se o seguinte resultado: sr. René Thiolier, 21 votos; sr. J. Pires do Rio, 2 votos.

Pouco depois, foram encerrados os trabalhos.

Mário Graciotti recebido por Plínio Salgado. *Folha da Manhã*, 12 set. 1934, p. 16.

Os anos de 1935 e 1936 foram de grande relevância para a imprensa de direita, pois nele foram lançadas, além de *Inteligência: mensário da opinião mundial*, a revista *Anauê* (1935), o jornal *Ação* (1936) e *Panorama: coletânea mensal do pensamento novo*, dirigida à elite do movimento integralista.⁵⁷ Esta última, circulou de janeiro de

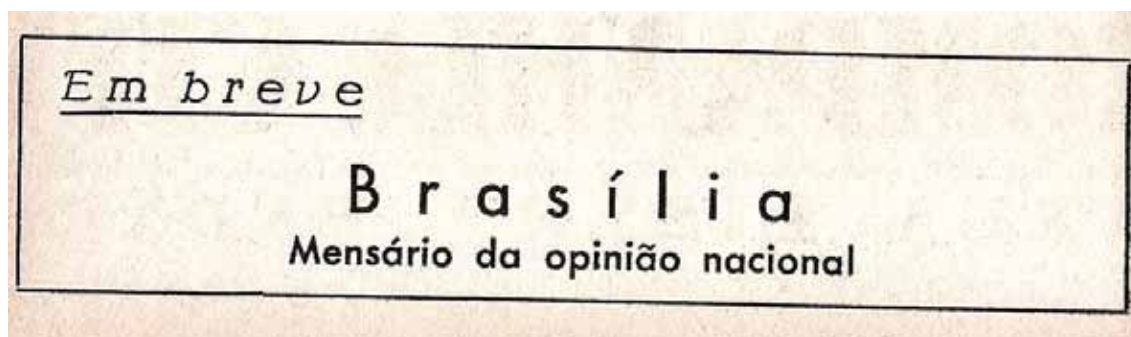
⁵⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo, ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: Edusc, 1999, p. 87 apontou que na década de 1930 a imprensa integralista contava com “oito grandes diários: *A Offensiva*, do Rio de Janeiro, *A Ação*, de São Paulo, *O Imparcial*, da Bahia, *Diário do Nordeste*, de Recife, *A Província*, de Maceió, *A Razão*, de Fortaleza, *Ação*, de São Luiz do Maranhão e *Correio da Noite*, de Porto Alegre. Havia a previsão de mais dois grandes diários integralistas, um em Belo Horizonte e outro em Curitiba; 105 hebdomadários e quinzenários espalhados por todas as províncias; 03 revistas ilustradas: *Anauê!* e *Brasil Feminino*, no Rio de Janeiro e *Sigma*, em Niterói; uma revista de alta cultura: *Panorama*, de São Paulo; o *Monitor Integralista*, jornal oficial da AIB; além de cerca de 3.000 boletins, semanais e quinzenais, impressos ou mimeografados ao serviço de cada núcleo”. Cumpre destacar que na bibliografia que tem como foco os estudos da imprensa e do

1936 a outubro de 1937, e era, por sua temática, o natural complemento de *Inteligência* uma vez que os leitores poderiam investigar os problemas internacionais na primeira e buscar soluções para o Brasil na segunda.



I: *Panorama*, ano I, vol. 01. II: Expediente de *Panorama* III: *Inteligência*, ano IV, vol. 41.

A ideia de que *Panorama* foi o complemento de *Inteligência* ganha relevo pelo fato de que, em junho de 1935, uma propaganda sobre um novo mensário foi publicada no periódico dirigido por Samuel Ribeiro. Tal propaganda anunciava:



Inteligência, ano I, vol. 06, p. 08, jun. 1935.

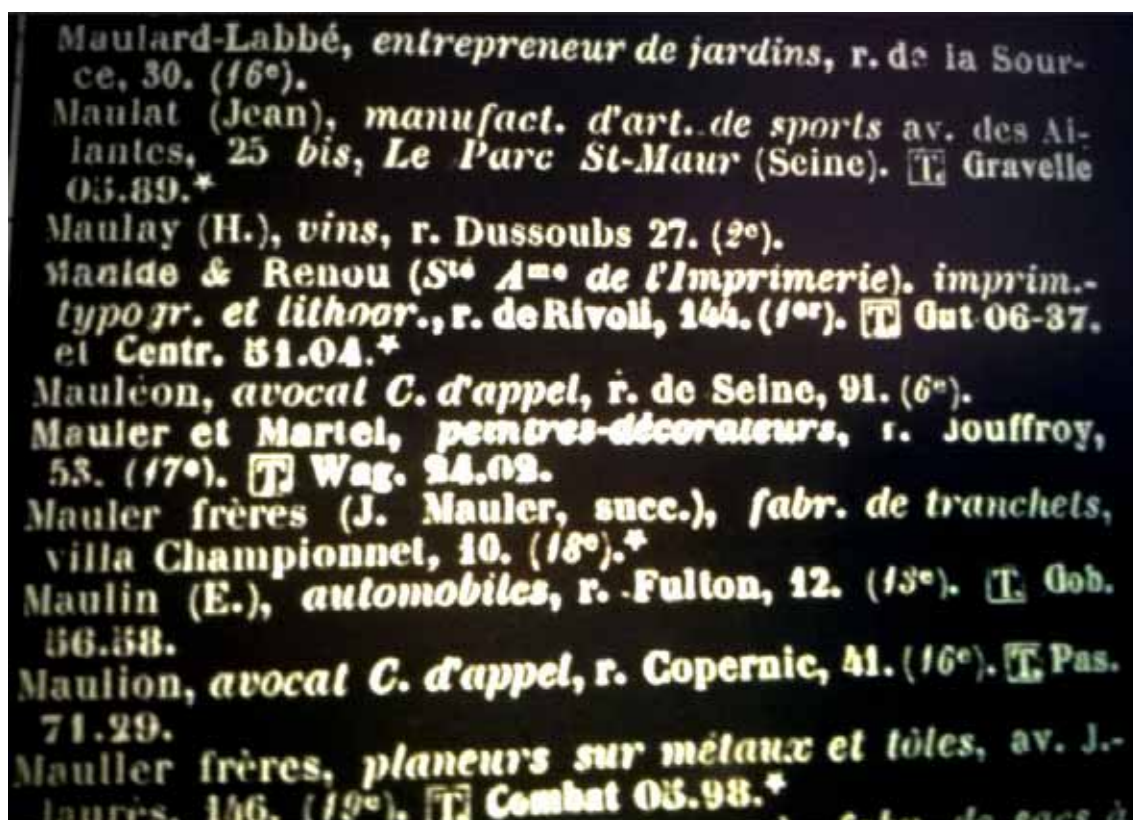
Chama atenção o título escolhido, *Brasília*, enquanto ⁵⁸ o subtítulo indicava que estava nos planos dos editores investir num novo projeto editorial, que pretendia utilizar a mesma estratégia já mobilizada para *Inteligência*, porém tendo em vista o contexto brasileiro. Em janeiro de 1936, veio à lume *Panorama: coletânea mensal do*

movimento integralista nenhum autor atentou para o subtítulo de *Panorama*. Tal atitude dificulta a compreensão do periódico e obnubila a própria estratégia gráfica e dos conteúdos articulados pelos redatores. Nesse sentido, o subtítulo é de fundamental relevância para delinear as propostas e diretrizes do grupo nela reunido.

⁵⁸ Vale destacar que havia sido publicada, na década anterior, a revista *Brasiléia* e, na década de 1930, a *Revista Brasileira*. Contudo, o título *Brasília* parece original para uma publicação àquela altura.

pensamento novo e o projeto de lançamento de *Brasília* foi adiado. A proximidade do grupo de Graciotti com Plínio e seus seguidores, sugere que havia uma espécie de diálogo entre *Inteligência* e *Panorama*.

Inteligência inspirou-se na revista francesa *Le Mois: synthèse de l'activité mondiale*, publicação com mais de trezentas páginas e que circulava desde 1931 sob a responsabilidade da editora *Maulde et Renou*. Émile Maulde era proprietário de uma *Imprimerie*, que funcionava em Paris desde 1836. A *Imprimerie Maulde et Renou* publicou teses de cursos prestigiados, como Direito e Medicina e localizava-se em uma das regiões mais nobres de Paris.

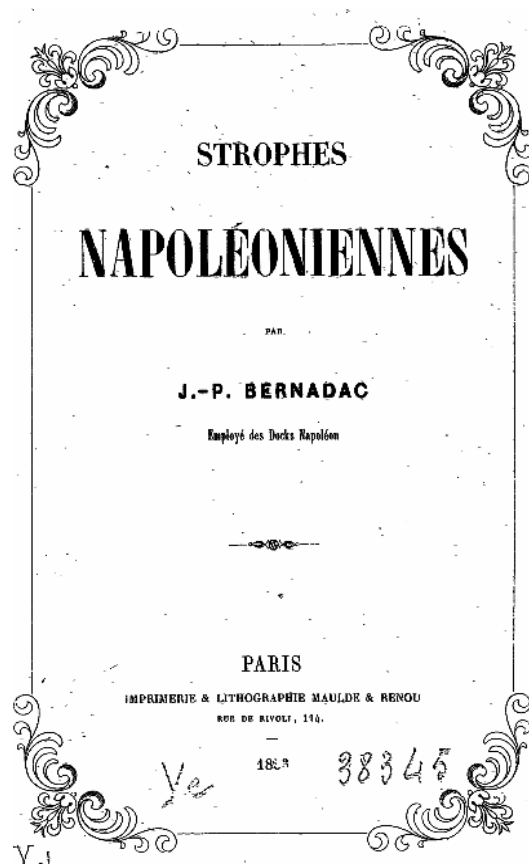


Maulde & Renou, Rue de Rivoli, 144, 1er Arrondissement, Paris, microfilme, *Archives de Paris*.

Uma das obras que levavam a marca da editora, as *Estrofes Napoleônicas*, (Strophes Napoléoniennes) de 1853⁵⁹ sugere que havia proximidade com o poder, uma vez

⁵⁹ J. P-Bernadac, apresentado ao leitor como “Employé des Docks Napoléon” começou sua ode ao imperador da seguinte maneira: “Quel sublime et puissant génie. Las de nos désordres, enfin! Change le trouble en harmonie, Les ténèbres en ciel serein? Après nos fatales années, Qui fixe, enfin, nos destinées, Et nous fait cet hereux repos? Qui du sein de notre discorde, Fait sortir la paix, la concorde, Et la lumière du chaos?”. *Strophes Napoléoniennes*. Paris: Maulde et Renou, 1853, p. 03. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5499968x.r=Strophes+napol%C3%A9oniennes++par+J-P.langPT>, acesso em 13 jan. 2014.

que fazia às vezes de panfleto em defesa do Imperador e de suas qualidades de governante.



FACULTÉ DE DROIT DE PARIS.
DE L'USUFRUIT PATERNEL
DE L'ACTION PUBLICIENNE.

THÈSE
POUR LE DOCTORAT.

L'acte public sur les matières ci-après sera soutenu,
Le 8 Août 1860, à 2 heures,

PAR
Philippe-Émile CHRÉTIEN

AVOCAT A LA COUR IMPÉRIALE DE PARIS.

Président : M. DE VALROGER, Professeur.

Suffragants	{	MM. PELLAT.	{	Professeurs.
		BONNIER.		
		DURANTON.		
		M. DEMANGEAT.		Suppléant.

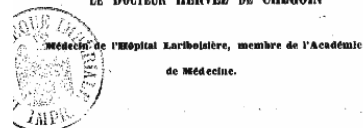
PARIS
IMPRIMERIE ET LITHOGRAPHIE RENOU ET MAULDE,
RUE DE RIVOLI, 114.

1860

RHUMATISME

CÉRÉBRAL

PAR
LE DOCTEUR HERVEZ DE CHEGOIN



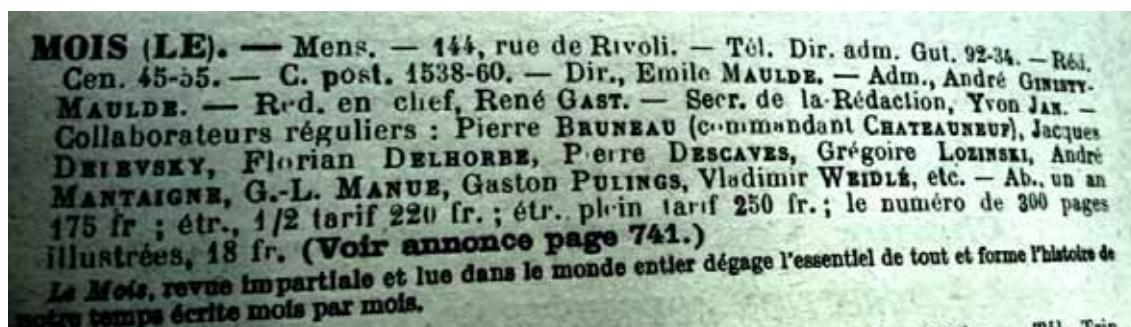
PARIS
IMPRIMERIE ET LITHOGRAPHIE MAULDE ET RENOU,
RUE DE RIVOLI, N. 114.

1856.
BIB. C. C.

No pós-guerra, Émile Maulde:

s'efforça de rajeunir et de développer l'Entreprise ébranlée par la guerre. Pendant sa direction, la marche de l'affaire fut prospère et ascendante. Grâce à une sage gestion et aux économies réalisées chaque année, l'outillage put être renové, et de nouveaux ateliers construits. Enfin, purent être acquis les immeubles 44 et 46 de la rue de l'Arbre-Sec, 9 et 11 rue du Roule. L'achat de l'immeuble sur cour du 140 rue de Rivoli, permit de réunir l'entrée des marchandises rue du Roule et la sortie de la production rue de l'Arbre-Sec, portant ainsi à près de 2500 m² en plein coeur du vieux Paris, le bloc des immeubles appartenant à la Société.⁶²

A revista *Le Mois: synthèse de l'activité mondiale* era um dos produtos da empresa de Émile Maulde, que atuava no campo da edição, da litografia e da tipografia. A quantidade de páginas e a qualidade gráfica das imagens presentes na publicação eram dignas de nota.



Indexação de *Le Mois* no Annuaire de la presse française et étrangère, de 1939.

⁶⁰ A tese foi defendida em 1860 na Faculdade de Direito de Paris. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56753036.r=chr%C3%A9tien+these+pour+le+doctorat.langPT>, acesso em 13 jan. 2014.

⁶¹ O tratado veio à lume em 1856 e se encontra disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54683961.r=Du+Rhumatisme+c%C3%A9bral+et+en+particulier+de+son+traitement.langPT>, acesso em 13 jan. 2014.

⁶² *Maulde et Renou. Documents réunis à l'occasion du Centenaire de leur installation, en 1854, rue de Rivoli*. Paris: Maulde et Renou, 1954.

REVUES ET SEMENNAIRES POLITIQUES ET LITTÉRAIRES 741

LE MOIS

Synthèse de l'activité mondiale

à l'effort de répondre aux besoins de l'homme moderne
 Pour juger et se conduire, l'homme moderne doit être universel. C'est-à-dire qu'il doit connaître l'essentiel de ce qui se pense, s'écrit et se fait sur tous les points du globe.

Or, ce qui est à retenir d'une époque peut occuper un rayon de bibliothèque et les informations qui remplissent les milliers de journaux et de revues paraissent dans le Mois en un mois peuvent être résumées dans trois cents pages.

Le Mois, qui se tient au-dessus des partis et n'écoute que la voix du bon sens, s'efforce de tout voir, de tout lire, de tout comprendre ; puis, ayant déterminé les valeurs, de choisir et de condenser.

Il a sur tous les points du monde des correspondants accrédités, des traducteurs et des rédacteurs fixes ou occasionnels dont les communications sont mises au point et réduites concurremment avec leurs matériaux personnels par des collaborateurs réguliers et des chefs de rubrique dont les principaux sont :

MM.
 René CAST, Pierre DESCAYES, Florian DELHORBE, Pierre BRUNEAU
 (Commandant CHATELAIN), G.-L. MANUE (Politique, Économie, Vie Sociale)
 Yves JAN, André MANTAIGNE, Gaston PULINGS, Vladimir WEIDLE
 (Lettres et Arts),
 Jacques DELEVSKY (Chef de la rubrique scientifique),
 Grégoire LOZINSKI (Chef des services de traduction).

En outre, Le Mois forme sur les questions d'actualité des opinions inédites signées des noms les plus célèbres. Il constitue donc vraiment

L'HISTOIRE DE NOTRE TEMPS ÉCRITE MOIS PAR MOIS

Prix du numéro (300 pages illustrées) : 18 francs (étranger : port en sus)
 Paraissant le 5 de chaque mois

PRIX DE L'ABONNEMENT :

	Un an	Six mois	Trois mois
FRANCE Colonies françaises, Protectorats français, Pays sous mandat de la France.....	175 »	98 »	45 »
Par poste recommandé.....	187 »	94 »	46 »
ÉTRANGER (Pays à 1/2 tarif postal).....	228 »	112 »	57 »
Par poste recommandé.....	238 »	117 »	64 »
ÉTRANGER (Pays à plein tarif postal).....			
Belgique, Chine, Danemark, U.S.A., Espagne, Grèce, Irlande, Islande, Italie et ses colonies, Japon, Norvège, Pologne, Suède, Suisse.....	258 »	127 »	64 »
Par poste recommandé.....	268 »	132 »	71 »

Envoi du dernier volume pour contre 18 francs, d'un numéro spécimen contre 3 francs.

MAULDE & RENOU, Éditeurs 144, rue du Rivoli, PARIS

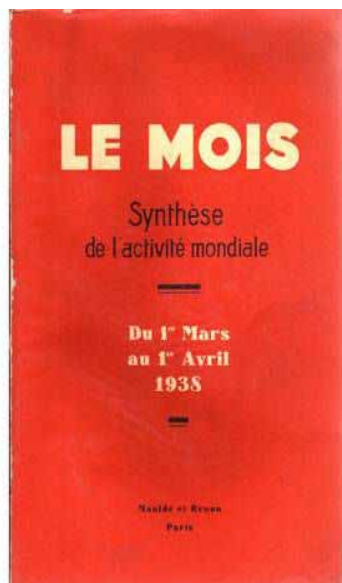
Anúncio de *Le Mois* no *Annuaire de la presse française et étrangère*, de 1939.

A justaposição de imagens, empreendidas com o fito de proporcionar visão sintética dos acontecimentos, estava consonância com procedimentos das vanguardas artísticas européias. Abaixo vê-se uma dessas composições, publicada no volume inaugural da revista:

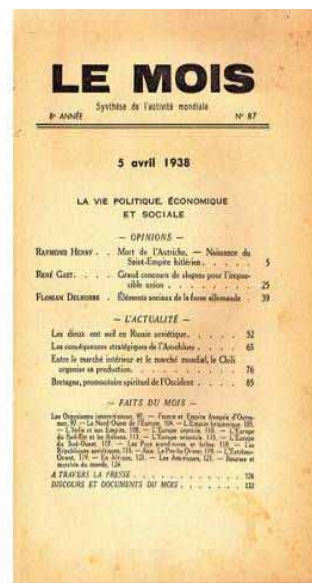


*Le Mois: synthèse de l'activité mondiale, ano I, vol. 01, jan. 1931.*⁶³

⁶³ A legenda da montagem trazia o seguinte texto: “De haut en bas et de gauche à droite: On peut s’entendre et se rencontrer en Chine: le dictateur mandchou et le gouverneur de Nankin et leur famille. — Molotoff qui a remplacé Rikoff. — Panamá au temps paisible de la construction du canal. — M. Venizelos prononce un discours évidemment plein de prudence. — M. Mussolini après une revue des troupes. — Le palais de la S. D. N. Nota-se a tentativa de reunir numa mesma imagem os personagens que, àquela altura, destacavam-se no cenário internacional. Os deslocamentos que a legenda realiza pretendia evidenciar que o homem moderno estava vinculado a processos que ocorriam nos lugares mais longínquos tais como China e Panamá sobre os quais ele deveria saber emitir opiniões sempre que exigido.



I: Capa da revista *Le Mois*.



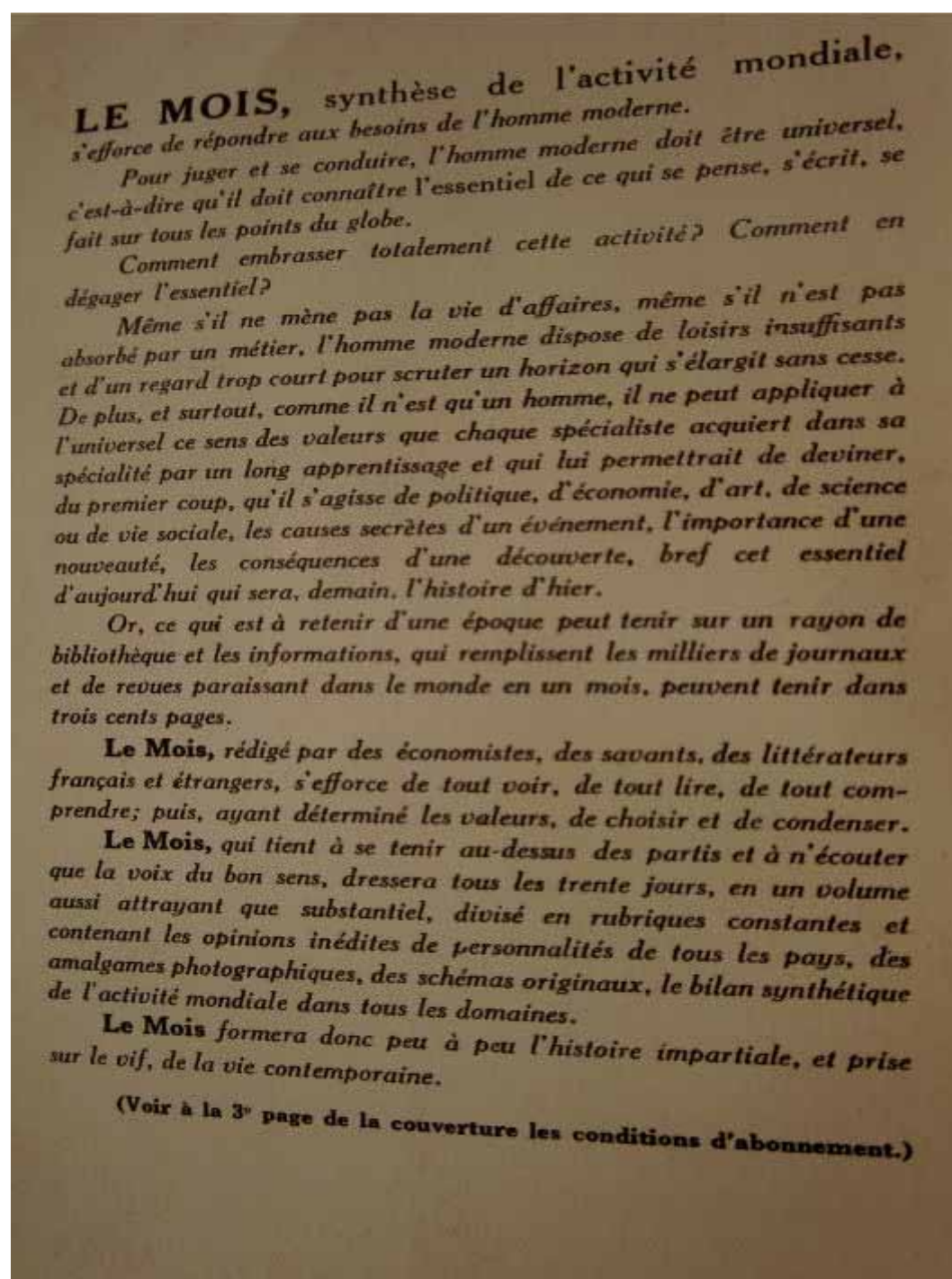
II: Contracapa da Revista francesa *Le Mois*.

Em suas páginas, o leitor encontrava textos reunidos sobre as seguintes rubricas: política, economia, vida social, letras e teatro, artes e ciências. No primeiro exemplar, datado de janeiro de 1931, o manifesto programa propunha-se a responder aos anseios e às necessidades do homem moderno. Desprovido de tempo para refletir sobre os múltiplos acontecimentos do dia-a-dia, o leitor poderia apreender com a revista, que apresentava excertos sobre os principais problemas do tempo, em todas as áreas do saber, além de entretenimento.

O programa assinalava, ainda, que a modernidade não comportava isolamento, pelo contrário, entrava-se na era das experiências compartilhadas. Nesse sentido, somente uma publicação com caráter quase enciclopédico poderia suprir tais necessidades. *Le Mois* nascia para cumprir esta tarefa, autoproclamando-se imparcial no que concernia à política:

Le Mois, synthèse de l'activité mondiale, s'efforce de répondre aux besoins de l'homme moderne. Pour juger et se conduire, l'homme moderne doit être universel, c'est-à-dire qu'il doit connaître l'essentiel de ce qui se pense, s'écrit, se fait sur tous les points du globe. Comment embrasser totalement cette activité? Comment en dégager l'essentiel? (...) *Le Mois*, rédigé par des économistes, des savants, des littérateurs français et étrangers, s'efforce de tout voir, de tout lire, de tout comprendre; puis, ayant déterminé les valeurs, de choisir et de condenser. *Le Mois*, qui tient à se tenir au-dessus des partis et à n'écouter que la voix du bon sens, dressera tous les trente jours, en un volume aussi attrayant que substantiel, divise en rubriques constantes et contenant les opinions inédites de personnalités de tous les pays, des amalgames photographiques, des schémas originaux, le bilan synthétique de l'activité

mondiale dans tous les domaines. *Le Mois* fera donc peu à peu l'histoire impartiale, et prise sur le vif, de la vie contemporaine.



Le Mois: synthèse de l'activité mondiale, ano I, v. I. 01/01/1931.

A revista desfrutou de sucesso em diversos países e cruzou o Atlântico para chegar a São Paulo e Rio de Janeiro. Na França, Émile Maulde angariou bastante

prestígio tendo sido eleito “par ses confrères Président de l’Union des Maîtres – Imprimeurs de France” em 1935. Dois anos depois, com o apoio de outros trabalhadores ligados ao mundo dos impressos, fundou o *Institut National des Industries et Arts Graphiques* (I.N.I.A.G.).⁶⁴ Ilka Stern Cohen, ao estudar a *Revista Brasileira: synthese do movimento contemporâneo*, que circulou entre 1934 e 1935, evidenciou que *Le Mois* constituía-se em modelo para periódicos brasileiros do período.⁶⁵ Além disso, não se pode esquecer que estava em circulação, desde os anos iniciais da década de 1920, a revista norte-americana *The Reader’s Digest* que certamente influenciou suas congêneres em todo o mundo impresso.

A publicação foi fundada nos Estados Unidos, em fevereiro de 1922, “na cidade de Nova York, por um casal de norte-americanos, Roy William Dewitt Wallace e Lila Acheson Wallace, filhos de pastores protestantes (presbiterianos)”.⁶⁶ De acordo com Lenita Raad,

(...) para o casal Wallace, o povo apreciaria artigos de interesse popular e atração geral, selecionados de livros e outras publicações e *condensados* de modo que pudessem ser lidos com rapidez e facilidade, no contexto dos ‘agitados anos 20’. Era a idéia de uma revista ‘digesta’, isto é, uma leitura de fácil assimilação. Muitos dos artigos originais, acreditavam, poderiam ser cortados em mais de 75 por cento de seu conteúdo e ainda continuar ‘retendo a substância e o estilo do autor’.⁶⁷

Pelo exposto, parece evidente que ambas, juntamente com a francesa *Le Mois*, integravam uma tendência da imprensa mundial, sinal tanto da complexidade do mundo impresso, marcado pela diversidade, quanto da falta de tempo do homem moderno, justificativa presente em todos os casos supracitados. Sobre o periódico estadunidense, Silvio Luiz Gonçalves Pereira, afirma:

(...) a edição de lançamento teve 62 páginas e foi composta com 31 artigos, condensados de outras publicações, para que o leitor pudesse ler um por dia, durante o mês. (...) O primeiro número da revista nos Estados Unidos foi editado

⁶⁴ Maulde et Renou. *Documents reunis à l’occasion du Centenaire de leur installation, en 1854, rue de Rivoli*. Paris: Maulde et Renou, 1954.

⁶⁵ APUD: COHEN, Ilka Stern. *Revista Brasileira: de olho no mundo*. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006, “a *Revista Brasileira* apresentava formato próximo de um livro, e tinha o seu conteúdo organizado em seções fixas: política (nacional e internacional), história, ciências, sociologia, cultura e variedades. No seu manifesto-programa, lia-se: “Dois admiráveis modelos apontaram-lhe as linhas mestras do seu programa. A ‘Review of Review’ de Wickham Stead e o recente magazine francês ‘Le Mois’, as duas mais completas fontes de informação que a publicidade moderna tem oferecido, fora do quadro dos diários, à massa que dia a dia se avoluma das elites culturais”. *Revista Brasileira*, ano I, n.01, julho de 1934.

⁶⁶ RAAD, Lenita Jacira Farias. *Denunciando os males do comunismo: o anticomunismo na revista Seleções do Reader’s Digest (1950-1960)*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 2005, p. 08.

⁶⁷ Idem, p. 09-10.

em preto e branco, não tinha ilustração nem publicidade. Teve uma tiragem de cinco mil exemplares, e foi recebida com reserva pelos jornalistas e editores. Mas, em 1932 já atingia um milhão de exemplares, em 1937, dois milhões e em 1940, três milhões.⁶⁸

Como destaca o autor do estudo sobre a intolerância nas páginas de *Seleções*,

(...) havia até então na imprensa escrita artigos extensos, análises, folhetins em capítulos, com poucas imagens e uma certa mistura de distribuição, nas páginas, entre anúncio, editoriais e notícias. E *Seleções*, com seu formato pequeno – 14 x 19 cm - sessões e colunas fixas, ilustrações e condensações de artigos publicados em outros veículos de imprensa, diversões, piadas e demais entretenimentos, foi considerada uma verdadeira inovação no mercado de revistas.⁶⁹

A revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* ocupa um lugar único na história da imprensa brasileira em virtude do formato adotado pelos seus editores. As demais publicações que circulavam no Brasil naquele período eram empreendimentos produzidos, sobretudo, por brasileiros, ainda que jornais e revistas reproduzissem textos de congêneres estrangeiros e contassem com correspondentes no exterior, função nem sempre exercida por nacionais, afirmação igualmente válida para o material iconográfico (fotos, desenhos, caricaturas).

O ponto foi bem destacado por Mário Gracioti, segundo o qual “a revista *Inteligência* era pioneira, no Brasil, e precursora da futura *Seleções* norte-americana”.⁷⁰ A opinião do fundador deve ser compreendida, dessa forma, no sentido de que aquela chegou ao Brasil somente em 1942, enquanto a primeira circulava desde 1935. O fato de ser uma revista composta por traduções não significava que os redatores deixassem de expressar sua visão de mundo, pelo contrário, a seleção do que se publica pressupunha escolhas que estavam longe ser inocentes.⁷¹ Pode-se inferir, ademais, que cada texto ou

⁶⁸ PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest 1954-1964. Um mapa da intolerância política*. São Paulo: Tese de Doutorado, 2006, p. 57.

⁶⁹ PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. *Op. cit.*, p. 61. O lançamento da revista no Brasil ocorreu em 1942, ou seja, sete anos depois do surgimento de *Inteligência*. Esse fato não permite, pois, afirmar que *Seleções* fosse uma inovação no mercado de impressos brasileiros uma vez que entre ambas havia mais semelhanças que antagonismos.

⁷⁰ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 33. Segundo Mary Anne Junqueira, no contexto da guerra, “Nelson Rockefeller, um dos especialistas em América Latina, ligado ao Departamento de Estado e voltado para a política da boa-vizinhança, insistia para que se providenciasse uma edição do *Digest* em português para ser distribuída tanto no Brasil quanto em Portugal. (...) O primeiro exemplar de *Seleções* saiu no Brasil em fevereiro de 1942. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. São Paulo: Tese de Doutorado em História, USP, 1999, p. 44.

⁷¹ SECCO, Lincoln, Leituras comunistas no Brasil (1919-1943), In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves. *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 41, afirmou que “nos primeiros vinte anos de existência do PCB as edições de esquerda raramente indicavam a tradução. Pelas pesquisas de Edgard Carone e pelos memorialistas é que conhecemos seus nomes: Octávio Brandão, Leôncio Basbaum, Caio Prado Júnior, Eneida, Lívio Xavier.

caricatura publicado foi objeto de operações que tinham como objetivo a apropriação dos conteúdos com fins bem específicos.

Participaram também da fundação de *Inteligência*: José Maria Machado, ligado ao grupo que fundou a SEP, no qual era responsável pelas seções de política e economia – ambos prioritários de *Inteligência*. Ele conhecia Mário Graciotti, a quem auxiliava desde que este editava a seção *Vida Nacional* do jornal *Fanfulla*,⁷² Celestino Fazzio, integrante do corpo docente do Lyceu Piratininga, fundado em 1933, anunciante no mensário e, posteriormente, chefe dos escritórios de Samuel Ribeiro, também na capital.⁷³ A figura de Celestino Fazzio, neste período, estava associada à de professor, epíteto que antecedia seu nome na imprensa paulistana daqueles anos. Todavia, sua atuação também se articulava à rede bancária, pois ocupou o cargo de diretor-superintendente do Banco Cooperativo Central do Estado de São Paulo, em 1943.⁷⁴

A rede de intelectuais que trabalhava na construção do mensário, como se percebe, era composta por pessoas que mantinham contatos com o mundo das letras e dos negócios. A participação de um professor também pode sugerir que as revistas poderiam ser oferecidas aos colégios da capital, o que garantia uma penetração duplamente vantajosa: primeiramente do ponto de vista financeiro, pois a publicação não dependeria de recursos do seu diretor e, em segundo lugar, em virtude do público leitor: a juventude, público dileto de Mário Graciotti, no qual ambicionava incutir os valores nacionalistas.

No que se refere ao tamanho e ao formato, *Inteligência* manteve, ao longo dos primeiros seis anos, as mesmas características do seu primeiro número. Na parte superior da capa estampava-se o título, composto por letras brancas, em alto relevo, sobre um fundo vermelho. No lado esquerdo, o ano da revista em algarismos romanos; na parte central, o local da publicação, o mês e o ano e, no canto superior direito, o

Brandão traduziu o *Manifesto Comunista*; Caio Prado Júnior traduziu o *Tratado do Materialismo Histórico* de Bukharin em 1934, conforme Carone; Lívio Xavier traduziu Hegel (*A Ciência da Lógica*) e o exemplar foi datilografado por Cláudio Abramo. Aristides Lobo e Fúlvio Abramo traduziram *Vida Nova* de Dante no Presídio Maria Zélia, mas usaram os pseudônimos de Paulo M. Oliveira e Blásio Demétrio. Basbaum traduziu romances adulterados (cortados pela metade) porque o editor não queria gastar papel com volumes muito grandes”.

⁷² Ricardo Figueiredo de Castro afirma que o jornal italiano era “fascista”. Ver CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Op. cit.*, p. 361. GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 203, afirma que o jornal nacionalista fora “Inaugurado no dia 29 de junho de 1931, após a Revolução Liberal de 1930, chefiada por Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha, este primo do dr. Alfredo Egydio. (...) Era redator-chefe do jornal ‘A Razão’ o escritor Plínio Salgado, tendo como companheiros de redação, entre outros, San Tiago Dantas, Marques Rebelo, Nuto Sant’Anna, José Maria Machado, (...) e o redator destas linhas”.

⁷³ *Folha de S. Paulo*, 03 ago. 1940, p. 01.

⁷⁴ Ver anexo VII.

número. Além disso, as capas traziam símbolos, também em vermelho, que serviam para o leitor identificar a periodicidade da publicação.

Na imagem abaixo, por exemplo, as quatro linhas em forma de “X” indicam que este era de um exemplar do ano IV do mensário enquanto a figura II indica tratar-se de um exemplar do ano V do periódico. Somente a partir de janeiro de 1941 tal apresentação modificou-se ao inserir em detrimento de formas geométricas numerais ordinais, como denota a figura III, abaixo. A maior parte da capa era ocupada pelo índice, ou seja, expunha-se ao leitor o conteúdo, atitude que pode ser compreendida como uma estratégia para atrair o possível comprador, seduzido pela temática instigante e diversificada.⁷⁵



Figura I: Ano IV.



Figura II: Ano V.



Figura III: Ano VII.

A qualidade do papel era razoável e a periodicidade, mensal, conforme indicava o título. O número de páginas seguiu uma constante até os anos que antecederam a guerra quando o periódico atingia mais de cento e dez páginas por exemplar. Tal índice caiu em virtude do início da Segunda Guerra Mundial para cerca de noventa e seis páginas havendo uma queda de mais dez páginas no ano de 1941 quando a revista foi vendida.

Desde o início, o preço do número avulso era de dois mil réis, valor somente alterado para três mil em 1939 em consequência da guerra e da elevação do preço do papel, importado. De acordo com Mario Graciotti, a revista era acessível porque era “(...) composta e impressa na Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, com a

⁷⁵ Acerca da multiplicidade de temas abordados pelos periódicos dos anos 1930, Beatriz Sarlo explica que “el sistema misceláneo del magazine, por su variedad retórica y temática, podía combinarse de manera multiple con las necesidades de consumidores médios y populares. Su precio, por otra parte, era entre diez y quince veces inferior al del libro”. SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos. Narraciones de la circulación periódica en la Argentina. 1917-1927*. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1985, p. 37.

assistência do caro amigo Nelson Palma Travassos, que a fez ao preço mínimo, o que permitiu vendê-la, em todo o Brasil”⁷⁶, a dois mil reis o exemplar, mesmo preço de lançamento de *Seleções*.⁷⁷ Segundo Nelson Palma Travassos,

(...) Mario Graciotti, moço entusiasta com grande vocação para salvar o mundo, misto de profeta, apóstolo, iluminado e médico da Saúde Pública. Com aqueles predicados e deficiência econômica do emprego público se propunha imprimir 2 (duas) revistas mensais, em formato de livro – ‘Inteligência’ e ‘Viver’ – e organizar o ‘Clube do Livro’, que alcançaria, em sua época, as maiores tiragens do livro brasileiro. Tudo baratinho, ao nível das posses do povo e de acordo com os preceitos dos detestáveis versos de Castro Alves: ‘Livros à mão cheia e mande o povo pensar’. Tudo coisa de predestinado! Mas eu precisava de originais: adotei o Graciotti. *E o negócio deu certo*”.⁷⁸

Vale lembrar que a *Revista dos Tribunais* foi originalmente idealizada por Plínio Barreto, intelectual que integrava o grupo do jornal *O Estado de S. Paulo* e que, além dessa revista, participou também da fundação da *Revista do Brasil*.⁷⁹ Segundo Laurence Hallewell, “nas décadas de 30 e 40, a Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais respondeu por cerca de 60% da produção brasileira de livros, ou seja, praticamente todos os livros que não eram produzidos em gráfica, ou pertencente ou estreitamente associada a uma editora”.⁸⁰ Sérgio Miceli apresentou dados sobre o parque gráfico nesse período utilizando uma escala regional. De acordo com o autor,

(...) as instâncias de produção de bens culturais tendem a se concentrar fortemente nas regiões centro-sul: em 1937, os estados de Minas Gerais, São Paulo e a então capital do país detêm 59% das gráficas, sendo que o estado de São Paulo dispõe sozinho de 32%.⁸¹

Inteligência: mensário da opinião mundial não possuía editorial fixo. Somente em ocasiões como alteração do preço ou início de um novo ciclo de periodicidade fez com que a redação se manifestasse por meio dessa estratégia. Nesse sentido, pode-se afirmar que a ausência de artigos assinados pela redação consiste numa das principais características da revista. *Inteligência* continha grande número de propagandas, alocadas entre os artigos e imagens selecionados para publicação. A contracapa e a última página também eram utilizadas para estampar publicidade. Dentre os produtos

⁷⁶ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 245. Lançada em janeiro de 1936, a revista *Panorama: coletânea mensal do pensamento novo* também custava o mesmo valor.

⁷⁷ RAAD, Lenita Jacira Farias. Denunciando *os males do comunismo: o anticomunismo na revista Seleções do Reader's Digest (1950-1960)*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 2005, p. 11.

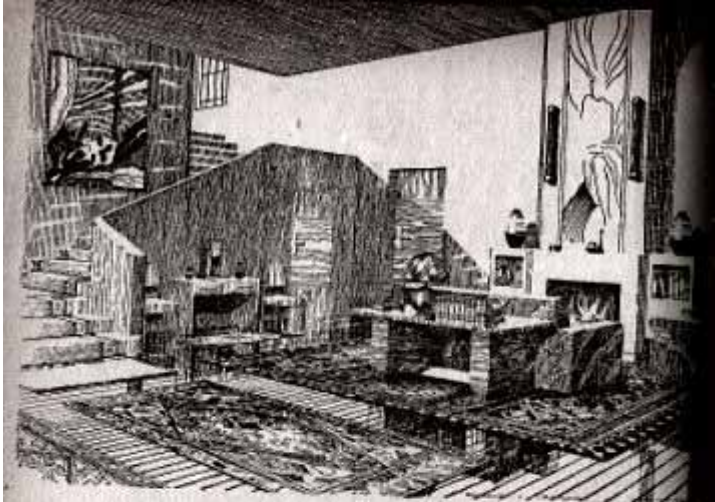
⁷⁸ TRAVASSOS, Nelson Palma. *Livro sobre livros*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. 44.

⁷⁹ Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

⁸⁰ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985, p. 272.

⁸¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 151.

anunciados destacam-se: Ford-V.8 Cerveja Antártica, Mappin Stores, Casa Alemã, Cigarros Adonis, Lodosan, *Diário de S. Paulo*. Seguradoras e empresas da cidade também anunciavam na revista, caso da Companhia Segurança Industrial, da qual Samuel Ribeiro participava do Conselho de Administração, da Casa Alemã e da Cia. City, que inseria propagandas sobre construção de moradias no Pacaembu, “a nova maravilha urbana”.⁸²



Ambientes Modernos

AS exigências da vida contemporânea infundiram no homem uma nova concepção quanto ao problema de morar. Casas alegres e arejadas. . . Moveis amplos onde descanse o corpo. . . Côres veladas onde repouse a vista. . . taes são os requisitos que para seu intimo deleite o homem de hoje não póde mais dispensar!

Por que não morar tambem V. S. em ambientes que reflectam, com fidelidade, as exigencias de bom gosto da época em que vivemos? Utilize-se, livremente, dos serviços dos nossos "studios". Sempre que lhe aprouver e sem o menor compromisso de negocios por parte de V. S., os nossos technicos, estudando o espaço a mobiliar ou a decorar, terão o maximo prazer em apresentar-lhe as suggestões que farão de sua casa uma vivenda encantadora.

● Observe V. S. a lindíssima de projectos originaes dos nossos "studios" agora exposta em nossa Galeria de Moveis.

Mappin Stores

Propaganda da Mappin Stores em *Inteligência*, Ano I, nº 06, p. 96, jun. 1935.

⁸² Vale destacar, no que se refere às propagandas, GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 30, defendendo o legado da sua iniciativa editorial, explicou que como a “revista deve viver por si própria, poderemos reservar algumas páginas para publicidade comercial, não de bebidas alcoólicas ou marcas de cigarro, o que contraria os propósitos éticos da nossa iniciativa, mas de indústrias, casas comerciais, livrarias, editoras”. Como se percebe, trata-se de uma tentativa de mascarar, por oportuno, a inserção destas propagandas que não se coadunavam com o propósito do mensário. GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 30.

CIA. DOCAS DE SANTOS		BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1934	
ACTIVO		PASSIVO	
OBRAS EXECUTADAS:		CAPITAL:	
Saldo desta conta	200.322:052\$750	Valor de 800.000 acções de Rs.	
OBRAS NOVAS AUTORIZADAS:		200\$000 cada uma	160.000:000\$000
Saldo desta conta	15.118:395\$982	EMISSÃO DE DEBENTURES:	
EQUIPAGEM:		Valor da emissão autorizada, deduzidos	
Saldo desta conta	3.140:551\$779	os títulos já resgatados	57.390:200\$000
MOVEIS E UTENSÍLIOS:		FUNDO DE AMORTIZAÇÃO:	
Saldo desta conta	220:078\$010	Saldo desta conta	5.681:483\$448
CAIXA DO ESCRITÓRIO		FUNDO DE GARANTIA DA	
CENTRAL:		AMORTIZAÇÃO:	
Saldo em moeda corrente	46:696\$630	Saldo desta conta	180:834\$482
CAIXA DA SUPERINTENDENCIA:		FUNDO DE OBRAS NOVAS:	
Saldo em moeda corrente	652:655\$143	Saldo desta conta	23.330:111\$813
CAIXADA INSPECTORIA GERAL:		FUNDO DE SEGURO POR CONTA	
Saldo em moeda corrente	44:199\$069	PRÓPRIA:	
TESOURO NACIONAL:		Saldo desta conta	2.593:750\$000
Valor de nossa caução em apólices . .	20:000\$000	DIVIDENDOS A PAGAR:	
ACÇÕES EM CAUÇÃO:		Saldo desta conta	6.674:437\$000
Valor das acções caucionadas pela		JUROS DE DEBENTURES:	
Directoria	280:000\$000	Saldo desta conta	1.330:212\$000
DEBENTURES:		CAUÇÃO DA DIRECTORIA:	
Valor dos títulos em carteira	13.307:800\$000	Saldo desta conta	280:000\$000
TÍTULOS REPRESENTATIVOS DO		CONTAS DIVERSAS:	
FUNDO DE AMORTIZAÇÃO:		Saldo de varias contas	6.840:796\$862
Saldo desta conta	5.681:563\$000		
TÍTULOS REPRESENTATIVOS DO			
FUNDO DE GARANTIA DA			
AMORTIZAÇÃO:			
Saldo desta conta	180:836\$000		
CONTAS DIVERSAS:			
Saldo de varias contas	25.286:997\$242		
Rs. 264.301:825\$605		Rs. 264.301:825\$605	

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1934.

GUILHERME GUINLE, Presidente.

MARIO MONTEIRO, Chefe da Contabilidade.

Propaganda da Cia. Docas de Santos, da qual o cunhado de Samuel Ribeiro, Guilherme Guinle, era presidente. *Inteligência*, Ano I, nº 07, p. 96, jul. 1935.

Apesar de algumas propagandas dedicadas ao público feminino a análise da revista permite concluir que a maioria delas voltava-se ao masculino, uma vez que várias diziam respeito ao mundo dos negócios, com o qual Samuel Ribeiro mantinha vinculações estreitas. Note-se, ainda, as relativas ao mercado dos impressos, caso das livrarias e editoras. Os responsáveis pela publicação, ao noticiar os lançamentos das editoriais brasileiras, tornavam *Inteligência* uma verdadeira vitrine das obras lançadas no mercado editorial brasileiro.

O nome de Samuel Ribeiro era citado não só como diretor do mensário, mas como figura de proa em grandes corporações econômicas de São Paulo. O mundo das letras também integrava o rol de anunciantes de *Inteligência*. Mário Graciotti

comercializava as revistas estrangeiras que utilizava no processo de construção de seu periódico além de ceder espaço para os lançamentos da Editora José Olympio e para o *Diário de S. Paulo*, jornal cujos artigos eram apropriados a título de editorial econômico. Vale destacar que, neste período, a editora José Olympio publicou vários títulos de Plínio Salgado.⁸³



A tiragem do primeiro número atingiu a marca de 14.000 exemplares, fato tido por Mario Graciotti como inédito na história da imprensa. A aposta em uma revista com temáticas variadas parece ter recebido uma boa acolhida numa sociedade ávida por se inteirar sobre os problemas políticos e científicos universais e livraram o mensário do ‘mal dos sete números’. De acordo com ele, a revista era composta no

(...) formato livro, 14x21, no primeiros dias de janeiro de 1934 (sic), entregando à firma distribuidora Pelegrini e La Selva, os 1500 exemplares da revista, exposta na Praça do Patriarca para a venda pública, por volta das 14 horas. Logo depois, recebi um telefonema urgente do dr. Samuel Ribeiro: a revista esgotara-se em poucas horas e muita gente telefonava, pedindo-a. Foi tal o êxito que reimprimos 04 vezes o 1º número.⁸⁴

Nos anos que iniciavam uma nova periodização na história de *Inteligência*, era comum escrever um editorial apresentando os resultados da empreitada. Assim, na sua segunda edição, ao comemorar os recordes de venda do primeiro exemplar, os redatores diziam que

⁸³ Entre 1934 e 1936, a José Olympio Editora publicou as seguintes obras do líder do movimento integralista: *A voz do Oeste* e *O sofrimento universal*, em 1934; *A quarta humanidade*, *Carta aos camisas verdes* e *Despertemos a Nação*, em 1935; *Palavras nova dos novos tempos* e *Geografia sentimental*, ambas em 1936. Publicações consultadas no site do Arquivo de Plínio Salgado mantido em Rio Claro/SP, no site: <http://www.aphrioclaro.sp.gov.br/acervo/arquivo-permanente/plinio-salgado/>, consulta em 18 out. 2012.

⁸⁴ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 33.

(...) a aceitação verdadeiramente extraordinária do primeiro numero de ‘*Inteligência*’, que viu, apenas em 04 dias, esgotada a sua edição, da qual foram vendidos, somente na Capital de São Paulo, 2.000 exemplares, obriga-nos, afim de atender às reiteradas solicitações que nos chegam de toda parte, a esta 2ª tiragem. Aquele encorajamento que solicitamos do publico, tivemos-lo. Procuraremos corresponder a essa confiança.⁸⁵

O primeiro volume do mensário contabilizava na capa essa conquista, que era inscrita na lateral esquerda e horizontalmente como forma de auto-propaganda. Na terceira tiragem, mais registros do sucesso que a revista obtivera:

Surpreendidos pela aceitação verdadeiramente extraordinária da nossa revista, que vê esgotar-se, dentro da cidade de São Paulo, em remessas contínuas, as suas edições, impedindo-nos de levar o nosso mensário às centenas de cidades paulistas do interior e às capitais dos outros Estados brasileiros, a começar pela Capita do país, somos obrigados, para atender aos constantes pedidos de assinaturas e venda avulsa, a uma 3ª tiragem do primeiro número (...) elevando ao 7º milheiro a edição do 1º número. Tínhamos confiança na honestidade da iniciativa; sentíamos que São Paulo precisava de um veiculo de cultura ao alcance de qualquer bolso; esperávamos que São Paulo, pela sua importância cultural no país e no continente, não deixaria de compreender a dedicação e o carinho que cercam as páginas do nosso mensário. Nunca, porém, por ser absolutamente imprevisível, poderíamos supor que ‘INTELIGÊNCIA’ marcasse um acontecimento assim na vida editorial paulista.⁸⁶

Pelo excerto, nota-se que, àquela altura, os editores acreditavam que o mensário já entrara para a história editorial brasileira, devido ao número de exemplares vendidos. Deve-se ressaltar que o sucesso era fruto da teia de relacionamentos de Mário Gracioti que, conhecendo personalidades de relevo na vida de São Paulo, pode contar com o apoio essencial para dar forma à sua idéia. Se, no quesito das finanças, a presença de Samuel Ribeiro conferia credibilidade junto aos possíveis anunciantes, no que concerne à confecção do mensário, o contato com Nelson Palma Travassos foi fundamental. Com a oportunidade de imprimir as revistas na Editora da Gráfica dos Tribunais a preço baixo, pode Mário Gracioti construir o tripé essencial ao sucesso de *Inteligência*: finanças, confecção e temáticas variadas.⁸⁷

⁸⁵ *Inteligência*, Ano I, nº 01, p. 08, jan. 1935.

⁸⁶ *Inteligência*, Ano I, nº 02, p. 08, fev. 1935, grifo no original.

⁸⁷ Segundo SECCO, Lincoln. *Op. cit.*, p. 54, “pelos preços anotados em alguns exemplares vemos que havia livros no início dos anos 1930 que custavam até 8\$000, embora fosse um preço acima da média. (...) A coleção de literatura da Editora Pax, em 1934, podia ser assinada pelo preço de 50\$000 (doze obras). O leitor poderia pagar 10\$000 na inscrição e 4\$000 mensais durante dez meses. A Coleção Literatura Moderna (Edições Cultura Brasileira) apresentava livros a 5\$000 em média. Uma lista do

O momento escolhido para o lançamento da revista também revela muito das estratégias dos intelectuais responsáveis pela publicação. Como o próprio idealizador argumentou: “os nossos líderes políticos, após o Movimento Constitucionalista, irrompido a 09 de julho de 1932, estavam exilados. O Congresso Nacional fechado, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais fechadas!...A nossa mocidade, perplexa, sem lideranças”.⁸⁸

Nesse sentido, uma vez que o país passava por profundas crises políticas, era necessária uma intervenção que mostrasse ao público leitor um caminho, uma forma de compreender não somente o Brasil, mas ainda o cenário internacional, a partir de uma visão de mundo de viés autoritária e nacionalista. *Inteligência* surgiu neste exato momento, em que a Constituição de 1934 foi promulgada, e partia da premissa de que, a partir daí, o caminho estava aberto às disputas que se travariam pelo comando do país. Como meio de mostrar aos seus leitores a que perigos eles estavam expostos, tratou de desancar seus opositores no que concernia às concepções políticas, e apresentou um programa que traçava, a partir de exemplos retirados da trama de conflitos externos, o melhor caminho a ser seguido pelo Brasil nos reinos da política, da economia, das artes.

O público alvo do idealizador era “a juventude brasileira”, que poderia comprar a publicação “por pequeno preço”. Na opinião do idealizador, tratava-se de:

(...) positiva maneira de assistir, ajudar a nossa mocidade, sem nenhuma discriminação de classe, preparando-a par aos dias futuros, colocando-a a par dos debates políticos, das conquistas científicas, das realizações econômicas e artísticas.⁸⁹

Ressalte-se que a juventude brasileira também era o alvo da Sociedade de Estudos Políticos, o que permite inferir que a revista inseria-se num projeto maior, qual seja, o da difusão de uma determinada visão de mundo e da luta que se travava em torno de projetos de futuro para o país. Vale lembrar que havia outras leituras de Brasil em voga naquele momento. Uma delas era propugnada pelos intelectuais que compunham o grupo do *Estado*. Paulo Duarte assinalou que, a pedido de Armando de Salles Oliveira, encomendou a diversos estudiosos uma série de pesquisas a respeito dos problemas brasileiros. A diferença aqui é que esses intelectuais defendiam a concepção liberal que diferia frontalmente daquela proposta por Mario Gracioti e Plínio Salgado.

mesmo ano de 1934 da seção de sociologia da Livraria Brasil (alfarrábio), sediada na rua Benjamin Constant, 17, São Paulo, trazia um preço médio de 6\$800 réis”.

⁸⁸ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 27.

⁸⁹ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 28.

Paulo Duarte afirmou que, mesmo quando os incômodos da polícia tornaram-se frequentes, encontrava-se diariamente com o ex-candidato a presidente. Nas suas palavras, Armando estaria:

(...) disposto a trabalhar duro contra a ditadura, seja em que condições for. E ele, a não se caso fortuito, acabará mesmo dirigindo o Brasil. Para isso, está constituindo equipes. Todos os problemas nacionais, ou grande número deles, já começaram a ser estudados, sob a direção de pessoa altamente competente, como os problemas econômicos estão com o Clóvis Ribeiro. Acaba ele de me designar para os problemas culturais. O Instituto Nacional de Cultura acha-se cada vez mais a caminho. Já convoquei, pedindo estudos e artigos, diversas pessoas. Almeida Júnior, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Julinho e Chiquinho Mesquita, Henrique da Rocha Lima, Dreyfus, o grupo do Departamento de Cultura, o grupo de professores estrangeiros, Lauro Travassos, Álvaro Miguel Osório de Almeida e outros; a todos já escrevi pedindo determinados estudos e pesquisas, sob o pretexto de um inquérito sobre sistemas educativos e culturais, para o 'Estado'. Se a oportunidade vier logo, estaremos preparados.⁹⁰

Outro grupo de intelectuais defendia a instalação de um regime comunista no Brasil. Fundado em 1922, o Partido Comunista Brasileiro, liderado por Luís Carlos Prestes alcançaria grande número de adeptos. A penetração era alta, também, no Exército brasileiro, o que possibilitou a tentativa de golpe ainda em 1935. Reprimida pelo governo de Getúlio Vargas, os líderes foram presos e o presidente, apoiado pela cúpula militar, promulgou a Lei de Segurança Nacional, além de outras medidas que minaram o Governo Constitucional, estabelecido em 1934, pavimentando o caminho para o golpe de novembro de 1937. De acordo com Paulo Sérgio Pinheiro,

(...) o exame das leis que criminalizam o dissenso revela uma continuidade não interrompida pela revolução de 1930: a pesquisa legal e a história da prática policial demonstram que não houve nenhuma ruptura. Nesse sentido, a legislação de exceção que vai permitir o fechamento da ANL, antes de 1935, e aquela que se segue, não significam um retrocesso, mas o prosseguimento de uma evolução ininterrupta. Mudam os pretextos, variam os alvos, mas o sentido é sempre o mesmo: cercear a proteção dos direitos civis e o exame pelo Judiciário dos atos do Executivo.⁹¹

Em obra organizada por Aspásia Camargo, o cenário político-jurídico nacional foi assim descrito:

A rigor o país viveria até o golpe de novembro, exceto por um breve interregno entre julho e setembro de 1937, sob estado de exceção. Não é demais frisar, portanto, que o regime democrático inaugurado com a Constituição de 1934,

⁹⁰ DUARTE, Paulo. *Memórias: ofício de trevas*. São Paulo: Hucitec, 1977, v. 06, p.285.

⁹¹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil. 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 127.

tornou-se letra morta a partir de novembro de 1935. O Congresso funcionaria daí por diante de maneira limitada, sob a égide da *Lei de Segurança Nacional*, do *estado de sítio* e, posteriormente, do *estado de guerra*.⁹²

Parece não restar dúvidas de que a política brasileira passava por um momento complexo, no qual distintos grupos lutavam pelo poder: liberais, comunistas, integralistas e o grupo capitaneado por Getúlio Vargas. Nesse sentido, o lançamento de uma revista que tratava de política internacional, e trazia caricaturas políticas, articulava-se à tentativa de dirigir o olhar do leitor a um dos projetos políticos em disputa. Ao justificar a escolha do público alvo, além de revelar uma preocupação que configurava uma necessidade oriunda da criação da Sociedade de Estudos Políticos Mário Graciotti tornou clara a intenção pedagógica da iniciativa, pois pretendia formar e induzir o jovem brasileiro.

A iniciativa era muito semelhante a que Júlio de Mesquita Filho desejava quando fundou a Universidade de São Paulo (USP) que deveria se transformar num centro de formação das futuras elites de São Paulo e do Brasil. Ao estudar as circunstâncias que possibilitaram o nascimento da USP, Irene R. Cardoso afirmou que

(...) o “grupo do *Estado*” tem um projeto de hegemonia cultural e política, contido no projeto da Universidade e do sistema educacional como um todo, que se evidencia numa proposição de sociedade construída a partir das categorias de elites/classes médias/massas, e imbuído de uma perspectiva liberal e democrática (...) Neste projeto a Universidade aparece como o núcleo fundamental, na medida em que, sendo o centro de formação e reprodução das elites dirigentes, o seu controle permitiria, em termos culturais e políticos, imprimir uma dada direção, em termos de concepção de mundo, à formação daqueles elites.⁹³

Para Mário Graciotti, *Inteligência*, ao comentar os problemas mais palpitantes do cenário internacional, elaborada a partir “*de recortes, dos melhores artigos publicados pela imprensa mundial, sem dúvida, colaborará na divulgação do conhecimento e na Iluminação dos líderes*.”⁹⁴ Dedicar-se ao trabalho de publicar uma revista era então uma preocupação em moldar o futuro do Brasil porque “a Nação precisa, também, de lideranças, que conheçam, que estudem as afligentes questões

⁹²CAMARGO, Aspásia (et al). 1937. *O golpe silencioso*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989, p. 58. Grifos no original.

⁹³CARDOSO, Irene R. *A Universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 52.

⁹⁴GRACIOTTI, Mario. *Caro Senhor Arcanjo, cheio de estrelas, porque não me escutais? Desabafos e depoimentos*. São Paulo: Ibrasa, 1986, p. 35.

humanas do país”⁹⁵ e porque era necessário “plasmar os nossos futuros líderes”.⁹⁶ A revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* foi concebida para abarcar todos os ramos do conhecimento na intenção de tornar-se uma enciclopédia dos tempos modernos, epíteto que foi atribuído ao periódico pelos próprios editores a exemplo dos responsáveis pela publicação de *Le Mois*, que a ele se referiam do mesmo modo.

A variedade de fontes utilizadas para compor uma matéria chama a atenção. Os artigos que tratavam de política, por exemplo, eram compostos por uma miscelânea de vários excertos traduzidos e extraídos de fontes distintas, o que gerava uma tensão entre os textos e as imagens que os ilustravam. Muitas vezes, um texto era resultado de um duplo deslocamento: publicado numa revista alemã, vertido para o inglês e reproduzido num periódico inglês, e então traduzido para o português e incluído em *Inteligência*.

Os temas relacionavam-se com a tônica da época: a crítica à Sociedade das Nações, o clima tenso na Europa, o rearmamento alemão e as conseqüentes reações franco-britânicas. A Rússia figurava como grande incógnita e objeto de pesadas críticas enquanto a política brasileira era ausente das páginas do periódico.⁹⁷

Nota-se que os redatores se preocuparam em abarcar todos os ramos do conhecimento: da arte à política, da ciência ao cinema, o que garantia um conteúdo diversificado, que aumentava a chance de atrair diversos leitores, e transmitia a idéia enciclopédica que o idealizador pretendia.

No que concerne à expressão “opinião mundial”, subtítulo da revista, pode-se inferir que remete à criação de uma opinião pública brasileira acerca dos embates políticos em curso, resultado das apropriações que os leitores fizessem dos excertos vertidos para o português e publicados pela revista.⁹⁸ A preocupação dos responsáveis com a formação de uma opinião pública favorável aos intentos políticos estava no horizonte de *Inteligência*. No livro publicado em 1929, no qual analisou o surgimento de um novo personagem político, as massas, Ortega y Gasset comentou:

⁹⁵Idem, p. 49.

⁹⁶GRACIOTTI, Mario. *Op. cit.*, 1986, p. 44.

⁹⁷As únicas referências diretas ao Brasil encontravam-se no índice de jornais utilizados pelos intelectuais responsáveis pela seleção de temas para a publicação, à produtividade das lavouras de café e algodão e à imigração. No que refere-se às fontes, os responsáveis pela publicação utilizaram, para compor textos sobre economia, os jornais paulistas *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*. Em duas oportunidades, valeram-se do periódico integralista *A Ofensiva* e, ainda, do jornal *Fanfulla*, também de São Paulo.

⁹⁸ O conceito de opinião pública é fundamentado na leitura de HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

Hoy asistimos al triunfo de una hiperdemocracia en que la masa actua directamente sin ley, por medio de materiales presiones, imponiendo sus aspiraciones y sus gustos. *Yo dudo que haya habido otras épocas de la historia en que la muchedumbre llegase a gobernar tan directamente como en nuestro tiempo.*⁹⁹

Em um encontro que teve com Samuel Ribeiro, Mario Graciotti revelou a fonte de sua inspiração e questionou:

Por que não fazemos um *Le Mois* brasileiro? Os serviços de informação internacional estão à mercê de duas agências telegráficas, a *Havas* e a *United Press*. Isto quer dizer que nós só sabemos o que eles nos mandam, sob critérios nem sempre selecionados para os interesses do Brasil. Se, realmente, lançamos esse mensário, ao que dei um título atraente, *Inteligência, em fundo vermelho, não, por motivo das bandeiras partidárias, mas para afirmar a combustão, as labaredas da inteligência do homem à procura daquele Mundo Melhor das nossas mais íntimas aspirações.*¹⁰⁰

Dessa forma, é evidente que a idéia de Mario Graciotti de fundar uma revista de recortes não era propriamente original.¹⁰¹ A gestação do projeto ocorreu, segundo suas palavras,

a partir de agosto de 1934, com a colaboração de Samuel Ribeiro, José Maria Machado e Celestino Fazzio, idealizei e estruturei uma revista de cultura eclética, à qual dei o título de ‘Inteligência’. Feita de recortes, extraídos das mais importantes publicações mundiais, antecipava-se ao sistema posterior de ‘Seleções’. Com esse veículo informativo, eu pretendia levar à juventude brasileira o conhecimento das grandes questões universais.¹⁰²

No primeiro número de *Inteligência*, publicou-se o manifesto-programa, que começava nos seguintes termos:

A civilização contemporânea nas suas manifestações culturais, tende, cada vez mais, a ser universalista. Daí, a necessidade de acompanhar-se o pensamento de cada povo, nas questões de palpitante atualidade, que são temas de discussão, de reflexão e de estudo. No torvelinho da vida moderna, o homem não tem tempo, nem meio de abarcar os horizontes constantemente dilatados do trabalho humano. INTELIGÊNCIA nasce para facilitar essa tarefa, recolhendo os artigos das grandes publicações mundiais, num critério de imparcialidade e de honestidade. INTELIGÊNCIA surge para sintetizar a grande variedade dos problemas que agitam os espíritos inquietados e ávidos da hora presente, constituindo, no Brasil, à semelhança de publicações existentes em outros

⁹⁹ORTEGA Y GASSET, José. *La rebelión de las masas*. Madrid: Revista de Occidente, 1929, p. 57, grifo nosso.

¹⁰⁰GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 29-30, grifo nosso.

¹⁰¹Na obra *O outro caminho da libertação*, Mario Graciotti lembra que a idéia para o surgimento do periódico ocorreu ainda em 1934.

¹⁰²GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 263.

países, uma tentativa merecedora de acolhimento. Por uma preço ínfimo, todo brasileiro que sentir a necessidade de assistir aos debates das ideias nos centros intelectuais do mundo, através das suas expressões marcantes nas ciências, na filosofia, na sociologia, na política, nas artes, etc, terá, nas páginas de INTELIGÊNCIA, condensadamente, precisamente e comodamente – no momento em forma de mensário, mais tarde em forma de quinzenário ou semanário – o que melhor aparecer nos diversos jornais e revistas. INTELIGÊNCIA, ao divulgar as opiniões transcritas em suas páginas, não endossa por esse fato os conceitos nelas emitidos; todas as transcrições permanecem subordinadas à responsabilidade da sua fonte de origem. Resta que os estudiosos, sobretudo a mocidade universitária e ginasial, mais do que nunca preocupada com os graves problemas do nosso tempo, animem, propaguem, e divulguem uma iniciativa desinteressada, que se nos afigura oportuna e que se completará com outras modalidades editoriais, todas tendentes à divulgação do pensamento humano, no que ele tem de mais útil e de mais elevado. São Paulo, 1º de janeiro de 1935.¹⁰³

Pelo excerto, pode-se inferir que a falta de tempo tornara-se um problema para o indivíduo moderno, que necessitava de “sínteses” capazes de organizar e facilitar a compreensão dos problemas candentes da época. A promessa de tornar a periodicidade quinzenal, ou mesmo semanal, não prosperou. O título merece atenção. Veja-se o excerto de seguinte excerto de Plínio Salgado:

houve uma força, excelência: a do pensamento novo, que penetrou no coração da Nacionalidade, pelo milagre da pena e da palavra, pelo jornal e pelo livro, e despertou todas as energias adormecidas. O fato objetivo dos episódios históricos ratifica, apenas, as revoluções já feitas, que coordenaram num longo período apostolar todas as realidades novas da vida social. É essa força coordenadora que o fascismo representa na Itália. Mussolini me ouve com simpatia e atenção. Lamenta que, no Exterior, ele ainda apareça com o aspecto da violência e até da tirania. Eu dissera a verdade: o povo italiano compreendeu o seu instante histórico. Realmente, quando falei da força do pensamento novo, que empolgara a Nação, eu constataria uma realidade. *O prestígio do fascismo vem, em grande parte, do primado que ele deu à INTELIGÊNCIA, na sua expressão mais ampla. A Inteligência, considerada por Mussolini, em um artigo de ‘Il Popolo d’Italia’, em janeiro de 1920, como força econômica, como fonte de riqueza. Essa Inteligência não é erudição estéril, o apego aos textos, o culto das utopias; é a Inteligência viva e ágil, que penetra as raízes da Nação, que apreende o sentido dos tempos modernos, sem a rigidez anquilozada dos organismos inadaptáveis ao cambio sutil das evocações constantes, segundo os imperativos das circunstâncias. É aquela Inteligência que não traça regras predeterminadas e irrevogáveis, mas que, entretanto, obedece a um sentido geral, que consulta a própria liberdade do pensamento, quando este verifica a fatalidade dos caminhos imprevistos.*¹⁰⁴

¹⁰³ *Inteligência*, Ano I, nº 01, p. 01, jan. 1935.

¹⁰⁴ *Correio Paulistano*, 27 jul. 1930, p. 01. Não foi possível localizar o texto referido por Plínio, a despeito da consulta aos escritos de Benito Mussolini, *Opera Omnia*, Em um de seus livros, o idealizador da revista afirmou que dera “um título atraente, *Inteligência*, em fundo vermelho, não, por motivo das

A preocupação com os problemas mundiais, todavia, estava longe de ser exclusiva de *Inteligência*; antes era compartilhada por outras publicações que:

(...) se multiplicaram ao longo dos anos 1920 e 1930, acompanharam a marcha das circunstâncias políticas, oferecendo a diversidade e revelando nas entrelinhas suas preferências e filiações. Ao longo dos anos 1930, esse segmento se firmou; acompanhando as vicissitudes do momento, marcado pelo clima de instabilidade econômica e pela radicalização dos movimentos de esquerda e direita na Europa e no Brasil, essas revistas procuravam dar ao leitor um panorama aprofundado das questões que abalavam o mundo contemporâneo.¹⁰⁵

Na terceira tiragem do primeiro exemplar, os editores referiram-se à surpresa diante do sucesso alcançado. Inserido na parte inferior da página de rosto, logo depois do texto de abertura, lia-se:

Surpreendidos pela aceitação verdadeiramente extraordinária da nossa revista, que se vê esgotar-se, dentro da cidade de São Paulo, em remessas contínuas, as suas edições, impedindo-nos de levar o nosso mensário a centenas de cidades paulistas do interior e às capitais dos outros Estados brasileiros, a começar pela Capital do país, somos obrigados, para atender aos constantes pedidos de assinaturas e venda avulsa, a uma 3ª tiragem do primeiro número de “INTELIGÊNCIA”, elevando, desta forma, ao 7º milheiro a edição do 1º número. Tínhamos confiança na honestidade da iniciativa; sentíamos que São Paulo precisa de um veículo de cultura ao alcance de qualquer bolso; esperávamos que São Paulo, pela sua importância cultural no país e no continente não deixaria de compreender a dedicação e o carinho que cercam as páginas do nosso mensário. Nunca, porém, por ser absolutamente imprevisível, poderíamos supor que inteligência marcasse um acontecimento assim na vida editorial paulista. A significação deste acolhimento, de que é prova insofismável esta 3ª tiragem, recompensa o nosso esforço e paga o nosso trabalho. São Paulo, 12 de fevereiro de 1935. “INTELIGÊNCIA”.¹⁰⁶

Essas comemorações podem ser confirmadas pela repercussão da iniciativa na imprensa paulistana. O jornal *Folha da Manhã*, mais de uma vez, referiu-se à revista como “procurada publicação mensal que se edita nesta capital”,¹⁰⁷ “mensário da opinião mundial que granjeou e não numeroso público leitor”¹⁰⁸ e “vitorioso mensário paulista”.¹⁰⁹ O jornal *Folha da Manhã*, que circulava à época, publicou em suas

bandeiras partidárias, mas para afirmar a combustão, as labaredas da inteligência do homem à procura daquele Mundo Melhor das nossas mais íntimas aspirações”. In: GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 30.

¹⁰⁵ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA, Tânia Regina de. & Martins, Ana Luíza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 125-126.

¹⁰⁶ *Inteligência*, Ano I, nº 01, p. 01, jan. 1935 p. 01.

¹⁰⁷ *Folha da Manhã*, 10 maio 1936, p. 13.

¹⁰⁸ *Folha da Manhã*, 05 fev. 1936, p. 04.

¹⁰⁹ *Folha da Manhã*, 20 abr. 1941, p. 06. Neste caso específico não se trata de publicidade. Trata-se de um texto publicado por *Inteligência* e reproduzido no jornal, com a anuência da redação da revista. Nesse

páginas avisos aos leitores, que possibilitam avaliar a amplitude dessa iniciativa gráfica. No dia 26 de janeiro de 1935,¹¹⁰ encontrava-se o seguinte aviso:



O sucesso do 1º número que obteve alta tiragem e várias reimpressões tornou-se notícia no próprio periódico e eles anunciaram isso na imprensa como forma de autoelogio, de investimento. Por outro lado, quando os responsáveis pela publicação do jornal *Folha da Manhã* comentaram o alcance da publicação há de se diferenciar duas ações: a primeira delas refere-se às propagandas alocadas nas páginas do jornal, que eram pagas, e aqueles comentários tecidos sobre *Inteligência* que refletem um efetivo elemento de recepção.

Trata-se, como se percebe, de reclame que oferece aos leitores o primeiro volume do mensário, em sua segunda tiragem. A aposta dos intelectuais que formavam o núcleo da redação de *Inteligência*, como se vê, não prescindia da utilização de propaganda nos jornais, que circulavam na capital e no interior. Possivelmente, essas propagandas não foram veiculadas somente na *Folha da Manhã*, mas também em outros jornais e revistas, o que compõe um vasta rede de colaboradores articulados ao projeto propugnado por Mário Graciotti.

Dois meses depois, em março do mesmo ano,¹¹¹ a *Folha da Manhã* inseriu em suas páginas outra propaganda do mensário paulistano:

sentido, pode-se observar que os textos estavam sujeitos a apropriações e deslocamentos que imprimiam aos textos uma circularidade metalingüística.

¹¹⁰ *Folha da Manhã*, 26 jan. 1935, p. 03.

¹¹¹ *Folha da Manhã*, 26 mar. 1935, p. 05.



Neste segundo caso, anunciou-se a venda dos exemplares não só do mês de janeiro, mas também dos outros meses. Dessa forma, não somente o primeiro volume obteve mais de três tiragens, como o segundo, uma segunda e, ainda em março, dizia-se que se tratava do “maior acontecimento na vida editorial de São Paulo”.¹¹² Havia ainda outra questão: de acordo com Graciotti, o Brasil tinha seus interesses prejudicados, em virtude da dependência das agências *Havas* e da *United Press*, pertencentes a países que compunham o campo democrático. Todavia, no mesmo livro em que narrou a fundação do periódico, afirmou que:

Quando, em outubro de 1942, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, aliando-se às forças contra o Eixo, já não me era mais possível fazer um “Mensário da Opinião Mundial”, pois as fontes de informações estrangeiras, *Itália, Alemanha, Japão*, não chegavam até nós.¹¹³

Dessa forma, no momento em que o Brasil se envolveu diretamente no conflito, pressionado pelos norte-americanos, a revista foi “transferida, por pouco dinheiro, ao dr. Octaviano Alves de Lima, então dono e diretor da antiga *Folha da Manhã*.”¹¹⁴ A revista foi entregue à Octaviano Alves de Lima, um ano antes, em 1941. O fato de Mário Graciotti ter associado a venda do mensário com a entrada do Brasil na guerra, sugere que houve motivos políticos para essa decisão.

¹¹²Em seus livros escritos muito tempo depois dos fatos, Mário Graciotti ressaltará essa mesma informação: a de que o lançamento do mensário foi um acontecimento editorial de grandes proporções.

¹¹³ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, p. 35, grifo nosso.

¹¹⁴GRACIOTTI, Mário. *Idem*. Afastado de *Inteligência*, Mário Graciotti tomará outra iniciativa no campo intelectual e literário ao fundar o Clube do Livro. De acordo com MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 27., “O Clube do Livro, presidido pelo seu diretor administrativo Mario Graciotti, começou a funcionar em 1943 e foi o primeiro clube de livros do Brasil. Publicava livros mensais a aproximadamente um terço do preço dos livros vendidos em livrarias”. Vale destacar, aqui, que isso foi possível devido à rede de sociabilidade que Mario Graciotti construiu, com Nelson Palma Travassos, da Revista dos Tribunais e José Maria Machado, que o auxiliou também nessa realização.

Estes não se articulavam somente à guerra em si, nem à ausência de fontes estrangeiras, mas pareciam resultar da tentativa profunda reestruturação que o governo brasileiro fez, depois de haver sido pressionado pelos norte-americanos para abraçar a causa das democracias e da proximidade da família Guinle com os negócios abertos pela parceria firmada com os norte-americanos. Nesse sentido, aparentemente, não havia espaço para a continuidade de uma publicação que desacreditasse das democracias ocidentais e tecesse elogios à Itália fascista ou à Alemanha de Hitler. Entretanto, driblando a censura e esgarçando os limites possíveis, foi esta a estratégia adotada por Mario Graciotti até o momento em que o periódico foi vendido.

1.2. Unidos de tesoura e cola: a edição enquanto operação intelectual

A pesquisa tem por objetivo acompanhar a trajetória da revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* entre o seu lançamento, em janeiro de 1935 e setembro de 1941, quando foi vendida. Mario Graciotti, jornalista que integrava o círculo de simpatizantes de Plínio Salgado, a quem se aliou desde as primeiras horas, foi o seu idealizador e esteve à testa do periódico durante todo o período citado. O estudo sistemático do conteúdo textual e imagético dos exemplares revelou dois momentos distintos: o primeiro, da fundação até junho de 1938 e outro, que se estende de julho do referido ano até a mudança do proprietário.

Na primeira fase, sobressaía a defesa da política externa do fascismo, com destaque para eventos como as guerras da Abissínia e da Espanha. É perceptível a simpatia pelo regime italiano, que fornecia oportunidades para elogiar, de modo indireto, os valores e ideais defendidos, em âmbito nacional, pelos integralistas. Não por acaso, a seleção do material publicado provinha de fontes alemãs, italianas e em menor escala, francesas. Destaque-se a ênfase na eficiência e competência dos líderes de regimes ditatoriais, apresentados como estadistas que davam as cartas no cenário internacional.

Tal postura sofreu inflexão significativa a partir da criação da editora INTELIGÊNCIA LTDA, em julho de 1938, o que indica a diversificação das atividades da empresa, cujo primeiro empreendimento foi o lançamento de um novo mensário: *Viver: mensário de saúde, força e beleza*, que veio à público dois meses depois da derrota do golpe integralista. A partir de então, *Inteligência* conferiu amplo destaque aos

textos e imagens que defendiam o liberalismo político e econômico e, como era de se esperar, escassearam as revistas da Itália e Alemanha em prol das norte-americanas. Além disso, a conjuntura econômica vivida pelo Brasil no processo de envolvimento do país com os blocos em guerra e a posterior aliança com os Estados Unidos assumiram grande relevo, configurando importantes mudanças na linha editorial.

Em 1935, momento de lançamento da revista, os diversos grupos políticos digladiavam-se, no cenário marcado pela recém aprovação da Constituição de 1934. Comunistas, liberais e integralistas esperavam influir nos destinos da nação. Ao rememorar os eventos que marcaram o período, Graciotti assinalou que

(...) O Brasil envolveu-se em vários movimentos revolucionários, a partir de 1930, e Plínio, realmente, com a sua pregação doutrinária, ganhou muitos aplausos, muitas flores e muitos desgostos, tornando-se, não resta a menor dúvida, líder de um movimento político, que a História está registrando. Mesmo os seus adversários políticos, que combateram as suas idéias, não lhe negam o respeito que ele merece pela sua autenticidade espiritual e invulgar sentimento de civismo e humanismo. Quantas vezes, visitando-me na direção da Assistência Social do Estado, e vendo o carinho e o amor com que eu elaborava os gráficos das nossas insuficiências assistenciais, tanto no setor hospitalar, como nas outras faixas, que incluíam as maternidades, os berçários, os ambulatórios, as creches, os lactários, os albergues noturnos, os sanatórios, quantas vezes ele examinou os meus arquivos, as minhas providências, os meus planos! *E ele me olhava e dizia: ‘você vai fazer tudo isso em plano nacional, quando formos governo!’*¹¹⁵

À época, como se percebe por meio da leitura do excerto, Mário era funcionário público, aliás, como era praxe para a maioria dos intelectuais que escreviam nesse tempo.¹¹⁶ Suas funções, na Assistência Social do Estado, criada em dezembro de 1932, envolviam a tentativa de elaborar uma rede de atendimento básico à saúde. Em suas evocações explicou, por meio de um diálogo imaginário com Frei Leonardo Boff, a complexidade desta iniciativa e revelou a situação em que se encontrava a população:

Imagine, caro Leonardo, a nossa tão sofrida e amada terra paulista, naquele tempo, apresentava um quadro desanimador: mais da metade da nossa população do interior – de pobres e de ricos – não tinha médico residente, nem ambulatório, nem hospital!... E na capital, só existia o serviço assistencial da ultrabenemérita Santa Casa de Misericórdia, a mãe dos pobres, pois, do Estado, só havia os serviços de assistência aos psicopatas e aos leprosos. Para os doentes de tuberculose, que marcam as camadas mais pobres, e para os doentes de

¹¹⁵ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 230. Os grifos nas citações são nossos, a não ser quando explicitado de outra maneira.

¹¹⁶ MICELI, Sérgio. *Op. cit.*, p. 199, apontou que “um número considerável de intelectuais teve condições materiais e institucionais para conciliar seus encargos no serviço público com seus projetos intelectuais, meta que se revelou tanto mais viável à medida que o próprio Estado foi se tornando uma instância hegemônica de difusão e consagração de obras produzidas em tais circunstâncias”.

clínica geral, de pronto-socorro – tínhamos somente a sempre ultrabenemérita Santa Casa de São Paulo!¹¹⁷

Ao expor os problemas de São Paulo e os planos que ambos pretendiam traçar para o país, Plínio, candidato ao Catete, e Mário estudavam formas de atuação no campo político nacional, desejo que também era expresso por outras correntes políticas. Paulo Duarte, intelectual ligado ao *grupo do Estado*, comentou que o outro candidato à presidente da República, Armando Salles de Oliveira, encomendou, a diversos jornalistas e estudiosos paulistas, uma série de trabalhos que diagnosticassem os principais desafios do Brasil, a serem enfrentados depois de sua eleição.

Tas iniciativas tornaram-se letra morta com o golpe de 10 de Novembro de 1937, que fechou a Câmara e o Senado e outorgou ao país uma Constituição centralizadora e que restringia as liberdades democráticas. Junto com o novo regime vieram as perseguições, como foi o caso do jornalista Júlio de Mesquita Filho, proprietário d'*O Estado de S. Paulo*, foi exilado, juntamente com o seu cunhado e ex-candidato à presidência, Armando de Salles Oliveira. ¹¹⁸ Já para os integralistas, que desempenharam papel de relevo no combate aos comunistas,¹¹⁹ o presidente Getúlio Vargas, “preparador de cenários”,¹²⁰ ofereceu cargo para o líder do movimento no novo governo.¹²¹

Na nova conjuntura, os integralistas optaram pela via golpista em maio de 1938. Em seu diário, o Vargas anotou que

¹¹⁷ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1990, p. 17. O livro trás, ainda, uma justificativa que cumpre às vezes de subtítulo: “Por onde se comprova que, para SERVIR, não é preciso ser teólogo, sacerdote, ou pertencer a alguma igreja ou partido político”.

¹¹⁸ . Para mais detalhes, ver: DUARTE, Paulo. *Memórias* e MESQUITA FILHO, Ruy. *Cartas do exílio. A troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006 e MELO, Olbiano de. *Op. cit.*

¹¹⁹ Ao rememorar os acontecimentos que marcaram este período, José Américo asseverou que “Getúlio apoiou-se no integralismo. A repressão contra os comunistas era violenta, mas os integralistas operavam impunemente naquelas manifestações de rua, provocações, ameaças etc. Getúlio apoiou-se muito em Plínio Salgado, foi um dos instrumentos que ele teve para propaganda”. In: LIMA, Valentina da Rocha. (coord). *Getúlio: uma história oral*. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 129.

¹²⁰ Epíteto dado a Getúlio Vargas por Barbosa de Lima Sobrinho: “O golpe de 1937 foi articulado pelo Exército. O Getúlio sabia manobrar e ele ia ajudando esse movimento. Mas sem o Dutra não se teria feito o 10 de Novembro. Vargas fazia o que podia para que se chegasse a esse resultado, mas grande parte de sua atuação era indireta. *Era um preparador de cenários*”. In: LIMA, Valentina da Rocha. *Op. cit.*, p. 131.

¹²¹ Plínio Salgado desistiu de sua candidatura em setembro de 1937 e estava ciente do golpe. Foi-lhe oferecida a pasta da Educação e a promessa de que o movimento integralista fundamentaria o Estado Novo. Com o fechamento da AIB, por ordem de Francisco Campos, Ministro da Justiça, ele recusou o cargo e passou a fazer oposição ao regime. Para CAMARGO, Aspásia (org). *1937: O Golpe silencioso*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989, p. 199, “sem dúvida a AIB foi um elemento central no desfecho golpista de 1937: foi uma força fiel no combate ao comunismo e ao liberalismo. Nesse contexto, ela foi tratada como aliada. Deflagrado o golpe, porém, redefiniram-se as afinidades: não havia, na nova ordem, espaço para dois senhores”.

(...) não tinha ainda adormecido quando sobressaltou-me (sic) cerrada fuzilaria e descargas de metralhadoras. Era o ataque ao palácio, feito de surpresa. Trata-se de um movimento de caráter integralista. A guarda do palácio aderiu e foi dominada. O palácio, entregue à defesa precaríssima de alguns investigadores de polícia, do oficial de serviço e das pessoas da família. Travou-se o tiroteio, que às vezes tornava-se cerrado. (...) As forças do Exército e da Polícia cercavam os arredores, mas não podiam penetrar. Esta situação manteve-se até a madrugada, quando as forças legais penetraram no palácio e os rebeldes se renderam. Foi também atacado e tomado pelos rebeldes o Ministério da Marinha, e retomado pelas forças fiéis. Estava dominada a intentona integralista.¹²²

Debelada a “intentona integralista”, o presidente colocava fora de ação outro grupo que, antes do golpe de novembro, disputava o comando do país. Vale destacar que o movimento liderado por Plínio Salgado era numeroso e representava uma força de peso na política nacional. Segundo Barbosa Lima Sobrinho,

(...) houve um momento em que o integralismo poderia ter empolgado a situação. No período que se seguiu ao 10 de novembro, até o *Putsch* de maio de 1938, o integralismo *teve uma força imensa*. Em 1937, com essas manifestações do integralismo, a reação contra o 10 de Novembro não foi maior porque todos tinham a certeza de que, se reagissem contra Getúlio naquele momento, estariam dando armas ao integralismo para tomar conta do poder. O raciocínio era esse: é melhor Getúlio do que o integralismo.¹²³

A despeito da proximidade entre Graciotti e Plínio e da postura editorial adotada pelo mensário deve-se afirmar que este não sofreu, inicialmente, alterações de monta com o golpe do Estado Novo. Àquela altura, estavam fora de cena os liberais, capitaneados por Armando Salles de Oliveira, os comunistas, derrotados após o movimento de 1935 e, finalmente, os adeptos da doutrina do sigma, perseguidos depois do ataque de maio de 1938. Para que se compreenda a dinâmica dos textos e das imagens publicadas nas páginas do mensário da opinião mundial é fundamental ter em conta a maneira como a revista era composta. Seu formato lembrava o de um mosaico meticulosamente estruturado, no qual algumas temáticas ocupavam a posição central enquanto outras, a eram dispostas nas margens.

A produção de uma revista é completamente diferente da elaboração de um jornal: enquanto este exige confecção rápida, análise de situações imediatas, “no calor da hora”, o tempo disponível para engendrar uma revista mensal é mais longo e, portanto, sua fatura é de outra ordem, afinal. Os mensários consubstanciavam-se numa

¹²² VARGAS, Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 130-131, vol. 02.

¹²³ LIMA, Valentina da Rocha. *Op. cit.*, p. 130.

cartografia móvel que sobrepunha, ao longo do tempo, imagens e conteúdos no mercado de bens simbólicos.

Os intelectuais que confeccionavam *Inteligência* trabalhavam com uma distância, um *gap* temporal de dois meses ou mais, dependendo da origem da fonte estrangeira, o que é uma particularidade desse periódico, feito a partir de material proveniente do exterior. Dessa forma, o artigo era escolhido, traduzido e, posteriormente, justaposto nas páginas do periódico paulistano, cuja metodologia de trabalho possibilitava elaborar os conteúdos textuais e imagéticos de maneira a estabelecer diálogos e tensões que nada tinham de inocentes.

A leitura sistemática do material selecionado pelos responsáveis pela publicação, ao longo do período em análise permite afirmar que *Inteligência* foi lançada no mercado editorial brasileiro por intelectuais que simpatizavam com fascismo italiano e, no Brasil, com o integralismo de Plínio Salgado. Não por acaso, os ditadores europeus ocuparam o painel central na tessitura do mosaico composto pelos redatores nestes anos iniciais.

A seleção das matérias era feita a partir de variado conjunto de jornais e revistas internacionais, que circulavam pela cidade de São Paulo na década de 1930. Não se pode esquecer que a capital paulista era formada por grandes núcleos de imigração, alguns dos quais publicavam importantes jornais, caso dos italianos e alemães. Mário Graciotti e o grupo de redatores que o auxiliava na tradução dos conteúdos possuíam experiência neste ramo, o que lhe facilitava a tarefa de verter os originais para o português. O mesmo procedimento era efetuado em relação às caricaturas sobre a política internacional, uma vez que tais desenhos traziam, em sua maioria, legendas. Após o primeiro deslocamento, o desenho passava pelo segundo, realizado pelo tradutor. Tais operações sustentavam práticas que denotavam uma intencionalidade, exposta na forma com que os conteúdos foram mobilizados e dispostos.

Para compreender tais procedimentos, faz-se necessário refletir sobre as escolhas de Mário Graciotti e demais responsáveis pela edição do mensário. Editar um periódico nesse formato exigia uma série de tarefas, que recomeçam na preparação do próximo número, iniciada assim que o anterior seguia para a gráfica. Ao estudar as operações editoriais que compõem uma compilação, Georges Martin elencou cinco procedimentos fundamentais: *reproduire, réunir, bâtir, agencer, réviser* e, seu entendimento, tais práticas denotam que: “dans l’ensemble de ces opérations, l’activité des compileurs est orientée par des déterminations sémantiques et que, sous le rapport de ses

fondements sémiologiques, elle ne diffère que très marginalement d'une production originale".¹²⁴

Vale acompanhar as ponderações de Brigitte Ouvry-Vial a propósito das práticas de edição:

(...) éditer consiste en effet à proposer une lecture d'une oeuvre écrite ou visuelle par le biais d'un arrangement conceptuel et formel (papier, format, caractères, mise en page mais aussi établissement du texte, présentation, traduction...) qui conditionne le sens et l'interprétation de l'écrit. (...) Quelle que soit aussi la valeur éducative, culturelle, sociale ou littéraire d'une politique éditoriale, l'éditeur est un interprète des idées de son temps: il joue le rôle du lecteur, extrapole à partir de sa propre réaction de lecteur, anticipe sur ce que sera celle du public. Il joue aussi le rôle de l'auteur, se met à sa place, s'imprègne de ses intentions. Le livre est le support et l'instrument de communication qui met en relation auteur et lecteur et organise les conditions de leur rencontre.¹²⁵

Os editores de *Inteligência: mensário da opinião mundial*, ao coletar todo o material necessário para a confecção dos exemplares, detinham o controle dos conteúdos que desejavam difundir.¹²⁶ Fato marcante entre as edições eram as recorrentes conexões estabelecidas pelos editores entre um número anteriormente publicado e o que estava em circulação. Dessa forma, ao abordar algum tema político, por exemplo, os intelectuais recomendavam ao leitor consultasse textos, vindo à lume anteriormente.

Assim, os conteúdos mobilizados não eram ajustados apenas em relação ao que ocorria de imediato, mas também no que se referia às relações que poderiam ser estabelecidas com o passado, prova de que havia o desejo de imprimir um determinado ordenamento que direcionava o olhar do leitor, a forma como se deveria compreender e receber tais notícias.¹²⁷

¹²⁴ MARTIN, Georges. Compilation (Cinq procédures fondamentales). In: *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, volume 11, 1997*, p. 121.

¹²⁵ OUVRY-VIAL, Brigitte. L'acte éditorial: vers une théorie du geste. *Communication et langages*, nº 154, 2007, p. 72-73.

¹²⁶ A possibilidade de controlar e manipular os conteúdos era, por certo, uma das características essenciais da revista. Segundo Ouvry-Vial, "Le processus de transmission peut aussi être contrôlé par l'éditeur: c'est principalement le cas au XXe, en témoignent correspondances, documents d'archives, traités sur des éditeurs à forte notoriété comme Gallimard, plus confidentiels comme Pierre-André Benoit ou Bruno Roy, ou encore sur l'art de faiseurs de livres comme Massin et Faucheux". Idem, p. 72.

¹²⁷ Ao analisar a relação entre a figura do compilador e os textos à época da Renascença, Emmanuel Buron destacou que: "l'autorité du compilateur nous renvoie à la question du statut et de l'usage politique de la poésie", In: *L'autorité du compilateur dans quelques recueils français de la Renaissance, Extrême Orient, Extrême-Occident*, 2003, nº 25, p. 183. Parece apropriado afirmar o mesmo no que se refere ao uso político dos textos e caricaturas.

As práticas rotineiras adotadas por Mário Graciotti na confecção do mensário evidenciam que ele atuava com um compilador, ou seja, personagem híbrido do universo dos impressos que, segundo Brigitte Ouvry-Vial, era

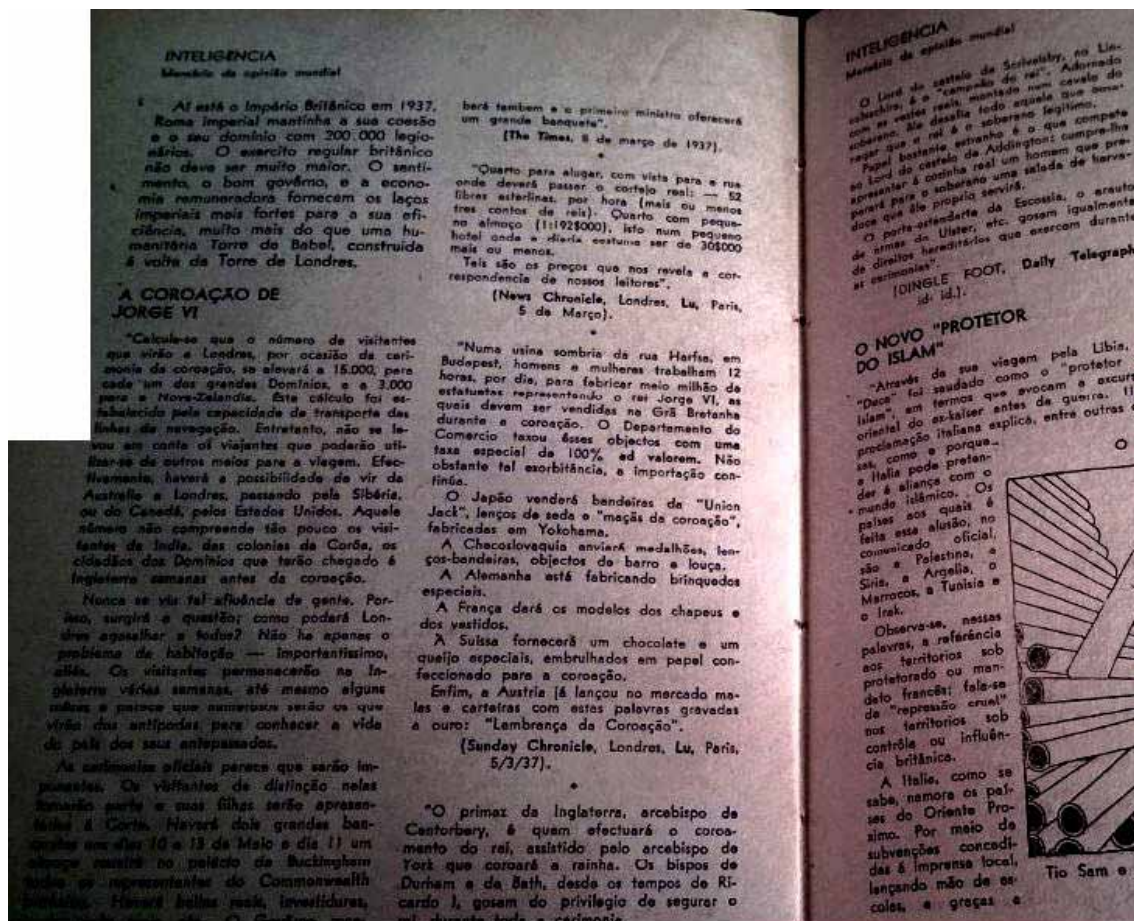
(...) intermédiaire entre l'éditeur et les lecteurs, située entre instance auctoriale et instance éditoriale, à la fois témoin et secrétaire dont le travail d'organisation de la matière textuelle est destiné à susciter de nouvelles pratiques de lecture et de nouvelles interprétations de l'œuvre. La lecture du compilateur, mise en valeur dans les périodes comme une lecture méthodique, repose alors sur une lecture studieuse, un souci de composition de l'œuvre au service de la constitution d'un recueil de qualité, dépassant la simple anthologie. Mais elle s'accompagne aussi d'une réflexion critique sur la pratique de la compilation et sur la responsabilité du compilateur dans la transmission et la consécration de cette littérature de divertissement, dont il compose une véritable bibliothèque portative.¹²⁸

O processo de elaboração da revista passava pela escolha das fontes estrangeiras, a partir das quais o material era coletado, a tradução dos textos e das legendas das caricaturas, inseridas nas margens inferiores, esquerda e direita, além da complexidade de construir um exemplar que tivesse organicidade e que interessasse ao leitor, suscitando dúvidas e inquietações. Tais mecanismos demandavam tempo lendo e folheando os vários periódicos impressos. Anne Réach-Ngô, ao comentar tais estratégias, lembra que “la fabrication du volume nécessite de pratiquer une lecture extensive qui se cristallise dans le geste de ‘feuilleter’”.¹²⁹

A tradução, bem como a compilação, é uma operação editorial pois os intelectuais engajados neste processo detinham a liberdade de realizar modificações no sentido dos textos e das legendas das imagens, subvertendo o conteúdo original. Um título de tradução não é necessariamente um título traduzido e pode testemunhar uma reorientação propriamente editorial. Em *Inteligência* esta é uma prática usual, tanto no que se refere aos textos coligidos, quanto ao material iconográfico, como atesta o exemplo abaixo:

¹²⁸ OUVRY-VIAL, Brigitte & RÉACH-NGÔ, Anne. *L'acte éditorial*. Paris: Editions Classic Garnier, 2010, p. 17-18.

¹²⁹ Idem, p. 132. Os estudos da autora centralizam-se em um período anterior ao estudado nesta pesquisa mas as suas observações sobre as práticas relacionadas ao universo do impresso foram essenciais para apreender as estratégias empreendidas por Mário Graciotti e colaboradores.



A coroação de Jorge VI, *Inteligência*, Ano III, nº 29, maio 1937, p. 44-45.

Sob o mesmo título, “A coroação de Jorge VI”, os responsáveis pela edição da revista elencaram quatro artigos provenientes de fontes diferentes, cujos conteúdos davam conta da situação do acontecimento britânico. As possibilidades de criação, manipulação e ressignificação, em uma montagem como estas tornam-se infinitas, uma vez que os conteúdos foram mobilizados, sem que se levasse em conta o título do original.

Em outras ocasiões, os editores selecionaram material textual e iconográfico de onze de jornais e revistas, de países distintos, para elaborar um único número de *Inteligência*.¹³⁰ Mário Graciotti, no processo de compilação, tradução e ordenação desse material, atribuía títulos que não eram, necessariamente, os originais. Essa construção,

¹³⁰ É o caso, por exemplo, do texto intitulado “Do ultimatum de Berchsgaden ao acordo de Munich”, publicado após a assinatura do acordo entre as potências européias. Para a compilação foram extraídos e traduzidos textos e imagens dos seguintes periódicos: *Leipzer Neueste Nachrichten*, *L'Humanité*, *World Review*, *L'Europe Nouvelle*, *Daily Express*, *Kladderadatsch*, *Ce Soir*, *La Prensa*, *Time*, *Groene Amsterdammer*, *La Revue Universelle*. *Inteligência*, Ano IV, nº 47, pp. 17-22, nov. 1938.

possível em virtude na natureza e do formato do mensário, garantia liberdade de ação, utilizada com a finalidade de propagar uma determinada visão de mundo.¹³¹

Nesse sentido, ao tomar *Inteligência* como fonte e objeto de estudo, não se pode perder de vista as estratégias utilizadas pelos editores para compor essa miscelânea textual e iconográfica. Ao tratar do problema em relação aos livros, Brigitte Ouvry-Vial chegou a conclusão que pode auxiliar na compreensão da fonte em questão. Segundo a pesquisadora, deve-se

(...) considerer le livre comme *médium* et analyser en tant que tel, consisterait non pas tant à en décrire la façon, à reconstituer l'historique de sa fabrication qu'à étudier conjointement les choix matériels et intellectuels, techniques et esthétiques mis en oeuvre pour la transmission du texte, pour sa mise en livre et à étudier les raisons, les moyens, les effets de ces choix sur la lecture.¹³²

A prática de selecionar e organizar os conteúdos que comporiam o mensário, ancorada no folhear de inúmeras revistas, consiste num ato editorial, que deve ser levado em conta para que se possa compreender de que forma os responsáveis por estas operações intervinham nos textos. Assim,

(...) le travail de découpage, de sélection de la matière, d'organisation des pièces, loin de rester silencieux et inapparent, se prolonge, se donne à voir et à lire dans l'insertion d'un discours sur l'oeuvre qui traduit la dimension réinterprétative de l'acte éditorial. C'est ainsi le tissage du texte et de l'image, du lisible et du visible, qui rend compte de ce discours du livre à la fois implicite et manifeste et qui témoigne de la pluralité sémiotique de l'intervention éditoriale.¹³³

Ao lançar no mercado editorial brasileiro uma revista com o formato adotado por *Inteligência*, Mário Graciotti e seus colaboradores apostavam em uma ideia que não era nova. Já na década de 1920, circulava nos Estados Unidos a revista *Seleções* que guardava com o mensário paulistano algumas semelhanças, dentre elas o fato de que ambas extraíam artigos da mídia internacional, traduzidos e publicados em seus respectivos países. Contudo, as analogias cessam quando se verifica que, no periódico norte-americano, havia um corpo de redatores que escreviam matérias especificamente para a revista, enquanto prevalecia, no mensário paulistano, a prática de selecionar e publicar extratos no idioma nacional.

¹³¹ De acordo com Georges Martin, “les textes que l'on entend reproduire, et que l'on réunit à cette fin, il faut ensuite les *assembler*, réduire leur diversité dans l'unité du nouveau texte”, *Op. cit.*, p. 114. A aparente diversidade de fontes que serviam para a fatura do mensário, desaparecia diante dos rearranjos propostos pelos editores brasileiros.

¹³² OUVRY-VIAL, Brigitte. L'acte éditorial: vers une théorie du geste. *Communication et langages*, nº 154, 2007, p. 70.

¹³³ OUVRY-VIAL, Brigitte & RÉACH-NGÔ, Anne. *Op. cit.*, p. 16.

O idealizador apresentava concepção que demonstrava a natureza da operação intelectual que realizava: o recorte. É necessário apreender os significados de tal prática para a edição de uma revista que se auto-intitulava imparcial em face das questões políticas e que tinha o intuito de “servir”. Ao selecionar o material textual e iconográfico na imprensa internacional, os intelectuais que auxiliavam na composição do periódico tinham em vista uma dada orientação e diretriz que presidia tal confecção.

Não se pode pretender que o fruto de tal seleção fosse isento de conotações políticas, pois havia um fio, mais ou menos explícito, segundo a circunstância, que norteava a busca pelo material a ser publicado nos exemplares que circulariam em São Paulo e mesmo no resto do país. A auto-imagem de Gracioti, perceptível quando se analisam suas obras, é a de um intelectual que se entende responsável pela disseminação da cultura à maneira dos filósofos iluministas, entendidos numa chave bem particular, qual seja, a de propagar uma leitura do mundo tal qual concebido pelos regimes antidemocráticos em voga na Europa.

Para ele, os líderes desses governos eram tomados como dotados de “iluminação”, graças à compreensão, domínio e ações para enfrentar os principais problemas internacionais. Ele tinha a expectativa de munir a juventude brasileira de instrumentos que lhe permitisse compreender e agir sobre o mundo, a partir de valores, que ele julgava adequados para responder aos desafios de seu tempo.

A partir desses propósitos, os responsáveis por *Inteligência* elaboravam associações e analogias entre textos e imagens que, advindas de fontes distintas, eram ressignificados e, não raro, provocavam tensões e redefinições no sentido original do material coletado. Imagens e artigos de natureza profundamente diferentes, oriundos de nações que se enfrentavam no cenário internacional, eram colocados lado a lado de forma a promover a visão de mundo propugnada por Mário Gracioti e demais colaboradores.

A singularidade da revista, que veio a lume em janeiro de 1935, residia no formato por ela assumido e na maneira como os redatores a confeccionavam. A edição era realizada justapondo, colando e compondo uma miscelânea entre material textual e imagético, que difundiam uma interpretação das questões mais candentes daquele momento histórico.

Este formato caleidoscópico permitia dotar de novos sentidos o conteúdo anteriormente publicado, graças a prática de atos editoriais que poderiam ser pouco fiéis ou mesmo subverter os sentidos originais do material já publicado. Nesse sentido, não

somente a mudança de suporte modifica o texto, mas as intervenções editoriais, os atos editoriais, também são responsáveis por alterações de significados. O que se quer destacar é a possibilidade de manipular conteúdos políticos, econômicos e sociais, marginalizar ou enfatizar temáticas que contradiziam a visão de mundo propugnada pelos editores e realçar e difundir aquelas que lhes eram caras, num movimento de contínua transformação e reconfiguração.

Os responsáveis por construir cada número de *Inteligência* valiam-se de um conjunto diversificado de publicações estrangeiras. É possível reconstruir as escolhas, pois em cada edição, listava-se o material utilizado, por país.



Inteligência, Ano I, nº 10, out. 1935.

A análise desses dados, no que se refere às caricaturas da política internacional, permite inferir que prevaleceram as imagens oriundas das revistas italianas (*Guerin Meschino*, *Il Travasso delle idee*) e alemãs (*Kladderadatsch*, *Simplicissimus*) ainda que os responsáveis pela publicação inserissem imagens das revistas franco-britânicas e mesmo polonesas (*Mucha*), além de outras de menor incidência.¹³⁴

Nas oportunidades em que as imagens eram oriundas dos periódicos que compunham o campo democrático, elas possuíam, na grande maioria das vezes, um viés crítico à democracia. Já em relação à parte textual, até a fundação da Editora *Inteligência* Ltda, em julho de 1938, prevaleceram as revistas de origem francesa, sobrepujadas, a partir de então, pelas norte-americanas.

A mescla de textos e imagens visava, contudo, reiterar a orientação política de *Inteligência* e incutir no leitor a ideia de que tal regime era vítima de descrédito até

¹³⁴ Ver tabela V, em anexo.

mesmo nos países onde ele imperava. Dessa forma, uma das características distintivas da democracia, qual seja, a discordância entre os envolvidos no processo político e o debate de posições divergentes na esfera pública, era tomada como prova da ineficácia, incapacidade e lentidão desse regime.

Nas páginas da revista *Inteligência*, estas críticas assumiam uma nova roupagem, que dependia do local no qual elas eram inseridas. Essas modificações pretendiam apresentar um panorama internacional em consonância com as crenças dos editores. Para tanto, o próprio fato de os governos liberais democráticos conviverem com a liberdade de imprensa, ou seja, com a crítica, permitia que os editores da revista paulistana colocassem, lado a lado, críticas de natureza muito diversa.

Assim, por exemplo, um jornal britânico que expressasse descontentamento em relação a algum aspecto da vida política do país, poderia figurar lado a lado de uma caricatura ou texto proveniente de uma revista italiana fascista. Um leitor incauto poderia supor que o estatuto da crítica era o mesmo e, desta forma, elidia-se a profunda diferença entre as formas de governo e, na revista, tudo se passava como se as observações fossem do mesmo teor.

A utilização de material iconográfico estava longe de ser uma novidade nesse momento. Desde o início do século XX, as revistas estabeleceram forte vínculo com

(...) a ‘celebração do progresso’ marca do periodismo paulista do início do século XX. A cidade de São Paulo era enaltecida como o palco das transformações e da modernização constantes. Nesse sentido, a estratégia de exposição era clara: o que aparecia nas páginas coloridas e aquilo que não era publicado constituíam partes de um mesmo discurso.¹³⁵

Ao estudar uma revista francesa que circulou até 1940, Helouise Costa chamou atenção para características que podem ser estendidas para a imprensa do período:

(...) o aproveitamento do grande potencial oferecido pelas revistas ilustradas de cunho comercial ocorreria primeiramente na Alemanha, onde o espírito liberal da República de Weimar propiciou o surgimento de uma imprensa dinâmica e diversificada, fundamentada no poder da fotografia. Essa experiência não tardaria a fazer escola na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Uma das primeiras revistas ilustradas a assimilar o legado da imprensa alemã seria a francesa *Vu*, fundada em março de 1928, a partir do modelo da *Berliner Illustrierte Zeitung*. Como seu próprio nome indica, *Vu* pretendia ser uma revista centrada na informação visual.¹³⁶

¹³⁵ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos, In: LUCA, Tânia Regina & MARTINS, Ana Luisa. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 112.

¹³⁶ A análise compõe a argumentação apresentada em: Surpresas da objetiva: novos modos de ver nas revistas ilustradas modernas, In: SAMAIN, Etienne (org). *Como pensam as imagens*. Campinas: Unicamp, 2012, p. 157.

De acordo com a autora, tais periódicos instauraram uma determinada “pedagogia do olhar”, direcionada para grandes públicos, o que contribuía para “ampliar a percepção do novo observador urbano e desenvolver a sua capacidade de discernimento diante da profusão de imagens da sociedade moderna”.¹³⁷

A mesma percepção norteou o trabalho de Victoria Bonnell que, ao estudar os cartazes de propaganda política soviética ao longo do século XX, desejava

(...) to understand the function of political art in transmitting official ideas, values and norms. (...) Pierre Bourdieu has written that ‘the eye’ is a product of history reproduced by education’. In carrying out the study, I have taken as a point of departure the idea that viewing pictures is a learned experience, one that is cumulative over time.¹³⁸

Pelo exposto, não parece errôneo atribuir o sucesso de *Inteligência* ao fato de que ela se inseria neste campo de publicações, moldadas a partir de matrizes européias, que serviram de inspiração para mais de um grupo de editores e jornalistas. A circulação dos impressos em âmbito internacional possibilitou o estabelecimento de referenciais responsáveis pelo aparecimento, no Brasil, de periódicos ilustrados que, via fotografia, desenho ou caricatura, tornaram mais complexas e ricas as páginas revisteiras.

A guerra dificultou a aquisição de periódicos ítalo-germânicos em virtude da patrulha britânica sobre o Oceano Atlântico, mas não proibiu totalmente a chegada destes jornais e revistas ao Brasil. *Inteligência* publicou, por exemplo, textos do jornal alemão *Das Reich*, ligado ao partido nazista, até 1941, quando a pressão americana crescia vertiginosamente e os exércitos alemães só conheciam vitórias. Há, ainda, outro fator: como a gama de assuntos da revista era muito numerosa, ao enumerar as revistas segundo a origem, os responsáveis acabavam por reforçar a ideia de imparcialidade, sempre defendida no editorial de lançamento.

Todavia, uma análise mais detida permite afirmar que as temáticas políticas e econômicas, que ocupavam metade do conteúdo publicado, eram elaboradas a partir de periódicos italianos de cunho fascista, como *Gerarchia*, *Il Lavoro Fascista*, *Bibliografia Fascista*, e alemães de viés nazista, tais como *Der Angriff*, jornal dirigido por Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda, além do *Das Reich*, citado anteriormente, e revistas publicadas pelo exército alemão.

¹³⁷ Idem, p. 168.

¹³⁸ BONNELL, Victoria. *Iconography of power. Soviet political posters under Lenin and Stalin*. London: University of Carolina Press, 1997, p. XIX.

Havia clara intenção de escolher, sempre que possível, os nomes mais proeminentes do cenário internacional, desde que fosse possível acomodá-los aos interesses da revista. Assim, foram transcritos textos de renomados comentaristas da política, economia, literatura e ciência mundiais. Note-se que Alfred Rosenberg, teórico do partido nazista, era estampado lado a lado com os de Lord Rutherford, sobre química, ou com textos de Pirandello tratando do teatro. A miscelânea era a regra e o conteúdo era, às vezes, fruto de duplos ou triplos deslocamentos, a origem do texto torna-se menos relevante que o conteúdo, motivo pelo qual o foco desta pesquisa é tentar compreender porque determinado artigo foi inserido nas páginas de *Inteligência*, ou, em outras palavras, articular a publicação aos critérios de seleção utilizados pelos editores da revista.

A imagem fixa, como o desenho e a caricatura, fez parte do material editado pelos responsáveis, uma vez que todo o conteúdo era ilustrado. Os desenhos humorísticos possuíam temáticas muito variadas, que intentavam transmitir certa leveza ao periódico, em contraste com as caricaturas da política internacional.



Inteligência, Ano I, nº 01, p. 35, jan. 1935.

Desenho humorístico



Inteligência, Ano I, nº 02, p. 24, fev. 1935.

Caricatura da política internacional

Estas eram inseridas nas duas primeiras seções de *Inteligência*, ou seja, em *Política* e *Economia*, e delineavam um panorama das relações internacionais do período. Por meio delas, pode-se aquilatar quão dramáticos foram os eventos que

sacudiram a Europa dos anos 1930 e 1940. As caricaturas do cenário político internacional diferiam, pois, dos desenhos humorísticos, porque delas não se pretendia extrair um riso alegre do público, mas sim uma denúncia, um flagrante da situação político-econômica mundial.

O Brasil, como tema, é o grande ausente dessa seção de caricaturas. A revista ocupou um lugar de grande relevância na história das edições de São Paulo e do Brasil, e marcou um momento de inflexão da política brasileira que surfou, neste período, na onda das vitórias fascistas na Europa. O fato de antecipar, no Brasil, o formato de *Seleções*, também confere destaque à iniciativa de Graciotti, de inspiração francófona, como muitos outros periódicos brasileiros. A imprensa brasileira, desde os seus primórdios no século XIX, sempre se valeu da caricatura para criticar costumes, valores, hábitos e práticas políticas. A obra clássica de Herman Lima bem atesta a criatividade e apuro técnico dos artistas brasileiros que dominavam a cena nas décadas de 1930 e 1940, a exemplo de J. Carlos, Belmonte e Calixto.¹³⁹

Os estudos de Roger Chartier acerca da história da leitura e dos leitores contribuíram de forma inequívoca, para a compreensão dos fenômenos relacionados à imprensa. Ao comentar as modificações ocorridas no campo historiográfico nos últimos decênios, o autor afirma “(...) los historiadores se vieron, así, incitados a privilegiar las apropiaciones individuales más que las distribuciones estadísticas, a comprender como um individuo o una comunidad interpreta, en función de su propia cultura, las ideas las creencias, los textos y los libros que circulan em esa sociedad que es la suya”.¹⁴⁰ Ainda segundo o autor, os aspectos materiais podem modificar sensivelmente o sentido de um texto.¹⁴¹

O mesmo pode-se afirmar em relação à imagem, pois uma vez que as caricaturas foram selecionadas de outras publicações e inseridas em *Inteligência*, cabendo destacar

¹³⁹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, 4 v.

¹⁴⁰ CHARTIER, Roger. *El pasado presente. Escritura de la historia, historia de lo escrito*. México: Universidad Iberoamericana, 2005, p. 19-20. As possibilidades políticas do trabalho com as imagens foram referidas por Chartier da seguinte forma: “(...) para cada objeto de análise, devemos pensar ao mesmo tempo no espaço, no campo de coerção, de coações, de interdependências que não são percebidas pelos indivíduos e, ao mesmo tempo, localizar dentro dessa rede de coações um espaço para o que chamava “sentido prático”, ou estratégia, ou ajuste às situações – e que, inclusive, para indivíduos que têm as mesmas determinações sociais, não funciona de maneira homogênea. E todo um trabalho feito sobre a história dos livros, história dos textos, história da leitura, pode ilustrar ou se apoiar nesta perspectiva”. CHARTIER, Roger. *Pierre Bourdieu e a história*. Rio de Janeiro: Topoi, mar. 2002, p. 151.

¹⁴¹ Segundo Roger Chartier, por exemplo, “um romance de Balzac pode ser diferente, sem que uma linha do texto tenha mudado, caso ele seja publicado em um folhetim, em um livro para os gabinetes de leitura, ou junto com outros romances, incluído em um volume de obras completas”. In: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp: 1999, p. 138.

que as razões e critérios utilizados para seleccioná-las permitem delinear as orientações políticas de seus responsáveis.¹⁴² Christian Delporte, historiador francês que se dedicou ao estudo das fontes iconográficas ao longo do século XX afirmou que

(...) miroir et reflet de l'opinion publique, le dessin permet de comprendre les racines, la construction et l'évolution des mythes, le fonctionnement complexe de la propagande; de cerner le caractère des polémiques et de restituer l'intensité des passions politiques, de suivre le chaminement des notoriétés.¹⁴³

As primeiras décadas do século XX foram ricas no que se refere às imagens colocadas em circulação pelas revistas ilustradas brasileiras. Não resta dúvidas de que havia uma imensa gama de material iconográfico que trazia ao público caricaturas, desenhos, colagens e propagandas.¹⁴⁴ Christian Delporte, partindo da análise da conjuntura francesa, lembra que

(...) les quotidiens et les hebdomadaires d'opinion de l'entre-deux-guerres s'en saisirent avec avidité, lui offrirent la première page, l'utilisèrent comme une arme politique d'autant plus redoutable que, sous couvert de l'humour, leurs auteurs pouvaient tout dire et tout montrer.¹⁴⁵

A utilização da imagem como arma política constitui-se numa característica marcantes deste período.¹⁴⁶ Annie Duprat, ao avaliar as dimensões dos fenômenos ocorridos no século XX assinala:

¹⁴² No livro em que trata da representação humorística nos primeiros anos da República, Elias Thomé Saliba assinalou: "(...) podemos caracterizar a representação humorística, portanto, como aquele esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim, as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás. (...) mais do que percepção e sentimento da ruptura e da contrariedade, a representação humorística é uma epifania da emoção. Ela se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários", *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 29.

¹⁴³ DELPORTE, Christian. L'image, un outil d'approche du pacifisme (1919-1939). L'exemple du dessin de presse. Paris: PUF, *Revue historique*, 1992/3, n. 583, p. 120.

¹⁴⁴ Assim, a noção de que a imagem funcionava como mera ilustração de conteúdos tornou-se insustentável. Zélia Lopes da Silva, ao estudar o carnaval na cidade de São Paulo, tendo como fonte as revistas e as caricaturas sobre os prêmios, assinalou que "essas questões deslocaram-se rapidamente, apontando para o entendimento da imagem (fotográfica, caricatural ou pictórica) em sua dimensão mais ampla, buscando os seus pontos de intercessão e não somente de seccionamento", *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Edunesp; Londrina: Eduel, 2008, p. 35.

¹⁴⁵ Idem, p. 120.

¹⁴⁶ A caricatura seria "une arme de combat, mais pas toujours; elle est un objet d'humour, mas pas toujours; elle se déploie aisément dans une société où règne la liberté d'expression et apparaît comme l'une des conditions nécessaires à l'existence de la démocratie...mais n'est jamais plus brillante que sous les régimes autoritaires (...) ou totalitaires (...) car la censure la contraint alors à déployer des trésors d'inventivité", DUPRAT, Annie. Caricature, In: DUPRAT, Annie. Caricature, In: DELPORTE, Christian, MOLLIER, Jean-Yves & SIRINELLI, Jean-François. *Dictionnaire d'histoire culturelle de la France contemporaine*. Paris: PUF, 2010, p. 132.

(...) l'image construit l'événement et sa mémoire, et c'est le seul nom d'Auschwitz qui résonne à présent comme le symbole absolu du crime contre l'Humanité, alors que l'extermination perpétrée dans les camps de Dora ou Sobibor, détruits dès 1943 par les nazis, est pratiquement rejetée hors de notre mémoire à cause de l'absence totale de figuration. Tout se passe de nos jours comme si la connaissance devait passer par la preuve et la preuve être donnée par l'image...ce qui fait peser sur elle une responsabilité hors de toute logique quand on sait la facilité avec laquelle une image peut être détournée et manipulée.¹⁴⁷

Ao tratar especificamente da caricatura utilizada para fins políticos,

Violente et souvent partisane, rabaisse les grands, s'érige en juge de leurs actions et de leurs décisions, en expriment le refoulé d'une société dont elle révèle les aspirations. Avec les chansons et les libelles, les caricaturistes composent un 'air du temps', un bruit de fond, prémise d'une opinion publique bien constituée.¹⁴⁸

Pelo exposto pode-se inferir que as imagens, fontes às quais os historiadores recorrem com frequência cada vez maior, exigem tratamento metódico porque¹⁴⁹

(...) trabalhar historicamente com imagens obriga, por óbvio, a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo, a que agora cumpre acrescentar a ação. As imagens não tem sentido em si, imanes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas – com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar.¹⁵⁰

No editorial intitulado “Aos nossos leitores”, de Dezembro de 1935, ao referirem-se à inserção de material iconográfico nas páginas do periódico, os editores informaram que “a série de desenhos e caricaturas, que ilustram o nosso mensário”

¹⁴⁷ DUPRAT, Annie. *Images et histoire. Outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques*. Paris : Belin, 2007, p. 80.

¹⁴⁸ DUPRAT, Annie, In: DELPORTE, C.; MOLLIER, Jean-Yves & SIRINELLI, Jean-François, *Op. cit.*, p. 134.

¹⁴⁹ Vale lembrar que, de acordo com CHAUI, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 46, “unindo o disperso, a imagem, espelho dos dados imediatos, exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento, graças ao seu aspecto ordenador”.

¹⁵⁰ MENEZES, Ulpiano T. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 23, nº45, pp. 11-36, 2003. A bibliografia comentada pelo autor, nesse texto, será objeto de leitura, pois se consubstancia em estudos clássicos sobre o tema iconográfico. A historiografia referente à análise da imagem não é recente e compreende um vasto e complexo campo analítico. Para BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 17, por exemplo, “(...) o uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, de crença, de leite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas”.

visava “enriquecer as páginas de *Inteligência*”.¹⁵¹ Longe da mera ilustração, a análise sistemática permite afirmar que esse material possuía uma dinâmica e sentidos próprios no projeto editorial da revista ganhando, não raras vezes, status de editorial.¹⁵²

Os editores valiam-se do imenso corpus imagético disponível e em circulação nos mais variados tipos de impressos estrangeiros. Christian Delporte chama a atenção para este fenômeno

(...) encore peu explorée par l'historien du contemporain: la circulation planétaire des images. Au temps de la mondialisation, l'idée paraît banale. Mais les spécialistes des périodes plus anciennes nous montrent combien le phénomène est peu récent. Échanges, transferts, influences réciproques, résistances identitaires alimentent l'histoire du visuel et touchent aussi bien les images d'information que les images symboliques. Par conséquent, l'image, étudiée dans le cadre d'une histoire comparée, se révèle un outil précieux pour comprendre les échelles de construction des représentations collectives, les prémices, le rythme et les modalités de la 'mondialisation culturelle'.¹⁵³

Uma das primeiras caricaturas da política internacional publicada nas páginas de *Inteligência* evidencia de que maneira este fenômeno ganhou forma nas primeiras décadas do século XX no Brasil. A imagem veio à lume no primeiro exemplar da revista que entrou em circulação em janeiro de 1935 e, segundo os editores, teria sido coletada do periódico russo intitulado *Krokodil*.¹⁵⁴

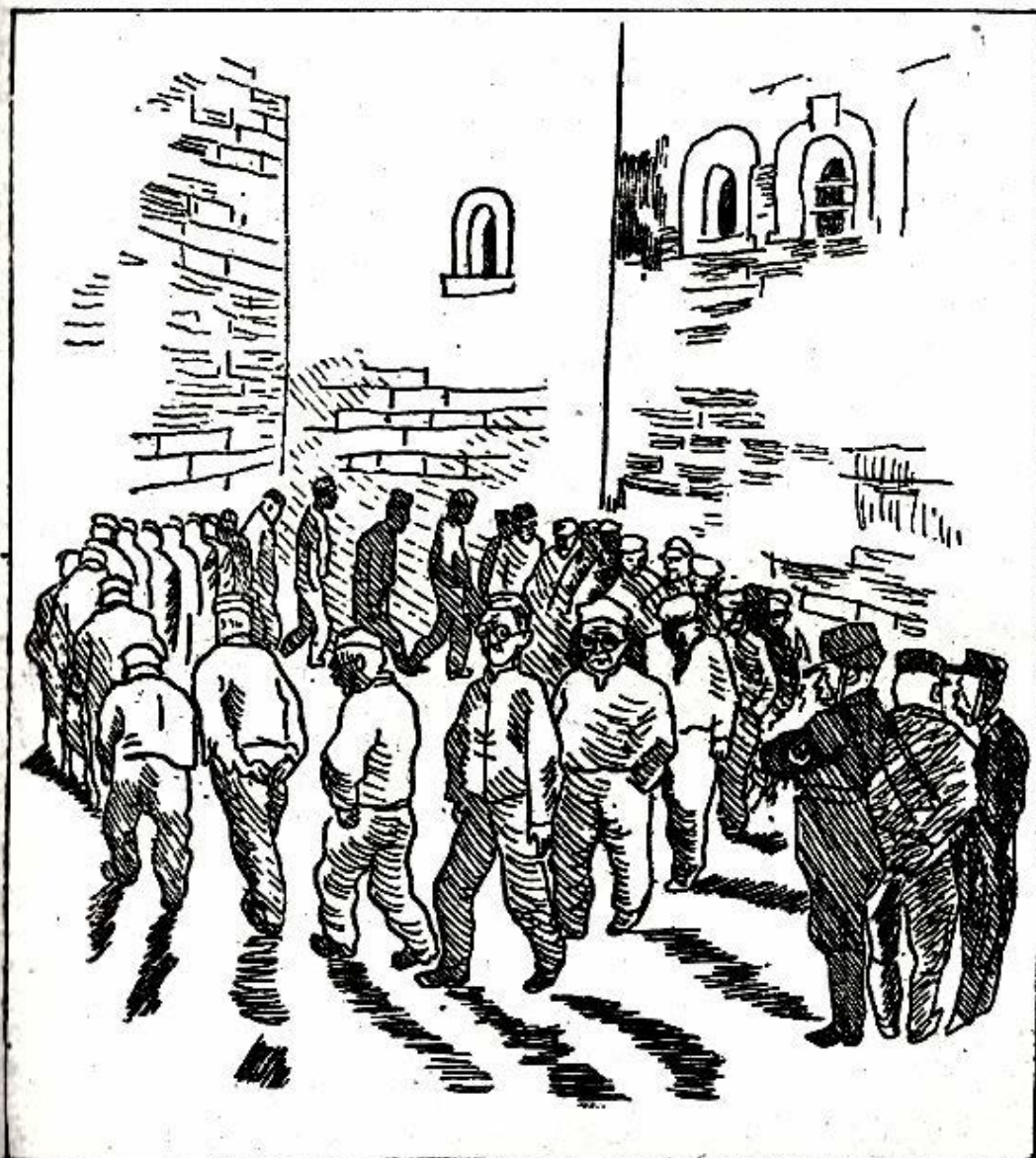
¹⁵¹ Aos nossos leitores, *Inteligência*, Ano I, nº 12, p. 11, dez. 1935.

¹⁵² Carlos Abreu Sojo, ao elaborar uma classificação às caricaturas, afirmou que a caricatura editorial “es fundamentalmente política – en el sentido más amplio del término”. O autor contrapõe esta à caricatura de ilustração, à qual “suele tratar, además de esa temática, otras áreas. En deportes, por ejemplo, es frecuente su uso”. (2001): *Periodismo Iconográfico* (X). Clasificaciones sobre la caricatura (y 2). Revista Latina de Comunicación Social, 45. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2001/latina45diciembre/4506abreu.htm>, acesso em 10 dez. 2013. Como os editores efetuavam alterações nas imagens que gravavam nas páginas do mensário, não parece equivocado afirmar que se tratava de uma intervenção que conferia à imagem status de editorial que buscava, em certa medida, sintetizar a visão de mundo dos intelectuais engajados naquele projeto.

¹⁵³ DELPORTE, Christian. *Images et politique en France au XXe. siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2006, p. 16.

¹⁵⁴ Na *Enciclopédia Britannica* a revista foi descrita como “humour magazine published in Moscow, noted for its satire and cartoon”, In: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/323736/Krokodil>, Acesso em 15 jan. 2014.

Como a Rússia vê a Alemanha



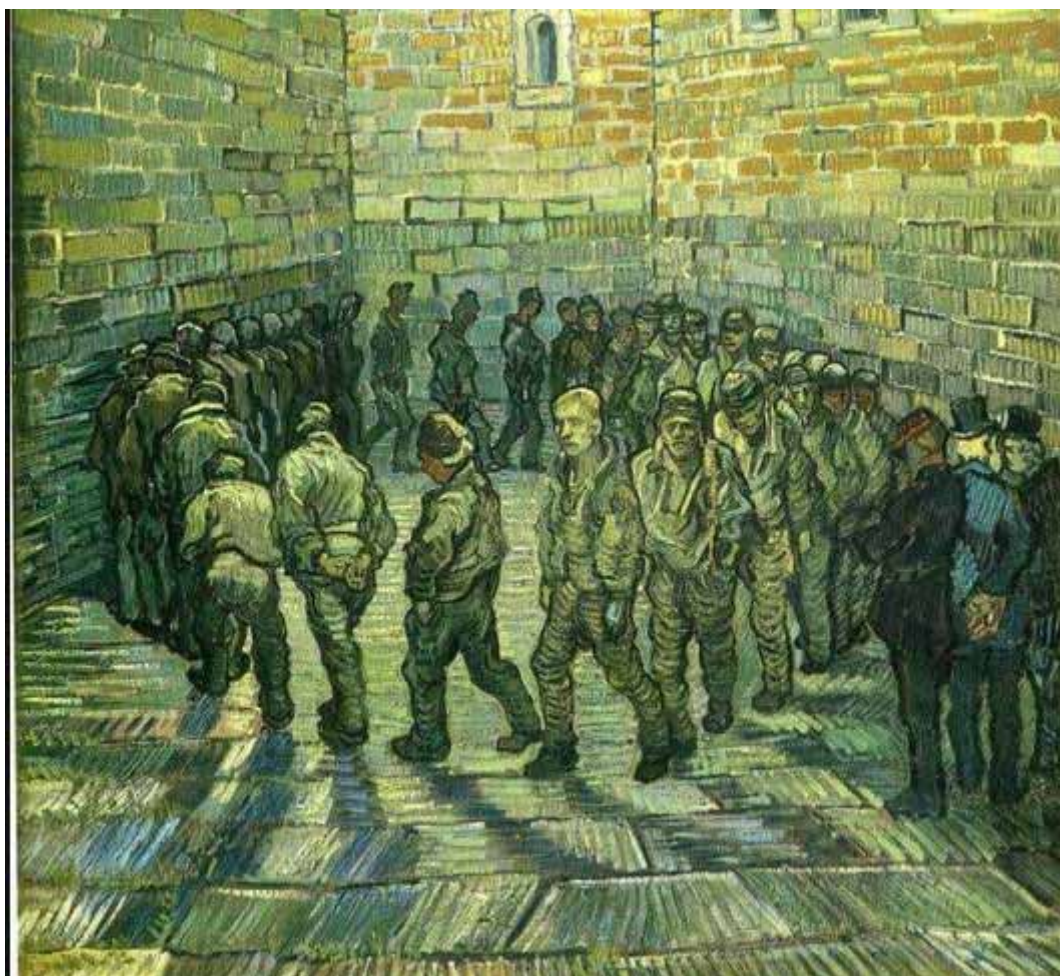
Uma academia literário na Alemanha (Krokodil, Moscow)

Inteligência, Ano I, nº 01, jan. 1935, p. 53.

O periódico russo, no intuito de atacar aquela que seria sua principal inimiga no campo das relações internacionais ao longo dos anos 1930, colocou em circulação tal caricatura para afirmar que na Alemanha os acadêmicos estavam submetidos ao regime prisional, censurados, comandados por forças governamentais que detinham o controle sobre o que era escrito. Dentro do material iconográfico selecionado para o primeiro número do mensário paulistano esta imagem dialogava com uma segunda, intitulada

“Como a Alemanha vê a Rússia”, na qual se criticava as dificuldades vivenciadas pelo proletário daquele país.

A imagem inserida em *Krokodil*, entretanto, não era original. Na verdade, tratava-se de uma releitura da tela mundialmente conhecida, da autoria de Vicent Van Gogh, intitulada *Prisioners Round or Prisioners Exercising*, datada de 1890.¹⁵⁵ Nela, os prisioneiros andaram em círculo, observados por guardas. A arquitetura prisional e o movimento executado pelos homens aparecem exatamente da mesma forma na imagem da revista soviética.

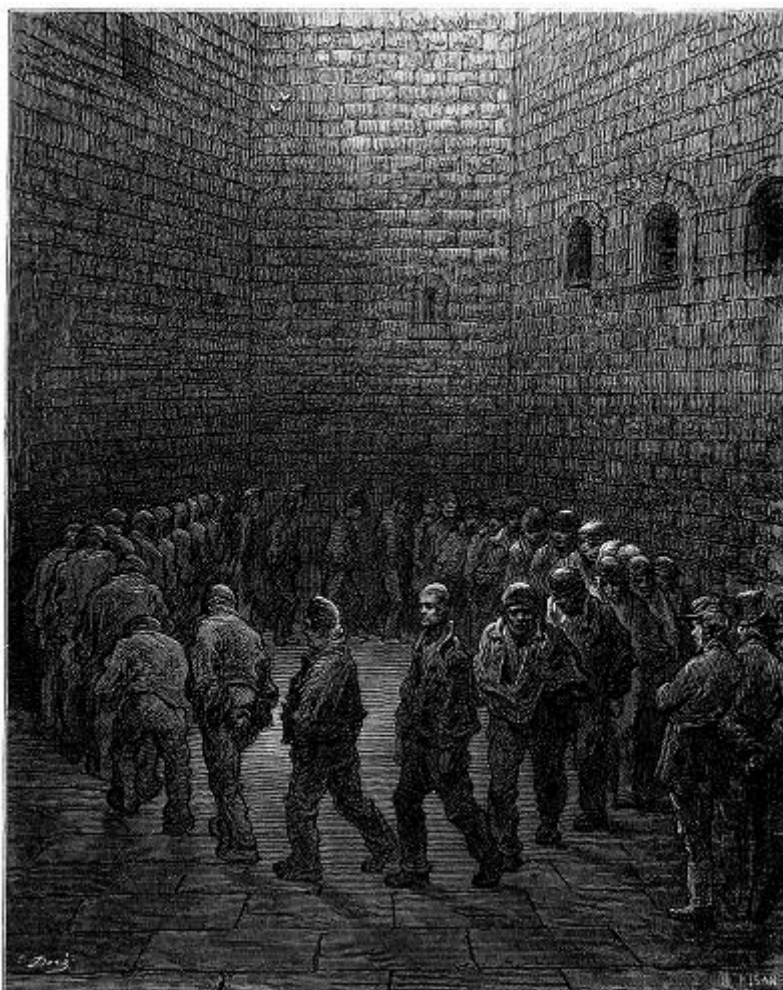


Vincent Van Gogh, *Prisioners Round or Prisioners Exercising*, 1890.

Ocorre que a tela do pintor neerlandês era também uma releitura. A obra a partir da qual ele se baseou para compor esta tela foi composta por Gustave Doré, publicada

¹⁵⁵ Agradeço à professora Tânia Regina de Luca que chamou a atenção para tal similaridade.

dezoito anos antes, em 1872, no livro *London, a pilgrimage*, que levava a assinatura de Doré e de Blanchard Jerrold.¹⁵⁶



Gustave Doré, Newgate Exercise Yard, em *London. A pilgrimage* by Gustave Doré and Blanchard Jerrold, London: Grant & Co, 1872.

Pelo exposto, pode-se inferir que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte houve uma imensa gama de imagens, conhecidas e compartilhadas por homens de letras e pintores que tinham, dessa forma, um rico material a partir do qual poderiam se inspirar a criar algo novo. Esse patrimônio iconográfico comum, fruto da circulação planetária das imagens, foi responsável pelo estabelecimento de uma experiência visual que, no Brasil, transformou-se na fonte

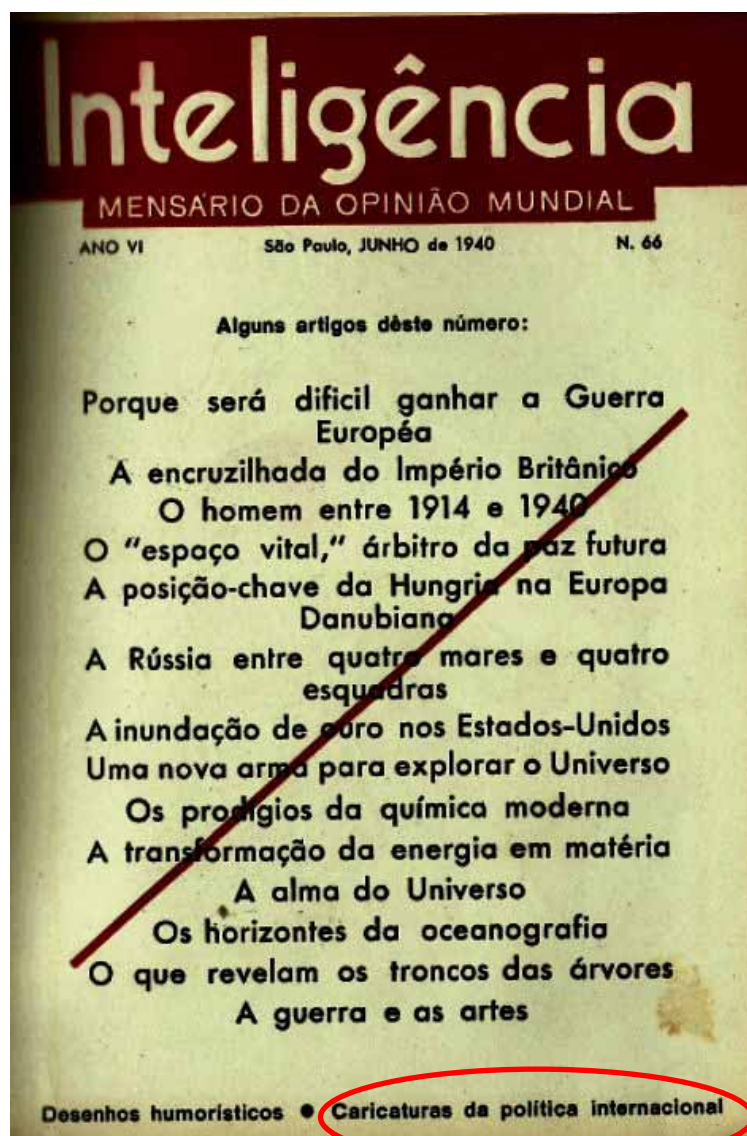
¹⁵⁶ A obra pode ser consultada no site da Gallica, no seguinte endereço: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10470488/f15.image>, Acesso em 15 jan. 2014.

mobilizada pelos responsáveis, tinham à disposição um rol diversificado, a partir do qual podiam selecionar as caricaturas que melhor lhes conviessem.¹⁵⁷

Contudo, de saída, é preciso explicar o sentido que o vocábulo “caricatura” adquiria na publicação. Os editores usavam o termo em sua acepção corrente, qual seja, denominavam caricatura desenho que exagerasse determinada característica física do retratado, mas também usavam o termo de forma mais livre, para referir-se a qualquer produção pictórica relativa à situação internacional. Assim, por exemplo, as *Caricaturas da política internacional* veiculava imagens variadas que visavam provocar risos de escárnio, zombaria ou crítica justamente por *caricaturizarem* a política externa das principais potências mundiais.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Ao estudar o período, o historiador da edição e do livro, Jean-Yves Mollier afirmou que “la mondialisation des répresentations et des fantasmagories était en marche bien avant 1914 et ne doit rien aux innovations ultérieures”, DELPORTE, C.; MOLLIER, Jean-Yves & SIRINELLI, Jean-François, *Op. cit.*, p. 215.

¹⁵⁸ No trabalho em que propõe uma definição para a caricatura, Carlos Abreu Sojo assinalou que “desde hacia mucho tiempo los contenidos de las caricaturas dejaron de ser de dominio exclusivo de personas (...) para dar cabida en sus trazos a otros protagonistas (...) algunos de ellos actúan como símbolos; otros representan ‘tipos’ del pueblo. Por ejemplo, la figura del Tío Sam, y de John Bull há sido empleada, entre otros usos, para simbolizar la voracidad imperialista de los Estados Unidos e Inglaterra, respectivamente”. Além disso, de acordo com o autor, “también es factible caricaturizar un acontecimiento, una institución, un partido, una situación o un lugar”. *Periodismo iconográfico (VII) Hacia una definición de caricatura* (1)Revista Latina de Comunicación Social [On-line] 2001, 4 (abril) : Acesso em 15 dez. 2013.



O destaque para as imagens era anunciado na capa, na parte inferior, lado direito.

Entre 1935 e 1938, os principais personagens e temáticas apresentadas por *Inteligência* foram: Mussolini e Hitler, a Sociedade das Nações, as Guerras na Abissínia e na Espanha além de material relativo à Inglaterra, ao Japão, aos Estados Unidos e à França. É importante acompanhar a trajetória dessas imagens ao longo do tempo, pois ela permite entender como se apreendia a conjuntura internacional. A fim de perceber as escolhas feitas, organizou-se, para cada ano, uma tabela com as caricaturas publicadas pela revista (Ver Anexos I a IV), bem como as revistas das quais foram retiradas as imagens (Anexo V) e aquelas que mais se repetiram (Anexo VI).

As tabelas permitem inferir que as imagens de Mussolini e de Hitler estiveram presentes, nesse período, de maneira quase uniforme, inseridas em praticamente todos

os exemplares de *Inteligência*. Entre janeiro de 1935 e junho de 1938, publicaram-se 60 imagens de Mussolini e, pelo menos, 53 de Adolf Hitler enquanto os demais chefes de Estado tiveram menor representatividade.

Vale destacar uma das estratégias utilizadas pelos editores que equiparavam os ditadores não com seus rivais diretos mas sim, com os ícones que representavam, historicamente, a França (Marianne), a Inglaterra (John Bull) e os Estados Unidos (Tio Sam). A prática de forjar o embate entre figuras alegóricas e ditadores reforçava o vínculo destes últimos com o presente, com o dinamismo da política enquanto enquadravam os demais personagens/países aos estigmas e arquétipos de um passado que necessitava ser revisto.

Ao fazê-lo, o responsável pela seleção imprimia a eles uma relação equânime: assim como os símbolos acima referidos sintetizavam as características de seu povo, Hitler e Mussolini também eram a Alemanha e a Itália. A revista expôs, por meio de tal profusão, o cenário político externo, dominado pela ação deles que, da Abissínia à Renânia e dos conflitos em Espanha à anexação da Áustria, ocuparam os vários palcos onde as lutas por hegemonia se desenrolavam.

Tal repetição colaborava na tarefa de identificar Mussolini e Hitler com seus respectivos países uma vez que, nas outras nações, havia rotatividade dos poderes decisórios. Desta maneira, propagava-se a idéia de que tal identificação gerava uma continuidade das ações governamentais enquanto nas democracias, a alternância das pessoas que ocupavam as posições de comando, trazia prejuízos para o país e gerava dissensões. Além disso, ao se engajarem nestes processos em várias regiões, os movimentos comandados por Mussolini e Hitler davam mostras de sua força.

O contexto internacional era de grande instabilidade e as disputas acirravam-se, razão pela qual a figura dos líderes dos países em confronto ganhava relevância. Ao segui-los em suas campanhas, os editores de *Inteligência* criaram um mosaico de imagens que era alimentado, mensalmente, com novas cores e matizes, fruto de sucessivos arranjos e rearranjos.

Outra temática recorrente nas páginas da revista, e que a tabela permite visualizar, é a que se refere à Sociedade das Nações. Esta ocupa o segundo lugar em número de citações, o que se justifica pela necessidade de fustigar a instituição que representava o poder das nações democráticas na esfera pública. Como fica patente, pode-se inferir que atrelada às citações recorrentes, subjaziam objetivos previamente

definidos: tecer elogios à condução dos processos políticos por parte da Itália e da Alemanha e demonstrar a fraqueza do grupo adversário, reunido em Genebra.

O mesmo pode-se afirmar sobre a grande quantidade de imagens que tinham como mote a Inglaterra e a Guerra Civil Espanhola. No caso da primeira, a iniciativa articulava-se ao projeto de expor os britânicos à críticas contundentes para denegrí-la; no que se refere ao conflito espanhol, ele foi mostrado como palco onde as ditaduras alemã e italiana demonstraram sua superioridade diante das democracias, impassíveis. Tratou-se a vitória de Francisco Franco como prova cabal do poder dos movimentos fascistas em detrimento do comunismo internacional, inimigo a ser derrotado interna e externamente.

Os dados denotam a profusão de imagens retiradas de publicações da Itália e Alemanha, que forneceram mais de 60% do material iconográfico. O destaque ficou com o periódico *Il Guerin Meschino*, fundado em Milão em 1882, do qual foram extraídas com 53 imagens que, em sua maioria, defendiam as políticas do *Duce*. Note-se que a presença de publicações francesas, como *Marianne*, situada em campo ideológico oposto, o que não significava, entretanto, diversidade de coloração política, uma vez que, desse tipo de publicação, selecionava-se apenas matérias que expressassem algum tipo de discordância com governos de potências democráticas.

A distribuição das temáticas ao longo do tempo poderia ser assim delimitada: em 1935, destacaram-se Mussolini, a Sociedade das Nações e o conflito ítalo-abissínio; no ano seguinte, Hitler, Mussolini, a Sociedade das Nações e o início da Guerra Civil na Espanha; este último foi o tema preponderante em 1937, junto às caricaturas do órgão genebrino, da Inglaterra e do líder italiano; de janeiro a junho de 1938, destaca-se o Japão, a Inglaterra e os Estados Unidos.

A divisão interna apresentava a seguinte estruturação: em primeiro plano, a Seção *Política*, que ocupava a maior parte do mensário; em segundo, a seção *Economia*, que tratava de assuntos econômicos globais e nacionais; a seção *Ciência*, era a segunda mais extensa e apresentava os resultados de pesquisas e inovações tecnológicas; a quarta, *Arte*, na qual os redatores inseriam discussões sobre teatro, música e literatura; enfim, a seção *Varia* ultimava as páginas da revista e tratava de assuntos de distintos ramos do saber.

INTELIGÊNCIA	
Mensário da opinião mundial	
Direção de SAMUEL RUBINHO Colaboração de CELESTINO FAZZIO	Praça Ramon de Azevedo, 16 SÃO PAULO (Brasil) Secretaria de MARIO GRACIOT J. MARIA MACHADO
ANO I	SÃO PAULO, Janeiro de 1935 N.º 1
INDICE	
<i>A quem ler</i>	pag. 7
Politica	
<i>O drama do Sarre</i>	" 9
<i>Individualismo ou coletivismo?</i>	" 12
<i>Liberalismo</i>	" 12
<i>A nova Turquia de Kemal Pacha</i>	" 13
<i>Rússia-Japão: "guerra inevitável"</i>	" 16
<i>A campanha de inverno na Alemanha</i>	" 20
<i>Uma realização socialista</i>	" 23
<i>Sindicalismo norte-americano</i>	" 25
<i>A religião nacional nazi</i>	" 26
<i>Trabalhismo</i>	" 28
<i>Capitalismo e corporativismo</i>	" 29
<i>Crítica do marxismo</i>	" 30
<i>O Estado Novo em Portugal</i>	" 30
Economia	
<i>O desemprego na Inglaterra</i>	" 30
<i>A crise da abundância</i>	" 36
<i>Liquidação de loucuras financeiras</i>	" 38
<i>As laranjas na Califórnia</i>	" 39

Ciência	
<i>A linha evolutiva das civilizações</i>	" 41
<i>O maior espelho para o maior telescópio</i>	" 45
<i>A nova era do rádio, segundo Marconi</i>	" 47
<i>A escarificação no século XX</i>	" 50
<i>As origens da civilização mediterrânea</i>	" 51
<i>A aviação na Rússia</i>	" 54
<i>As ascensões à estratosfera</i>	" 57
<i>A ascensão de Max Cosyns</i>	" 60
<i>Como se faz um desenho animado</i>	" 62
<i>A Índia misteriosa e a filosofia da renúncia</i>	" 65
<i>O mundo a quatro dimensões</i>	" 69
Arte	
<i>New York e Londres contra Hollywood</i>	" 70
<i>A música entre os índios do Brasil</i>	" 73
<i>A assimetria na arte japonesa</i>	" 74
<i>Música e revolução social</i>	" 75
Vária	
<i>Os prólogos de Bernard Shaw</i>	" 78
<i>A luta dos sexos</i>	" 79
<i>Mulheres de 1934</i>	" 83
<i>O combate contra a cegueira</i>	" 85
<i>As ondas curtas e a arte culinária</i>	" 88
<i>A costura em Hollywood</i>	" 90
<i>O futebol na Inglaterra</i>	" 91
<i>A sugestão pelo rádio</i>	" 92
<i>Noivas japonesas 1934</i>	" 92

Inteligência, Ano I, nº 01, jan. 1935.

Como forma de atrair uma gama maior de leitores, os responsáveis por *Inteligência* realizavam concursos que premiavam textos, telas, traduções ou produção literária que apresentassem características nacionalistas.¹⁵⁹ Pode-se inferir que esta distinção entre “desenhos” e “caricaturas” revela a diferenciação entre a arte, que fazia sorrir, e a mesma arte que trazia, em seu bojo, um tom de crítica social.¹⁶⁰

Os principais temas discutidos na seção *Política* relacionavam-se, ao longo do tempo, à situação da SDN (Sociedade das Nações), o retorno da Alemanha, da Itália e da URSS ao cenário internacional, como potências que ameaçavam o status quo europeu, ao poderio crescente do Japão, na Ásia, a atuação de Roosevelt, como

¹⁵⁹ O exemplar de junho de 1937 instituiu o prêmio Guilherme Guinle, a fim de estimular a dignidade profissional e a produtividade escolar. O nome desse empresário esteve diretamente ligado aos rumos que a revista tomou principalmente ao longo de sua segunda fase de circulação.

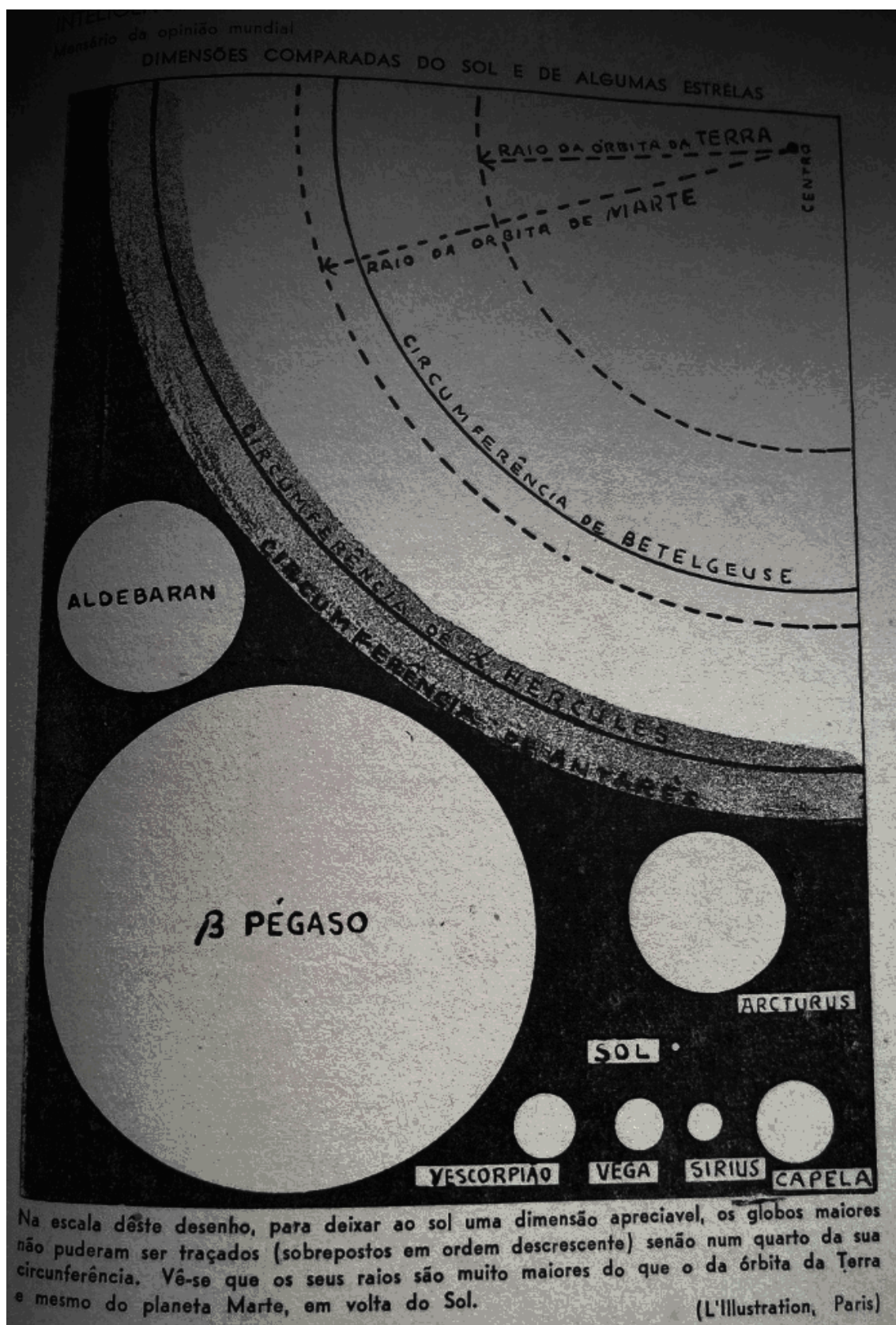
¹⁶⁰ Segundo GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História), Assis, SP: FCL, 2005, p. 69, “a palavra caricatura deriva do verbo italiano *caricare* (carregar, sobrecarregar) e surgiu em fins do século XVI, fruto da criação dos *ritrattini carichi* (retratos exagerados), dos irmãos Agostino e Annibale Carracci, artistas da Academia de Bolonha. Criação associada ao cômico, sem, entretanto, possuir a finalidade exclusiva de provocar o riso, esse tipo de desenho propõe uma ruptura com o equilíbrio das proporções e com a harmonia, colocando em evidência, por meio do exagero, determinadas características de uma pessoa ou acontecimento”.

presidente norte-americano e ao perfil dos ditadores europeus. Além disso, nas páginas de *Inteligência*, os leitores tinham acesso às discussões sobre os regimes de mais variados matizes: do comunismo ao liberalismo, da ditadura à democracia além de artigos sobre teoria política e econômica.

Neste último campo, os temas mais candentes e freqüentes foram: a dicotomia entre os sistemas autárquicos e democráticos, sobre as pesquisas e produção de materiais sintéticos como petróleo e tecido e, ainda, a respeito do crescimento da economia brasileira em alguns setores. Apesar da separação entre as seções política e economia, elas eram complementares e indissociáveis.

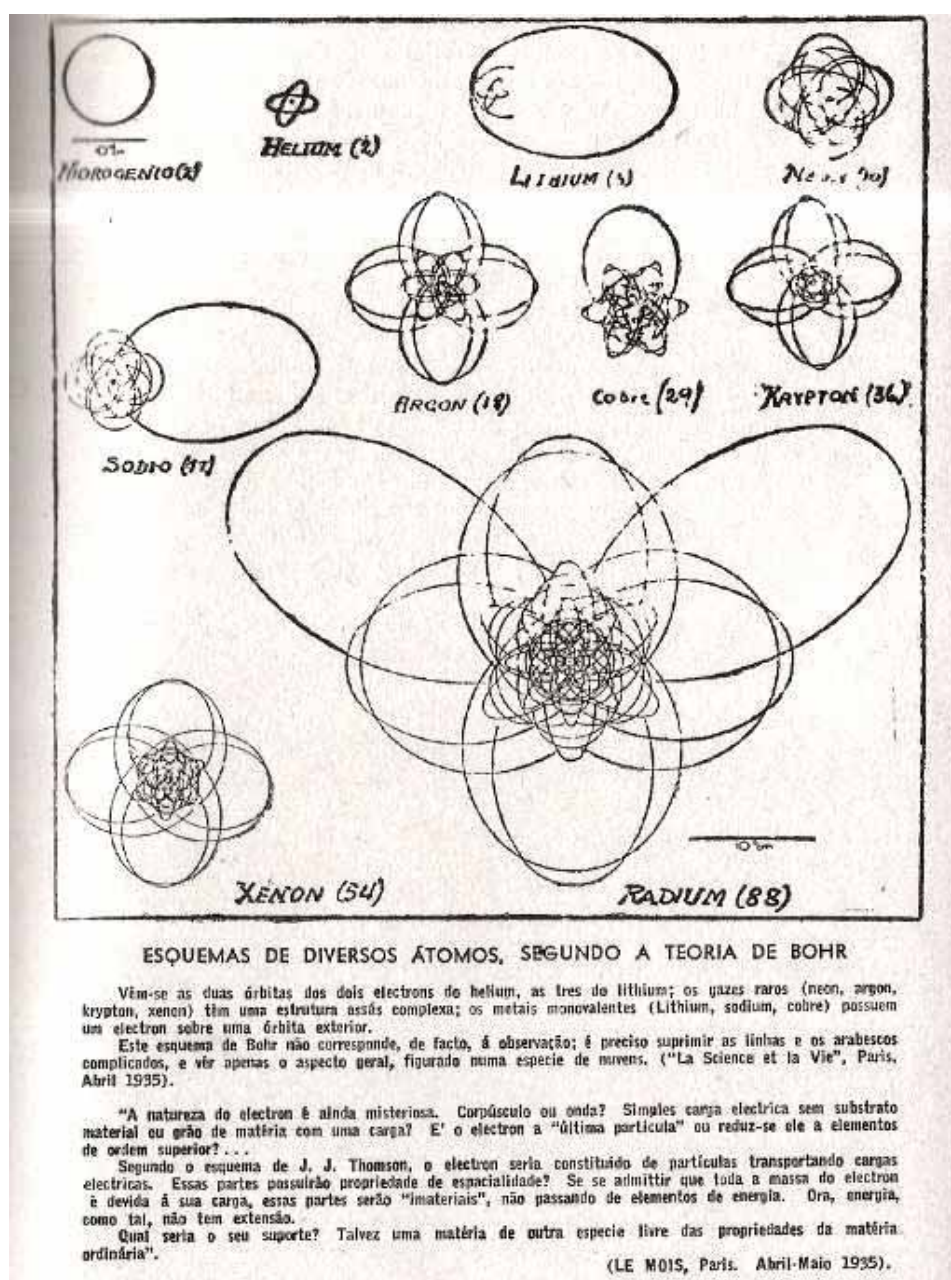
Além disso, os assuntos referentes aos sistemas econômicos, por exemplo, sempre refletiam determinadas escolhas políticas por parte dos redatores. Os artigos republicados em *Inteligência* que se referiam à evolução e crescimento dos negócios financeiros brasileiros eram extraídos, em sua maioria, do jornal *Diário de S. Paulo*, da cadeia editorial de Assis Chateaubriand. Ao inserir tais análises em suas páginas o mensário paulistano tomava uma posição frente aos intensos debates travados nesse período sobre as finanças públicas do país durante os primeiros anos de governo do presidente Getúlio Vargas.

Na seção *Ciência*, os principais temas tratavam das mais recentes descobertas do ramo médico, da física, química e biologia, no intuito de popularizar a ciência entre os leitores brasileiros, além de reforçar a sensação de que as inovações tecnológicas mais recentes apareciam na revista. Um dos temas caros aos redatores era a astronomia: textos que versavam sobre a rotação da terra, a posição do sol e a vida estelar eram os prediletos além da química e da biologia. Esta última ligava-se estreitamente aos esforços envidados pelos editores para a construção de uma nação saudável a partir da popularização de pesquisas deste ramo do conhecimento tais como aquelas que versavam sobre as descobertas das vitaminas e outras do mesmo teor.

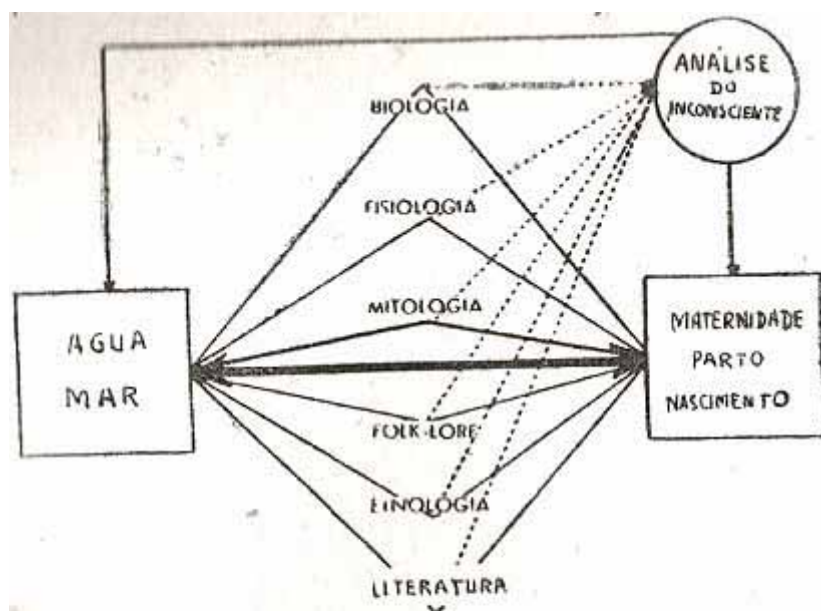


Lucien Rudaux, Astros Gigantes, *Inteligência*, Ano IV, nº 41, maio 1938, p. 75.

Os redatores destacavam, na seção *Arte* as discussões sobre a vida literária europeia e americana, o teatro, com destaque para Pirandello, e também sobre a condição do artista/intelectual diante dos problemas políticos contemporâneos. *Varia* finalizava a revista com textos curtos sobre assuntos dos mais diferentes matizes. Cumpre assinalar que tal especialização ou segmentação do conteúdo articulava-se àquela apresentada pela Sociedade de Estudos Políticos o que sugere uma continuidade nas temáticas estudadas, fruto daquelas indagações e preocupações político-sociais do início da década de 1930.



Marcel Boll, A constituição da matéria, *Inteligência*, Ano I, nº 07, jul. 1935, p. 65.



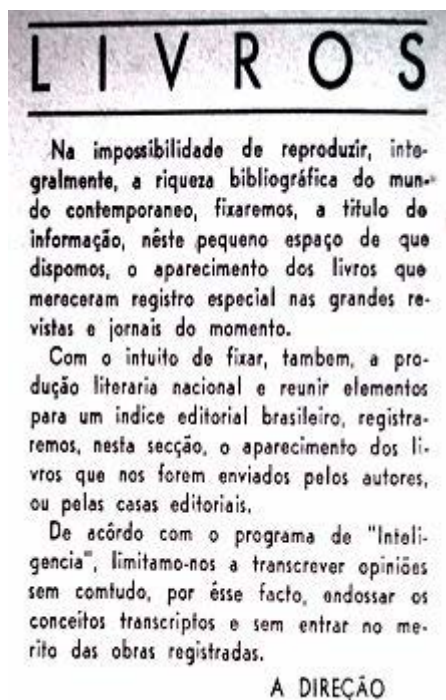
A psicoanálise extrai a relação simbólica, expressa pelos dois quadrados, através da exploração directa da vida psíquica inconsciente. Tal relação acaba de ser confirmada por depoimentos, provenientes de várias fontes, como a biologia, fisiologia, etc., e, de modo particular, da mitologia. A análise do inconsciente permite extrair contribuições não indiferentes à compreensão e ao juízo inerentes ao material cultural das diversas disciplinas. (Nota do autor).

Emílio Servadio Psicanálise dos mitos e dos símbolos, *Inteligência*, Ano II, nº 23, nov. 1936, p. 95.

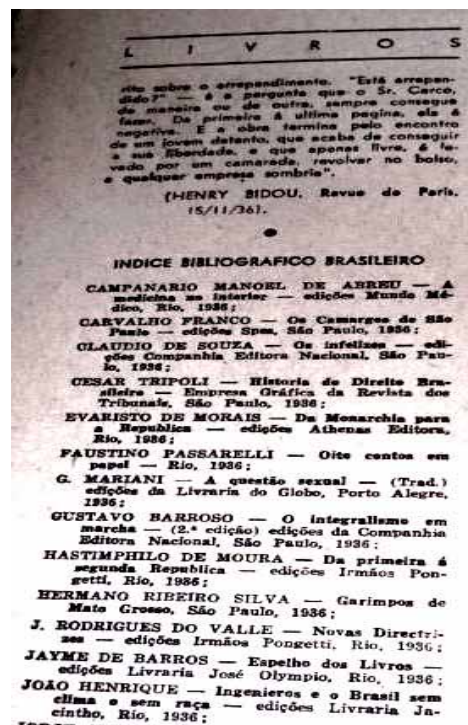
A revista iniciou, a partir do volume de julho de 1936, a publicação de uma seção chamada “Livros”. Nela, encontravam-se resenhas das obras publicadas em diversas línguas e o ‘Índice bibliográfico brasileiro’, que arrolava os títulos publicados no Brasil ao longo do ano. Esta seção, que era elaborada a partir dos mesmos critérios que norteavam a escolha do material textual e iconográfico, demonstra que durante sua primeira fase, *Inteligência* trabalhava com uma linha editorial que tinha na política a sua preocupação precípua. Na segunda fase, nota-se um esvaziamento destas questões que deram lugar aos assuntos vinculados ao campo literário.

Por meio de *Livros*, o leitor tomava contato com parte do que estava disponível no mercado editorial que, aliás, conheceu significativo incremento nesse período. Até 1938, era comum encontrar nesta seção as obras dos intelectuais ligados ao Integralismo, tais como Gustavo Barroso e Plínio Salgado, dentre outros. A partir de julho de 1938, momento que marca a guinada na linha editorial da revista, as obras de

cunho político foram retiradas da lista de livros brasileiros, que passaram, então, a privilegiar as de cunho literário.



Inteligência, Ano II, nº 19, jul. 1936.



Inteligência, Ano III, nº 25, jan. 1937.

Grande inovação tecnológica da época, o cinema também figurou no mensário, com destaque para as grandes produções norte-americanas. Aqui, há que se fazer uma distinção: havia muita discussão sobre o tema nas páginas do mensário na seção *Arte*, que delimitava as áreas de provável intervenção da nova maneira de ver um filme. Todavia, estes comentários se referem à seção de nome homônimo, que surgiu no ano IV, número 37, de janeiro de 1938. A nota introdutória dizia:



Inteligência, Ano III, nº 25, p. 111, jan. 1937.

Houve notícias selecionadas de outras revistas estrangeiras, principalmente italianas, que comparavam e questionavam o poder de influência das telas contra os outros meios de comunicação de massa já conhecidos, como o rádio, e com aqueles que se desenvolviam, como a televisão, por exemplo. As discussões eram travadas em níveis não somente técnicos, como também ideológicos, com a preocupação de demonstrar como determinadas obras cinematográficas poderiam se transformar em arma para convencer os cidadãos.

Esta perspectiva poderia modificar os mecanismos de manipulação das massas tirando da imprensa escrita, por exemplo, o poder que ela detinha desde sua invenção. Talvez por isso os demais meios de comunicação, principalmente o rádio, foram criticados e tiveram seus malefícios apontados em artigos publicados por *Inteligência*. Vale destacar ainda que houve, nesta primeira fase da revista, textos que se referiam aos documentários, que tinham por finalidade expor à população o ponto de vista dos dirigentes. Novamente, os dois países mais citados e comentados foram a Itália e a Alemanha, a primeira mais que a segunda. Os textos versaram sobre a grandiosidade e a quantidade das salas de cinema italianas, que superavam as alemãs e as produções da UFA, de Berlim.¹⁶¹

Os filmes franceses mereceram especial atenção dos redatores, uma vez que representavam quase a metade dos filmes resenhados. Nota-se também o surgimento dos filmes de Walt Disney, que ficou mundialmente conhecido pelos clássicos infantis,

¹⁶¹Sobre a UFA, ver o livro de Sigfried Kracauer, *From Caligari to Hitler. A Psychological history of the German Film*. Princeton: Princeton University Press, 1947.

e ainda, da cineasta alemã Leni Riefenstahl, cuja película *Olympia* apareceu no rol de *Inteligência*. A equiparação das telas aos livros permite concluir que enquanto na seção de livros havia a preocupação de selecionar e propagar obras de autores da direita tal estratégia estava ausente na seção de filmes do mensário.

Em julho de 1938, graças ao sucesso obtido pela revista, foi fundada a *INTELIGÊNCIA EDITORA LIMITADA* que, a partir daquele mês, tornou-se responsável pela publicação de *Inteligência* e de *Viver: mensário de saúde, força e beleza*, pautado pelos critérios da eugenia. Integrou a redação, a partir desse momento, Waldemar Luiz Rocha, fundador da SEP, na qual integrou a seção de Higiene e Medicina Social, ao lado de Mario Gracioti.¹⁶² Pelo exposto, o silêncio em torno da revista, raramente citada nas histórias da imprensa, chama a atenção, uma vez que a mesma alcançou considerável êxito junto ao público.¹⁶³

Além disso, com a publicação de *Viver*, os intelectuais que integravam o grupo de *Inteligência* poderiam diversificar sua atuação: enquanto na primeira tratariam dos problemas sanitários e eugênicos brasileiros, na segunda, discorreriam sobre os males políticos que o país deveria evitar. Publicada em formato livro, o periódico dedicado a difundir a saúde e as práticas da higiene, distinguia-se de *Inteligência* por inserir em suas páginas, desde o número inaugural, escritos de colaboradores brasileiros.



Viver, jul. 1938, capa do exemplar nº 01.

¹⁶² GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.* 1990, p. 51, afirmou que Waldemar L. Rocha “morreu relativamente jovem; sobrinho do antigo governador da Bahia, Luiz Vianna, Waldemar especializou-se em higiene, tendo sido diretor dos serviços oficiais contra a Febre Amarela, que grassava, então, no interior”.

¹⁶³ No inventário que realizou acerca da imprensa brasileira, Nelson Werneck Sodré não a citou, sequer uma vez, entre as revistas que circulavam em São Paulo. No livro, ao discorrer sobre os anos de 1930, ele destacava: Surgia, em S. Paulo, o mensário *Política*, dirigido por Cândido Mota Filho; em 1933, começava a circular ali *O Dia*; em 1934, surgiria a *Revista do Arquivo Municipal* que Mário de Andrade fez, em 1936, órgão do Departamento Municipal de Cultura. Começava a circular, em 1935, o *Jornal de Notícias*, dirigido por José Carlos Pereira de Sousa. (...) Em março de 1935, o prefeito Fábio Prado regulava a profissão de vendedor de jornais, na capital paulista. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



p. 05



p. 49



p. 73

Viver, jul. 1938, exemplar nº 01. Imagens esparsas reforçavam a ideia síntese da revista, a eugenia.

Impressa na mesma empresa que o mensário da opinião mundial, a Gráfica da *Revista dos Tribunais*, o primeiro exemplar contou com a contribuição de Geraldo de Paula Souza, catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina e diretor do Instituto de Higiene de São Paulo. No texto, intitulado, “Tenhamos fé no futuro da nossa raça”, o professor questionava:

(...) de que valem as obras de arte que se acumulam nos museus, a literatura das mais ricas bibliotecas, a música de Beethoven, o conforto da casa moderna, o transporte rápido de idéias e das coisas, pelo telégrafo ou pelo aeroplano, para o cego, o surdo, o insensível, o degenerado, o inculto?¹⁶⁴

O Brasil, evocava o autor, a despeito de suas paisagens e belezas geográficas, “com milhões de quilômetros de terra inexplorados e o brasileiro inculto, não passa de promessa, quiçá irrealizável de uma pátria problemática”.¹⁶⁵ Com o lançamento de uma revista de tal teor, Mario Graciotti expandia os limites de sua atuação e, utilizando-se de sua vasta teia de relações, dava forma a um projeto que ia da política (inter)nacional à higiene, campo de atuação no qual se inseria como médico.¹⁶⁶

A arquitetura planejada pelo idealizador da revista tinha seus pontos basilares fundamentada nesta teia que passava pela Universidade de São Paulo e pelo discurso médico, pela Caixa Econômica Federal, cujo diretor era também o proprietário de *Inteligência* e pelas livrarias que anunciavam nas páginas de suas revistas. Dessa forma,

¹⁶⁴ SOUZA, Geraldo de P. Tenhamos fé no futuro da nossa raça, In: *Viver: mensário de saúde, força e beleza*, Ano I, nº 01, p. 10, jul. 1938.

¹⁶⁵ Idem, p. 11.

¹⁶⁶ A publicação de revista voltada para as temáticas da saúde também não era novidade no mercado de impressos brasileiro nos anos 1930. Desde 1898, a *Revista Médica de S. Paulo (RMSP)* “vinha sendo regularmente publicada na capital paulista”. SILVA, James Roberto. A cidade e a revista: São Paulo e a Revista Médica, In: DEAECTO, Marisa Midori, GLEZER, Raquel, SECCO, Lincoln & SILVA, Marcos (orgs). *São Paulo – espaço e história*. São Paulo: LCTE, 2008, p. 89.

Mário Graciotti tinha acesso aos espaços de produção, consagração e circulação dos saberes das mais distintas áreas, da medicina à política.

O sucesso do empreendimento deve-se, em parte, a esta multiplicidade de contatos sociais por ele mantidos: como intelectual, tinha livre acesso às livrarias da cidade de São Paulo e aos editores e escritores; como médico, possuía uma formação que lhe permitia dialogar com seus pares em instituições como a USP, recém fundada, mas que já congregava a elite da sociedade daquela época; como funcionário público, detinha o conhecimento que lhe permitia diagnosticar quais eram os principais problemas no que concernia à saúde e à educação, temas caros aos dois mensários; como amigo de Samuel Ribeiro, que lhe acompanhou ao longo desta jornada, garantiu livre acesso ao capital econômico.

O mensário da opinião mundial do mês de julho trouxe dois encartes de propaganda sobre o lançamento de *Viver*. Em um deles, menor, tratava-se de apresentar, resumidamente, a nova revista, com suas 100 páginas, custo idêntico ao de *Inteligência* e explicitar a natureza do seu conteúdo. No outro panfleto, lia-se:

Viver! – Mensário de SAÚDE, FORÇA E BELEZA – que conta com as mais destacadas colaborações nacionais e estrangeiras, procurará, selecionará e publicará tudo o que concorrer para a execução de seu programa que interessará a todos os LARES, ESCOLAS, OFICINAS, ASSOCIAÇÕES CULTURAIS e SOCIEDADES DE CULTURA FÍSICA, por ser uma viva enciclopédia de educação individual e coletiva. Plasmada com as mesmas diretrizes de ‘*Inteligência*’, *VIVER!* será o seu natural complemento: a primeira cultivando e fortalecendo o espírito, a segunda cuidando e protegendo o organismo.¹⁶⁷

O texto, que foi veiculado como propaganda da nova iniciativa cultural, expunha a quem a nova revista interessava e concluía: *Viver* era o natural complemento de *Inteligência* pois, a partir de julho de 1938, mente e corpo deveriam ficar livres de quaisquer tipo de doenças. Com *Viver*, Mário Graciotti ampliava o projeto político para o ramo das ciências médicas, do qual era membro integrante, no intuito de expandir sua área de atuação num campo repleto de tensões e outros projetos. Não obstante, sua formação em Medicina na Universidade do Rio de Janeiro, e a companhia de Waldemar L. Rocha, que na SEP, ocupou a seção de Higiene, a iniciativa de publicar um mensário que tratasse destes temas articulava-se e, concomitantemente, explicava que tipo de projeto de país se pretendia defender.

¹⁶⁷Inteligência Editora Limitada, São Paulo, 1º de junho de 1938. Grifos no original.

Concurso de fotografias

Para a capa de *Viver!*

***Viver!*, primeira revista brasileira, exclusivamente dedicada a questões de higiene, educação física e eugenia instituiu um concurso permanente de fotografias para ilustrar a sua capa.**

Veja as condições no último número de *Viver!* e concorra, enviando-nos

fotografias de CRIANÇAS sadias, robustas, alegres, expressivas.

Instantâneos de MOÇAS em maillôs, em praias ou piscinas, em atitudes originais, modelos de elegância e saúde.

Fotografias de RAPAZES, de corpos esteticamente perfeitos e corretos.

Desenvolva o seu sentido de saúde integral e de beleza eugênica, tomando parte nesses concursos.

HA DIVERSOS PRÊMIOS INTERESSANTES e menções honrosas para aquelas fotografias que não alcançarem pontos suficientes para ilustrar a capa de "*Viver!*". Tais fotografias serão publicadas no texto da revista.

Inteligência Editora Limitada

Praça Ramos de Azevedo, 16 — S. Paulo — Brasil

Inteligência, Ano V, nº 54, jun. 1939.

De acordo com Antônio Carlos Duarte de Carvalho que analisou a relação entre as práticas médicas e as suas conseqüências sociais foi

(...) na área da Saúde que notamos as maiores mudanças em relação às épocas anteriores. O período que se estende de 1930 até o final do Estado Novo (1945) é marcado pela centralização cada vez maior dos poderes nas mãos do Estado,

por um alto grau de autoritarismo na implementação de políticas e por uma expansão crescente dos serviços de saúde.¹⁶⁸

Era neste cenário que a publicação de *Viver* se consubstanciava em mais uma estratégia nas mãos do grupo de Graciotti para a ampliação do projeto de Brasil defendido pelo médico de descendência italiana. A revista parece ter obtido grande sucesso e reconhecimento entre os profissionais da área porque congregava os nomes mais renomados da medicina paulista em suas páginas além de coligir textos de especialistas estrangeiros cujos trabalhos eram conhecidos no Brasil. Ao referir-se à publicação, Antônio Carlos Duarte de Carvalho afirma que era “uma das mais importantes publicações especializações em Saúde da época”.¹⁶⁹

Ao editar um periódico que se pautava pelos critérios da eugenia, Graciotti e demais colaboradores dialogavam com outras publicações então em circulação no país e em cujas páginas disseminavam-se os seus preceitos desde meados do século XX. Nomes como os de Renato Kehl e Oliveira Vianna foram destaques neste campo de divulgação e, não raras vezes, foram citados por *Viver* e *Inteligência*, num período marcado por “mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista”.¹⁷⁰ Tâmara Prior, ao se debruçar sobre este tema, assinalou que

(...) o movimento científico e social conhecido como eugenia fundou-se sobre este pilar decadentista: a missão de melhorar o patrimônio biológico da humanidade – e assim alcançar uma data perfectibilidade física e mental que evitaria a alarmante decadência – foi apropriada com afínco pelos movimentos eugenistas no Brasil e no mundo, principalmente durante a primeira metade do século XX. Uma significativa profusão de estudos eugenistas, bem como a articulação de sociedades que objetivavam estabelecer elos entre as conclusões das recém-descobertas leis de hereditariedade e as políticas públicas arrebataram cientistas, políticos, profissionais da saúde e juristas, entre outros, pelo mundo afora.¹⁷¹

¹⁶⁸ CARVALHO, Antônio Carlos Duarte. Saúde pública: centralização, autoritarismo e expansão dos serviços – São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *Revista de História Regional*, 10 (I): verão, p. 11, 2005. Tal perspectiva é corroborada por, MOTA, André & SCHRAIBER, Lilia Blima. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n° 02, abr-jun. 2009, p. 346, segundo os quais o período, “no plano político foi marcado pelo enfraquecimento das instituições médico-sanitárias estaduais frente ao novo governo, sendo exemplar o desmantelamento do projeto sanitário estadual, pulverizado nos anos 40 em diversas seções sem nenhuma articulação ou racionalidade de gastos”.

¹⁶⁹ Idem, p. 18.

¹⁷⁰ Cf. MOTA, André & SCHRAIBER, Lilia Blima. Mudanças corporativas e tecnológicas da medicina paulista em 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 16, n.02, abr-jun. 2009, p. 345-360.

¹⁷¹ PRIOR, Tamara. Contra a decadência: o mito da virtude eugênica, In: MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. & MOTA, André. *Eugenia e História: ciência, educação e regionalidades*. São Paulo: USP, 2013, p. 86. A autora oferece um histórico da atuação de Renato Kehl na produção de trabalhos sobre a eugenia no Brasil.

Na condição de funcionário da área da Assistência Social do Estado, da qual foi organizador, Mario Graciotti voltou seu olhar para a eugenia como arma a utilizar no combate aos males que assolavam o Brasil.



Inteligência, Ano V, nº 50, p. 38, fev. 1939.

André Mota, ao estudar as relações entre esta doutrina e o catolicismo, asseverou que este período

(...) foi profundamente marcado pela presença católica na corporação médica, principalmente quando o higienismo tinha espaço privilegiado nas políticas de saúde do Estado. Traduzido por seu cunho normatizador de hábitos e costumes, bem como por seu caráter preventivista e de cunho eugenista, tal perfil abriu espaço para que muitas prédicas católicas fossem incorporadas às ações dos médicos.¹⁷²

No que concerne à *Inteligência*, a última fase da publicação começou em Outubro de 1941, data a partir da qual o periódico aparece vinculo à Octaviano Alves de Lima,¹⁷³ proprietário da *Folha da Manhã*,¹⁷⁴ que a manteve até 1946, pouco tempo

¹⁷² MOTA, André & SCHRAIBER, Lília Bluma. Medicina católica e eugenismo no Brasil 1930-1950, In: MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. & MOTA, André. *Op. cit.*, p. 101. A proximidade entre os mensários editados por Mario Graciotti e a doutrina integralista, que tinha na proteção à família um de seus pilares, parece justificar as escolhas das temáticas que compunham ambos os periódicos.

¹⁷³ De acordo com NOGUEIRA, Andréa de Araújo. *As Folhas de Nabantino Ramos (1945-1962)*. www.ecausp.br/pjbr. Consultado em novembro de 2010, “Em São Paulo, a recém-criada empresa Folha da Manhã Ltda. inicia a publicação em fevereiro de 1921 do jornal Folha da Noite, nas oficinas do O Estado de S. Paulo. O jornal concentrava-se em temas populares e urbanos, sob a direção de Olival Costa (1921 a 1931), movida também pelo interesse na modernização da linguagem cotidiana. (...) Após o empastelamento em 1930, resultado do apoio de Olival ao governo e a candidatura de Júlio Prestes, prevalece uma atitude legalista atrelada aos interesses da oligarquia paulista. Olival Costa, sem condições físicas de sustentar o jornal, vende suas ações para Octaviano Alves de Lima, representante da economia agrária, que permanece seu proprietário durante os quinze anos do primeiro governo de Getúlio Vargas”.

¹⁷⁴ De acordo com Mário Graciotti, até aquele mês, tinham sido publicados um milhão e quatrocentos mil exemplares da revista. In: GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*, 1980, p. 245.

depois da vitória das forças aliadas e da derrocada do Estado Novo.¹⁷⁵ De acordo com Mário Graciotti, “(...) de outubro em diante, passamos a propriedade e a direção da mesma ao dr. Octaviano Alves de Lima, dono e diretor, na época, da antiga *Folha da Manhã*. A revista *Inteligência*, dirigida por Rubens do Amaral e por mim durante alguns meses, foi, em seguida, entregue a um amigo do dr. Octaviano, o sr. Alexandre Fernandes”.¹⁷⁶ Beatriz Sarlo, ao estudar as relações entre os intelectuais e as novas demandas políticas da década de 1930 asseverou que

(...) como era previsible, las revistas son un instrumento privilegiado de intervención en el nuevo escenario. (...) En las revistas se procesan todos los tópicos y se definen los obstáculos que enfrentan los movimientos de renovación o democratización. Ellas diseñan estrategias y allí se definen las formas de coexistência o conflito entre diferentes fracciones del campo cultural. (...) Las polémicas y enfrentamientos están en las revistas: desde el conflicto, procesado de las maneras más diversas, entre intelectuales de origen tradicional e intelectuales recién llegado, de orígenes inmigratorio, hasta el debate sobre el lugar del arte y la cultura en la sociedad, la relación, afirmativa o negativa, con los gustos del público y la funcionalidad o afuncionalidad del arte respecto de las ideologías y la política.¹⁷⁷

O estudo dos periódicos que compreendem este primeiro período da pesquisa permite concluir que a revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* foi lançada para preencher a lacuna apontada por Mário Graciotti no mercado editorial brasileiro, como uma forma de intervenção no espaço público para promover o debate de idéias de cunho autoritário da direita brasileira no intuito de massificar, por meio da difusão de textos e imagens, esta visão de mundo.

Após ter esquadrinhado as páginas da revista, expondo as seções que a compunham e de destacar a maneira como se dava o processo de edição dos conteúdos, intenta-se demonstrar quais os temas recorrentes, definir as principais preocupações dos

¹⁷⁵ Segundo CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1977, (...) a Segunda Guerra Mundial, com suas conseqüências, modifica a situação da política interna. As diversas oposições – lideradas inicialmente pelos estudantes e pelos comunistas – se aproveitam da situação para forçarem a entrada do Brasil na Guerra. Ficar ao lado dos países democráticos significa oposição aos grupos totalitários do Estado Novo. O processo, assim, representa maior inter-relação entre o mundo externo e o interno. Desta maneira, cada vez que os países totalitários de direita recuam militarmente, a ditadura brasileira perde força”.

¹⁷⁶ Idem. Vale lembrar que Mário Graciotti não abandonou o cenário intelectual paulista e nacional depois de sair da revista. No ano seguinte, ele encetou outra iniciativa: a fundação de um clube do livro. De acordo com HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.*, p. 411, “seguiu-se, em janeiro de 1943, Mário Graciotti, com o mais democrático ‘Clube do Livro’, baseado em três princípios: ‘texto limpo e anotado, preço barato, entrega em domicílio’. Sua produção iniciou-se com uma edição de O Guarani, de José de Alencar, em julho de 1943. Daí em diante lançou mensalmente uma obra de literatura, muitas vezes um romance brasileiro inédito, para um quadro de sócios calculado, em janeiro de 1969, em mais de 50.000”.

¹⁷⁷ SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003, p. 27.

intelectuais ligados ao grupo de *Inteligência*, e avaliar de que forma estas preocupações se articulavam aos problemas brasileiros.

Capítulo II: *Inteligência*: mosaico político na Enciclopédia dos tempos modernos

A seleção do material textual e iconográfico elaborada pelos editores da revista resultou na construção de uma visão de mundo que defendia os regimes de direita, com destaque ao fascismo italiano, como melhor alternativa política para um mundo em crise. Neste capítulo, pretende-se demonstrar de quais armas Mário Gracioti valeu-se para compor um cenário político em que a direita era defendida e elogiada, enquanto a esquerda, o comunismo e os regimes liberais europeus foram criticados e ridicularizados.

A partir das práticas dos editores, é possível mapear as temáticas que lhes eram caras e as opiniões a respeito dos sistemas de governo e expectativas em relação ao Brasil. Dessa forma, compunha-se um mosaico que, renovado a cada mês, apresentava aos leitores uma dada leitura a respeito das questões que dominavam o cenário político. Acompanhar os rastros deixados por tais atos editoriais permite desvelar a visão de mundo propugnada pelos editores de *Inteligência*.

2.1. A tessitura do mosaico: o fascismo como inspiração

O fascismo italiano foi, indubitavelmente, o movimento político abraçado como ideal pelos intelectuais que editavam o mensário paulistano. Mário Gracioti, idealizador de *Inteligência*, voltou da visita que fez à Itália, na companhia de Plínio Salgado, impactado pelos resultados da implantação da ditadura de Mussolini. A fascinação pelo movimento e pelas vitórias que este conseguiu na arena internacional esteve presente nos primeiros anos em que o mensário circulou. Uma das caricaturas inseridas em um dos números iniciais da revista denotava essa percepção.



(Examiner, São Francisco).

Inteligência, Ano I, nº 02, p. 20, fev.1935.

O texto no qual a imagem foi alocada se intitulava “Monarquia norte-americana? Roosevelt 1º? Porque não?”, extraído da revista *Vanity Fair* e assinado por H. L. Mencken. Nele, o autor questionava esta possibilidade e concluía que “mais cedo ou mais tarde teremos de ter um rei”. Para ele, isso ocorreria uma vez que “o povo mais simples suporta mal as liberdades que lhe concederam e durante duas gerações tem tentado libertar-se delas”. Tais conclusões apareciam logo abaixo do título e serviam de resumo para o que o leitor encontraria ao longo do artigo. Essa estratégia gráfica prevaleceu nos artigos cuja extensão era maior ao longo dos quais, se alocavam as caricaturas da política internacional.

Monarquia norte-americana ?

Roosevelt 1.º ? - Porque não ?

(Vanity-Fair,
Boston, Nov.º. 1934).

H. L. MENCKEN

"Mais tarde ou mais cedo, estou convencido, teremos de ter um rei. O povo simples suporta mal as liberdades que lhe concederam e durante duas gerações têm tentado libertar-se delas".

A história das repúblicas mostra que elas tendem sempre a transformar-se em monarquias — às vezes por um processo gradual e furtivo, mais frequentemente por detonação e hemorragia. A república germânica, nascida com amigos e inimigos a procurar enraizá-la, não durou mais do que uns 14 anos. A república francesa, a terceira da série, tem-se mantido desde 1871, mas quem espera que ela atinja o fim deste século? Provavelmente, alguns românticos apenas. Ela, com efeito, tem sofrido já uma dúzia de molestias fatais, e a questão final é saber se se transformará em monarquia mascarada, à maneira de Mussolini, Hitler, Stalin, Masaryk, Pilsudsky, Kemal e Companhia, ou em monarquia franca e clara, com um Bourbon no trôno.

Esta tendência é frequentemente atribuída pelos inocentes que se disfarçam em historiadores às perniciosas combinações dos homens, mas a verdade é que ela se acha permanente e profundamente arraigada na natu-

reza humana, impossível de ser destruída.

O povo precisa de ser governado por homens superiores, não por iguais ou inferiores, e a experiência humana demonstra que a mais segura de todas as autoridades é ainda a de um nascimento real. Um rei pode ser, e é muitas vezes, um pouco estúpido, mas só por milagre poderá ser mais estúpido do que um Harding, um Coolidge ou um Hoover. Mal por mal, ele terá tido algum treino para exercer as suas funções e poderá, pelo menos, apresentar uma brilhante hereditariedade de talento para exercê-las. Bem ou mal, ele será pelo menos um "gentleman", no sentido que atribuímos à palavra, e assim estará já acima de todas as misérias e vergonhas, que marcam os homens que sobem do nada.

Nos Estados Unidos, como todos sabem, ensina-se às crianças das escolas que todos os reis são uns paranoicos e muitos deles assassinos e adulteros. Até o amável e altamente

Inteligência, Ano I, nº 02, p. 18, fev. 1935.

No caso acima, texto e imagem deixavam claro que as discussões sobre os sistemas políticos se encontravam em ebulição, inclusive nos Estados Unidos. Enquanto o autor defendia a instalação de uma monarquia a imagem mostrava o globo terrestre confuso a observar as diversas sendas apontadas pelas placas. É interessante observar que há uma alternância de cores entre os caminhos apontados que talvez sugiram aqueles perigosos e que deveriam se evitar enquanto os mais claros se tornavam possibilidades plausíveis.

O personagem, estupefato, parece se sentir confuso não pela variada gama de possibilidades mas sim pelas indicações que apontam em sua direção: Comunismo, Radicalismo e Despotismo. Enquanto estas miravam diretamente nele e outras na dimensão oposta, destacava-se outra, síntese entre a direita e a esquerda, em direção ao horizonte, no qual se viam pássaros a voar.

A despeito de se tratar de uma imagem recortada de uma revista norte-americana, não restam dúvidas de que seu conteúdo privilegiava o fascismo como paradigma político para as demais nações do mundo. Pode-se indagar, todavia, se tal imagem não foi modificada, antes de ser inserida nas páginas do mensário paulistano, pelos editores que a selecionaram. Não parece uma atividade complexa manter a estrutura do desenho e alterar as inscrições que a compunham no intuito de difundir tal apreensão da realidade.

De fato, ao longo desse período, os intelectuais responsáveis pela publicação erigiram uma representação do fascismo que tinha por finalidade aproximar do leitor as informações sobre as conquistas italianas. Para isso, diversas estratégias foram utilizadas, como a inserção de entrevistas com o líder do movimento, Benito Mussolini e de caricaturas que mostravam o ditador italiano esmagando inimigos e celebrando a vitória com aliados. Ao longo desta primeira fase, *Inteligência* se tornou uma imensa galeria na qual foram expostas as realizações de todos os ditadores europeus, de Salazar a Hitler, de Francisco Franco aos perfis laudatórios de Mussolini. O totalitarismo de esquerda, liderado por Stalin também foi objeto de análises e comentários nas páginas da revista que não poupou esforços no sentido de condenar as práticas e métodos dos comunistas soviéticos.

O regime de Mussolini deveria servir de paradigma ao Brasil, devido às suas conquistas em todas as esferas, nacional e internacional, pois era cheio de virtudes e pleno, em realizações. A estratégia dos responsáveis pela publicação, neste caso, era fazer do elogio do fascismo uma ponte para o integralismo uma vez que, no Brasil, o movimento de Plínio Salgado era o que mais se aproximava do governo italiano.

Desse modo, a tática consistia em exaltar os princípios básicos do integralismo por intermédio da leitura que eles fizeram da ideologia capitaneada por Mussolini. Os textos selecionados possuíam um caráter pedagógico e doutrinário e apresentavam aos leitores um perfil de liderança que se articulava ao do líder integralista. Além disso, nos primeiros anos em que circulou, a revista promoveu o debate de doutrinas econômicas, defendendo o corporativismo como solução para os problemas nacionais.

Diferentemente do que ocorreu com a imagem de Stalin, divulgada nas páginas do periódico, de maneira negativa, Mussolini ocupou considerável espaço nos primeiros anos da publicação como um chefe de Estado que trabalhava o tempo inteiro em benefício de seu povo. Mário Graciotti, pertencente ao círculo italiano fascista de São Paulo, foi um defensor daquela ideologia durante e depois os acontecimentos que conturbaram os anos 1930 e 1940. Anos depois, ao referir-se a esse período, Graciotti elaborou sua defesa da ideologia fascista:

(...) a concepção do fascismo nada tem de comum com uma atual concepção política, encarada como reacionária a qual não quer diálogo democrático. A simbologia adotada por Mussolini vem da antiga Roma dos litores, oficiais encarregados entre os romanos da época, de acompanhar e proteger os soberanos ou certos magistrados de relevo. Os litores marchavam em fileira, estavam munidos de um machado, envolvido este por um feixe de varas ('fasci') que traziam sobre o ombro esquerdo e que constituía a insígnia do poder supremo, como a indicar a força da união de todos. (...) O seu partido, ou a sua doutrina, fascismo, pretendia despertar no povo italiano um sentido unitário de apoio e de força nacionalista, sentimento este que estava enfraquecendo a olhos vistos. E assim, situando-se entre o extremado comunismo e o vacilante capitalismo, Mussolini empolgou grande parte do povo italiano, ávido de trabalho e de paz.¹⁷⁸

O excerto, cujo estilo está longe de ser dos mais elegantes, evidencia a tentativa de justificar o já derrotado movimento, agora transformado em vítima de um mal entendido histórico, que ele se esforça por justificar remetendo às práticas ritualísticas e tradições herdadas do Império Romano. Não admira que em 1935, ao iniciar a publicação do mensário paulistano, ele tivesse conferido grande destaque à Itália, por meio de textos e caricaturas.

Não resta dúvida que o mensário atuou, ao longo de sua primeira fase, na defesa dos ideais e metas propugnadas pelo governo italiano, como fica evidente nas imagens publicadas na revista. O primeiro ano de circulação coincidiu com as reivindicações coloniais de Mussolini no continente africano, período no qual ele tentou revisar os acordos diplomáticos firmados após a Primeira Guerra Mundial, que excluía aquela nação das benesses concedidas aos vitoriosos.

Duas entrevistas com o líder do movimento serviram de mote para evidenciar que tipo de personalidade dominava o cenário internacional naquele período. Na primeira delas, o autor assinalava que:

¹⁷⁸ Idem, p. 213-214.

(...) encontrei Mussolini ligeiramente emagrecido, mas, *sempre cheio de vivacidade, ágil, enérgico e senhor de si, dando uma extraordinária impressão de mocidade e de força.* (...) *Da sua boca não sai uma única palavra acrimoniosa. Essa lucidez imperturbável, essa segurança tranqüila causaram-me profunda impressão.* (...) *A Itália, mais que qualquer outra nação européia, necessita de colônias. Deveria tê-las recebido após a guerra. Não as recebeu o que não foi nada justo.* (...) A Grã-Bretanha conhecia também, no conjunto e nos seus pormenores, tudo quanto a Itália preparava contra a Abissínia. (...) *Para todos aqueles que nos criticam os italianos são lobos; os etíopes cordeiros. Entretanto esses cordeiros possuem bons dentes!*”¹⁷⁹

O Duce, apesar de apresentar jovialidade era provido de uma “lucidez imperturbável”, que impressionou o interlocutor. A imagem que se tinha de Mussolini, por meio da leitura, era a de um governante que defendia uma causa nobre e justa, uma vez que todos reconheciam – inclusive a Inglaterra – suas reivindicações.¹⁸⁰

A conclusão remeteu ao conflito entre italianos e abissínios que são mostrados como cordeiros de “bons dentes”.¹⁸¹ Deve-se questionar o motivo que levou os responsáveis pela publicação a escolher esse gênero textual para tratar de Mussolini. As entrevistas apresentavam ao leitor brasileiro a imagem de um chefe devotado cujo cotidiano era tomado pelos ingentes esforços de trabalhar pelo bem da nação. Em última análise, tais conversas ganhavam tons de propaganda política principalmente quando articulado às imagens que compunham a revista.

Em 1935, o ditador deu início a uma campanha contra a Abissínia, na tentativa de recriar um império colonial em detrimento das posições franco-britânicas. *Inteligência* cobriu amplamente a questão e esforçou-se por mostrar Mussolini como um ditador vitorioso e a Sociedade das Nações como símbolo da fraqueza das nações democráticas. O volume de Novembro de 1935 foi construído com esse propósito. Nele, os redatores imprimiram duas imagens de Mussolini em um texto que tinha a SDN como mote de análise. Extraído de *Marianne*, o artigo assinado por Emmanuel Berl

¹⁷⁹ RECOULY, Raymond. Uma entrevista com Mussolini, *Inteligência*, Ano I, nº 11, p. 25-30, Nov. 1935.

¹⁸⁰ Em outra oportunidade, um dos autores que tiveram seu texto selecionado pelos intelectuais que compunham a revista, relacionou Mussolini ao místico, sublime: “Parecia-me que, por maior que fosse sua força de vontade, *estava dominado por energias superiores*, possuído por essas grandes correntes *que plasmam o destino do mundo*, e quando me disse: ‘Eu não posso recuar’, não tive necessidade de refletir e considerar se tinha ou não razão: era a intuição direta que me afirmara que ele pertencia, *ele o povo que transformou, aos poderes que regem a humanidade*”. In: Roma, Londres, Genebra: pontos nevralgicos da Europa, *Inteligência*, Ano I, nº 12, p. 13-19, Dez. 1935. Para se ter a exata dimensão da magnitude do problema do abastecimento dos exércitos europeus conflagrados, um dos articulistas recordou-se da frase de Clemenceau, para quem “uma gota de petróleo vale uma gota de sangue”. In: O domínio do petróleo, s/a, *Inteligência*, Ano II, nº 14, p. 16, Fev. 1936.

¹⁸¹ A revista *Inteligência* participou ativamente das discussões do conflito entre Itália e Abssínia principalmente por meio das caricaturas do cenário internacional.

defendia a herança do parlamento das nações, pois “por mais fraca e incerta que seja, representa ainda o melhor recurso dos homens contra as guerras que o ameaçam”.

Enquanto, isso, as imagens foram recortadas dos periódicos *The New York Times* e *The Star*, de Melbourne. Por meio delas, o leitor concluía que a defesa apresentada pelo autor do texto era vã pois Mussolini ditava ordens no rádio, ladeado por diplomatas que conversam e pisava, com sua enorme bota, metáfora geográfica, sobre os obstáculos que lhe apareciam pelo caminho.

INTELIGÊNCIA
Mensário de opinião mundial

vigio, informações, etc. Têm uma autonomia de 12 horas de voo, desenvolvem uma média de 300 quilómetros por hora e são armados de 1 a 3 metralhadoras.

A aviação de assalto constitui uma especialidade da aviação militar italiana, pois ainda não foi praticamente adotada por outros países. Esse grupo tem por objectivo completar a acção do bombardeio, nascuto nas altas cotas, com uma acção audaciosa, muito veloz e de surpresa, com aparelhos levíssimos, que podem descer a cotas mínimas de 5 a 10 metros, para bombardear e metralhar à queima-roupa e desaparecer em seguida, rapidamente, antes que o inimigo, com os seus defesos anti-aéreos, possa tomar qualquer medida.

Pelas últimas estatísticas militares, o contingente da aviação italiana, em tempo de paz, era de 46 mil homens.

A RENOVAÇÃO DA FROTA INGLESA

Por ocasião da grande revista naval da frota inglesa, realizada em 1935, o número das unidades era de 150, ao passo que ultrapassava 200 em 1924. Além disso, o corpo de batelão (cruzadores, e destróieres de combate), em dez anos, havia diminuído de cerca de dois terços. Acrescenta-se que a maioria das capitâneas inglesas ("capital ships") tem mais de 20 anos de idade (o limite de idade dos navios, de combate são deve exceder de 24 anos) e a não longe de um confronto com as modernas unidades (velocidade, aparelhamento técnico, protecção), perdas nos ataques pelas outras potências navais mundiais, principalmente pela Alemanha. É o razão por que o governo britânico está organizando um programa naval de volta, que seguirá o padrão de somas não menos vultosas, pois tra-

taxa de "refazer" a marinha militar do Reino Unido.

(Le Science et la Vie, Paris, Setembro 1935)

O FECHAMENTO DO CANAL DE SUEZ

Em 29 de outubro de 1889, realizou-se, em Constantinopla, uma reunião em que foi assinada uma convenção a respeito do canal. Nela tornaram parte a Alemanha, a Austria-Hungria, a Espanha, a França, a Grã-Bretanha, a Itália, os Países Baixos, a Rússia e a Turquia. O tratado contém 17 artigos e estabelece o regime definitivo do canal. Ali se dispõem as principais:

Artigo 1.º — O canal marítimo de Suez estará sempre livre e aberto, em tempo de guerra como em tempo de paz, a todo navio de comércio ou de guerra, sem distinção de pavilhões.

Em consequência, as altas partes contratantes concordam em não prejudicar o livre uso do canal, em tempo de guerra como em tempo de paz. O canal não será nunca sujeito ao exercício do direito de bloqueio.

Artigo 4.º — Quando o canal marítimo aberto em tempo de guerra como passagem livre mesmo para os navios de guerra das beligerantes, nos termos do art. primeiro do presente tratado, as altas partes contratantes concordam em que nenhum direito de guerra, nenhum acto de hostilidade ou qualquer outro acto, fundado por fim de evitar a livre navegação do canal, poderá ser exercido no canal e suas partes de acesso, suas bocas, seus raios de 3 milhas marítimas dos seus portos, embora mesmo seja o Estado alemão, ou uma das potências beligerantes.

Desde a convenção de 1889 até à guerra de 1914, a neutralidade do canal foi sempre respeitada. Ela o foi também durante a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos em 1898, durante a guerra russo-japonesa de 1904-1905, e mesmo durante a guerra italo-turca em 1912, em que os navios italianos transitaram livremente.

Durante a guerra mundial a situação de facto mudou totalmente.

É possível indagar se essa liberdade de navegação não é suscetível de restrição.

INTELIGÊNCIA
Mensário de opinião mundial

Quando a convenção de 1889 foi concluída, não existia a Sociedade das Nações. Ora, a assembléa concedeu à Sociedade poderes que pareciam suspender, em certos casos, os efeitos de todas as convenções anteriores, qualquer que elas sejam. Assim é que no artigo 16 prevê-se que medidas económicas e financeiras a serem tomadas podem ser tomadas, por decisão do Conselho, contra um membro da Sociedade que tenha recorrido à guerra. A interdição da passagem do canal de Suez, sem que haja necessidade de a mencionar especialmente, compreende-se naturalmente no número destas medidas. Mas trata-se de uma sanção colectiva, ditada contra um Estado em ruptura de pacto, pelo Conselho, unanimemente.

É muito pouco provável que a S. D. N. se daria ao trabalho de pô-la em execução.

(L'Illustration, Paris, 7-9-35).

UMA DEFESA DA S. D. N.

As censuras que se fazem à Sociedade das Nações não são mais que a mesma esperança que nela deposita a humanidade. Essa

esperança só poderá ser frustrada pela sua própria vassalagem. Para aqueles que em 1915 acreditavam na última guerra, e que em 1918 imaginavam uma Sociedade das Nações, que salvasse do caos da Wilson, armada de ponto em branco como Minerva saiu do crânio de Júpiter e que imediatamente gritasse: "Não haverá mais guerra, nunca mais, em parte alguma! Eu estou aqui com a minha égide e a minha lança." — para fazer a S. D. N. foi uma grande decepção. Mas não existe, igualmente, de sua parte um estranho desconhecimento da marcha ordinária dos acontecimentos no mundo? Os princípios da vida são sempre humídes; a S. D. N. não é uma coisa empolpada, mas uma instituição muito jovem e fraca que continua o seu crescimento difícil, num mundo atormentado por velhos interesses e antigas paixões. Assim mesmo caminha, como pôde. E vai indo.

Desde que existe, não fornece aos seus adversários um único argumento positivo. Ninguém jamais pôde sustentar que a existência da Liga tenha causado ou agravado, de qualquer forma, um conflito. Caminha a conquista da China internacional pelo Japão. Se não existe a Liga, de onde se realizaria essa conquista? Ao con-



— Não será possível interromper o rádio, enquanto conversamos de paz? (The New York Times, Nova York)

Inteligência, Ano I, nº 11, p. 23, nov. 1935.

traria, a Liga reagiu muito incidente, re-
conhecer muitos povos, austeros no mundo
a dignidade das pequenas nações, a tráfico,
através de quantos dificuldades, e desastres,
uma linha de direito em que a maior parte
da humanidade caminha ainda felizmente.

É possível que não possa impedir a
guerra entre a Itália e a Alemanha. Mas, o
que é incontestável é que a retarda. Talvez
consiga limitá-la e abreviá-la. Não terá pro-
enchido todas as expectativas dos homens,
não terá conseguido extinguir a guerra,
assim como a polícia e a justiça não conse-
guem extinguir o crime, nem a medicina
e a cirurgia conseguem acabar com a doên-
ça e a morte. Terá, entretanto, constituído
um instrumento com o qual diminuir o tem-
po aberto à guerra, no espaço e no tem-
po. E' para ele, apesar de tudo, que se
voltam todas as forças materiais e morais
que tendem para a conservação da paz, seja
na Rússia dos Soviéticos, seja no novo movi-
mento religioso da Oxford. A paz será tanto
mais autável quanto mais forte for a So-
ciedade das Nações. A sorte de uma ligação
é de paz.

Nada sentido a Liga desempenhou per-
feitamente o objetivo para que foi criada.
Os que a desejaram, os que a desejam ain-
da, não se voltam, mais tarde ou mais cedo,
se realmente desejam a paz.

... A presente sessão da S. D. N. acabará
sem glória. A Europa pacífica não está afa-

da posse para as cruzes da paz, mas
a Sociedade terá conhecido mais um des-
tacado e revelado, mais uma vez, que por
mais fraca e incerta que seja, representa
o melhor recurso dos homens contra
as guerras que o ameaçam.

Isso basta para que se não duvide do seu
destino.

(EMMANUEL BÉL — Marianne, Pa-
ris, 11-9-35).

O MESSIANISMO DOS DICTADORES

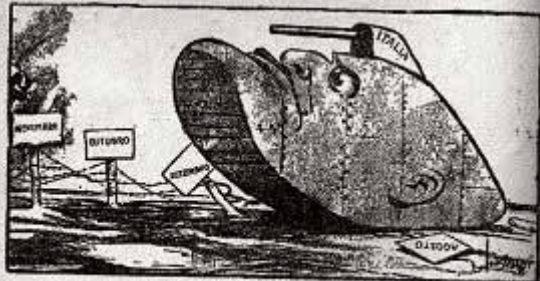
"Bolchevismo, nacional-socialismo, fascismo,
são regimes de direito divino.

Hitler age como se os deuses da volta
Germania lhe tivessem revelado os meios de
se conduzir, segundo o profundo destino do
povo alemão.

E a ciência que assegura, parece, aos
mandantes da Rússia, que o regime dos so-
viets está de acordo com as necessidades e
o futuro da humanidade.

Mussolini, mais realista, não leva a sério
este possil social e político".

(FRANÇOIS GALLY, Cahiers des Jea-
nes, Paris, 5-9-35).



"A Itália está agora definitivamente em
marcha" — Mussolini.
[(The Star, Melbourne)]

Uma entrevista com Mussolini

Gringolre,
Paris, 13 de Setembro de 1935.

RAYMOND RECOULY

"Desde que esteja completa a
primeira fase das operações, não possível
obter que Mussolini consinta em nego-
ciar com a Inglaterra e a França".

ENCONTREI Mussolini ligeiramente
enagracado, mas, sempre cheio de
vivacidade, ágil, enérgico e senhor de
si, dando uma extraordinária impressão
de mocidade e de força.

Este homem, que carrega aos hom-
bres um peso terrível, conserva uma
alma espantosa. Não, certamente,
que não tenha consciência de suas res-
ponsabilidades. Mas, sente-se que, de-
pois de madura reflexão, ele se fixou
num programa, uma linha de que nada
a ninguém conseguirá demovê-lo.

Ele mediu as dificuldades e mesmo
os perigos da sua política. Embora
reforçando-se por não agravá-los, por
qualquer iniciativa imprudente, tem ele
a íntima convicção de que o seu país,
de que ele é a encarnação, possui bas-
tante força material e moral para van-
cer todos os obstáculos.

Nem um instante a sua voz se eleva,
ou se abate o tom da sua palavra.
Durante uma hora quasi — quando o
seu tempo é tão precioso, — ele vai

analisar, um por um, diante de mim,
os elementos numerosos e complicados
do problema atópico, expondo-o sob
todos os seus aspectos, militar, finan-
ceiro, diplomático, mostrando, se assim
se pôde dizer, o anverso e o reverso
da medalha, indicando todos as reper-
cussões possíveis — o sabe Deus se
elas são numerosas!

De sua boca não sai uma única pa-
lavra acrímoniosa. Essa lucidez imper-
turbável, essa segurança tranquila co-
saram-me profunda impressão.

O Duca consente falar-me, o cora-
ção na palma das mãos, sem mastigar
as palavras — o que aliás não está
nas suas maneiras — com uma condi-
ção expressa, muito natural e compre-
ensível neste momento: a de que não
lhe atribuirei apreciações ou juízos que,
nas circunstâncias presentes, quando os
espíritos se acham tentos e as paixões
escaldadas, poderiam aumentar a in-
quietação e o nervosismo do publico,
já suficientemente grandes.

Inteligência, Ano I, nº 11, p. 24, nov. 1935.

Na primeira legenda, um dos diplomatas perguntava se “não será possível desligarmos o rádio enquanto conversamos de paz?” e na segunda, reproduzia-se um trecho do discurso de Mussolini que dizia “a Itália está agora definitivamente em marcha”. Ambas as caricaturas contrariam *in totum* o sentido do texto porque elas representam a negação absoluta da defesa daquela instituição. Na verdade, à essa altura, o ditador italiano já comandava seus exércitos, flagrante descumprimento dos pactos internacionais firmados até então.

A contradição é potencializada pela origem das fontes, uma norte-americana e outra australiana, nações que tinham razões para discordar da maneira como a qual a Itália agia no cenário externo. Dessa forma, o leitor tinha em mãos um texto francês que defendia a SDN, incrustado de duas imagens que demonstravam o contrário, extraídos de periódicos de nações democráticas e como pano de fundo, a guerra deflagrada. Assim, os argumentos do autor perdiam força diante das imagens e da realidade que o contradizia.

Entretanto, os artigos selecionados de revistas e jornais das nações que compunham o campo democrático como os Estados Unidos, Inglaterra e França serviam para tentar matizar as intenções dos responsáveis pela publicação. Ao apresentarem as fontes utilizadas para a composição da revista, Mário Gracioti e seus colaboradores elencavam uma série de órgãos de imprensa que sugeriam equilíbrio entre as temáticas e diversificação das fontes. Contudo, ao cotejar os conteúdos e as imagens o que se percebe é que o processo de montagem do mosaico era responsável por uma modificação nos sentidos que tal material apresentava. No novo formato, ressignificados por esta operação intelectual, as temáticas eram articuladas aos propósitos e às diretrizes do grupo de Mário Gracioti.

As imagens da Guerra na Abissínia são uma evidência de como este sistema funcionava. Entre agosto de 1935 e maio de 1936, data da vitória das tropas italianas neste conflito, *Inteligência* engajou-se na luta ao publicar diversas caricaturas por meio das quais dava sustentação à agressão fascista no continente africano.

Tal atitude se dava em conformidade com as publicações integralistas que, àquela altura, também se articularam para demonstrar a força do regime de Mussolini e o papel civilizador que os europeus desempenhavam na África.¹⁸² O caráter propagandístico de tal ação fica evidenciado quando se tomam alguns números sobre o material iconográfico selecionado naquele período. Em agosto de 1935, dois meses antes de a guerra ter início, os responsáveis pela publicação extraíram cinco caricaturas que tratavam do problema político que envolvia a Itália e a Abissínia em um total de 10 imagens publicadas naquele volume. Dentre elas, algumas chamam a atenção por seu caráter agressivo e pejorativo.

¹⁸² Ao estudar o conflito ítalo-abissínio no jornal integralista *A Offensiva*, Murilo Antonio Paschoaleto concluiu que “por meio da análise documental fica evidente não apenas o apoio e a simpatia integralista à causa italiana, mas também que os integralistas, por intermédio das páginas do principal periódico do movimento, despenderam enormes esforços no intuito de transmitir, à sociedade brasileira, uma imagem simpática do regime fascista italiano”. In: A guerra da Abissínia nas páginas do jornal integralista *A Offensiva* 1935-1938, <http://www.cih.uem.br/anaais/2011/trabalhos/335.pdf>, acesso em agosto de 2013, p. 927.

INTELIGENCIA

Mensário de opinião mundial

Almanha não poderia construir mais de 45% da tonelagem britânica sem prévia troca de vistas com Londres. Mas, nessa categoria, se não sobrevier qualquer entendimento, a Alemanha está no direito de formar uma frota igual à britânica. Além disso, para todas as categorias de unidades, impõe-se a seguinte observação. Somente metade da frota inglesa está concentrada em volta da Gran-Bretanha; o resto acha-se disperso por todos os oceanos. É isso que faz ressaltar, de muito, a eficácia das esquadras atribuídas à Alemanha. Assim, no domínio naval, mesmo no seu próprio ponto de vista, a Inglaterra não obtém a compensação da desvantagem política imensa causada a todas as nações que, contra o pan-germanismo, lutam pela paz.

Na sua nota de 17 de junho, o governo francês reservou-se liberdade de ação e deu a conhecer que, de ora avante, as proposições de Washington não poderiam mais satisfazê-lo; que não admitiria a "three power stan-

dard" (a frota britânica igual às frotas francesa, italiana e alemã) que, de toda a evidência, governava os actos do Almirantado. Mas, depois do tratado de Londres, impõem-se provavelmente algumas decisões complementares. Em primeiro lugar, se vierem a realizar-se as conversações navais franco-inglesas, Paris e não Londres deve ser a sede das reuniões. Não temos que reconhecer a continuação de uma arbitragem que se exerceu sem a preocupação dos nossos interesses. Em segundo lugar, o pacto aéreo não mais deve ser negociado separadamente. É indispensável garantir o princípio da indivisibilidade da paz. Enfim, não estará mais nas mãos do Sr. Eden arrastar-nos para a questão abissínia em nome dos ideais de Genebra que ele próprio tão de barato abandonou.

(PERTINAX, L'Echo de Paris, Paris, 20 de Junho de 1935).

A ABISSÍNIA. CIVILIZA-SE...



... mas, com que requinte!

(Il Travaso della Idea, Roma).

Inteligência, Ano I, nº 08, p. 24, ago. 1935.

ambos a Deus. E em nosso país houve milhares de padras que, como o Reverendo Andrew Carater, afirmaram que "se os visse Jesus", ele teria sido o primeiro a apresentar-se como voluntário do Exército americano, o primeiro a usar uma máscara para gases, o primeiro a empunhar uma carabina".

Uma vez que o bom cidadão se sente assim fortificado pelas sanções da sua igreja e do seu país, as compensações da guerra tomam-se ainda mais várias. A hipnose do campo de batalha reside na promessa inerente de uma monotonia de costumes. Toda guerra é caracterizada por uma orgia de indulgências que não podem chamar-se "petricas" sendo por uma oratória extravagante.

É imperioso lembrar o tremendo papel da propaganda — a moderna instituição — por meio da qual se escalentam a consciência e a razão, de maneira a que as forças violentas possam manifestar-se em realidade e expressão. Contudo, no fundo, o homem não é completamente desencaminhado

pela propaganda, pois que ele tem atração e render-se aos seus impulsos inconscientes.

Para o pacifista, a guerra pôde significar horror, para o economista loucura, para o filósofo berabrie; porém para a massa dos homens significa muitas coisas preciosas: romance para o miserável, ação para o inibido, poder para o impotente, recompensa para o desconhecido. Os homens denunciam a guerra racionalmente. Mas, psicologicamente, nos mais profundos recessos de sua personalidade — os homens amam a guerra.

O dilema é, então, insolúvel? Não é possível existir paz permanente? Não, enquanto não conseguirmos enriquecer a ideia de paz, de maneira a torná-la satisfatória do ponto de vista emocional. Enquanto a paz for caracterizada pela falta de segurança econômica, pelas condições de vida miseráveis, pela monotonia do trabalho, e por um sentimento universal de falta de esperança, a imagem melodramática da guerra será excessivamente desejada por todos.

Hoje, presentemente, milhões de desocupados, os salários são baixos, os homens sentem-se desesperados. O nacionalismo cresce como a febre e, em uma dúzia de países, marcham tropas. E a horda de emagrecidos e de desesperados é um exército em formação.

Os homens inteligentes devem bater-se para que a legislação elimine os proventos da guerra, para que se controle o fabrico de munições, para que se estabeleçam embargos às armas ofensivas, etc. — porque estas são as forças que contribuem para tornar outra guerra iminente. A não ser, porém, que a sociedade consiga tomar



[Il Travaso delle idee, Roma]

a paz rica e emocionalmente significativa, serão frustrados os sonhos de outras terapêuticas.

Os homens amam a guerra. É este o desafio com que os cientistas e os engenheiros sociais, de qualquer sociedade futura, terão de defrontar-se, se se quiser deter a civilização ocidental na sua marcha para o holocausto final.

COMUNICAÇÕES ESTRATÉGICAS ENTRE A ITÁLIA E A AUSTRIA

A "Gazeta do Francoforte" reproduz de "A Gazeta dos Alpes", que se publica em Berne, os seguintes detalhes sobre os projectos de estradas atualmente em elaboração por engenheiros italianos para melhorar as comunicações entre a Itália e a Austria:

O primeiro plano prevê a construção de um túnel através dos Alpes do Vale Zilar. De perto austriaco, e nova estrada de ferro se separará do baixo vale de Inn e passará por Zilar, até Malhofen aproximadamente, de onde um túnel construído numa altura de 979 metros, atravessará o montante de Pedra Negra (Schwarz Stein) sobre uma distância de 19 quilómetros. Esta linha conduziria do lado italiano, até perto de Sand, sobre a pequena linha que daí vai para Bruneck. De Bruneck, a linha se estenderá até Milão e Veneza. A linha que conduz a Milão se instalará sobre trilhas para encontrarem com a linha do Brenaró. O trajecto Munich-Milão será reduzido, com esta linha, de 547 quilómetros. O caminho que conduz a Veneza conduzir, por meio de um túnel feito no montanha de Dreitiner, a 4000 dos Alpes Dolomitas sobre Arosa. Do lado austriaco, este projecto necessita da construção de uma nova rede de 515 quilómetros de distância e, a partir da saída do túnel, no lado italiano, até Sand, será necessária a instalação de 12,7 quilómetros de caminho de ferro. Um segundo projecto prevê a construção de uma rede ao longo de Sillfer Joch, via, parece que não foi feito o traçado desta linha, que seguiria de Vistichgau a Valtell. construção extremamente difícil e audaz.

Tendo, porém, como se sabe, o vale do Tiro uma importância económica muito reduzida, é completamente claro que estes pla-

nos têm uma importância exclusivamente estratégica para permitir à Itália transportar as suas tropas para o outro lado dos Alpes no menor espaço de tempo possível".

(Revista Universal, Barcelona, 21-7-35)

A AMIZADE FRANCO-BELGA

A amizade franco-belga exige que a Bélgica receba os primeiros golpes de uma ataque alemão, afim de evitar, entre outros à França, a defesa das fortificações no seu fronteira setentrional. Mas, quando em troca, solicitamos uma concessão aduaneira, ou uma facilidade comercial, o governo "amigo" entende que somos ilicitamente pagos com discursos escomunistas, pronunciados em França sobre a "sequência heroica", sobre os nossos "amigos belgas" ou sobre "os dois povos".

Isso deve acabar. A sociedade belga diz-lhe claramente: batente-se pela Bélgica, se o seu território for violado: por uma razão estrangeira. NUNCA. Se uma invasão alemã — supondo-se que a Alemanha seja a agressora — for carolizada para a França, nós faremos por que não nos atinja a quanto ao mais, lavaremos as mãos. Saiba-se de uma vez: se a França tem uma dívida económica com a Bélgica, esta dívida deve à França. Uma aliança romântica em 1914 não nos faz esquecer que fomos levados mas vencer pela França que por outra razão qualquer.

Desistamos apenas que a união com a Holanda e a Luxemburgo e os Estados escandinavos, o governo von Zeeland acrescentasse uma acção económica com Portugal, ultimamente preordenada pelo senador de Siles Langchamps. Portugal precisa de braços, e os nossos semitrabalho encontrariam ocupação nesse país em plena reanimação sob o impulso do seu genial dictador Salazar. Assim, as duas nações ficariam proveito do tratado, sem subordinação de um lado ou do outro.

[Emmanuel Noël, presidente da "Sociedade geral dos estudantes católicos de Bruxelas", em L'Anvers-Gazette, Bruxelas, 13 de julho 1935].

Inteligência, Ano I, n. 09, p. 40, set. 1935.

As revistas italianas *Il Guerin Meschino* e *Il Travaso delle idee* foram as principais fornecedoras de imagens para a questão da guerra ítalo-abissínia. Por meio delas, os responsáveis pela publicação de *Inteligência* disseminaram imagens que martelavam a barbárie na qual viviam os cidadãos do país africano cujos costumes foram ridicularizados nas páginas do mensário.

Impressa junto a um texto do periódico francês *L'Echo de Paris*, da autoria de Pertinax, no qual o autor criticava a posição britânica durante tal conflito, a primeira caricatura mostrava uma mulher a utilizar uma espécie de bomba de veneno como perfume sob o título de "A Abissínia civiliza-se" enquanto a segunda, nomeada "Gentlemen", trazia dois homens que seguravam seus animais de estimação: o inglês trazia consigo um cão ao passo que o abissínio, um macaco. O texto no qual tal imagem se inseria tratava da relação de amor que o homem havia estabelecido com a guerra.

Civilização e barbárie foram traços manejados em profusão para caracterizar tal embate no qual o fascismo simbolizava a higiene, a força da máquina enquanto seu inimigo foi demonstrado como portador do atraso e da doença. Em outro cenário

devidamente formatado pelos intelectuais que editavam o mensário, o leitor se deparava com um artigo intitulado “Impressões da Abissínia”. Nele, Pierre Sassard, ex-diretor do Hospital Menelik em Adis-Abeba apresentava um panorama no país africano que contribuía para elevar os preconceitos contra aquela nação. Extraído de *Vu*, revista francesa, o longo artigo trazia dados que demonstravam, por exemplo, que “75 a 80% da população abissínia é sífilítica. A maior parte das vezes, a doença manifesta-se exteriormente. É ela que mata mais de metade das crianças no seio das mães ou nos primeiros anos de vida”.¹⁸³

Alocadas em meio a tais dados, duas caricaturas ressaltavam mais características negativas daquele povo. O atraso era motivo de chacota no quadro intitulado “Os Grandes acontecimentos”, onde para enviar uma mensagem à SDN os abissínios utilizavam uma garrafa jogada ao mar enquanto, na outra página, era evidenciado a precariedade das instalações da nação africana. A proximidade temática das imagens quase faz com que se perca de vista a diferença de origem das mesmas, uma norte-americana e outra italiana, que corroboravam o teor do artigo publicado originalmente por *Vu*.

O mesmo formato foi repetido no volume de março de 1936 no qual o leitor encontrava um artigo, extraído de *L'Europe Nouvelle*, periódico francês, em meio ao qual foi inserida uma caricatura da revista italiana *Guerin Meschino*. O texto de Pierre Dominique buscava sumarizar os métodos que distinguiam o fascismo das demais ideologias que lutavam na esfera política internacional naquele momento. A síntese aparecia logo abaixo do título e alertava para que “não nos esqueçamos isto: enquanto o bolchevismo sempre pouco se preocupou com a legalidade, o fascismo sempre procurou salvaguardar as aparências legais”. Em outro trecho, ele completava:

Ao contrário, o fascismo, seja qual for, seja onde for que se manifeste, e quaisquer que sejam as condições em que triunfe, reveste ou procura revestir sempre as aparências legais. Se, por um momento, foge da legalidade, volta a ela imediatamente. Os exemplos de Mussolini e de Hitler são formais.¹⁸⁴

O artigo selecionado pelos redatores de *Inteligência* postulava que a premissa da legalidade era cara aos movimentos fascistas, que buscavam, ainda que falsamente, mantê-la. No canto inferior direito, a caricatura da política internacional corroborava tal assertiva ao exemplificar que a guerra contra a Abissínia era justa, legal do ponto de

¹⁸³ Impressões da Abissínia, *Inteligência*, Ano I, nº 10, p. 30, Out. 1935.

¹⁸⁴ *Inteligência*, Ano II, nº 15, p. 38, Mar. 1936.

vista do Direito Internacional das potências revisoras. Os métodos do fascismo italiano eram o combate a todos os aliados que pretendiam auxiliar Hailé Selassié, a franco-maçonaria, o bolchevismo, o mercador de canhões.

Deve-se levar em consideração que a maneira de apresentar as questões possivelmente se articulava aos possíveis efeitos que as imagens escolhidas deveriam causar no leitor. Assim sendo, não seria errôneo estabelecer que os amigos do líder da Abissínia eram vistos senão como inimigos declarados, com muita desconfiança no Brasil das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, como os movimentos fascistas agiam de acordo com a legalidade e a justiça, também o Brasil deveria solucionar esse problema, uma vez que possuía em seu território elementos comunistas e da franco-maçonaria e um chefe de movimento político que se mirava nos “exemplos formais” para lutar pelo poder.

INTELIGÊNCIA
Mensário da opinião mundial

Os métodos do Fascismo Europeu

L'Europe Nouvelle,
Paris, 28 de dezembro de 1935,
PIERRE DOMINIQUE

COSTUMA atribuir-se ao fascismo ou àquilo que se convencionou chamar fascismo, um caráter guerreiro, violento, até mesmo sangrento. As recordações da guerra civil italiana, o assassinio de Matteotti, o incêndio do Reichstag, os “programas” e execuções dos comunistas fornecem, há uma quinzena de anos, temas fáceis demais à eloquência dos predadores, é pena dos jornalistas, ao lapso dos nossos contemporâneos, para que a sobreposição do fascismo e da violência, do fascismo e da ilegalidade, sejam hoje admitidos sem discussão, e tomem, de algum modo, o aspecto de artigo de fé.

E é por isso que compreendemos a definição muito mal o que se passa, na hora actual, na Espanha e na França.

Não esqueçamos isto: enquanto o bolchevismo sempre pouco se preocupou com a legalidade, o fascismo sempre procurou salvaguardar as aparências legais. Algumas semanas depois de Lenina haver conquistado o poder, foi eleita a Constituinte e os bolchevistas alcançaram cinco milhões de vo-

INTELIGÊNCIA
Mensário da opinião mundial

...Mas, como o parlamentarismo não é senão o seu reflexo político, ela desejará que o Parlamento abra de vólculo ao movimento.

Porém, ver-se-á o fascismo, mesmo manifestando um caráter mais ou menos revolucionário nos métodos, utilizar as formas políticas sociais ou económicas existentes: monarquia, presidência da República, Parlamento e, bem entendido, propriedade individual, herança, ideia de economia, etc. Ele utilizará, ainda uma vez, o próprio grande capitalismo, base económica e social do sistema, embora posteriormente venha a fazer d'ele seu escravo, bem retribuído. E insisto neste ponto, que, de 1922 (data do êxito de Hitler) a 1932 (data do triunfo de Mussolini) a preocupação da legalidade se atenua. Mussolini procede pela guerra civil; Hitler, não. Mussolini impõe-se pela violência; Hitler pelo número. Nunca Mussolini, que, entretanto, após a eleição, conseguiu constituir um partido muito forte no Parlamento italiano. Hitler criou um partido que domina o Reichstag. Mussolini impõe-se ao rei. Hitler é chamado por Hindenburg, a conselho de Von Papen. Enfim, o movimento de Hitler é muito mais lento (treze anos contra três) do que o de Mussolini.

Posto isto, notemos o que se passa na Espanha e na França. O representante do “fascismo” na Espanha — o emprego esta palavra no seu sentido mais geral — é Gil Robles. Ora, ele coloca os seguintes princípios: 1.º — Jamais sairemos da legalidade; 2.º — Jamais consentiremos que outros o façam; 3.º — Queremos fundar uma vasta Frente Nacional que possa agrupar o máximo de eleitores e permitir-nos assumir o poder, por via parlamentar. E' esta também a tese do Sr. De La Rocque. Esta terceira fórmula: Gil Robles — La Rocque é muito mais legalista do que a segunda, que o era mais que a primeira. O tom, no caso italiano — e primeira cronologicamente — era de legalidade e a primeira palavra de Mussolini, no Parlamento, foi esta: “Se eu quisesse, faria d'este Parlamento um corpo de guarda...”



— Não tenha receia, Majestade! Nós vos ajudaremos!
(Guérin Meschini, MUSSO)

Inteligência, Ano II, nº 15, p. 38-39, mar. 1936.

Como se vê, a moldura utilizada pelos responsáveis pela seleção do material nas revistas e jornais internacionais tinha como característica principal uma uniformização que imprimia, não obstante as profundas divergências ideológicas dos países de origem,

uma enganosa homogeneidade ao material recolhido. Tal uniformização foi responsável, nestes primeiros anos de circulação, pela colocação do fascismo no centro do mosaico criado por Mario Graciotti que atuava como mediador, tradutor, editor das temáticas recortadas e justapostas nas páginas da revista por ele idealizada.¹⁸⁵

INTELIGÊNCIA
Ministério da epistola mundial

1906 e recessa que o Barão Alci re-
suscite o sombo do cadáver do trata-
do bilateral de 1925.

Com efeito, o tratado de 1906 não
admite senão concessões económicas
e exclui toda anexação e todo contró-
le político. O tratado de 1925, ao con-
trário, ignora completamente "o direito
das pequenas nações, assim como os
princípios de justiça da Sociedade das
Nações". Não se quer permitir a Mus-
solini dizer a verdade.

**IMPRESSIONES DA
ABISSÍNIA**

Adis Abeba — A capital do império foi
fundada para permitir a Itália e suas ne-
posas senhores mais comodamente os seus ba-
nhos. É a cidade do zinco em todos os
talhões e dos exaltados à volta de todas
as coisas.

OS GRANDES ACONTECIMENTOS



— Sua Majestade Berberis I avia uma mensagem à Sociedade
das Nações.
(Judge, Novo York).

Quando chove, o que acontece quatro
milhões de anos, o conteúdo é da França alci-
dado. A rua do "rei" Malenon, rua central,
é macadamizada e octada dois arcos da
tríplice em alque e califio-gauis, recom-
dações do carroamento do imperador.

Hospital — Adis Abeba possui numero-
sos hospitais e muitos sumarios medicos
mais ou menos esquecidos. O Hospital
de Menelik é uma espécie de Santa Casa em
que a doença não descerá. É um hos-
pital moderno, mas inevitavelmente, possui
dieta, mas sem electricidade; uma sala
de operações, mas sem instrumental; pavil-
hões separados, mas sem salas de desinfec-
ção. Impossível modificar qualquer coisa
nesta situação. Um brinquedo belo demais
para crianças muito pequenas...

T.S.F. — Em Adis Abeba existem três pos-
tos de T. S. F. O primeiro é um posto
italiano que ficou por um projeto esqueci-
do, mas que, apenas construído, caiu de
moda por não estar adaptado à utilização
da onda curta. O segundo é um posto
do Estado que na sua construção anglo-fran-
cês, alemã e suíça encontrou a força de
resistência das manipula-
ções indígenas. O
terceiro, enfim, é um
posto particular de
legação da França,
construído e funcio-
nando por iniciativa
de um jovem fran-
cês.

Barberie — Os ca-
pangos são simples e
brotais. Em um ge-
lano ao qual ampu-
taram o nariz e o pé,
há felicidade, e ele
fazem em volta
de si alguns mem-
bros da família para
lhe dezanar, a fita-
lo de hamamático,
casita fervente nas
partes amputadas,
sem o que moraria.
Os capangos abiss-
são mais doctores,
mas de mesma forma

INTELIGÊNCIA
Ministério da epistola mundial

Aspirantes, tendo sempre como base e para
de talão.

Castigos — A morte dos suplicios serviu
a numerosas gerações e os se deixavam os
castigos a beloscor ao vento. A casti-
ção foi que a morte fosse cortada e sub-
stituída por uma sobrevida letal de morte de
Menelik. Agora, em vez de asforar, fuzi-
lar, entretanto, como o Governo prevê a
despida de um só e unico castigo para a
assolução capital, é preciso que o executor,
a executado e a família se entendam dispo-
nimento de ordem.

Julgamentos — Queixar e fazer são as
duas grandes alegrias do abissínio adibe.
Antes se fazem em publico a propósito da
sua impota que a diante do não impota
quem. Na advocacia, que, em geral, fazem
esta figura feita de uns clientes que sus-
tenter com frança toda e qualquer ques-
tão. O triário dos ministros consiste em
fazer conduzir um artigo completamente im-
provisado, argumentos completamente
fictos. Só adibe uma pessoa que sempre
qual o juiz, que
qual das duas par-
tes, e da das mar-
cas, ao mesmo tem-
po, officinaria e
ultraconstrução.

A impossibilidade —
S. M. Menon, im-
perador da Etiópia,
passa indifferente e
passadon, o abis-
mo bilharista, pro-
curado pelo seu
grande suco e
acompanhada pelo
carregador de em-
balas imperial. É al-
cel e cruel, imvel,
barbado, de voca-
e só se torna verdo-
damente senorio
para impor a S. M.
o imperador os de-
signios do clero. Da
canalão de dota-
ções a do prestes
a, plástica, vai faze-
do a sua pequena
política, com seus
gráficos mais e os
seus agentes pa-
sivos.

O príncipe herdeiro — As passas bem
informadas, demasiadamente bem informa-
das e sobretudo bastante informadas ad-
mitam que um misterio rodeia o nascimen-
to do jovem príncipe. Pouco importa! eis
muito um rapto infeliz, que seu pai ama, mas
sem lhe dar o parecer: um rapto que gos-
taria certamente muito de divulgar a Ma-
nelis indigens e europeia e a quem expulso
superintende fides de um tipo...

O imperador — É bom o velho abissí-
nio que a Europa pode admirar quasi um reser-
vo, reteni quasi fomes a sua política e os
seus intenções: honestidade fanático, adom-
tado, trilha que dove preocupar do astrón-
gite, do interior, dos seus inimigos e dos
seus parentes, da sua família e talvez de si
mesmo: honestidade que conseguiu subter-
fugir todos os seus grandes vassallos e que tem
conseguido manter-se contra todos.

O mercado — O mercado é diário, mas
os sabedors revelam-se de particular activi-
dade. É uma invasão sistematizada, calmo e

A ESTAÇÃO BALNEARIA EM ADIS-ABEBA



— Não sou capaz de compreender que necessidade têm essas
indecentes dos europeus de fazer buracos nos cabanos.
(Guerin Machine, Milão)

Inteligência, Ano I, nº 10, p. 28-29, out. 1935.

Ao contrário do que ocorreu com a imagem de Mussolini, mostrado como síntese do poderio político dos novos tempos, Hitler teve um tratamento bastante distinto por parte dos editores.¹⁸⁶ Ao líder alemão, os responsáveis por *Inteligência*

¹⁸⁵ A atuação de Mário Graciotti como intelectual, responsável por várias iniciativas no campo do impresso no Brasil dos anos 1930, não está registrada na historiografia. É inspirador o estudo de DARNTON, Robert. *O diabo na água benta. Ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 344, na qual se refere aos libelistas, ou seja, aqueles que "(...) não escreviam narrativas de fluxo livre nem enchiam páginas em branco com sua própria prosa; pelo contrário, eram autores munidos de tesoura e cola, que montavam textos a partir de um estoque comum de anedotas, ainda que também tivessem fontes privadas de informação". Não parece equivocado aproximar a ação de Graciotti à desses homens.

¹⁸⁶ A reserva em relação ao ditador germânico e à sua *Weltanschauung*, parece articular-se à concepção que a maioria dos líderes integralistas possuía em relação à Alemanha. Ao apresentar a posição de Miguel Reale sobre este assunto, Hélgio Trindade avaliou que "(...) neste particular, ele e Salgado separaram-se de Barroso, mais próximo afetivamente da Alemanha e, sobretudo, do antissemitismo: 'Do Hitlerismo podemos tirar algumas lições em matéria da organização política e financeira, mas não sabemos em que nos poderia ser útil a tese da superioridade racial, tese que consulta uma situação local', *Op. cit.*, p. 251.

dispensaram, ao longo do tempo, diversas críticas utilizando-se, principalmente, de revistas francesas.

Os redatores de *Inteligência* selecionaram um rol significativo de caricaturas que tinham no chanceler alemão o seu mote. A Alemanha, sob a liderança de Adolf Hitler, voltara ao cenário internacional e reivindicava igualdade de direitos, além de denunciar as cláusulas do Tratado de Versalhes, considerado humilhante. A postura da Alemanha motivou desconfianças em diversos países europeus e calou fundo na França, país fronteiro e que tinha bem claro a derrota de 1870 e os horrores do conflito anterior.

Emil Ludwig, conhecido biógrafo daquele período, estabeleceu algumas analogias entre os chefes dos regimes totalitários da direita européia. Para ele,

Ao passo que Mussolini deve constantemente levar em linha de conta a afeição inata do povo italiano pela liberdade, basta a Hitler declarar aos alemães dóceis que a sua breve experiência de liberdade foi apenas um erro, que o interesse supremo do Estado exige um regime autoritário, e toda a gente se inclina. Hitler fascina as multidões germânicas pelos seus discursos, os quais, como a música wagneriana, se baseiam sobre alguns motivos impressionantes, que se revezam constantemente. (...) No discurso triunfal, que anunciou o esmagamento definitivo da Abssínia, pronunciado por Mussolini, em maio de 1936, somente se encontra duas vezes o pronome ‘eu’. Hitler emprega-o centenas de vezes, em cada uma das suas arengas, um pouco à maneira de Napoleão III, que, durante quinze anos, fez reboar o seu nome pelo mundo inteiro. (...) *À frente da Itália está um homem, junto do qual os mais altos funcionários do Estado desempenham apenas o papel de secretários. O chefe da Alemanha é eclipsado por alguns dos seus ministros, aos quais é apenas superior na arte da propaganda. É por isso que a Itália é governada pela vontade única de um homem, e a Alemanha possui uma meia dúzia de Führer, tanto que ninguém é capaz de prever hoje em que direção caminhará o Reich, arrastado pelas correntes divergentes.*¹⁸⁷

Os perfis traçados por Emil Ludwig dos dois ditadores diferiam muito.¹⁸⁸ Enquanto Hitler foi mostrado como um ególatra que repetia o pronome “eu” inúmeras vezes, Mussolini governava com sua “vontade única”. Hitler era irracional, eclipsado por seus próprios camaradas enquanto Mussolini era convencimento, justiça. Essa

Não resta dúvidas de que, ao transcrever os artigos que tratavam da Alemanha hitlerista, os editores de *Inteligência* propagaram essa noção de que o regime nacional-socialista não servia como paradigma para o Brasil.

¹⁸⁷ LUDWIG, Emil. Hitler e Mussolini – paralelos e contrastes, *Inteligência*, Ano IV, nº 40, p. 33-39, Abr. 1938.

¹⁸⁸ No corpo do artigo havia uma nota explicando ao leitor que “Em abril de 1930, Emil Ludwig teve diversas conferências com o chefe do governo italiano. Tais conversações foram enfileiradas num volume, que tomou o título de ‘Colóquios com Mussolini’, publicado simultaneamente, em alemão e em italiano”. Nota da Redação, *Inteligência*, *idem*. O livro também foi lançado no Brasil, pela editora Globo, de Porto Alegre, em 1932, sob o título: *Colóquios com Mussolini*.

preferência pelo estilo italiano de governar foi adotada e validada pelos intelectuais que elaboravam o mensário que, por meio da repetição dos sucessos e progressos daquela nação, pretendiam criar entre os leitores uma denodada admiração pelo regime fascista cujo parente mais próximo, no Brasil, era o movimento integralista, que Mario Gracioti e outros redatores cerravam fileiras.

A primeira caricatura de Adolf Hitler foi publicada na edição de Fevereiro de 1935, já no segundo número do mensário. Tratava-se de desenho oriundo de *Le rire*, inserido em um artigo que tratava da impossibilidade da eclosão de uma nova guerra entre as potências européias. Sob o título “A guerra não virá”, nele o leitor era convidado a não se esquecer

(...) de que Hitler foi, durante a guerra, simples soldado e os simples soldados não gostam muito de brincar com a guerra. Quanto aos camisas pardas e aos oficiais da Reichswehr, também eles não desejam a guerra; os primeiros tem demasiado interesse pelas suas ideias de revolução social e os últimos julgam que a Alemanha não está suficientemente forte para um conflito armado.¹⁸⁹

Este artigo havia sido originalmente publicado em *News Chronicle*, de Londres, ao passo que a imagem nele alocada era originária da imprensa francesa. Há entre eles um flagrante paradoxo, pois enquanto o autor defendia a falta de iniciativa de Hitler a imagem mostrava um ditador nada pacífico circundado de canhões. Os elementos que compunham a caricatura demonstravam a ironia do artista do traço no que se referia às intenções pacíficas do alemão que, já em 1935, era assim retratado.

A imagem explora a contradição entre discurso e as verdadeiras intenções de um Hitler angélico rodeado por canhões, expressão da belicosidade germânica. Até mesmo o símbolo da paz, o pombo branco, foi separado de seu ramo de oliveira, como se o alemão fosse o fiador que equilibrasse a balança paz/guerra no mundo. Além disso, a frase “agora falemos de paz...” indica que houve uma preparação para que a discussão pudesse transcorrer: somente depois de metamorfoseado (asas, pombo, inscrição latina, ramo) é que Adolf Hitler poderia considerar o assunto. Pelo exposto, pode-se inferir que para o artista francês Roger Roy, as promessas de paz do líder eram vazias, falsas, pragmatismo que escondia a real intenção: a guerra.

¹⁸⁹ *Inteligência*, Ano I, nº 02, p. 37, fev. 1935.

INTELIGENCIA

Mensário da opinião mundial — 3.ª tiragem

Falando constantemente do perigo exterior, faz-se acalmar ao povo italiano, os sacrifícios que ele recusaria, se se sentisse em segurança. Mas, desde que o perigo se torna real, e a excitação nacionalista acalma-se, e a imprensa italiana mostra-se mais ponderada do que num país onde se goza ainda — felizmente — das liberdades democráticas.

Não, a Itália não declarará a guerra! Mussolini deu-me uma razão convincente: "os ditadores, disse ele, são pessoas ambiciosas que pretendem conservar o seu emprego, e sabem que o homem, que assina uma declaração de guerra, é raras vezes o mesmo que assina o tratado de paz que põe fim à guerra".

E a Rússia?

Bem sabemos que os nossos círculos militares precisam sempre de ter à mão um adversário possível, para que votemos, com medo, os créditos que eles pedem. O bolchevista de punhal nos dentes tem desempenhado ultimamente esse papel. Mas, hoje em dia, os ingleses já se convenceram de que a Rússia está por demais assoberbada na árdua e longa tarefa a realizar no interior, para intrometer-se nos negócios dos outros.

O Japão, esse é verdadeiramente poderoso, agressivo e anexionista. Mas o seu desejo de expansão arrisca-se a colidir com a Gran-Bretanha, os Estados Unidos, a Rússia e a China. Uma das maiores vantagens do S. D. N. é que o país que viola o "covenant" fica marcado como um inimigo público, com o qual ninguém quer concluir adianças.

Existem, certamente, pontos perigosos: o Sarre, a Austria, a Yugoslavia. Mas também é possível que vós ou eu morramos de repente: isso não nos impede de não pensar nesse desastre eventual. Se existem, na situação internacional, pontos nevralgicos, há igualmente factores contrários de guerra: o temor dos homens de Estado de perderem as suas posições, e a oposição à guerra por parte dos simples cidadãos, já perfeitamente convencidos das inutilidades dos conflitos armados.

Será ousar demais, talvez, pretender que não haverá mais guerras. Entretanto pode declarar-se que ela não é iminente.

(VERNON BARTLETT — News Chronicle, Londres, 10-12-34).



— Agora falemos da paz...

(Le Rire, Paris).

Inteligência, Ano I, nº 02, p. 38, fev. 1935.

As primeiras caricaturas do líder alemão demonstram que coexistiam diversas apreensões sobre seus preceitos políticos e pretensões o que configurava uma oscilação entre as representações acerca de sua imagem. Publicadas em abril de 1935, por exemplo, duas caricaturas traziam Hitler como elemento de destaque.

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial — 2.º trimestre

próprias invenções foram criadas, o nosso melhor equipamento consiste justamente na falta racional de nossa natureza. Os Nazis aliás excitam o tempo e a complexidade, e usam os mais modernos aparatos — rádio, imprensa, conhecimento da psicologia das massas — para mobilizar a revolta de um povo contra a racionalização, — e sua nostalgia pelas coisas intangíveis de idades he muito desaparecidas. Por vezes é mais um espectáculo ridículo — uma nação gendarmizada em atitudes românticas — e esta combinação de novos e velhos métodos, de ideias absolutas, explica muitas anomalias. O Nacional Socialismo não passa presentemente de um movimento romântico agarrado a um dinamo.

A questão fasciante é esta: Quem ganhará o dinamo ou o resurgimento de forças atrofiadas? Se for o primeiro, lá se vai a personalidade. Se for o segundo, o nazista de casaca aberta arrebanhará e a nova ordem não será o fascismo nem o comunismo, tais como hoje os conhecemos, mas qualquer coisa tendente ao complemento da natureza germânica que Goethe expressava como "exteriormente limitada, mas interiormente livre".

A balança social oscila de um para outro lado. Em dado momento, o passo que venha é a interpretação vitalística da natureza: depois, é o da mecanística. Durante século e meio, a principal corrente da civilização eu-



— "Seu" guardal! Prende aquele sujeito! Be até amado!!...

[Folha da Noite, S. Paulo, 19/2/35]

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial — 2.º trimestre

ropaia correu em canais mecanísticos: as nossas energias gastaram-se a fazer, a construir, a combinar, paragrafando e regulando, e os nossos padrões foram o laboratório e a usina. Mas existe outro aspecto, outra interpretação, outro campo de forças, orgânico, vitalístico, irredutível e imprevisível. Que se exprime socialmente através da emoção, contemplação, aspirações religiosas, impulsos criadores: em força, crueldade e injustiça; em romantismo e misticismo; em civilização agrária e na ênfase de ser de preferência a fazer. O Nacional Socialismo pertence a esta última escola.

E' cado para se dizer se nós — Europa e America — fomos longo de mais no caminho da racionalização, e se a oscilação compensatória para a liberdade interior se pode estabilizar. Seja, porém, qual for o resultado da revolução alemã, uma qualidade mística e romântica é o seu coração vital. E' nacional em primeiro lugar, o profundo anseio de um povo soberano para expulsar os elementos estranhos e recuperar a sua soberania cultural e espiritual. Em segundo lugar, ela não é somente nacional mas universal, a ressurreição da vida interior contra uma parálise rastejante.

Não se enganem. O movimento é brutal, tempestuoso, repressivo; queima livros, persegue-se em uniformes, e mata. Mas a sua significação real, por baixo da sua tirania e da sua infantilidade, consiste num esforço para libertar o homem da escuridão.

QUE SIGNIFICA O "THING" NA ALEMANHA NOVA?

Mais uma grandiosa obra está agora em via de conclusão. Em lugares favorecidos pela natureza constróem-se vastas arenas, de-

nomiadas "Thing". Esta palavra faz lembrar as velhas aldeas onde os antigos germânicos se reuniam em dias de grandes acontecimentos racionais. Pretendese agora renovar ali o que, em épocas remotas, foi o "Thing" da antiga Germânia. Em meio de florestas remotas e dos campos em plena seara, os alemães de hoje deverão sentir, ao ar livre, a grandiosidade do seu fôlego natural, as belezas do seu "Heimat". É ali que deverão compensar-se do que seja solidão da nação do povo, a que pertencem, o que representa, em todo o seu alcance, o conjunto ético de que cada alemão é uma partícula integrante. As ideias danteadas no "Thing" não deverão ser, de forma alguma, meramente jogos para reuniões ou manifestações políticas. A sua missão é muito mais complexa, vai muito além. Ali repousar-se-ão também as grandes obras artísticas da nação, especialmente criadas pelos poetas e autores alemães para aqueles conselhos. Obcecando a uma orientação em absoluto profusa, as novas aldeas do "Thing" tomam a si a missão de levar pelo desenvolvimento das pulcra ao ar livre.

[A Offensiva, Rio de Janeiro, 28/2/35].

A SUÍSSA ARMA-SE

A Suíça gastou, em 1934, 100 milhões de francos suíços para modernizar os seus armamentos e aumentar as suas forças aéreas. Sete milhões de francos foram destinados à construção de fortificações ao longo do Reno e das fronteiras do Nordeste.

[Mundo, Paris 1.ª de Março 1935].



Se o delirarem, dentro de 10 anos...
(Le Rio, Paris).

Inteligência, Ano I, nº 04, p. 20-21, abr. 1935.

A primeira delas era assinada por Belmonte, rara exceção no que se refere à seleção de conteúdos iconográficos para a revista. Na verdade, trata-se da única imagem que levava assinatura de um artista que atuava na imprensa brasileira. O Hitler desenhado por ele difere em demasia daquele saído da pena de Roger Roy, imediatamente na outra página. Enquanto na imagem publicada na *Folha da Noite*, o alemão era vítima da hipocrisia das nações que compunham o quadro da SDN na outra ele era mostrado como ambicioso, de pretensões que extrapolavam, inclusive, a órbita terrestre.

O texto no qual a imagem de Belmonte foi inserido era intitulado "Swastika", recortado e traduzido na revista *The Atlantic Monthly* e assinado por Bárbara Spofford Morgan. Nele, a autora apresentava as principais características do movimento criado por Adolf Hitler e a forma por meio da qual ele conseguiu chegar ao poder. A autora, erigindo uma imagem positiva do ditador que, àquela altura, já intrigava os analistas do cenário internacional. Para ela,

Quando se formava o mundo de após guerra, a natureza germânica, essa natureza que paga a qualquer preço a sua liberdade interior, encontrou bem

pouca coisa livre no mundo. Não somente o indivíduo se reconheceu ser uma simples engrenagem numa máquina, mas os líderes socialistas disseram-lhe que ser uma engrenagem era o seu destino glorioso e devia considerar-se feliz por isso: perspectivas sombrias que nem mesmo a esperança de salários mais elevados conseguia suavizar. (...) Veio Hitler com o seu apelo ao sentimento nacional, o seu ataque aos judeus, a sua insistência na disciplina – e o povo escutou-o.¹⁹⁰

Naquele contexto, a imagem criada por Belmonte parecia sustentar que o chefe ouvido pelos alemães e que lutava para restabelecer aquela nação apesar de seus excessos, era vítima de uma injustiça. Os deslocamentos efetuados pelos editores produziam esse efeito quando se acompanha o formato por eles proposto para se ler a revista. Da mesma forma, ao escolher um artigo da revista integralista *A Ofensiva*, em um diálogo direto poucas vezes repetido, os redatores de *Inteligência* promoviam uma imagem positiva do regime nazista que, de acordo com a matéria,

Pretende-se agora reviver ali o que, em épocas remotas, foi o ‘Thing’ da antiga Germânia. Em meio de frondosas florestas e dos campos em plena seara, os alemães de hoje deverão sentir, ao ar livre, a grande do seu torrão natal, as belezas do seu Heimat. É ali que deverão compenetrar-se do que seja a coletividade da nação do povo, a que pertencem, o que representa, em todo o seu alcance, o conjunto étnico de que cada alemão é uma partícula integrante.¹⁹¹

As analogias entre os dois textos, permite inferir que o primeiro explicava alguns dos elementos formadores do nazismo e, o segundo, traçava um panorama elogioso das novas construções efetuadas pelos alemães. com a imagem de Roger Roy pode-se inferir que esta última perde força em sua crítica que, em seu periódico de origem, era contundente. Em *Inteligência*, atrelada aos demais conteúdos, ela ressaltava que Adolf Hitler recuperara a posição de relevo da Alemanha no cenário internacional, a ponto de se crer que, se agisse livremente, conquistaria o planeta e seu satélite.

A comparação entre os dois ditadores permite esclarecer como os editores da revista esforçavam-se em apresentá-los aos seus possíveis leitores. Mussolini assumia ares de grande líder, com pretensões que passavam pela revisão das regras do jogo internacional e cujos métodos, no mais das vezes agressivos, eram justificados. Adolf Hitler, por seu turno, ainda que mobilizasse argumentos análogos para questionar o cenário externo, não recebia o mesmo tratamento. Suas pretensões pareciam como desmesuradas, enquanto Mussolini reivindicava a reparação de injustiças. Dessa forma, ao avaliar os projetos que esses estadistas defendiam no campo da política internacional,

¹⁹⁰ *Inteligência*, Ano I, nº 04, p. 14-21, Abr. 1935.

¹⁹¹ *Inteligência*, Ano I, nº 04, p. 21, Abr. 1935.

estabelecer estreita colaboração entre Roma e Berlim; discurso retumbante do Sr. Mussolini, em Milão; conferência tripartida de Viena, associando a Áustria e a Hungria à cruzada empreendida pelos dois grandes vizinhos; denuncia, pelo Reich, das cláusulas fluviais do tratado de Versalhes; conclusão de um acordo germano-japonês e talvez mesmo germano-italo-japonês ‘contra o comunismo’; reconhecimento por Berlim e Roma do governo de Burgos, - todos estes fatos parecem responder a um propósito deliberado, cuja gravidade não deve passar despercebida.¹⁹²

Diante de tal cenário, de ação conjunta das ditaduras em movimento de revisão do sistema político internacional construído após 1918, a caricatura que simboliza os efeitos do discurso de Mussolini ganha tons de nítida propaganda. Após de deparar com os últimos atos dos ditadores o leitor visualizava a destruição daquele sistema que ruía diante da força empreendida pelas “potências dinâmicas”. Alemanha, Itália e Japão movimentavam o cenário externo, intervindo nas mais diferentes partes do globo. Para um dos analistas,

Hitler, Mussolini e Hirota, os japoneses, são muito diferentes. Eles sempre arriscam alguma coisa e são bem sucedidos, porque os outros não arriscam nada. *As três potências dinâmicas são aquelas que quebram os tratados, por princípio e se dedicam a minar as potências que amam a paz e submeter os Estados que podem ser dominados a uma pressão particularmente severa, ficando assim com as mãos livres noutra parte.*¹⁹³

De fato, a atuação conjunta dos ditadores foi destacada pelos intelectuais responsáveis pela seleção do material textual e iconográfico do mensário. Mário Gracioti e seus colaboradores mostraram a formação do Eixo Roma-Berlim e, posteriormente, Roma-Berlim-Tóquio, como sintoma das modificações que as três nações empreendiam. Há de se considerar que as imagens traçavam um panorama que elencava as vitórias do grupo dos ditadores em detrimento das nações democráticas.

A primazia para as fontes italo-germânicas no que se referia ao recorte das caricaturas da política internacional reflete a visão de mundo propugnada pelo idealizador da revista. Na grande maioria das vezes, tais escolhas deixavam sinais quase imperceptíveis e eram de tal maneira sutis que poderiam passar despercebidas. A título de exemplo, observe-se a imagem abaixo.

¹⁹² *Inteligência*, Ano III, nº 25, p. 38, Jan. 1937.

¹⁹³ *Inteligência*, Ano II, nº 20, p. 27-28, Ago. 1936.

ASTROLOGIA POLÍTICA



O Sr. Blum ao Sr. Eden: — Parece que o eixo da paz se deslocou para Berlim e Roma! (Kladderadatsch, Berlim).

Inteligência, Ano III, nº 28, p. 50-21, abr. 1937.

Extraída da revista germânica *Kladderadatsch*, ela foi impressa junto a um longo artigo, intitulado “A encruzilhada da juventude européia”, de autoria de Kalman

de Buday, originalmente publicado em *The Nineteenth Century and After*, de Londres. Nele, o autor situava os jovens do Velho Mundo dentro do quadro político daquela época, descrevendo as diversas alternativas e sistemas que prometiam resolver os problemas e desafios que surgiam.

Para ele, a juventude deveria desempenhar um papel de relevo na construção de um mundo novo uma vez que “o espontâneo patriotismo criador da juventude européia é o que se torna necessário, por estar o seu espírito sempre pronto para se ajustar a toda nova situação, para tomar conhecimento e para viver acima das mutações constantes da vida internacional”.¹⁹⁴ Como se percebe, ainda que o foco do artigo seja atribuído aos problemas relacionados à juventude, a caricatura ressaltava a modificação do eixo da paz da França e da Inglaterra para a Alemanha e a Itália, o que representava uma vitória das ditaduras. A revista alemã *Kladderadatsch* publicou esta caricatura em seu exemplar de novembro de 1936. Note-se que houve uma decalagem de quatro meses entre a difusão na Alemanha e no Brasil, o que pode indicar que os editores esperaram o momento propício para fazer uso desta imagem. Vale a pena comparar o original e a versão local, que suscita algumas questões.

¹⁹⁴ *Inteligência*, Ano III, nº 28, p. 51, Abr. 1937.



Em primeiro lugar, chama atenção a qualidade da revista alemã. O caricaturista Werner Hahmann, criador do desenho, pode trabalhar com cores, que garantiram uma maior visibilidade aos detalhes por ele criados. Outro fator de destaque são as traduções efetuadas pelos que trabalhavam em *Inteligência*. Roland Barthes elaborou uma discussão acerca da fotografia que pode ser evocada para entender as caricaturas como uma mensagem por meio da qual o leitor elabora e refaz sua interpretação do mundo.¹⁹⁵

¹⁹⁵ De acordo com BARTHES, Roland. *Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces*. Buenos Aires: Paidós, 1986, p. 11, “la fotografía de prensa es un mensaje. Una fuente emisora, un canal de transmisión y un medio receptor constituyen el conjunto de su mensaje. La fuente emisora es el grupo de técnicos que forma la redacción del periódico. (...) El medio receptor es el público que lee el periódico. (...) Y el canal de transmisión, el propio periódico o, para hablar con más precisión, un complejo de mensajes concurrentes que tienen a la fotografía como centro, pero cuyo entorno está constituido por el texto, el titular, el pie de foto, la compaginación y, también, de un modo más abstracto pero no menos ‘informativo’, la misma denominación del periódico (puesto que su nombre constituye un saber que puede pesar muchísimo en la lectura del mensaje propiamente dicho: una fotografía puede cambiar del sentido al pasar de *L’Aurore* a *L’Humanité*)”.

A legenda também merece atenção pois a versão para o português não foi isenta de intenções: o desenho impresso em *Kladderadatsch* trazia o título de “Völkerbundsplanetarium”, ou seja, Planetário da Liga das Nações que foi traduzido por “Astrologia política” em *Inteligência*, que optou por reforçar a ideia de que as nações ditatoriais ocupavam o centro na nova astrologia. Assim, a versão impunha mudanças de sentido e a mensagem acabou duplamente alterada: primeiro pela diferença entre os detalhes do original e o que se podia imprimir no Brasil e, depois, pela modificação do significado de algumas expressões que compunham as imagens.

A despeito das diferenças, há um elemento que fazia parte da caricatura publicada no periódico alemão que foi extirpado quando da inserção na congênere brasileira: o discurso de Mussolini. Imediatamente abaixo do título que nomeava a composição, os editores reproduziram um trecho no qual ele definia a atuação do Eixo Berlim-Roma na esfera pública internacional.¹⁹⁶ Em *Inteligência* optou-se por apagar o excerto, sem inserir nada em seu lugar. Pode-se supor que tal operação era uma forma de tornar menos explícito o apoio que a revista emprestava ao movimento fascista. Ao associar texto e imagem, esperava-se que o leitor concluísse que, àquela altura, as ditaduras consubstanciadas no Eixo eram as forças motrizes da política externa. Todavia, ao cotejar as duas caricaturas, transparece a operação de inscrever e apagar traços que ora eram imprescindíveis ora irrelevantes para a construção de uma dada representação de quem eram os aliados e os inimigos.

O fascismo não apresentava uma saída somente no que se referia à política, mas também na forma de organização econômica em vigor, o sistema corporativista, que foi amplamente divulgado por *Inteligência*, principalmente ao longo de seu primeiro e segundo ano de publicação. Pode-se afirmar que Mario Gracioti e colaboradores ofereceram aos leitores uma cartilha econômica sobre esta nova maneira de organizar as estruturas do capitalismo, recém saído da crise pela qual passava desde 1929.

O sistema foi explicado, ponto a ponto, e sua maneira de funcionamento apreendida em vários volumes da revista que trazia, ainda, os resultados alcançados por Itália e Portugal neste terreno. É preciso destacar que, ao inserir nas seções do novo mensário uma coluna fixa sobre economia, os editores chamavam para si o trabalho de

¹⁹⁶ O excerto do discurso do chefe de governo italiano que foi publicado no original da revista alemã era assim composto: “Mussolini sagte in Mailand: “Die Vertikale Berlin-Rom ist nicht eine Schnittlinie, sondern vielmehr eine Achse, um die alle europäischen Staaten zusammenarbeiten können” que, em livre tradução, seria: “Mussolini disse em Milão: o Eixo Roma-Berlim não é uma linha excludente, mas sim um Eixo por meio do qual todos os países europeus podem trabalhar juntos”.

defender os mecanismos que consideravam os mais aptos para funcionar no Brasil. Não se pode olvidar que Política e Economia eram ligadas de maneira inextricável e que *Inteligência* tinha por diretor ninguém menos que o presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo, uma das instituições financeiras mais sólidas do país.

Os interesses de Samuel Ribeiro no campo econômico e as ligações dele com o cunhado, Guilherme Guinle, diversas vezes homenageado por Mario Gracioti, perpassavam a trajetória do mensário que, desde 1935, defendia abertamente o corporativismo e uma maior intervenção do governo. Assim, traçar analogias entre sistemas econômicos na década de 1930 não era uma tarefa isenta dos conflitos entre as distintas visões de mundo que digladiavam pelo poder. Como apontou Ilka Stern Cohen, àquela altura,

A propaganda do corporativismo tem vários canais de acesso ao público. Em 1935, o *Diário de S. Paulo* publica uma série de matérias assinadas por ninguém menos que Benito Mussolini. Em longes artigos de ¼ de página, explicam-se as vantagens e maravilhas que o sistema corporativo produziu na Itália, acentuando a questão da representação política das classes produtoras.¹⁹⁷

O mesmo jornal havia realizado uma enquete entre os leitores para avaliar os rumos tomados pela Revolução de 1930 no campo econômico tendo atribuído um caráter positivo à atuação do governo de Getúlio Vargas. Vale lembrar que a seção Economia era a única a trazer textos recortados de periódicos brasileiros em sua majoritária maioria não assinados. O jornal de Chateaubriand, *Diário de S. Paulo* prevalecia no momento da seleção elaborada pelos editores de *Inteligência* o que convertia o mensário quase numa porta voz das conquistas governamentais.¹⁹⁸ Ao longo do tempo, os artigos que tinham como preocupação o crescimento do comércio externo e interno do Brasil faziam às vezes de editorial da revista que celebrava os propalados recordes na balança comercial do país.

A leitura dos textos que trataram da Itália no cenário internacional permite inferir que tal nação foi mostrada pelos intelectuais do grupo de *Inteligência* com benevolência e como paradigma para o Brasil. Em contraste com as demais nações européias, tal país servia de exemplo em virtude do sucesso no combate ao comunismo

¹⁹⁷ COHEN, Ilka Stern. “Para onde vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1997, p.91.

¹⁹⁸ As relações entre Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, e Samuel Ribeiro, diretor do mensário, datavam do início dos anos 1930, momento em que Ribeiro possibilitado a “concessão de vultosos empréstimos à cadeia dos *Diários Associados*, através da Caixa Econômica Federal”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. Verbete “Assis Chateaubriand”, no *Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>, acesso em 15 dez. 2013.

e na economia, por meio da implementação do corporativismo. Tal doutrina econômica, que possuía, no Brasil, entusiastas como Oliveira Vianna,¹⁹⁹ por exemplo, foi apresentada, de maneira pedagógica, aos leitores do mensário, ao longo do ano de 1935.

Ugo Spirito, acerca do funcionamento do modelo econômico, salientava que:

(...) o corporativismo, ultrapassando a antinomia do indivíduo e do Estado, pelo fato de concretizar a corporação, ultrapassa por isso mesmo o dualismo de economia e de política, ou de economia e de moral. *Fazendo corresponder a ordem política e econômica à ordem corporativa, por um lado vence-se o egoísmo das classes e por outro o politicalismo, com as suas idéias e os seus sentimentos.* O socialismo, fazendo uma política de classe oposta à do liberalismo, era obrigado a apelar para as idéias sentimentais e humanitárias que deviam confirmar as suas reivindicações: o corporativismo, pelo contrário, *é técnico, é orgânico, é racional.* E nesse técnica, identificam-se virilmente, sem hipocrisia, o interesse e a obrigação, a economia e a moral e liberta-se a política de abstrações perigosas para transformá-la em expressão de atividade construtora. (...) é verdade, todavia, que aquele que considerar o caminho percorrido desde o fascismo de 1922 até ao de hoje reconhecerá o lento estabelecimento de um princípio, que já está longe dos dois extremos do individualismo anárquico e do burocratismo bolchevista.²⁰⁰

O corporativismo resolveria os problemas não somente econômicos como morais e sociais apresentados pelo capitalismo. Em sua argumentação, o autor tentou demonstrar como o sistema por ele analisado era superior ao socialismo, pois este fazia “uma política de classe oposta à do liberalismo” enquanto o corporativismo “é técnico, é orgânico, é racional”. Em virtude disso, tal doutrina era superior à capitalista liberal cujo reflexo era medido pelo “politicalismo” e “individualismo anárquico” por um lado e pelo “burocratismo bolchevista”, por outro. No mesmo volume, um artigo extraído do periódico *Gerarchia*, de Roma, apontou para o fato de que

(...) o corporativismo não visa realizar uma economia de Estado, centralizada ou descentralizada, por meio de corporações nacionais ou de categoria. *Ele pretende realizar uma disciplina que concilie a antinomia dos indivíduos, com o interesse geral da coletividade nacional. Ele tende não à intervenção sistemática do Estado, mas a colocar o Estado numa posição de controle supremo que lhe permitirá introduzir a disciplina, de velar para que ela seja observada e aplicar-lhe as respectivas sanções.*²⁰¹

¹⁹⁹ Oliveira Vianna, que não se filiou a nenhum grupo, criticou os integralistas e fascistas, afirmou que o “clima espiritual dominante da época (1937) foi amplamente impregnado, entre os juristas”, do “esplendor e prestígio” do regime fascista” e que “a língua italiana era quase tão falada quanto a portuguesa”. APUD: BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2007, p. 442-443.

²⁰⁰ SPIRITO, Ugo. Capitalismo e Corporativismo, *Inteligência*, jan. 1935, p. 29-29.

²⁰¹ Capitalismo e Corporativismo, s/a, *Inteligência*, Ano I, nº 01, p. 29-30, Jan. 1935.

O sistema corporativista, para o órgão italiano, conciliaria a individualidade e a coletividade sem que houvesse necessidade de intervenção perene por parte do Estado, que atuaria como regulador e mediador dos conflitos que se resolveriam pela aplicação de sanções. Tais propostas chamavam a atenção porque o mundo havia acabado de sair da crise de 1929, que exigira medidas drásticas para restabelecer o equilíbrio monetário. John Maynard Keynes tornou-se um dos principais artífices dessa recuperação ao apostar na intervenção estatal para conter o desequilíbrio financeiro. No Brasil, toneladas de café foram atiradas ao mar tendo em vista a lei da oferta e da procura. Por isso, apesar de parecer um tema essencialmente técnico, a economia ganhou relevo durante os anos 1930 e passou a problema essencial.

Em fevereiro de 1935, o mensário publicou um artigo reproduzido do jornal paulistano *Diário de S. Paulo*, no qual o editorialista da seção de economia analisou a situação mundial. Para ele,

(...) Os Estados Unidos, no entanto, seja porque não tivessem a experiência política e econômica do Reino Unido, seja porque são menos rebeldes às novidades e idólatras da ação imediata e do dinamismo, abandonaram os seus quatro séculos de filosofia individualista, aventurando-se contemporaneamente no diagrama de economia dirigida e planificada. (...) Uma vez, com efeito, que se estabelece o controle autoritário, nem sempre é possível limitá-lo ao domínio político. *Se consentimos em que a liberdade econômica seja destruída, os poderes, que representam o pensamento liberal, perderão de tal maneira a sua força e a sua resistência, que não estarão em condições de oferecer dificuldade alguma à extensão progressiva do mal também no seio da vida pública e constitucional. E se se renuncia gradualmente a essa resistência, os valores fundamentais da existência, tais como a liberdade individual, a liberdade de pensamento e de palavra, a independência científica, estão expostos a todos os perigos iminentes. Os povos civilizados – problema Cassel – devem cerrar fileiras com o intuito de não serem conduzidos a uma estrada que significa a demolição de cânones, padrões e ideais, sobre os quais se edificou a prosperidade e a civilização de todo o mundo ocidental.*²⁰²

O texto acima denota quão intrínseca era a relação entre economia e política durante as primeiras décadas do século XX. O autor criticou a condução da política econômica norte-americana que se rendeu ao encanto do controle por parte do Estado e ofereceu uma explanação sobre as conseqüências funestas para a democracia caso tal exemplo fosse seguido por mais países. Não se poderia abrir mão da livre iniciativa comercial sem, concomitantemente, abandonar as garantias que o Estado de Direito

²⁰² A economia dirigida e as ditaduras, s/a, *Inteligência*, Ano I, nº 02, p. 49, Fev. 1935. Vale destacar que era somente na sessão *Economia* que textos originários da mídia impressa brasileira eram selecionados. As temáticas estavam relacionadas à produção de algodão e demais produtos da balança comercial brasileira além de comentar os dados positivos referentes às exportações no período em questão.

num regime democrático garantia. Essa associação, de certa forma sintetizou uma das críticas que mais ecoaram nos países de economia planificada durante esse período. Em todos, o controle econômico culminara também no controle das liberdades individuais e na violência.

Os redatores de *Inteligência* vincularam-se aos que defendiam as intervenções governamentais no campo econômico e celebravam os índices de crescimento da economia nacional, publicando dados extraídos do jornal *Diário de S. Paulo*. Ao referendar as intervenções de Getúlio Vargas neste cenário, *Inteligência* conferia ao governo do presidente grande prestígio e assumir tal posição, neste período, significava postular que, ao contrário do que afirmavam as classes dirigentes, a economia trilhava caminhos seguros em direção à modificação da situação brasileira.

Portugal foi outro país que ganhou destaque nas publicações do primeiro ano do mensário em virtude de seu regime político e de seu chefe de governo, Salazar. Em junho, um dos textos comentava que

É, na pratica, o Estado Corporativo, que antepõe os interesses da associação aos interesses do indivíduo. A célula associativa é a família, e, em regra geral, somente os chefes de família gozam do direito eleitoral. (...) A ditadura portuguesa tem agora 07 anos, e o Estado Corporativo, se não está completo, encontra-se em bases sólidas. É uma ditadura geralmente popular, e *conservou o país livre das infecções revolucionárias da Espanha. A sua obra econômica tem sido verdadeiramente notável, e deve dar que pensar àqueles que consideram todas as ditaduras um mal.*²⁰³

Ao elogiar a ditadura portuguesa, o autor sugeria que os opositores do regime deveriam reavaliar suas posições. No início de sua análise, o autor salientou que o indivíduo tinha seus interesses postergados em detrimento da coletividade. O excerto revelou, ainda, o patriarcalismo das “células associativas”, geridas por homens que teriam o direito eleitoral. Nesse sentido, não havia espaço para a deletéria atuação partidária, aquela condenada nas democracias, mas sim uma organização que partia da família e atingia a cúpula estatal. A família também voltou a ser o tema de uma intervenção publicada pelos intelectuais que compunham o grupo de *Inteligência*. Em março de 1936, ao descrever a situação em Portugal, o comentarista explicava que

(...) O individuo somente existe como fazendo parte de uma família ou de um organismo determinado. Ele só vale, como elemento desse agrupamento ou

²⁰³ WHITE, J. Baker. A ditadura de Carmona, *Inteligência*, Ano I, nº 06, p. 23-25, Jun. 1935. É muito importante ressaltar que o texto já antecipava o clima tenso entre os espanhóis. Já neste momento o autor havia identificado, do outro lado da Península Ibérica, “infecções revolucionárias”, que terminaram em guerra civil.

desse organismo. Diz-se frequentemente que o corporativismo é uma reação contra o liberalismo, mas exagera-se o que talvez não passa de uma forma secundária do seu caráter: o corporativismo é, antes de tudo, uma reação contra o individualismo. (...) *Numa época de readaptação, como a nossa, época de reestabilização, poderia dizer-se, o empirismo, mais do que em qualquer outro tempo, é necessário aos chefes de governo. Formulas feitas, a priori, é que fizeram abolir toda a velha regulamentação corporativa; não serão formulas desse gênero que permitirão reconstruir. Por isso, o exemplo dos outros é precioso; por isso uma experiência metódica e racional, como a experiência portuguesa, pode ser rica em ensinamentos.*²⁰⁴

A época foi denominada pelo autor de “readaptação”, de “reestabilização”, que se coadunava com o “novo” do artigo anterior. Diante do novo seria necessário elaborar novas leis econômicas e isso foi feito. “Vale destacar a conclusão do autor, que sentenciou: “o exemplo dos outros é precioso” e ‘rico em ensinamentos’, maneira direta de convidar o leitor a refletir sobre a possibilidade de fomentar tal debate dentro de seu país. Além disso, a valorização da família enquanto núcleo formador da nação e da nacionalidade era uma estratégia presente no discurso integralista presente no lema “Deus, pátria e família”.

²⁰⁴ *Inteligência*, Ano II, nº 15, p. 48, Mar. 1936.

O sistema corporativo em Portugal

Je Suis Partout,

Paris, 2 de dezembro de 1935.

JEAN — YVES LE BRANCHU

"Diz-se frequentemente que o corporativismo é uma reacção contra o liberalismo, mas exagera-se o que talvez não passa de uma forma secundária do seu carácter: o corporativismo é, antes de tudo, uma reacção contra o individualismo.

A nova constituição portuguesa foi elaborada no decorrer do ano de 1932 e ratificada, quasi unanimemente, pelo plebiscito de 19 de Março de 1933. A nova forma corporativa da organização do país foi completada por seis decretos, de 23 de Setembro de 1933.

Segundo a propria definição da Constituição (art. 5), "Portugal é uma república unitária e corporativa, fundada sobre a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sobre o livre acesso de todas as classes aos benefícios da civilização e sobre a participação de todos os elementos constitutivos da nação na vida administrativa e na confecção das leis". Entre esses "elementos constitutivos da nação" encontra-se, na base, formando por assim dizer a célula primária, a família, considerada como unidade social fundamental e que o Estado tem o dever de proteger. Porque, aqui como em todas as organizações corporativas, o papel do individuo, conside-

rado em si mesmo, fica muito reduzido. O individuo somente existe como fazendo parte de uma família ou de um organismo determinado. Ele só vale, como elemento desse agrupamento ou desse organismo. Diz-se frequentemente que o corporativismo é uma reacção contra o liberalismo, mas exagera-se o que talvez não passa de uma forma secundária do seu carácter: o corporativismo é, antes de tudo, uma reacção contra o individualismo. As noções de liberdade e de individuo não estão, com efeito, indissoluvelmente ligadas uma á outra: sem duvida, esta ultima determinou a noção, ou, pelo menos, a applicação do regime liberal. Mas, se o liberalismo do século XIX é a resultante do movimento de idéas do século XVIII que teve por fim exaltar o individuo, opondo-o, até certo ponto, aos agrupamentos sociais da época, não é impossivel conceber um sistema liberal que tenha uma base outra que não a do individuo: é a noção de um sistema liberal, cuja unidade orgânica

Inteligência, Ano II, nº 15, p. 48, Mar. 1936.

O autor apresentava um dos equívocos cometidos pelos analistas que diziam "frequentemente, que o corporativismo é uma reacção contra o liberalismo, mas exagera-se o que talvez não passa de uma forma secundária do seu carácter; o corporativismo é,

antes de tudo, uma reação contra o individualismo”.²⁰⁵ A popularização de textos econômicos dessa natureza aliada à imagens que consagravam a vitória italiana no âmbito internacional reforçam a hipótese de que *Inteligência* foi lançada com o propósito de atuar no espaço público brasileiro a partir de uma visão de mundo de direita previamente estabelecida. Não obstante as fórmulas prontas no que se referia à política, foram também impressas as saídas para os problemas econômicos pelos quais o Brasil passava. No amplo debate ocorrido naquele período sobre a organização econômica da sociedade, os responsáveis pela publicação, associados ao diretor da revista, personalidade de grande expressividade neste campo, optaram pelo caminho já trilhado por Itália, Alemanha e Portugal como paradigma para seu país.

No caso brasileiro, o governo do presidente Getúlio Vargas, à época em sua fase Constitucional, controlou a economia com base no keynesianismo e, em virtude disso, tais apontamentos ganharam relevância para as práticas econômicas. O epicentro a partir do qual tal política emanou, todavia, era Roma. Em um dos comentários acerca do corporativismo enquanto doutrina econômica, Raffaele de Leva defendia que

*(...) A condição política e econômica moderna de todos os países exige novo caminho para o comercio internacional. (...) Não hesitamos em responder a esta pergunta com a afirmação de que a política comercial necessária a todos os países é a sustentada pela Itália, ou melhor, aquela que decorre dos princípios que enquadram a ordem corporativa italiana no que se refere às relações políticas, econômicas e comerciais com o exterior.*²⁰⁶

O mundo pós-crise necessitava de uma nova maneira de realizar as trocas comerciais entre as nações. Raffaele sugeriu que as práticas italianas correspondiam a tais necessidades e serviam, assim, de paradigma para os demais países fazendo com que o corporativismo ampliasse a esfera de atuação da Itália para o mundo. A recuperação da imagem italiana dentre as nações do globo era uma das metas do governo de Mussolini. Mario Gracioti conferiu amplo destaque para as atividades desenvolvidas pelo governo daquele país conferindo especial relevo também a seu ditador. Em março de 1935, o mensário assim explicava como o fascismo havia modificado a Itália:

(...) hoje, em toda a Itália, os trens partem e chegam nos horários. E isso, tanto como o quase desaparecimento dos famosos lazzaroni de Nápoles, é o símbolo de uma grande transformação. (...) Entre a Itália de 1935 e a Itália de 1922 não há quase mais nada de comum. A sua estrutura política, como se sabe, mudou profundamente. (...) Mas a Itália fascista, como o seu antigo deus Janus, tem

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ DE LEVA, Raffaele. A política comercial corporativa, *Inteligência*, Ano I, nº 08, p. 52-53, Ago. 1935.

duas faces: e se ela olha, por um lado, para as suas ricas campinas e os esplendidos monumentos das suas cidades, ela não vive dobrada sobre si mesma. *Ao contrário volta-se para a vastidão do mundo. O seu lugar debaixo do sol era pequeno demais: ela quis que ele fosse maior e toda a sua política exterior no sentido geral da palavra – foi orientada para esse objetivo. (...) A Itália abriu grandes janelas para o mundo. (...) pela expansão do orgulho nacional, a ‘vontade de poder’ do povo italiano. (...) o fascismo considera a vida como uma luta perpétua, e o cidadão e o país devem preparar-se para afrontar uma guerra, sempre possível, com todas as probabilidades de êxito. (...) A Itália viveu durante muito tempo na contemplação do seu passado. Os futuristas da escola de Marinetti queriam que ele fosse definitivamente abolido e falavam de arrasar os seus últimos vestígios, por mais gloriosos que fossem. O fascismo quer ressuscitar o espírito romano e a tradição romana adaptando-os às necessidades da vida contemporânea. É o que constitui a originalidade poderosa desse regime e, sem dúvida, em larga parte, apesar do sacrifício de muitas liberdades individuais em favor da nação, o seu triunfo e a sua aceitação pelo povo italiano.*²⁰⁷

O excerto defendia as realizações do fascismo italiano de maneira muito semelhante àquela postulada por Mário Gracioti, que anos depois, permanecia fiel aos seus posicionamentos críticos em relação aos regimes liberais. Como se percebe, *Inteligência* não colocou em evidência somente a crise do liberalismo político, mas também a falência do modelo econômico vigente. Ao discutir em suas páginas os sucessos alcançados pelas economias dirigidas em detrimento das nações do campo democrático os responsáveis pela publicação postulavam tal forma de organização econômica para solucionar os problemas enfrentados pelo Brasil.²⁰⁸

O governo de Getúlio Vargas não se fiava, todavia, nas regras do mercado livre. Durante a década de 1930 muitas mudanças levaram o Brasil do terreno do livre-comércio e do multilateralismo para o bilateralismo. Enquanto a Inglaterra perdia espaço nas negociações com o governo brasileiro e os Estados Unidos ainda sofriam os efeitos da crise de 1929, os alemães que depois de janeiro de 1933 passaram a se organizar de acordo com os preceitos nazistas iniciaram uma aproximação com a economia brasileira que os levou ao posto de maior parceiro comercial ainda em 1938.

²⁰⁷ ABENSOUR, Leon. Mussolini e a Itália nova, *Inteligência*, Ano I, nº 03, p. 15-19, Mar. 1935.

²⁰⁸ Miguel Reale, um dos expoentes da doutrina integralista no Brasil, ao escrever sobre a relação entre o fascismo italiano e o Brasil concluiu que não havia “nada de extraordinário, por conseguinte, que sejamos brasileiros, nacionalisticamente brasileiros e, ao mesmo tempo, apresentemos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como o de Mussolini, de Hitler e de Salazar. (...) Fomos nós estrangeiros que mostramos aos peninsulares que a experiência do Fascismo não tem só um valor restrito à Itália, mas constitui uma experiência universal. Inicialmente, Mussolini afirmava: o Fascismo não é artigo de exportação; agora, ele mesmo reconhece que o Fascismo é a doutrina universal do século”, In: TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1979, p. 249.

Com a economia regida pela ideia do marco compensado, elaborada pelo “mago das finanças”, Hjalmar Schacht, os alemães vendiam produtos industrializados que possuíam um alto valor agregado e compravam matérias primas e, principalmente, produtos alimentícios. O saldo destas transações, contudo, não era contabilizado em nenhuma moeda corrente, mas sim no “marco compensado”, ou seja, os valores excedentes só poderiam ser trocados entre as nações no acordo envolvidas (Alemanha e Brasil) o que garantia aos germânicos não somente acesso às riquezas de vários países, mas também o superávit constante de suas contas uma vez que os produtos por ela exportados eram de valor vultoso.

O comunismo foi combatido de várias maneiras e recorrendo-se aos autores mais variados do campo político internacional. A ideologia comunista foi criticada não somente pelos seus inimigos históricos – liberais, cristãos e nazi-fascistas, mas também por personalidades que tiveram efetivo destaque nas revoluções de 1917. As temáticas apresentavam um conjunto de características que pretendiam consolidar a ideia de que o comunismo era uma ameaça nefasta e letal que comprometia o Brasil e todo o Ocidente.

Para tanto, mobilizou-se as representações da URSS e de seu regime de violência e perseguição e de Josef Stalin, o líder do movimento, responsável por conduzir políticas de assassinio em massa e de condenar antigos camaradas. Além disso, os textos selecionados trouxeram também exemplos concretos da vida na URSS como casos de miséria, da leitura, da construção de novas mitologias políticas por meio da imprensa e do ambiente na Universidade.

A estratégia utilizada em *Inteligência* era reunir o maior número de textos combativos possíveis, independentemente das fontes nas quais eles foram originalmente publicados. Tal prática nivelava autores de diferentes concepções políticas além de submeter ao mesmo patamar personalidades cuja história se confundia com a da própria revolução russa, tais como Trotsky e Kerensky, o primeiro, um dos líderes, ao lado de Lênin, do movimento vitorioso, e o segundo, o derrotado. Dessa forma, parecia que todos condenavam o movimento soviético, o que apagava as diferenças de opiniões entre os autores transformando-os num coro uníssono contra a URSS e seu líder a despeito de seus lugares no território político além de conferir um caráter de verdade às críticas proferidas.

No Brasil, uma revista de tal gênero, articulava-se às preocupações da direita que lutava exatamente contra liberais e comunistas pela conquista do poder. Assim, publicar textos que vergastavam a imagem do comunismo internacional a partir de

visões de ex-integrantes e inimigos do regime servia de mote para combater os caudatários de tal visão de mundo dentro do país. Vale destacar que a imagem da URSS e de suas lideranças permaneceu imutável ao longo destes primeiros quatro anos da publicação como um discurso recorrente que versava sobre a violência, o terror, a injustiça e demais mazelas.

Em um dos artigos, que comentava o problema político naquele país, por exemplo, destacou-se a violência:

(...) Pelo que diz respeito à revolução das forças criadoras da nação russa, a linha política de Stalin, afastava-se cada vez mais da teoria; *sua política perdia o caráter partidário e adquiria o cunho de grande estadismo e de potencia mundial, apesar da brutalidade dos meios e da falta de escrúpulos éticos.* (...) *Agora, a lição do plano quinquenal é clara para todos. O 'construtivismo triunfa e o kulak (camponês-proprietário) está aniquilado.* Verifica-se, porém, que a teoria esquerdista está em conflito não com o kulak simbólico ou imaginário, mas sim com a própria vida. Faltou pouco para que a teoria esquerdista quebrasse o construtivismo. *Desde 1931 a linha de Stalin afasta-se sempre cada vez mais da teoria comunista.* (...) A agitação que domina agora a Rússia inteira não representa segredo para os estrangeiros e o prestígio da autoridade de Stalin acha-se grandemente prejudicado.²⁰⁹

O excerto denota que para atingir as metas do plano quinquenal o líder comunista não se ateve a princípios éticos nem se preocupou com a brutalidade que algumas ordens representavam.²¹⁰ Ao traçar os rumos que a economia planificada deveria seguir, de acordo com o autor, Stalin havia se afastado da teoria, o que comprometia seu prestígio no cenário internacional. Comum também neste momento em que fervilhou a política no cenário inter(nacional) o mensário publicou um texto no qual Josef Stalin apareceu como líder supremo e realizador das maiores conquistas russas. Tal literatura, consubstanciada em diários de viagem de intelectuais franceses à URSS publicados posteriormente em formatos de livros chegou ao Brasil. Em parte destes livros, a União Soviética parecia uma nação justa na qual era possível viver sem constrangimentos e se beneficiar do clima de igualdade que prevalecia.²¹¹

²⁰⁹ SKRYLNYKOFF, B. O rumo atual da política russa, *Inteligência*, Ano I, nº 03, p. 23-25, Mar. 1935.

²¹⁰ O professor de história da Universidade de Yale, Timothy Snyder lançou um livro no qual, dentre outros temas, analisa a ação de Stalin contra os Kulaks dentro dos limites da União Soviética. No livro, o autor afirmou que: “The corresponding OGPU order of 2 February specified the measures needed for ‘the liquidation of the kulaks as a class’. In each locality, a group of three people, or ‘troika’, would decide the fate of the peasants. The troika, composed of a member of the state police, a local party leader, and a state procurator, had the authority to issue rapid and severe verdicts (death, exile) without the right to appeal”. *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*. New York: Basic Books, 2010, p. 26.

²¹¹ Rodrigo Patto Sá Motta, ao se debruçar sobre tal temática concluiu que “nessa guerra de propaganda um dos temas principais, senão o mais importante, foi a batalha em torno das representações sobre a URSS. Para a esquerda, além de ser uma convicção era um trunfo de propaganda o argumento de que nas

A violência, todavia, atingia todos os níveis da sociedade soviética chegando, inclusive, aos camaradas mais próximos de Stalin. Nas páginas da revista, o leitor encontrava as denúncias dos processos de Moscou, contra ex-dirigentes do Partido, que chocou o mundo, em virtude da transparente falsidade das acusações. Em setembro de 1935, um dos comentaristas internacionais assinalava que

(...) a súbita dissolução da Associação dos Antigos Bolchevistas por decreto da Comissão Central Executiva do Partido Comunista, de 26 de maio, é outro indicio da resolução de Stalin de se libertar das tradições revolucionárias do comunismo. (...) *Um a um, os seus membros mais eminentes, tais como Trotsky, Kamenev, Zinoviev, Rykov e Tomsky, foram vítimas de Stalin, que decidira remover toda oposição à sua vontade.*²¹²

O autor deixou claro que as ordens de Stalin deveriam ser cumpridas a qualquer preço. Os antigos camaradas que participaram da Revolução de 1917 deveriam ser eliminados mesmo *in absentia*, como foi o caso de L. Trotsky, condenado à morte. Tais julgamentos - ou espetáculos públicos - não passaram incólumes pelos holofotes da mídia internacional nem tampouco pelos redatores do mensário paulistano, que publicou sobre este assunto artigos que denotavam como Stalin tentava reescrever a história da Revolução Russa e erigir uma nova, sob cadáveres.

A participação da URSS nos assuntos internacionais também foi tratada com especial atenção pela redação do mensário. Os anos 1930 marcam o início de uma polarização entre os movimentos de direita e de esquerda e, como tal polarização possuía suas ressonâncias no Brasil, era de grande interesse acompanhá-la, de perto. Para tanto, foram analisados os pactos que foram assinados entre as potências européias e a URSS no contexto do fortalecimento dos países totalitários da direita, Alemanha e Itália. A entrada da URSS na Sociedade das Nações não foi pacífica. Ainda que a instituição genebrina estivesse com o seu prestígio mais que abalado devido às guerras coloniais levadas a cabo por Mussolini na África e pela denúncia dos pactos pós-1919 pela Alemanha de Hitler, os acontecimentos a ela relacionados calavam fundo na mídia impressa de todo o mundo. No Brasil, a situação não era distinta. Apesar de não fazer

terras do velho império czarista estava sendo construída uma sociedade socialista, um país livre da exploração e da propriedade privada, a verdadeira pátria dos operários”, O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 137.

²¹² FURNISS, Edgar S. A nova posição política da URSS, *Inteligência*, Ano I, nº 09, p. 31-34, Set. 1935.

parte da Liga, os intelectuais brasileiros ligados às doutrinas ideológicas da direita condenaram abertamente o fato por meio de artigos publicados na imprensa paulista.²¹³

Todavia, em virtude dos problemas da conjuntura externa, as nações que compunham o bloco democrático viram-se obrigadas a aproximar-se da URSS para tentar conter a expansão germânica, num primeiro momento. A França foi a primeira a firmar com os soviéticos um Pacto que pretendia selar a Alemanha: por meio dele, os alemães reviveriam seu pior drama militar caso declarassem guerra aos franceses, uma guerra em duas frentes, pesadelo dos militares e estrategistas. A aliança franco-soviética não foi bem recebida nem mesmo na França onde recebeu críticas de vários órgãos da imprensa.²¹⁴ Em janeiro de 1936, ao estudar tal aproximação, Alexander Kerensky, protagonista e vítima das revoluções de 1917, sentenciou:

(...) agora, que a democracia européia foi ao extremo oposto e apenas parece prestar atenção às ‘brilhantes realizações’ da URSS, agora que ela quer elevar seus líderes da ditadura bolchevista à categoria de ‘defensores da democracia’ encontro-me de novo na primeira trincheira. O movimento histórico, que a Europa está vivendo, é demasiado grave para que alguém possa viver num mundo de ilusões. (...) E não obstante, muitos democráticos e liberais da Europa se iludem com respeito ao futuro, e começam a encarar a ditadura de Moscou como uma ‘nova democracia socialista’. (...) Sinto-me preocupado porque a democracia do Ocidente, procurando a amizade com os bolchevistas numa época em que a situação deles é muito crítica, coloca sua autoridade moral no mesmo plano da ditadura. (...) ‘Não é possível compromisso com quem está tentando aniquilar o espírito. Onde não há liberdade espiritual, não se podem criar obras literárias. A mentira e o desprezo do espírito conduzem à esterilidade’. Tais foram as palavras de Heinrich Mann, há pouco fugido da Alemanha, no Congresso de Paris para a Proteção à Cultura, recentemente realizado. Neste congresso, convocado para cuidar de proteger as conquistas da inteligência contra os golpes do fascismo e do hitlerismo, as palmas mais calorosas foram

²¹³ BARROSO, Gustavo. Um crime da Liga das Nações, *Folha da Manhã*, 22 nov. 1934, p. 06. No texto, concluiu o autor que “tem-se a impressão de que uma obra diabólica e que o Espírito do Mal vai estabelecer o seu domínio sobre o mundo. As trevas se alastram para vencer a luz. É, portanto, crime de lesa humanidade o que acaba de cometer a Liga das Nações recebendo em seu seio a Rússia Soviética e Judaica. Ela, assim, legalizou o crime e se tornou co-responsável da infâmia pois reconheceu com igualdade de direitos aos outros membros a grande ré das maiores monstruosidades até hoje perpetradas contra a civilização”.

²¹⁴ A título de exemplo, destacamos esse artigo, no qual o editorialista avaliou o pacto frente à Alemanha. Para ele, “(...) Presentemente, como Hitler parece dar-se ao trabalho de realizar e completar a obra de Bismarck, pelo direito e pela força, somos levados de novo a procurar os nossos aliados de Moscou. (...) Um ataque brusco, por meios mecânicos, não parece destinado a triunfo. O exército francês possui uma técnica perfeita do combate defensivo e com a excelência da arma criada para contra-atacar os carros de assalto, ele tem a possibilidade de inutilizar a ofensiva desses auto-blindados. (...) O governo francês, portanto, cometerá erro criminoso se se deixar envolver por Moscou numa guerra em que os nossos interesses nacionais não estiverem ameaçados. Arriscar-nos-emos, ao fim de algumas semanas, a ver afundar-se o colosso de pés de argila e defrontar-nos-emos, outra vez, com um novo Brest-Litowsk”. A aliança franco-russa e a Alemanha, *Inteligência*, Ano II, nº 16, p. 17-20, Abr. 1936. Vale destacar, aqui, que a expressão “colosso de pés de argila” foi por muito tempo utilizada para se referir ao potencial bélico dos soviéticos.

recebidas pela delegação de escritores soviéticos, isto é, escritores pertencentes a um país de onde desapareceu completamente a liberdade de pensamento e onde não existe um indício sequer de imprensa independente. (...) É o perigo da guerra e do hitlerismo, o receio muito compreensível de um fracasso que está ditando ao Kremlin a sua nova política internacional ‘humanitária e democrática’. (...) que resultados, práticos ou morais, podem esperar-se de uma luta pela liberdade e pela justiça social, se essa luta é feita em colaboração com um governo que está negando e destruindo, em seus próprios domínios, essas conquistas da cultura? (...) Conhece-se, no Ocidente, o verdadeiro humanitarismo de Stalin, que agora vem em auxílio na luta contra os princípios anti-humanos de Hitler e do fascismo? Estou convencido que não...²¹⁵

O artigo de Alexander Kerensky possuía teor quase panfletário. O autor preocupou-se com a evolução dos problemas europeus e, mais especificamente, com a condução deles pelas potências ocidentais. Para auxiliá-los no combate contra Hitler que assomava no horizonte como ameaça os franco-britânicos buscavam o auxílio de Stalin, cuja biografia Kerensky definiu como desconhecida pelos líderes ocidentais. A citação do Congresso de Paris para a proteção da Cultura foi muito importante porque revelou que os soviéticos promoveram na Europa uma série de atividades culturais contra os fascismos. A ideia era contra-atacar o campo nazi-fascista impingindo neste o epíteto de bárbaro enquanto os comunistas

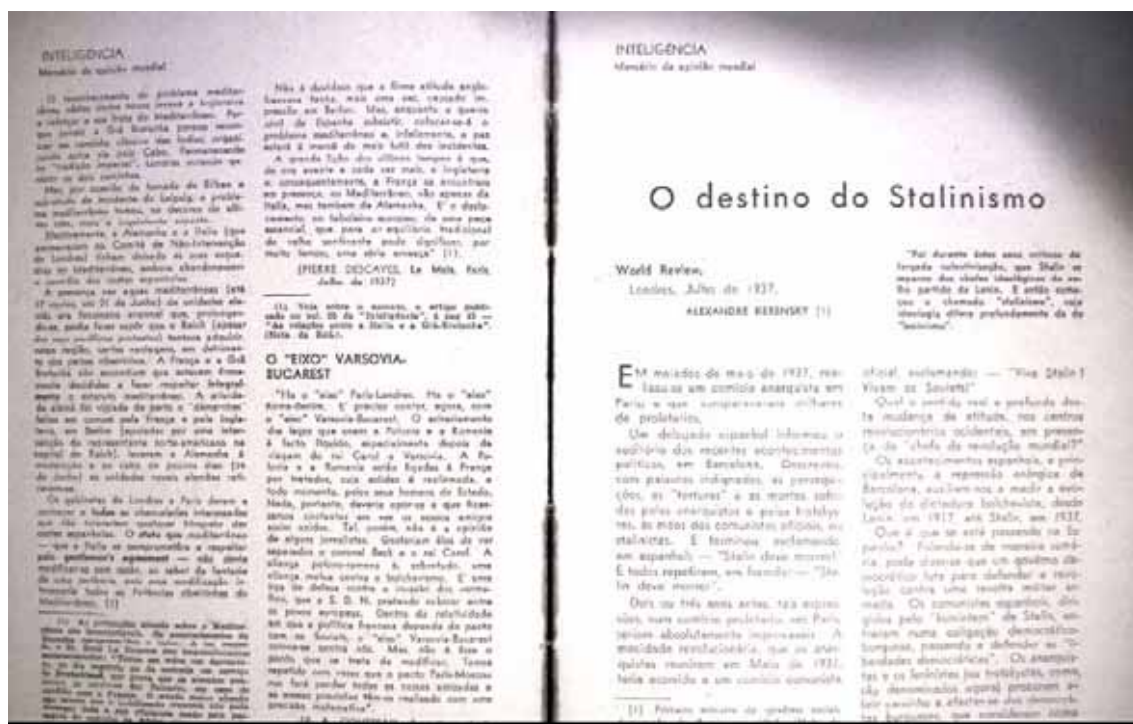
Também nesse campo a dura crítica de Alexander Kerensky se fez presente. Para ele, as palmas lá recebidas e ofertadas serviam ao propósito de esconder que na URSS não havia nem liberdade de imprensa nem de pensamento. Assim como na Alemanha toda esta estrutura estava sob a chefia do Estado, primeiro censor.²¹⁶ Ao sugerir que as nações que compunham o campo democrático desconheciam o “verdadeiro humanitarismo de Stalin” o autor demonstrava sua estupefação diante da aliança que se procurava firmar uma vez que o ditador soviético cometera tantos crimes quanto Adolf Hitler, a quem propunha ajudar a destruir.

²¹⁵ KERENSKY, Alexander. A URSS entre a ditadura e a democracia, *Inteligência*, Ano II, nº 13, p. 45-46, Jan. 1936.

²¹⁶ Vale ressaltar que o texto antecipa algumas questões pungentes que grassaram na Europa, posteriormente. A aliança entre os países ocidentais e a URSS stalinista também não era bem vista nem aceita dentro das nações que compuseram o campo Aliado durante a Segunda Guerra Mundial. As críticas de Alexander Kerensky podem ser lidas hoje como um lembrete de que a vitória aliada na guerra ocorreu em virtude de uma aliança com um país que sofria reservas de todos os demais participantes. Além disso, a política “humanitária e democrática” do Kremlin, da qual fala, ironicamente, o autor, ainda ecoa não somente no universo acadêmico como nos livros didáticos que simplesmente apagaram de suas páginas os expurgos e os demais crimes cometidos por Stalin, antes da URSS ser invadida pela Alemanha, em junho de 1941. É fundamental recordar que durante 1939-1941 ambas as potências dividiram entre si não somente a Polônia, mas a Letônia, a Lituânia e a Estônia entregues à URSS pela Alemanha em troca de uma área de influência mais a oeste, além da Finlândia, derrotada numa guerra contra a URSS em fins de 1939.

Fiel à estratégia gráfica e editorial que norteava os métodos de seleção das imagens e das notícias publicadas Mário Graciotti e seus colaboradores propagaram caricaturas que reforçavam o viés negativo associado ao movimento comunista na parte textual. Como exemplo, pode-se citar a composição elaborada para o volume 33, de Setembro de 1937 em que foi articulada uma imagem extraída de uma fonte italiana (crítica ao movimento soviético) e um artigo de Alexander Kerensky (protagonista e vítima da Revolução de 1917). Naquela oportunidade, o autor elaborou uma definição que pretendia abarcar o sentido e o conteúdo o movimento liderado por Stalin:

(...) *O stalinismo é uma formidável máquina ditatorial, um sistema político, que se foi esvaziando gradualmente de todo o seu antigo sentido ideológico. O stalinismo significa, praticamente, a destruição do leninismo, nas mãos do seu sucessor direto*. (...) *“Poucos meses atrás poder-se-ia falar da ‘fascistização do bolchevismo’; hoje, será mais acertado denominar este processo ‘militarização do bolchevismo’*. (...) Eis a razão pela qual o destino do stalinismo, e do próprio Stalin, está fadado a ser trágico. Entre dois sistemas – ditadura e democracia – que ele inultamente procura combinar, um ditador sempre prefere o primeiro.”²¹⁷



Inteligência, Ano III, nº 33, p.32-33, Set. 1937.

²¹⁷ KERENSKY, Alexander. O destino do stalinismo, *Inteligência*, Ano III, nº 33, p. 33-36, Set. 1937. Ao final do texto o leitor encontrava uma Nota da Redação que tinha o seguinte formato: “Veja o artigo ‘O Terroir russo’, de L. Trotsky, publicado no vol. 07, de *Inteligência*, à pg. 31”. Como se vê, houve a preocupação de vincular o texto de Kerensky ao de outro dissidente, Trotsky e sugerir que o leitor procurasse o outro artigo para que complementasse a crítica ao sistema comunista. Esta prática de direcionar o leitor a outro texto não ocorreu somente neste caso mas revela como os intelectuais que montavam a revista se preocupavam em amarrar bem os conteúdos e aparar as arestas por meio das inúmeras possibilidades que surgiam quando se debruçava sobre uma revista de conteúdo diversificado.

O artigo havia sido originalmente publicado na *World Review*, uma publicação que tinha um escopo semelhante ao de *Inteligência e Seleções* pois passava em revista as principais temáticas da contemporaneidade. Ao trazer ao público selecionado a partir da fonte londrina o processo de edição elaborado por Mario Graciotti fazia um duplo deslocamento: o texto de Kerensky, editado em outro periódico chegava ao intelectual paulistano via *World Review* e, então, era traduzido e republicado no mensário da opinião mundial. Não obstante essa circularidade, o conteúdo sofria nova intervenção: a inserção de uma caricatura que fazia às vezes de síntese da temática discutida pelo artigo. A movimentação da serpente em torno de si resultava na eliminação, sangrenta, dos principais responsáveis pela montagem da estrutura soviética ao longo do tempo em alusão aos julgamentos de Moscou. Stalin, chefe supremo que restava, era retratado próximo de se devorar, reflexo último da dialética por ele erigida. Nesse caso, imagem e texto dialogavam no intuito de demonstrar ao leitor que o destino do Stalinismo era a autodestruição e suas ressonâncias para além da URSS eram também indesejadas, pois traziam consigo os germes do mesmo problema. A revista acompanhou o processo de enrijecimento do sistema soviético e viu surgir uma nova URSS, aterrorizada pelo GPU, pelo NKVD e pelo Gulag. O Gulag (Glavnoe Upravlenie Lagerei), ou Diretoria Geral dos Campos, era o sistema de campos de concentração criados na URSS para punir os críticos e inimigos do regime. De acordo com Moshe Lewin, em 1935, o ainda jovem sistema, possuía quase um milhão de prisioneiros.²¹⁸

²¹⁸ LEWIN, Moshe. *Op. cit.*, p. 149-150. SNYDER, Timothy. *Op. cit.*, p. 27, apontou: “the Gulag, which the Soviets themselves called a ‘system of concentration camps’, began alongside the collectivization of agriculture and depended upon it. It would eventually include 476 camp complexes, to which some eighteen million people would be sentenced, of whom between a million and a half and three million would die during their periods of incarceration”.

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

Esta é a razão pela qual stalinistas e trozkistas se opõem violentamente, na Espanha. Estão divididos por ódio recíproco, e aterrorizam-se uns aos outros.

«Deve um trozkista auxiliar os republicanos na defesa da sua liberdade, ou deve procurar converter a revolução em movimento puramente proletário? Esta é a questão.

Os trozkistas respondem, claramente, que o seu dever é encorajar todo movimento proletário, pois esta era a tática de Lenin em 1917 e 1918. E somos forçados a admitir que os trozkistas espanhóis têm cem por cento de razão.

Em 1917, Lenin aceitou a aliança com os anarquistas, para converter a revolução democrática em puro movimento proletário. Adotou a posição de derrotista, na guerra com a Alemanha, preferindo a derrota militar a uma aliança com "classe inimiga."

Em 1917, esta "classe inimiga" não era representada pelo Czar e pelos

latifundiários (que haviam sido derrubados antes da chegada de Lenin), e sim pelos partidos revolucionários-socialistas e os social-democratas, que estabeleceram a república do povo na Rússia. Em 1937, pode-se francamente dizer que Stalin impõe, aos seus agentes e sequazes, na Espanha, uma tática diametralmente oposta às instruções de Lenin em 1917.

Assim, vemos que os trozkistas e os anarquistas espanhóis estão aplicando virtualmente as instruções de Lenin, devendo considerar-se que Stalin está traindo o "internacionalismo proletário", e que, portanto, merece morrer.

Stalin defende-se contra tais acusações; responde, às infundáveis citações de Lenin, feitas pelos trozkistas, por outras infundáveis citações da mesma fonte, a seu favor.

Como quer que seja, há profunda diferença entre a NEP de Lenin e o sistema atual de Stalin. Lenin proclamou a NEP (Nova Economia Política), garantindo à população uma cer-



Quando o serpente russo

INTELIGENCIA

Mensário de opinião mundial

ta liberdade econômica, e mantendo, no mesmo tempo, a forma inicial da sua ditadura política. Seguindo-lhe as instruções, Bukharin criou o grito "Enriqueça-se" (imitando Luiz XIV), ao passo que Zinovieff declarou que a Rússia tinha permissão para "engordar um pouco mais".

Nos comêços, Stalin apresentava, com orgulho, o seu plano de colectivização forçada das terras, ao que dava o nome de "terceira" revolução. Mas os resultados desta renovada experiência do comunismo integral foram mais terríveis do que os da primeira e da segunda. Os processos sensacionais de Zinovieff, Kameneff, Radek, Sokolnikoff, etc. (todos campeões de Outubro) revelaram que, em 1931 e 1933, os velhos bolchevistas representantes leais de Lenin, foram tomados de pânico, conspirando realmente para derrubar Stalin.

Foi durante estes anos críticos de forçada colectivização, que Stalin se separou dos chefes ideológicos do velho partido de Lenin. E então começou o chamado "stalinismo", cuja ideologia difere profundamente da do "leninismo".

Naturalmente, Stalin dirigiu o seu primeiro ataque contra a ala esquerda

do partido, pois era a ala esquerda, inspirada por Trotsky, a responsável pela crise severa resultante do primeiro plano quinquenal.

Stalin repete, continuamente, que a união soviética é uma "sociedade sem classes", que se libertou das peias do capitalismo. Contudo, prossegue dizendo que, embora as classes tenham sido destruídas, a luta contra as "classes inimigas" vai-se tornando ainda mais cruel. A ideia da "luta de classe" é necessária, porque permite que Stalin mantenha a fórmula da "Ditadura do Proletariado", que, hoje, significa ditadura pessoal de Stalin.

O stalinismo é uma formidável máquina ditatorial, um sistema político, que se foi esvaziando gradualmente de todo o seu antigo sentido ideológico. O stalinismo significa, praticamente, a destruição do leninismo, nas mãos do seu sucessor directo. Mas que é que está para acontecer, daqui por diante? Qual será o resultado último desta revolução?

Presentemente, a oligarquia soviética, que compartilha do poder de Stalin, é composta de seis homens: — dois antigos ministros, Kaganovitch e Molotoff; dois marechais, Voroshiloff e Egoroff; dois secretários de partido,



começa a mover-se



(il. 420, Florença).

— 35 —

Inteligência, Ano III, nº 33, p. 35, Set. 1937.

O artigo elogioso, exceção no que se referiu a uma avaliação positiva do comunismo, ganhava vezes de contrapropaganda enquanto o autor do relato, por sua vez, provava a que níveis chegava um intelectual cooptado pelo regime stalinista. Publicado no mesmo mês em que se denunciava o aniquilamento dos kulaks, o texto analisava o líder soviético, Josef Stalin, que foi assim retratado por Henri Barbusse:

(...) esses transbordamentos pensantes que duram horas e o entusiasmo que se repercute na multidão comprimida nas paralelas das tribunas ao longo do muro dentelado do Kremlin, levantam trovoes de clamores, que tem um centro. Esse clamor toma forma humana: ‘Stalin!’ Viva o camarada Stalin!’ entre os que estão de pé, sobre o monumento a Lenine, há um que leva a mão à pala do boné ou levanta o braço dobrado em ângulo reto, a mão aberta, batente. Veste um grande manto militar, mas não é isso que o distingue dos outros que se encontram a seu lado. *Ele é o centro, é ele o coração de tudo quanto irradia no mapa-múndi, à volta de Moscou. O seu retrato – escultura, desenho, fotografia – encontra-se, por toda a parte, no continente soviético, como o de Lenine e ao lado do de Lenine. Não existe canto de empresa, caserna, escritório, vitrina de loja em que ele não apareça em fundo vermelho, entre um quadro de pitorescas estatísticas socialistas (ícone anti-religioso) e a foice entrelaçada com o martelo. Ultimamente colou-se por toda a parte, nos muros da Rússia e das Repúblicas, um cartaz que representa, em grandes dimensões, os perfis sobrepostos de dois mortos e um vivo: Karl Marx, Lenine, Stalin. E multipliquemos ainda por mil: não existem muitos quartos de operários e intelectuais em que não figure Stalin.* (...) Ele erige-se, em toda a altura, sobre a Europa e sobre a Ásia, sobre hoje e sobre amanhã. É o homem mais visível do mundo e, entretanto, um dos menos conhecidos.²¹⁹

O tom laudatório do texto revela o entusiasmo de Henri Barbusse pelo regime soviético e seu líder. Apesar de afirmar que ele era um dos líderes menos conhecidos esse detalhe soçobrava diante do quadro que ele descreveu. Cartazes em todos os lugares, as efígies de Karl Marx, Lênin e a de Stalin justapostas, o quarto do operário – o privado – conquistado pelo grande camarada. Pode-se inferir, por meio do texto, que se encontra diante de uma cena que trazia indícios da construção do culto ao líder na União Soviética. Todavia, nos primeiros anos analisados, tal teor foi utilizado não para se contrapor aos demais textos, mas, sim, para complementá-los, prevalecendo os ataques e as comparações sempre favoráveis aos regimes ocidentais sejam eles fascistas ou democráticos. Além disso, quando cotejados com as caricaturas da política internacional, como a última reproduzida acima, tais textos mudam de significado. Uma vez que Stalin estaria presente em todos os lugares, em todos os recantos do país, como sugeria o texto de Barbusse, a figura do líder assumia menos um tom laudatório do que ameaçador. A serpente multiplicava-se e, onipresente, a todos vigiava e punia.

Na esfera internacional, os responsáveis pela publicação adotaram a estratégia de imputar à atuação da URSS uma indefinição que se atribuía a seu maquiavelismo e oportunismo ao tratar com as demais nações. A imagem abaixo foi alocada em meio à

²¹⁹ BARBUSSE, Henri. Stalin – um mundo novo através de um homem, *Inteligência*, Ano I, nº 03, p. 20-22, Mar. 1935. Cumpre destacar que Henri Barbusse era um escritor que, a esta altura, tornou-se militante comunista. Sua última obra, *Staline*, revela esta modificação e foi escrita parcialmente escrita na URSS, local de sua morte, em 1935. In: www.britannica.com/EBchecked/topic/53006/Henri-Barbusse, consultado em 05 dez. 2012. Na disposição das páginas da revista, o texto de Henri Barbusse foi colocado antes do de SKRYLNYKOFF, cheio de críticas ao regime. Por isso, pode-se afirmar uma provável intencionalidade dos responsáveis pela publicação: primeiro, mostrar uma imagem positiva de Stalin e da URSS e, na sequência, destruir tal imagem, num imediato contra-ataque.

entrevista de Mussolini, publicada no exemplar do mês de Novembro de 1935. Enquanto no texto o leitor encontrava no chefe de governo italiano um homem resolutivo, articulado e movido por princípios claros e definidos, a caricatura do Comissário para Assuntos Estrangeiros conferia outras conotações ao representante da URSS que questionava um colega sobre que alternativa seguir em seu discurso perante a Sociedade das Nações, a guerra ou a paz?

INTELIGENCIA
Membro da opinião mundial

4.º — Chamo muito particularmente a atenção dos franceses para este ponto: a Grã-Bretanha desagrada que a França e a Itália, durante tanto tempo em oposição, quasi rivais, no Mediterrâneo, depois de haverem regulado as suas questões, se tenham posto de acordo na que respeita à Abissínia, sendo-nos favoráveis o governo francês e a opinião pública na sua grande massa. Se a Itália — ao que estamos bem resolvida — se tornar uma potência preponderante na Etiópia, isto acanhamento ter-se-á dado com o continente da França. Ora, a Inglaterra não está contenta, muito ao contrário, com isso tudo. Desde que se trata de colónias ou de marinhas, ela e mais ninguém deverá dar o seu consentimento”.

Respiro-es, sem ordená-las, estes declarações de um homem de Estado italiano, porque elas me parecem representar o estado do espírito de Mussolini e do seu povo.

Mussolini está disposto — foi ele quem o declarou mais de uma vez — a salvaguardar os interesses particulares da Inglaterra na Etiópia. E responderá da mesma forma os da França.

Ele manifestou-me o seu desejo de que as suas relações com o governo britânico voltassem a ser, o mais depressa, tão cordiais e calorosas, como o foram tanta tempo.

— No que respeita à Sociedade das Nações — disse-me — ficarei em Ginebra até ao dia em que me tratarem de tal maneira que a minha partida se torne inevitável.

INTELIGENCIA
Membro da opinião mundial

... Falam constantemente — disse-me ele ainda — de nossas tropas, nunca das do adversário contra o qual tentamos de combater. Ora, se eu tenho 200.000 homens nesse país dentro em pouco terei mais de 300.000 se for necessário, dos quais tres quartas partes italianos e um quarto indígenas, a Etiópia também tem soldados, fernticos, convencidos da sua superioridade militar, até que lhe admitiremos a prova do contrário.

Para todos aqueles que nos criticam, os italianos são lobos; os etíopes cordeiros. Entretanto esses cordeiros possuem bons dentes!

Se se produzem incidentes, os etíopes são perfeitamente capazes de provocá-los, sobretudo quando se sabe que a disciplina e a submissão não são as suas qualidades dominantes.

Mas a questão de todas e mais importante é esta: o governo italiano está decidido a regular, sem intermediários, por suas próprias forças, o seu conflito com a Etiópia? Depois da minha entrevista com Mussolini, devo dizer, em toda a sinceridade, que tal resolução não constitui para mim a menor dúvida. Nada me parece capaz de impedir a Itália de agir por si mesma. Quanto mais todos se convencerem desta verdade melhor terá: poupar-se-ão esforços inúteis, decepções e mal-entendidos.

Foderis a S. D. N. encarregar a Itália de um mandato que lhe permitisse agir por si mesma, mas com uma certa aspiração internacional? Acellaria a Itália, por seu lado, sugere-se a esse problema?

Esta solução não me parece realizável, por se haver perdido demasiado tempo até agora. Concoem-se que

teriam perdido ocasião a Mussolini, far alguns meses, pareciam-se hoje insuflantes. Não se proporcionam já aos seus esforços, aos seus sacrifícios, nem tão pouco às suas despesas.

Mussolini chamou-me a atenção para a questão das custas, para a conta a pagar, capital para um país de recursos míngues como o seu. Centenas de milhões, talvez bilhões, se gastarem já ou deverão gastá-los. Mussolini não quer que essas despesas sejam improdutivoas.

Fit a Mussolini esta pergunta: Na caso dos italianos alcançarem um acão decisivo sobre os abissínicos — o que parece verosímil — consentiria a Itália em negociar imediatamente com os países mais interessados, a Inglaterra e a França, em discutir com elas o futuro estatuto político da Etiópia?

Pareceu-me que Mussolini estaria disposto a essas negociações, o que seria, até certo ponto, de natureza a fazer cair algumas das resistências britânicas. Haveria nisso uma porta de saída que importa manter aberta.

A Itália não tem o dinheiro, nem os meios de manter uma longa campanha, que seria forçosamente muito dispendiosa. Os seus recursos são limitados. Sem grande sacrifício ela poderá, graças a um engenhoso sistema de crédito, pagar aquilo que compra no seu próprio solo. Além disso, é muito económica. Mas, é preciso adquirir fora o que falta para a expedição e que será preciso pagar com a sua reserva de ouro, que se tornou muito exigua: cinco milhões de liras, ou seja mais ou menos um 15.º do que possui a França. Uma vez dispendida esta reserva, não restaria à Itália mais coisa alguma, nem para soldar as suas compras no exterior, nem para garantir a sua moeda.

Que Mussolini, em tais condições, se mostre preocupado, nada mais natural.

Desde que esteja completa a primeira fase das operações, será possível obter que Mussolini continue em negociação com a Inglaterra e a França. Se, pelo contrário, a Inglaterra tentasse, desde o começo, opôr-se resolutamente aos projectos italianos, então os pobres complicados, os pobres catastrofes viriam para tomar.

A Inglaterra que nada faz e nada disse quando o Japão se apoderou da



LITVINOFF EM GINEBRA
— Que discurso terá de fazer. Pela guerra ou pela paz?
(Kadernersdatsch, Berlim).

Inteligência, Ano I, nº 11, p. 28-29, Nov. 1935.

Ao longo do período compreendido entre 1935 e 1938, os responsáveis pela publicação procuraram, na mídia impressa internacional, textos que colocassem a URSS stalinista e a Alemanha nazista em perspectiva comparada. Tal estratégia visava vinculá-las a um projeto comum, qual seja, o da desestabilização e da ameaça de uma nova guerra, contra as potências ocidentais. Vale destacar que estas aproximações ocorreram muito antes do pacto de não-agressão, assinado entre o ministro das relações exteriores alemão, Joachim von Ribbentropp e o Comissário do Povo para assuntos estrangeiros, Viacheslav Molotov, em agosto de 1939. Em um dos artigos, traduzidos a partir de um editorial do jornal *The Times* tal comparação foi assim apresentada:

Quase todas as leis, ultimamente promulgadas na Rússia e na Alemanha, tendem a dar aos dois países um caráter comum. (...) A contribuição da Alemanha

consiste sobretudo na diminuição crescente da liberdade individual, na substituição da opinião pela propaganda, na subserviência da justiça às necessidades do Estado, e na organização de grande parte da indústria e obras publicas numa base militar. (...) Em ambos os países a propaganda e a política secreta, quer seja a G. P. U, quer seja a Gestapo, impedem que haja qualquer discussão publica herética, e um partido de oposição. (...) na Rússia: ‘A ninguém é licito contestar Stalin’, e ‘toda a obra fundamental se executa conforme as instruções de Stalin e a sua direção’, declarou Kiroff. (...) *Num e noutro pais, certas pessoas tem sido objetos de perseguições e tem encontrado uma sorte triste idêntica, quer o campo de concentração (‘Konzentrationslager’) quer a Dachau ou Solovetzlck’. ‘Para alguns a escola há sido severa’, disse Krassin, em Gorki. ‘Os campos’ (de concentração) disse Goering em Berlim, ‘não são sanatórios’. (...) Os alemães costumavam ter um sábio e altivo provérbio: ‘O que um homem diz é apenas a metade’. Agora, a palavra dum homem regula o destino de uma nação’. Tu, nosso guia, deste-nos o pão de cada dia’, disse o dr. Goebbels. ‘Tudo vem de Stalin’, repetiu Molotov como um eco. Mais e mais evidentemente se vê não ser a alternativa entre o bolchevismo ou o fascismo, mas entre qualquer forma de ditadura e democracia.*²²⁰

O editorial do jornal britânico apresentou ao leitor uma comparação entre as duas ditaduras, uma da direita e outra da esquerda. Por meio dela, pode-se constatar que ambas apostaram em um sofisticado sistema de vigilância, de punição, de censura e de controle. As assertivas elaboradas por Goebbels e por Molotov revelavam o traço do culto à personalidade do líder que a todos protege e provê. O texto era, na verdade, uma defesa da forma democrática de governar pois, em sua conclusão, o editorialista reafirmava que a Europa não precisava escolher entre nazismo e comunismo. Este era o grande debate do período, pois as nações, comprimidas entre as duas potências, viam-se pressionadas a escolher um dos lados. Além disso, como a década de 1930 foi de críticas severas ao liberalismo e à democracia, ambos os regimes apareciam como alternativa para a crise. *Inteligência*, simpática ao fascismo, difundiu caricaturas que sintetizavam esse debate. Uma delas era fruto da montagem elaborada pelos responsáveis pela edição do periódico que colaram duas imagens criando um panorama da situação naqueles regimes. Na primeira, retirada de *Kladderadatsch* (As Olimpíadas populares na Rússia) que tinha como temática a URSS e a segunda, uma caricatura originalmente publicada pela imprensa soviética *Izvestia* (Os direitos constitucionais na Alemanha) que tratava da Alemanha. Ao uni-las, os intelectuais que selecionavam as

²²⁰ Analogias entre o nazismo e o comunismo, *Inteligência*, Ano I, nº 10, p. 37-39, Out. 1935. Vale destacar que, aqui, o campo de concentração ainda não tem, no caso alemão, a função de assassinar os judeus por meio da asfixia, com o gás Zyklon B. Neste período, os campos alemães tinham como presos os comunistas e demais políticos que se opuseram aos nazistas, desde 1933. No caso soviético, “Solovetzlck” ou “Solovievsky” era o nome dado para um dos campos que compunham o GULAG. Para mais detalhes ver LEWIN, Moshe. *Op. cit.*

imagens reafirmavam sua posição política, pois deixavam nítido que nenhum dos regimes, nacional-socialismo e comunismo, serviam aos interesses do Brasil.



Inteligência, Ano II, nº 23, p. 70-71, Nov. 1936.

Entre 1935 e 1938, não somente as caricaturas da política internacional mas também o material textual selecionado por Mário Gracioti nas diversas revistas internacionais defendiam: o nacionalismo, o corporativismo e o fascismo além de criticar o maquinismo-tecnicismo, o capitalismo e o comunismo, bandeiras caras ao movimento nascido em São Paulo na década de 1930. A seleção realizada pelos responsáveis por *Inteligência* transformou críticas a Mussolini numa construção laudatória enquanto difundiram críticas a Hitler em virtude de sua ilimitada ambição e exagerada oratória. O leitor, que deveria aprender a ler o mundo a partir da revista, longe de receber um panorama neutro ou equilibrado, tinha em mãos uma interpretação bem urdida e que – esperava-se – capaz de convencê-lo da força das nações totalitárias, principalmente da Itália, em detrimento das democracias ocidentais, temática da próxima análise.

2.2. Nas margens: as representações das democracias ocidentais

A proximidade de Mario Graciotti com os integralistas e com Plínio Salgado não são elementos suficientes para afirmar que a revista paulistana fazia parte da mídia do partido integralista. Entretanto, por meio da análise dos textos publicados e das caricaturas desta primeira fase, pode-se inferir que o objetivo dos textos e imagens selecionadas pelos editores era formar uma gama de leitores que associassem o dinamismo dos movimentos fascistas, com suas vitórias retumbantes e economia estatizada, àquela demonstrada pelo integralismo brasileiro, defensor de alternativas que se não eram idênticas, passavam por um caminho similar.

Nesse sentido, ao localizar as caricaturas que tratavam dos principais países que compunham o campo democrático, em um momento em que o mundo parecia dividir-se entre os totalitarismos e as democracias, os responsáveis pela publicação construíram uma imagem negativa deste último grupo. A hipótese é a de que de tal forma, eles sedimentavam a idéia de que tais preceitos não respondiam aos principais problemas brasileiros que só poderiam ser resolvidos por um governo nacionalista, católico e anticomunista.

No material textual analisado, a na primeira fase da circulação destacou-se pela quantidade de críticas reunidas pelos responsáveis pela publicação no que se referia ao liberalismo e à democracia enquanto forma de governo. Ao primeiro, os intelectuais do grupo de Mário Graciotti formavam coro com os demais intelectuais do antiliberalismo que afirmavam que o modelo político do século XIX havia entrado em decadência.²²¹ Mário Graciotti defendia uma política centralizada preconizada nos exemplos das ditaduras européias, principalmente a italiana, que lhe era cara. Já no primeiro volume do mensário paulistano, um dos artigos trazia a seguinte estrutura:

²²¹ BEIRED, Luis Bendicho Beired, A direita nacionalista na América Latina: personagens, práticas e ideologia. In: LIMONCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *Os intelectuais do antiliberalismo. Projetos e políticas para outras modernidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 533, afirma: “a direita nacionalista na América Latina integrava um processo mais amplo de reação ao sistema liberal, ao mesmo tempo em que constituía uma reação aos processos de democratização e de secularização política em curso nos diversos países da região. (...) as correntes da direita nacionalista baseavam-se no diagnóstico de que a direita tradicional era incapaz de reproduzir a ordem social nos marcos do sistema liberal-oligárquico. Impunha-se lançar mão de uma nova alternativa política, capaz de imprimir uma nova direção pautada pelas ideias da extrema direita, cuja ascensão na Europa do pós-guerra apenas endossava as certezas da nova direita latino-americana. Entre seus principais objetos de admiração figuravam a doutrina social católica, o fascismo italiano, o integralismo português, a ditadura de Miguel Primo de Rivera na Espanha, o falangismo espanhol e o nacional-socialismo alemão”.

(...) o liberalismo absoluto não é mais possível, se é que jamais existiu. Ele repousa, em última análise, no conceito providencial das harmonias econômicas e políticas que escapa à ciência, ou sobre uma confiança na ação das leis naturais que a experiência não confirmou. (...) As diversas experiências de ‘economia dirigida’ tem traduzido, de um modo mais empírico, do que sistemático, a urgência, por toda a parte reconhecida, de remediar aos excessos de uma liberdade absoluta.²²²

O balanço realizado pelo autor era finalizado com uma analogia entre o regime por ele condenado e as “economias dirigidas”, Itália e Alemanha, que seguiam o caminho correto pois haviam encontrado um mecanismo que colocava fim às relações conflituosas na sociedade, herdadas, de acordo com eles, do elevado grau de liberdade das populações pós-Revolução Francesa.²²³ Essas práticas editoriais permitiam a mobilização de imagens e textos para compor um cenário negativo das democracias e do liberalismo, considerados ultrapassados como paradigmas para a política brasileira. No exemplar publicado em janeiro de 1936, Mário Gracioti reuniu um texto italiano e duas caricaturas, uma holandesa e outra inglesa. O artigo, extraído de *Bibliografia fascista* intitulava-se “As doenças da democracia” no qual o autor expunha os principais problemas dessa forma de governo. Na visão de Cornelio de Marzio, “os Estados organizados não podem ser democráticos. A democracia é inorganizável”.²²⁴

O material iconográfico selecionado para ser inserido neste texto reforçava as invectivas presentes no artigo ao atacar a Inglaterra enquanto destacava a velocidade com que os problemas eram solucionados pelas potências totalitárias. Como afirmou Christian Delporte,

(...) d’une manière generale, la montée des périls, en plaçant au premier plan les questions diplomatiques, a amplement contribué à personnifier les charges. Allégories nationales et figures symboliques (John Bull ou Britannia, le bolchevik ou l’ours soviétique, etc) on laissé la place aux dirigeants des principaux pays européens.²²⁵

²²² *Inteligência*, Ano I, nº 01, jan. 1935, p. 12.

²²³ A certeza de que vivia-se um momento de profundas alterações foi catalizada pela ideia de que fariam as garantias legadas pela Revolução Francesa, duramente criticada por Mário Gracioti. Em um dos artigos publicados por *Inteligência*, lia-se: “O mundo que brotou da Revolução Francesa começa a extinguir-se. O mundo que nasce é fruto de uma antítese entre universalismo e nacionalismo, embora fosse mais exato falar de generalismo, já que o universalismo foi exclusivamente medieval.”, Ano I, nº 06, jun. 1935, p. 28.

²²⁴ *Inteligência*, Ano II, nº 13, jan. 1936, p. 37.

²²⁵ DELPORTE, Christian. Méfions-nous du sourire de Germania! L’Allemagne dans la caricature française (1919-1939), *Mots*, septembre, 1996, p. 49.



Inteligência, Ano II, nº 13, p. 33, jan. 1936.



Inteligência, Ano II, nº 13, p. 35, jan. 1936.

Outra forma encontrada pelos compiladores para reforçar as críticas que eles desejavam sedimentar em seus leitores era a inserção de textos que comentavam obras recentemente lançadas no mercado editorial internacional. Uma delas, da autoria de Harold J. Laski, apresentado como professor de ciências políticas da Universidade de Londres, era intitulada *The rise of the European Liberalism*. O excerto recortado pelos responsáveis pelo mensário afirmava que

(...) o eclipse – momentâneo ou definitivo – (o que não sabemos ainda) – sofrido pelo que chamamos doutrinas liberais será, para os historiadores futuros, um dos fenômenos do nosso tempo. vemos essas doutrinas em choque, sucessivamente, em toda parte. A luta levada a efeito contra o liberalismo pode tomar, segundo os países, as formas mais diversas: na Rússia, pode chamar-se comunismo; na Alemanha, racismo; na Itália, fascismo; na América do Norte, ‘New Deal’: a luta visa o mesmo resultado, que é o de restringir as liberdades individuais.²²⁶

Nesta fase de transição e de enfrentamentos entre as divergentes doutrinas nascidas depois da Primeira Grande Guerra, a Europa conheceu modificações nas concepções acerca da natureza do Estado e do poder que dele emanava. Para explicar tais transformações, Mário Graciotti reproduziu um artigo assinado por Salazar, ditador português, que dizia:

(...) mais do que nunca o Estado será um pensamento em ação, pelo que se hão-de fatalmente defrontar mais hoje mais amanhã, conceitos diversos do homem, do Estado, da Nação, de poder, de liberdade, de fins humanos, de riqueza, de

²²⁶ *Inteligência*, Ano II, nº23, nov. 1936, p. 59.

interesses escriturais ou morais; e ninguém duvidará de que será tanto mais fácil a luta – e a vitória – quanto mais nítida for a sua oposição. *A fraqueza dos regimes liberais para esta grande batalha está essencialmente em que por imposição da sua própria doutrina – se vêem forçados em muitas circunstâncias a parecer que a não possuem. Sempre para as sustentar têm de se contradizer.*²²⁷

Ao passo que conferiam legitimidade aos regimes ditatoriais europeus, ao publicar artigos ou entrevistas de seus líderes nas páginas da revista, os compiladores reuniam um sem número de artigos visando criticar as nações democráticas, como Inglaterra, França e Estados Unidos. No que se refere à primeira, o material textual focava a atuação britânica na esfera internacional, condenando a hipocrisia e a tentativa de manipulação que caracterizaria aquela nação.

As críticas foram mais duras em relação à Inglaterra porque ela foi a primeira a se colocar diante dos italianos como maior impedimento à realização de suas pretensões internacionais. *Inteligência* atuou, em sua primeira fase, como lúdima defensora das políticas fascistas na Europa e, em virtude disso, atacou os ingleses a partir de conteúdos coligidos na imprensa mundial. Em um mesmo volume, o de julho de 1935, dois artigos condenavam a Inglaterra. No primeiro deles, o comentarista sentenciava que

(...) todo o mal provém da atitude equívoca do imperialismo britânico, cuja política faz o jogo do fascismo alemão. (...) que a Inglaterra não contrai nenhum novo compromisso formal na Europa; isto quer dizer que a Inglaterra quer enfraquecer toda tentativa de construir um dique diante dos apetites imperialistas do Reich hitleriano; que nada se faça capaz de ofender Hitler e sua gente. Isto confirma plenamente que a Inglaterra apóia à socapa os planos de expansão do III Reich e sobretudo quer dirigir as forças da Alemanha para leste, contra a União Soviética.²²⁸

No cerne das preocupações britânicas com o fortalecimento do regime hitlerista instalado na Alemanha estava o estabelecimento de uma potência capaz de rivalizar com a Inglaterra no cenário mundial. O segundo texto inserido naquele mês era parte de um editorial do *The Economist*, no qual se dizia claramente:

(...) hoje, não podemos tolerar, assim como já o não podíamos nos tempos de Luís XIV e de Napoleão, que a Europa caia sob domínio de uma potência militar única. Em termos rudes e crus, isto quer dizer que se um dia rebentar uma nova guerra européia em que a Alemanha seja um dos beligerantes, não poderíamos

²²⁷ *Inteligência*, Ano I, nº 06, jun. 1935, p. 44, grifo nosso.

²²⁸ *Inteligência*, Ano I, nº 07, jul. 1935, p. 21.

permitir que o Terceiro Reich dela saísse vitorioso, no Ocidente ou a leste da Europa. (...) será este um dos pontos cardeais da política britânica.²²⁹

Os interesses coloniais entraram em choque com os planos expansionistas italianos que, no mensário paulistano, foram defendidos com veemência pelos compiladores. Em uma oportunidade, foi lembrado o epíteto atribuído aos ingleses num texto que explicava a posição tomada por aquela nação diante do conflito ítalo-etíope:

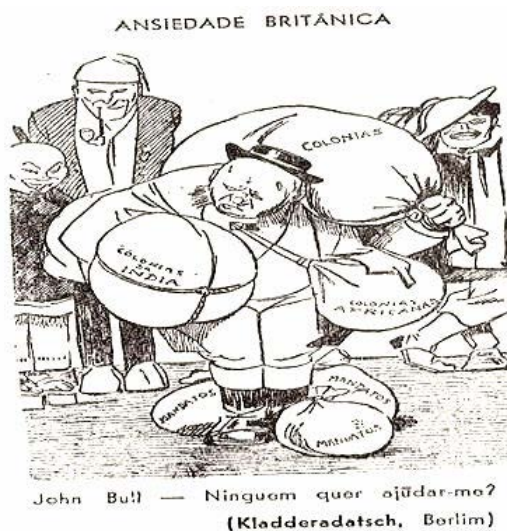
(...) a atitude da Inglaterra no conflito ítalo-etíópico – forçoso é convir – tem alguma coisa de chocante para o espírito lógico dos latinos. O ‘homem da rua’, de Roma ou de Paris, admira-se ao ver a nação, que conquistou as melhores partes do globo, que se insurgiu sempre, quando se ameaçou contestar o seu império, manifestar semelhante indignação perante o esforço da Itália, tendente a assegurar para si, numa proporção muito modesta, algumas terras africanas, suscetíveis ainda de se abrirem à expansão de sua vida. E a frase ‘*pérvida Albion*’ reapareceu na imprensa italiana’.²³⁰

As caricaturas selecionadas para compor os textos refletiam essa representação construída acerca do papel exercido por aquela nação no cenário internacional. As que acompanhavam o texto acima, por exemplo, reiteravam tais críticas de maneira a torná-las ainda mais contundentes. Na primeira, um soldado observa a amizade ítalo-britânica sendo destruída por chamas enquanto, na segunda, John Bull, ícone criado para representar a Inglaterra durante o século XVIII, carregava em sacos amarrados a seu corpo as colônias britânicas da Índia, da África além dos mandatos a ela confiados após 1918.

Ao fundo, observava-o pessoas que simbolizavam as nações que foram excluídas desse processo, podendo-se reconhecer a figura de um japonês e, talvez, dos próprios alemães. Tal situação definia a “ansiedade britânica” em garantir seu império contra as ambições das demais potências européias e asiáticas.

²²⁹ *Inteligência*, Ano I, nº 07, jul. 1935, p. 37.

²³⁰ *Inteligência*, Ano I, nº 12, dez. 1935, p. 30, grifo nosso.



Inteligência, Ano I, nº 12, p. 31, dez. 1935. *Inteligência*, Ano I, nº 12, p.33, dez. 1935.

A rota de colisão entre os interesses das potências européias foi tema outra caricatura que pretendia demonstrar o cinismo atribuído aos ingleses.

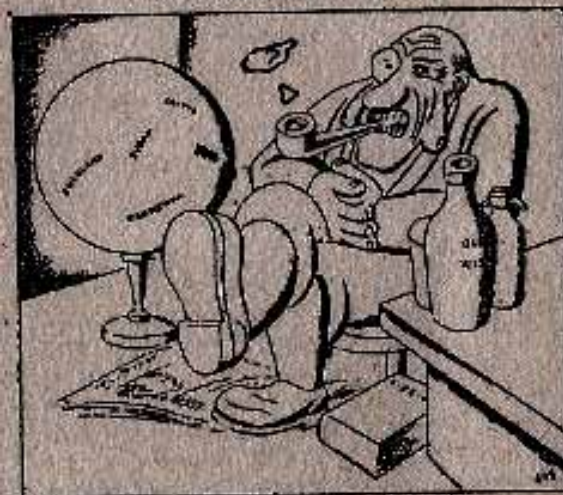
OS BALKANS AOS BALKANICOS

Diz-se que a Alemanha procure reeditar sua política de ante-guerra que se resume nestas palavras "Drang nach Ost (para Leste)". Se é esta a intenção alemã, é preciso afirmar imediatamente que a situação dos Balkans não se presta a esse realização. Lembrando-se das lições amargas pelo facto de serem, antes da guerra, instrumentos desta ou daquela nação, os países balcânicos puzeram-se a fazer uma política "balkânica".

Certamente, a Bulgaria não aderiu ainda, mas a combinação feita pelos outros quatro Estados balkânicos afasta qualquer ingerência nesse sentido.

[A. SUKRU ESMER, Truquia, Estambul, 8-6-35].

O CANDIDO INGLÊS



— Uma guerra colonial? Que barbaridade!
(Guerin Maschino, Milão)

Inteligência, Ano I, nº 08, p. 15, ago. 1935.

Nela, via-se um homem a fumar um cachimbo, em frente à uma garrafa na qual se lê: "Old wisk", ambos símbolos de distinção social, o que denotava o desejo de evidenciar um homem de negócios, um *gentlemen*. Após ler o periódico, secundado pelo Globo terrestre que tem marcadas algumas colônias britânicas no continente africano, o senhor, ao refletir acerca das recentes reivindicações italianas, afirmava: "— Uma guerra colonial? Que barbaridade!".

O título “O Cândido inglês”, referência à ingenuidade associada ao nome Cândido, da obra voltariana, ampliava a ironia do caricaturista quando ele pretendia sustentar que os britânicos eram cínicos pois que criticavam, pensavam ser “uma barbaridade” uma guerra colonial quando suas posições globais foram dessa maneira conquistadas.

As críticas à Inglaterra incidiam, também, sobre sua atuação dentro da Sociedade das Nações, foro privilegiado para as discussões entre os chanceleres dos principais problemas internacionais surgidos nesse período. Para a mídia italiana, os britânicos serviam-se de sua força dentro da Liga para mascarar suas reais intenções.

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

Poderá ainda evitar-se esse desastre, poderá fugir-se a esse estado de alarma?

A GUERRA E AS MATERIAS PRIMAS

Não é a carência de matérias primas que pode atribuir-se a causa da guerra. Nunca nação alguma teve realmentea dificuldade em conseguir matérias primas, nem disso foi proibida. A matéria prima não se pode considerar uma fonte de riqueza, a menos que seja possível dispor dela para o trabalho.

Se, por meio de qualquer reorganização das fronteiras, se concedessem a um Estado as matérias primas julgadas hoje necessárias, dentro de 10 anos essa distribuição estaria inadequada, porque, durante esse período de tempo é quasi certo que se descobriria nova matéria prima que se julgaria também necessária. A reorganização no mapa com o fim de dar a cada nação as matérias primas de que ela se julga carecida é perfeitamente fantástica. Se fosse possível dar a cada uma a propria suficiência, nem porisso se resolveriam os problemas económicos.



A máscara e a fisionomia do pacifismo inglês

(La Stampa, Turim)

O facto prova-se pela situação actual dos Estados Unidos. Af temos um território mais vasto do que qualquer outro, com mais matérias primas do que qualquer outro, e entretanto, tudo isso não faz que os seus grandes problemas económicos se resolvam facilmente.

Suponhamos que, por qualquer milagre, se pudessem restituir à Alemanha, do dia para a noite, as suas colonias, além de tudo quanto ela possuía originalmente na Europa. Ter-se-ia garantido a paz? Certamente não, porque quando essa era a situação em 1914, o mundo marchou para a guerra.

(JULIAN BELL, em Peace, Londres, Agosto de 1935).

OS DESTINOS DA YUGOSLAVIA

"Entregue a península balcânica à Yugoslavia, a Alemanha se instalará em Viena e Trieste — e que a Itália se arrume pela Africa — tal é o programa real, senão official, estabelecido em Belgrado. Os problemas de política interior são difíceis, não resta duvida; mas, é a atitude da Yugoslavia que tem constituído, de certo modo, um grande obstáculo à restauração dos Habsburgos; o mal-estar dos Croatas favoraca essa atitude.

Se a Alemanha de Hitler absorver a Austria, os alemães se encontrarão face a face com os italianos. Os Yugoslavos esperam ficar então tranquilos nos Balkans.

Belgrado acredita que, um dia, o Reich se voltará contra a Russia.

Da mesma forma que os Servios, Croatas e Slovenos estão dispostos a insuflar a Alemanha contra os italianos, toda a gente sabe que o seu coração baterá pela Russia, em caso de conflicto entre esta e a Alemanha. O germanismo militante de Hitler é irreduzivelmente hostil à Russia. Se os poloneses estão ligados à Alemanha, os Eslavos do Sul ficam certamente ao lado dos russos".

(ELISABETH WISKEMANN, The Contemporary Review, Londres 30 de Julho de 1935).

Inteligência, Ano I, nº 10, p. 36, out. 1935.

Atrás da estátua do "Pacifismo inglês" que tinha, às mãos, a sigla "SdN" (Sociedade das Nações) e que estava sendo ancorada, artificialmente, por um bastão, escondiam-se canhões, balas, outros tipos de munição, além de "negociatas", da

“especulação”, das “concessões petrolíferas” além do “Intelligence Service”, ou serviço secreto britânico de espionagem. Como se percebe, eles eram acusados de utilizar a imagem da Liga para esconder seus verdadeiros métodos de atuação na esfera pública. Ao revelar a “máscara e a fisionomia do pacifismo inglês”, tal caricatura permitia recolocar sobre a Inglaterra o epíteto de *pérfida Albion*, amplamente divulgado na mídia italiana e difundida por *Inteligência* no Brasil.

Outra característica do perfil da política exterior britânica nesse período foi apresentada ao longo de todo o ano de 1936 para os leitores do mensário: a manipulação. Dentre as imagens coligidas pelos responsáveis por *Inteligência*, destacam-se aquelas nas quais a figura de John Bull aparecia como símbolo da Inglaterra. No período em análise, o personagem foi diversas vezes utilizado para representar os interesses daquele país na arena internacional.²³¹

²³¹ DELPORTE, Christian. L'image, un outil d'approche du pacifisme (1919-1939). L'exemple du dessin de presse. Paris: PUF, *Revue historique*, 1992/3, n. 583, p. 144, que estudou as figuras símbolos dos países europeus do período, afirmou: “Ensuite, parce que l'amitié franco-britannique est indéfectible : le thème, puissamment développé, sert de support à des dessins qui opposent, dans de violents contrastes, John Bull et Marianne d'une part, Hitler et Mussolini d'autre part. Le caractère masculin du symbole britannique, la nature féminine de l'allegorie française, conduisent les dessinateurs à envisager des relations conjugales entre l'Angleterre et la France et à parler d'un mariage scellé pendant ou à l'issue la Grande Guerre ». Para um exemplo de caricatura que se enquadra na descrição acima, ver anexo X.

INTELIGÊNCIA

Maneirão da opinião mundial

porventura vã? Além disso, a Palestina será pátria de judeus se estes imigrarem em tão grande escala, de maneira que a sua instalação ali se torne um facto histórico. Mas, se as bases da pirâmide económica fossem ocupadas pelos árabes, impor-se-ão limites, imediatamente, à imigração judia. Finalmente, os árabes tomarão ascendência sobre os judeus na Palestina, e tentarão um "modus-vivendi" de acordo com o princípio de igualdade de direitos para ambas as nações, no caso de os judeus tomarem uma posição excessivamente poderosa em relação ao total da população. Em 1929, quando os judeus formavam apenas 17% da população, os nacionalistas árabes ainda pensavam poder expulsá-los do país pela força, empurrando-os simplesmente, para o mar! Hoje, os judeus formam 30% dos habitantes: — a inclinação para uma solução, pela força, do problema árabe-judeu já desapareceu. Mas, se os judeus passarem a constituir metade da população, os árabes chegarão a um entendimento. Por esse motivo, os nacionalistas judeus defendem ardorosamente a oposição do trabalho judeu, na esfera económica dos israelitas, ao trabalho árabe. Trabalhadores judeus contra trabalhadores árabes: — o conflito nacional atinge directamente a base de todo o sistema social, estimulando o movimento nacionalista árabe, mesmo nas camadas proletárias.

A FRANÇA, A GUERRA E A PAZ NO MUNDO

"Durante muito tempo, chamou-se o sultão da Turquia: "o homem doente da Europa".

Hoje, não há mais sultões. Mas, a França

tomou a sua sucessão: ela é a "mulher doente da Europa".

Desde o fim da guerra, a França creê que tem direito a um estatuto especial entre todas as nações do mundo.

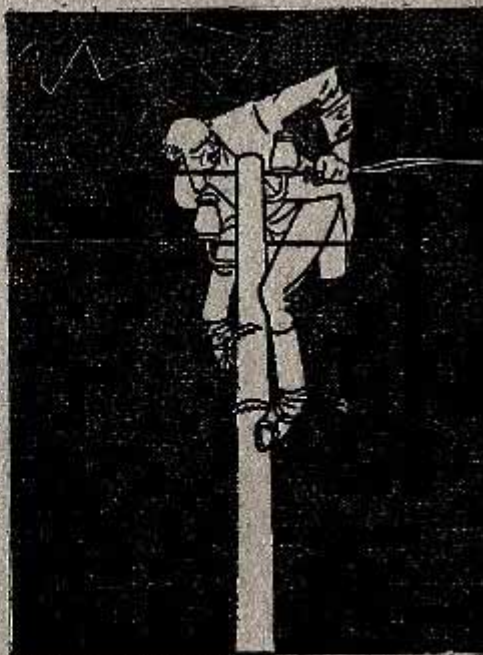
Tendo podido obter o auxílio dos outros países durante a última guerra, ela se encontra, na hora actual, no mesmo estado de espírito patológico que a faz crer que todas as nações têm o dever de assisti-la, desde que os seus pavores e as suas susceptibilidades a ponham em agitação.

Mas os pavores e as susceptibilidades francesas são de agitação crónica.

A França não é nunca lógica, nem consigo própria, quando é inimiga, nem leal, quando é amiga.

Ela sustenta a Inglaterra no que concerne ao princípio de sanções, mas está contra a Inglaterra e a favor da Itália quando se trata de recorrer às sanções.

Declarando-se a favor da paz colectiva, ela assina um pacto franco-soviético, que está em contradicção clara com os tratados



John Bull — Alemanha, pólo negativo; França, pólo positivo. Eu ligo os dois e temos luz.
(Je suis partout, Paris).

Inteligência, Ano II, nº 18, p. 19, jun. 1936.

A caricatura mostrava-o em cima de um poste da rede eléctrica a afirmar: "Alemanha, pólo negativo; França, pólo positivo. Eu ligo os dois e temos luz". A luz, nesse caso, refere-se às explosões das bombas, reflexo da guerra iniciada por John Bull ao ligar os pólos. Vale destacar que se tratava de uma imagem retirada de um periódico

francês, *Je suis partout*, o que servia para reforçar a idéia de que mesmo na França a aliada era vista com desconfiança.

A atuação da Inglaterra, na visão dos editores da revista publicada em São Paulo, ocorria somente nos casos em que seus investimentos estavam diretamente ameaçados. Nos outros, não havia qualquer tipo de compromisso que a fizesse tomar partido por um ou outro lado como atestava o caso da remilitarização da Renânia. A região, fronteira entre a Alemanha e a França, foi invadida por tropas alemãs em 1936, a despeito das imposições do Tratado de Versalhes. *Inteligência* publicou uma imagem onde John Bull demonstrava sua opinião a respeito desta desobediência:

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

poetas, mas o homem da rua só será capaz de citar apenas uma linha de Goethe, de cór. Os alemães deram os maiores filósofos do mundo, mas Kant, Nietzsche, e mesmo Hegel, só dão, ao homem da rua, e a muitos outros homens, sérias dores de cabeça. Há a música, sem dúvida. É verdade que Beethoven se tornou indispensável a muitos norte-americanos cultos, mas o homem da rua não é muito inclinado para a música. Por sua parte, gostaria que os alemães fossem ocupar outro planeta, provavelmente o de Marte.

Não obstante, os alemães são um povo vigoroso, saudável, eficiente; o

mundo não será um lugar seguro para meditações, enquanto esse povo não estiver satisfeito. Os alemães vêem os franceses ocupar as planícies ensolaradas e férteis do Ocidente europeu. Vêem outros povos apegarem-se às fontes de matérias primas de que a Alemanha precisa. Como os italianos e os japoneses, os alemães pensam que precisam de maior espaço para a sua população. Assim como o homem da rua pode não gostar dos alemães, como grupo, assim também ele diz que lhes daria, se estivesse ao seu alcance, comodo acesso às matérias primas e à facilidade de comércio. Diz que são o comércio e as comodidades, e não o



— A questão da Rhenânia? Que me importa? A Rhenânia não fica no caminho das Índias!...
(Il Traverso delle Idee, em World Review of Reviews, Londres).

Inteligência, Ano II, nº 18, p. 31, jun. 1936.

Chapéu com a bandeira inglesa, figura rechonchuda e sorriso cínico, ele dizia: “A questão da Renânia? Que me importa? A Renânia não fica no caminho das Índias!...”. Em síntese, a imagem publicada pela revista italiana *Il Traverso delle Idee*, dava a entender que os assuntos relacionados às colônias britânicas nas Índias ou na

África eram pertinentes enquanto os europeus, quando não articulados à esfera britânica, passíveis de esquecimento ou de falsa atividade diplomática.

Uma área que interessava demasiado era a Palestina, fruto de discórdias entre árabes e judeus, colocada sob comando britânico como protetorado. A mídia alemã e italiana publicou caricaturas que mostravam como tal questão foi apreendida valendo-se, para isso, da alegoria tradicional.

Na primeira delas, publicada em *Inteligência* no mês de novembro de 1937, o leitor encontrava os seguintes traços: em primeiro plano, surgia John Bull segurando um serrote a pingar sangue, na mão direita e a cabeça de um camelo, na outra mão. Ao fundo, o restante do corpo do animal, separado em outras duas partes, em cima das quais estavam montados um árabe e um judeu.

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

as duas ao mesmo tempo. E não se fala dos numerosos campos de aviação, disseminados por todo o trajecto da colónia, bases aéreas perfeitamente aparelhadas, cuja guarnição normal se compõe de um total de 500 aviões, de todos os tipos.

Quanto à Sicília, quando o Sr. Mussolini declarou recentemente que ela, em consequência da conquista da Etiópia, se tornara "o centro geográfico do império", todo o interesse da nação se voltou para essa ilha, mais ou menos esquecida pelos governos parlamentares anteriores ao fascismo e que era considerada, na península, como provincia de segunda ordem. O Duce quiz, então, demonstrar o interesse por essa terra desprezada e mandou realizar as manobras anuais na Ilha do Sol.

A ilha de Pantelária fica mais ou menos a meio do canal da Sicília, a 100 quilómetros do cabo Granitola (Sicília) e a 70, somente, do cabo Mustafa, ponto da costa tunisiana que lhe fica mais próximo. De forma oval, com o comprimento de noroeste a sudeste, de 14 quilómetros e 8 de largura, é acidentadíssima e comporta uma série de massiços montanhosos, dispostos em torno do Montanha Grande, de 835 metros. As suas paredes rochosas caem, o mais das vezes, a pique sobre o mar, a profundidades que atingem frequentemente 500 metros. Nas suas costas não existem portos naturais e é extremamente difícil construí-los artificiais. O único porto, o de Pantelária, comuna que dá o nome à ilha, é formado por dois molhos abertos a noroeste, quer dizer, exactamente ao vento dominante, o mistral. Por isso mesma é pouco utilizado.

Tal é a rocha que os italianos decidiram, um dia, fortificar e aparelhar para as necessidades da guerra. O problema enunciava-se da seguinte forma: dada a topografia da ilha e a sua situação central no canal da Sicília, qual seria a melhor maneira de utilizá-la? Impunha-se uma primeira constatação. Sem dúvida, o canal da Sicília, entre a ilha e o cabo Mustafa tem a largura aproximada de 170 quilómetros. Mas, ao longo das costas de Sicília sobretudo, e ao longo das costas tunisianas, existem numerosos bancos e escolhos, de sorte que, para uma navegação segura dos navios de grande tonelagem, essa largura se reduz, efetivamente, muito, atingindo, de facto, a uns 80 ou 100 quilómetros. Dito isto, o problema que os engenheiros militares

tinham a resolver achava-se muito simplificado.

É inútil pensar em estabelecer um porto para grandes navios de guerra que, aliás, dada a sua velocidade e proximidade das costas da Sicília, não carecem de abrigo. Mas era particularmente útil construir e aparelhar bases de abastecimento para submarinos e navios de pequena tonelagem. Que magnífico ninho, por exemplo, para os famosos M.A.S., as canoas torpedeiras, que são uma das armas mais insidiosas da marinha de guerra italiana! Apresentava-se uma solução única: cavar na rocha verdadeiros portos subterrâneos e organizar, ao mesmo tempo, depósitos de combustível. Foi o que se decidiu. A configuração da ilha é tal, por um lado, que do alto da maior parte dos seus massiços poderosas peças de artilharia podem controlar quasi inteiramente a parte do canal da Sicília, que os navios conseguem atravessar com segurança. Decidiu-se, pois, construir plataformas e casematas, instalando-se aí os necessários canhões. Restava colocar a ilha ao abrigo de uma tentativa de

A QUESTÃO DA PALESTINA



John Bull: — Agora, meus filhos, caminhem, lado a lado, pacificamente, para um futuro risonho.

(Die Brennessel, Berlim).

Assustados, ambos olhavam para John Bull, que afirmava: “Agora, meus filhos, caminhem, lado a lado, pacificamente, para um futuro risonho”. A pregação da paz feita pelo britânico referia-se aos conflitos existentes na região mas, concomitantemente, era minada pelos esforços do próprio articulador, negociador da paz, que pretendia garantir o seu quinhão. Na outra vez em que tal tema foi mobilizado pelos editores que selecionavam o material iconográfico, ele segurava um frango, agindo de maneira similar.

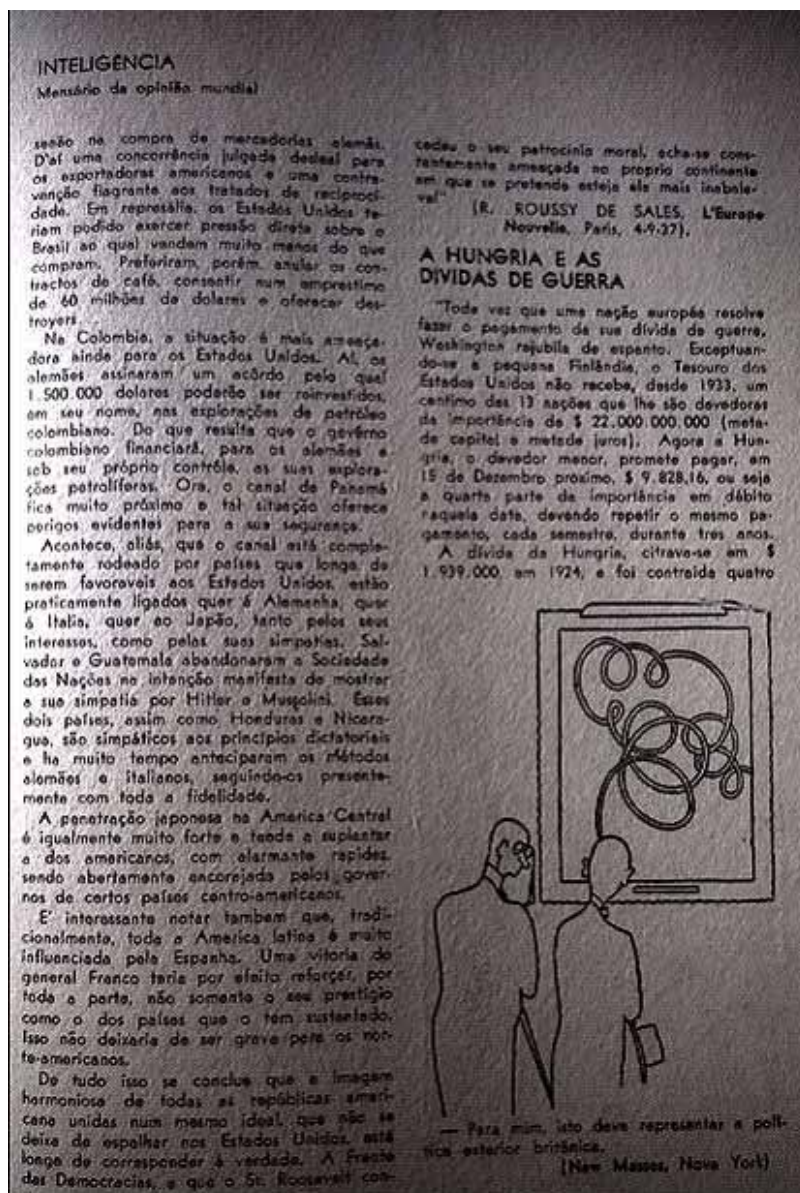


Inteligência, Ano III, nº 36, p. 49, dez. 1937.

Originalmente publicada em *Guerin Meschino*, revista italiana, a caricatura mostrava-o dizendo: “Vamos repartir por três: isto para os árabes; isto para os judeus; e

este pedacinho fica para mim!”. O “pedacinho” ao qual ele se referia era, na verdade, a maior e mais valorosa parte do frango, enquanto aos que lutavam pela terra foram cedidos a cabeça (aos judeus) e os pés (aos árabes). Uma vez mais foi mobilizada a imagem de uma Inglaterra oportunista, que impunha sua vontade e enganava aliados. Era, em última análise, a aplicação do maquiavelismo na política exterior, fato denunciado pelas fontes ítalo-germânicas e reverberado em *Inteligência*.

Estratégia recorrente, as imagens selecionadas não eram oriundas somente das mídias que naturalmente engajariam-se contra a Inglaterra. Extraída do periódico norte-americano *New Masses*, de Nova Iorque, a caricatura abaixo demonstrava que havia também nos Estados Unidos um movimento de crítica à condução da política exterior daquele país.



Diante de uma tela que lembrava uma pintura abstrata, dois indivíduos conversavam, na tentativa de compreender o significado do quadro em exposição. Um deles, exclamou: “Para mim, isto deve representar a política exterior britânica”. Tal fala parte da premissa de que tal como o trabalho do artista, a política exterior britânica desenrolava-se em sinuosas e tortuosas linhas que se figuravam impossíveis de discernir.

Outra fonte norte-americana utilizada pelos editores de *Inteligência* foi o periódico norte-americano *Chicago Tribune* no qual encontrava-se a caricatura abaixo.



Inteligência, Ano IV, nº 38, p. 31, fev. 1938.

A imagem, inserida no texto “A Inglaterra em face de uma guerra mundial”, da *Foreign Affairs*, era uma síntese das críticas publicadas contra as políticas inglesas na arena internacional, pois mostrava a “Mãe Britânia e seus filhos”, cercada por imperativas diretivas aos teatros políticos do mundo, depositados em cestas nas quais se liam a real motivação para a atividade, os “interesses britânicos”. Assim, havia uma cesta depositada no prédio com uma placa indicando “França”, com a diretiva “tire a

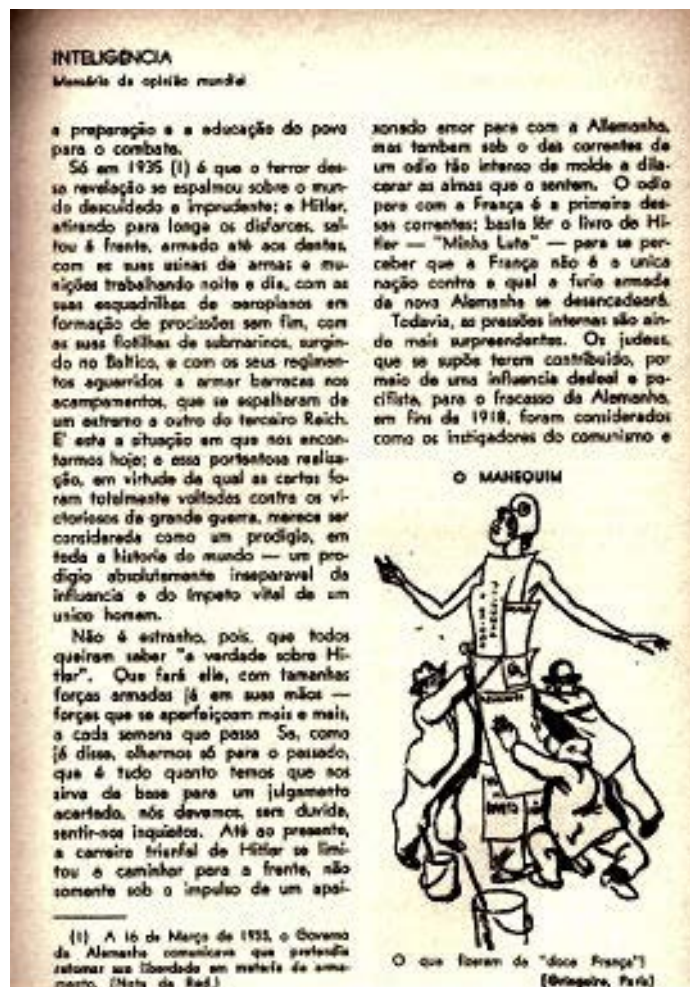
Itália do Mediterrâneo”; uma no edifício da “SdN”, dizendo “Não dê colônias à Alemanha” e a última, endereçada aos Estados Unidos, “tire o Japão da China”.

O autor do desenho trabalhava com a ideia de que em todos estes lugares os britânicos perderiam caso as reivindicações dos seus inimigos fossem ouvidas: a presença italiana no Mediterrâneo, a volta da Alemanha para o continente africano e o crescimento do poderio japonês no Pacífico representavam um desafio sem precedentes à hegemonia da Inglaterra e tal fato merecia ser combatido por meio de todas as armas possíveis. A denúncia nesta imagem, em última análise, era a tentativa de manipulação da Inglaterra que, com o fito de atingir seu objetivo, mobilizava, em primeiro lugar, os seus aliados e não a sua própria esquadra ou exército.

No caso da França, outro pilar do sistema de segurança européia estabelecido pela paz de Versalhes, as caricaturas selecionadas pelos editores concentravam suas críticas às crises internas vividas pelos franceses além da atuação deste país no cenário internacional. Em meio ao desafio de conter o avanço dos movimentos fascistas, dentro e fora de suas fronteiras, a França buscava costurar alianças que a permitisse manter sua posição de maior potência continental. Para tanto, aproximou-se, para desespero dos conservadores, do comunismo soviético, visto como contraponto necessário para forçar a Alemanha a manter-se imóvel.

A política exterior dos franceses tinha por finalidade a manutenção das alianças formadas durante a Primeira Guerra Mundial, ou seja, amizade britânica, apoio norte-americano e, agora, um pacto a leste, para alavancar o medo de todos os generais alemães, qual fosse, o de uma guerra em duas frentes. Selar a Alemanha, cercá-la a leste e a oeste, para a manutenção da paz e do status quo era o objetivo último da política externa francesa.

A metodologia para a construção da imagem negativa França partia da mesma premissa que a utilizada para as demais democracias ocidentais: valer-se de uma variada gama de periódicos, franceses inclusive, para sustentar a ideia de que a condenação era unânime. O periódico *Gringoire*, por exemplo, foi uma das fontes lidas por *Inteligência* que inseriu, em 1936, a seguinte caricatura:



Inteligência, Ano II, nº 13, p. 29, jan. 1936.

A escolha de *Gringoire* para ser uma das fontes utilizadas pelos compiladores reside, como se vê, no seu posicionamento político pois este integrava o campo da direita do espectro político francês. Assim, ao folhear jornais e revistas internacionais, os responsáveis pela edição de *Inteligência* conferiram amplo espaço para os reacionários, críticos da aproximação com a URSS, por exemplo. A imprensa francesa estava, nesse período, no que concernia aos compromissos políticos, assim dividida:

(...) a gauche: *Le Canard Enchaîné*, *l'Humanité*, *Marianne* (1932-1939), *L'Oeuvre*, *Le Populaire*, *Vendredi*; à droite: *L'Action française*, *L'Ami du peuple* (1928-1937), *Candide* (1924-1939), *L'Echo de Paris* (disparu en 1937), *Gringoire* (1928-1939), *Je suis partout* (1930-1939).²³²

A imagem mostrava “o manequim” sendo vestido com papéis – simbolizando os pactos – colados por três indivíduos. Nos papéis, lia-se: “viva os Soviets”,

²³² DELPORTE, Christian. Idem, p. 121. Os editores do mensário paulistano utilizaram praticamente todos os periódicos identificados pelo autor como defensores dos projetos políticos da direita

“negociatas”, “programas”, “abaixo o exército”, “crimes”, além do símbolo do comunismo, a foice e o martelo. A síntese, logo abaixo do manequim, revelava a posição ideológica do desenhista que, afirmava, diante do trabalho “O que fizeram da “doce França”.

O ano de 1936 foi marcado pela eleição de uma Frente Popular, formada por políticos da esquerda, que colocou no poder o primeiro ministro Léon Blum.²³³ Não se pode esquecer que, no ano anterior, no Brasil, ocorreu uma tentativa de golpe comunista sufocado por Getúlio Vargas que utilizou deste pretexto para manter o país sob estado de sítio.

De qualquer forma, a chegada ao poder de um governo esquerdista na França mostrava que o movimento comunista internacional permanecia forte e atuante. Por esse motivo, *Inteligência* publicou caricaturas mordazes contra a situação francesa que de referência política para o Ocidente ao longo do século XIX passara a paradigma a ser evitado e combatido, no século XX. Extraída de *Kladderadatsch*, uma das imagens mostrava o resultado das eleições da seguinte maneira:

²³³ De acordo com DELPORTE, Christian, *Images et politique en France*. Paris: Nouveau Monde, 2006, p. 85, “Leon Blum foi um dos homens mais insultados da França, alvo predileto dos caricaturistas que o atacaram de múltiplas maneiras. Para o historiador francês: “Leur message se révèle d’autant plus dévastateur que, sous couvert de l’humour, ils ne connaissent guère de limites. Usant et abusant volontiers des libertés de la République, les pamphlétaires graphiques, de droite conservatrice ou extrême, communistes, aussi, bousculent impitoyablement Léon Blum durant l’entre-deux-guerres, avant que les dessinateurs de la Colaboration n’incitent les autorités de Vichy à lui réserver le châtimeut suprême”.



Inteligência, Ano II, nº 15, p. 19, mar. 1936.

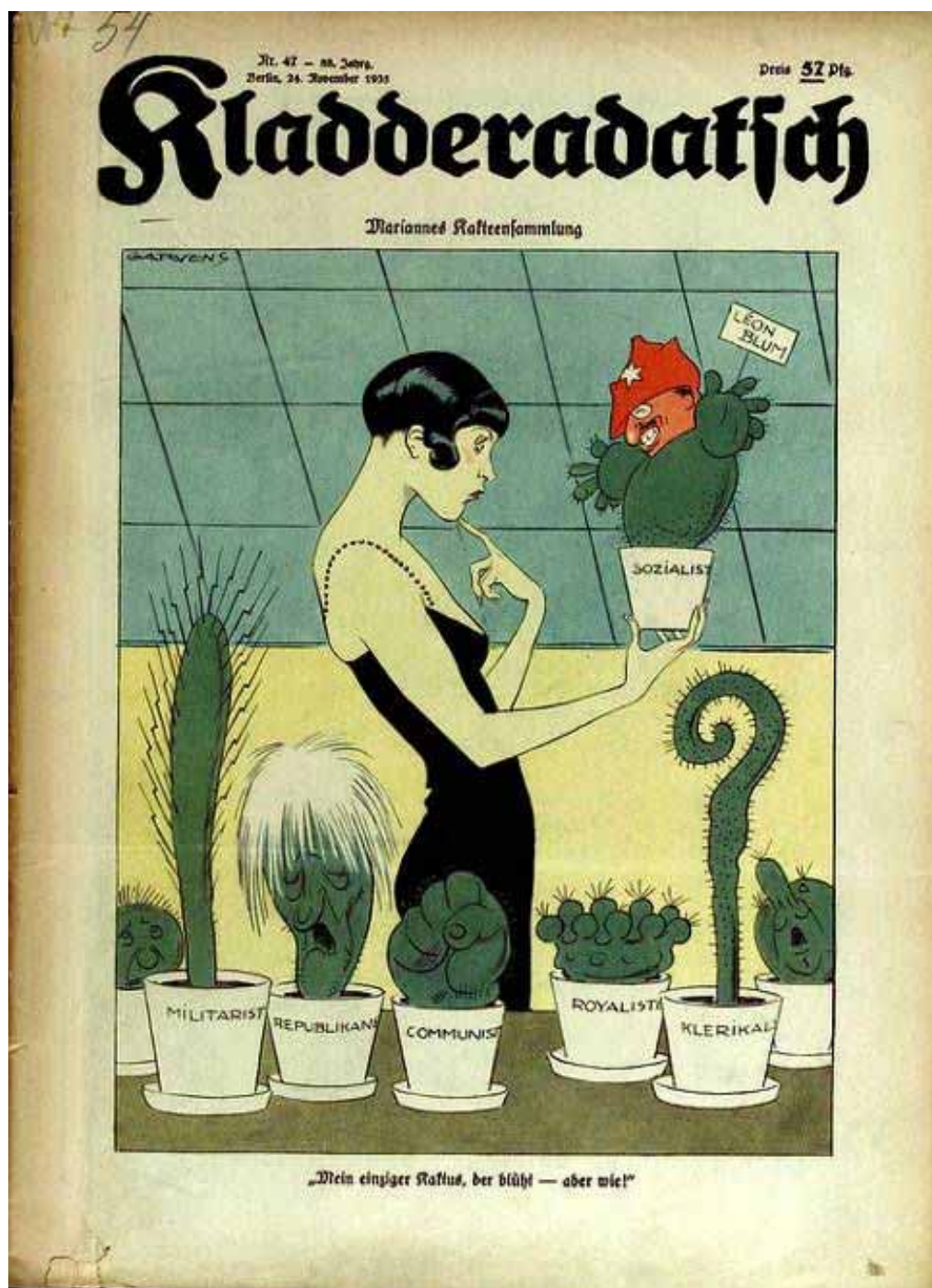
“Marianne”, ícone que representava a França, olhava curiosa para seu cacto em flor. As representações de *Marianne* variam de acordo com a fonte na qual ela era inserida. Christian Delporte lembra que ela seria “la France, et non la République, dans le dessin de droite”²³⁴ enquanto Maurice Agulhon, por outro lado, afirmou que ela “indiquait une orientation évidemment ‘republicaine’, ce qui, à l’époque, signifiait à gauche”.²³⁵ À sua mesa, outras espécies da planta levavam os nomes de “militarismo”, “republicanismo”, “comunismo”, “realismo” e “clericalismo”, cada uma delas representada por uma imagem: o militarismo por uma espada, o republicanismo por uma velha face de aspecto nada saudável, o comunismo como um punho cerrado –

²³⁴ DELPORTE, Christian. Idem, p. 97.

²³⁵ AGULHON, Maurice. *Les métamorphoses de Marianne. L’imagerie et la symbolique républicaines de 1914 à nos jours*. Paris: Flammarion, 2001, p. 83

ícone da ideologia de esquerda – e o clericalismo por uma espécie de báculo episcopal, símbolo da heráldica eclesiástica católica.

De todos, o que floresceu foi o cacto do “socialismo”, cuja flor levava o nome de “Leon Blum”, líder daquela agremiação partidária. A exclamação de Marianne “Mas que flor!”, denotava que esta fora, para ela, nada satisfatória. O fato da imagem ter sido retirada de um periódico alemão que, a esta altura, abertamente combatia o comunismo, reforça a hipótese de que as caricaturas da política internacional serviam para difundir entre os leitores brasileiros, os preceitos políticos dos editores de *Inteligência*. Cumpre destacar que, neste caso, os compiladores reproduziram a caricatura publicada na capa de uma das edições da revista *Kladderadatsch*, em novembro de 1935, de maneira fiel, a despeito da qualidade gráfica e de algumas alterações na tradução.

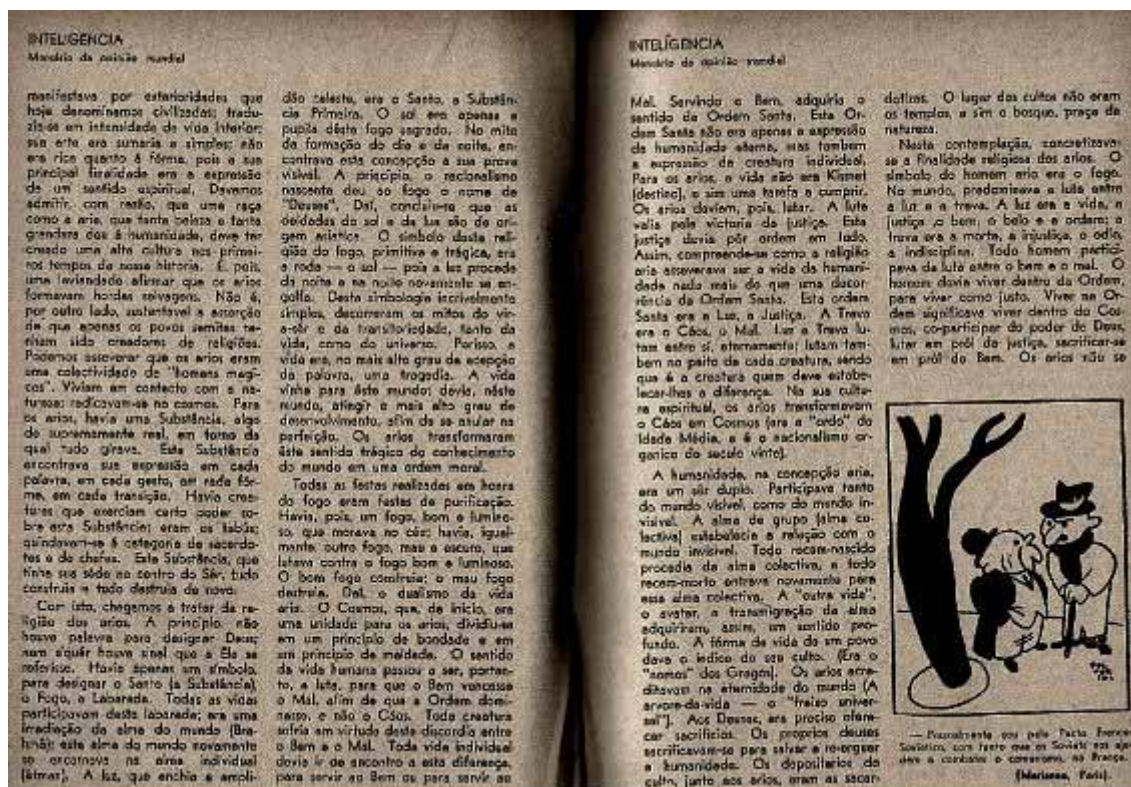


Kladderadatsch, Ano 88, nº 47, nov. 1935.

Ao verter para o português os nomes das plantas, os editores modificaram alteraram o sentido ao substituir adjetivos por substantivos: o cacto que representava Léon Blum intitulava-se “socialista” em *Kladderadatsch*, enquanto, no mensário paulistano, lê-se “socialismo”. Assim, a rejeição de *Marianne* não se referia mais à situação interna francesa, antes servia de paradigma para todo o mundo. Rejeitar o

socialismo era um dos alvos dos editores de *Inteligência* que, nessas caricaturas, expressavam tal rejeição.

A revista *Marianne* publicou uma imagem que resumia a que ponto havia chegado a contradição da política externa francesa.²³⁶ Em maio de 1936, a imagem veio a lume nas páginas do mensário paulistano:



Inteligência, Ano II, nº 17, p. 59, maio 1936.

Dois cidadãos vestidos de maneira elegante, exibindo ornamentos de distinção, como bengalas, sobretudo, chapéus e cachecóis, conversavam sobre o Pacto Franco-Soviético, firmado naquele ano. Um deles exclama: “Pessoalmente sou pelo Pacto Franco-Soviético, com tanto que os Soviets nos ajudem a combater o comunismo na França”. A ironia presente no texto, que acompanhava a imagem, endereçava-se aos que na França criticavam. Nas páginas de *Inteligência*, alterava-se o significado da composição, uma vez que se perdia o referencial irônico, que funciona, na nova situação, como uma afirmação categórica: o tom irônico do cenário francês transformava-se em derrisão no Brasil. O pacto possuía um caráter instrumental, ou

²³⁶ Maurice Agulhon assim definiu a revista: “À la fin de la IIIe République, de 1932 (le 25 octobre exactement) à 1940, *Marianne* est le nom d’un ‘grand hebdomadaire littéraire illustré’. Gaston Gallimard, son propriétaire, et Emmanuel Berl, son premier directeur, visaient à faire contrepoids et concurrence, à l’aide de signatures d’écrivains et de personnalités connues, à l’hebdomadaire *Candide*, qui brillait dans la grande tradition du débat politico-littéraire, et qui se situait nettement à droite”, *Op.cit.*, p. 83.

seja, era peça fundamental no sistema de alianças defensivo na luta contra a Alemanha, mas trazia consigo a ameaça da ideologia comunista. Assim, ainda que tal aliança fosse tolerada no front externo, na luta contra o inimigo de além-Reno, era necessário continuar combatendo os ecos que tal compromisso no país.

Ao publicar imagens que denotavam a fraqueza e a ingenuidade francesas,²³⁷ os responsáveis pela circulação de *Inteligência* combatiam valores político em voga no ocidente desde o século XIX, abraçados por diversos políticos e intelectuais brasileiros. A imagem da França no Brasil e sua importância como referencial estavam fortemente sedimentadas nos mais diversos campos, das artes e literatura à organização do Exército.²³⁸ Além disso, como se nota nos exemplos acima, Mário Gracioti e seus colaboradores subvertiam os sentidos a ponto de tornar alterar completamente o significado original. Assim, *Kladderadatsch*, revista alemã que combatia o comunismo, e *Marianne*, periódico francês ligado à esquerda, caminhavam lado a lado nas páginas de *Inteligência*, sempre reforçando as críticas aos regimes democráticos.

No que respeita às imagens relativas à Inglaterra e à França, verifica-se que, para a primeira, os editores reservaram caricaturas que destacavam o maquiavelismo de sua política, enquanto, para o Hexágono coube a alegoria de vítima do comunismo e de sua própria ingenuidade referencia ao governo da Frente Popular. Tal estratégia que propunha a fraqueza como elemento fundador daquelas nações divergia profundamente do papel que a França, por exemplo, desempenhava no continente. Nesse sentido, é sintomático que as imagens selecionadas atribuíssem aos franceses somente aspectos negativos e que ocultassem do leitor a efetiva força militar de que dispunha aquele país, fiador do sistema erigido pelos vitoriosos no pós Guerra.

Aos Estados Unidos, por sua vez, os editores de *Inteligência*, conferiram ampla crítica por meio da escolha de caricaturas que tinham como temática a atuação dos norte-americanos no cenário internacional. A primeira delas surgiu em 1936 e deu início

²³⁷ A utilização do termo fraqueza, sempre que o assunto eram os franceses, servia para caracterizar todas as nações do campo democrático. Num dos artigos, lia-se: “O fundo do problema, neste negócio do Reno, como em todos os precedentes, está nas relações do direito e da vida, e, mais profundamente, na trágica fraqueza das democracias em face das ditaduras audaciosas”, *Inteligência*, Ano II, nº 17, maio 1936, p. 20.

²³⁸ Nas primeiras décadas do século XX uma missão francesa atuou no Exército Brasileiro até 1939, quando a Segunda Guerra Mundial obrigou o retorno à Europa. De acordo com Frank D. McCann, “os franceses inspiraram os oficiais brasileiros a pensar politicamente. Os oficiais tinham de estar acima da política partidária – tinham de ser sacerdotes da pátria. Essa foi a mensagem que os jovens turcos haviam trazido da Alemanha, e os franceses haviam confirmado que esse era o verdadeiro caminho para a salvação nacional”, *Soldados da pátria. História do Exército Brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 326.

a uma série que ganharia volume ao longo do tempo, com destaque para a quantidade publicada entre 1937 e 1938. Em março de 1936, a revista idealizada por Mario Gracioti publicou duas caricaturas que tratavam dos Estados Unidos. A primeira delas foi articulada a um texto que criticava duramente a vida naquele país. O autor comentou a censura emitida pelo presidente norte-americano aos ditadores europeus nos seguintes termos:

Hitler e Mussolini têm o direito de responder a Roosevelt: ao menos, nos nossos países, os heróis nacionais não são obrigados com a sua família a expatriar-se. Não se roubam as suas crianças, nem eles encontram, todas as manhãs, entre a correspondência, vinte ameaças de morte. Tendo sido o primeiro a atravessar, pelos ares, o Atlântico, num gesto que maravilhou o mundo, Lindbergh é obrigado a fugir da sua terra, para procurar um esconderijo no estrangeiro! A América não é um modelo para ser imitado integralmente. Ela levou muito longe os vícios da democracia e da eleição.²³⁹

O material iconográfico foi extraído de *Gringoire*, periódico que integrava o rol de publicações da direita francesa e de *Marianne*, da esquerda. Em ambas as imagens o intuito era ridicularizar a figura de Franklin D. Roosevelt que enviava, na primeira imagem, um Tratado de Moral à Europa enquanto, na subsequente, afirmava que a única civilização era a norte-americana. O fato das revistas atuarem em campos opostos dentro da França e, entretanto, ambas condenarem as tentativas norte-americanas de intromissão na vida do continente europeu, potencializava as ironias presentes nas caricaturas.

²³⁹ *Inteligência*, Ano II, nº 15, mar. 1936, p. 23-24.

INTELIGENCIA

Necessária de opinião mundial

O sentido destas frases massudas não pode ser mais claro. O escopo visado para a colaboração colectiva entre as potências não é bem a defesa dos tratados, mas a sua revisão. Descoberto o agressor, o dever dos outros signatários não será socorrer o Estado agredido, mas assediá-lo o agressor e impedir que os outros se envolvam no conflito. Em resumo, é a segurança do Estado agressor que se assegura, com o tratado sugerido por Berlim. As alianças que a França, a partir de 1921 e 1924, subscreveu, na Europa central, como na Europa oriental, tendem, ao contrário, a formar uma coligação em torno do país que acabar de ser agredido. Essas tendências, portanto, são incompatíveis com o pensamento do Reich.

(Echo de Paris, Paris, 3-1-36).

ROOSEVELT, HITLER E MUSSOLINI

O presidente dos Estados Unidos da América do Norte repreendeu os autocratas da Europa. Não censuro, porque as suas lições podem servir para toda gente. Roosevelt, através de Mussolini, alcançou Hitler.

Entretanto, seria necessário saber onde se encontra a boa democracia e em que consiste. Roosevelt tem, mesmo entre nós, partidários que admiram nele, não o defensor da liberdade, mas outras qualidades pessoais. E é mesmo em nome da liberdade que se levanta uma oposição na América do Norte. O dictador da moeda e do comércio não passa de meio profeta na sua própria terra, onde a sua economia dirigida não consegue entusiasmo geral.

Que diríamos nós, se tivéssemos um chefe

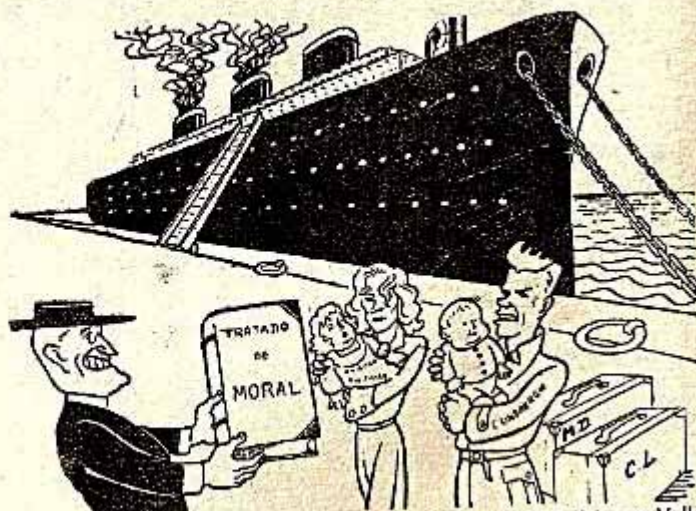
de governo que tratasse o franco como Roosevelt tratou o dolar, que o desvaloriza a seu gosto, que anula os contractos, que regula por decreto a sorte dos comerciantes? Haveria talvez, pessoas que aplaudissem, mas haveria outras para protestar contra o abuso do poder.

Dando-se a si proprio como exemplo, isso provoca comparações. Nada, em parte alguma, é perfeito. A grande Republica americana tem, tambem, os seus defeitos. Não é da Europa, nem de algumas partes da Europa: submetidas a um regime autocrático, que vieram os nomes barbaros e muito familiares aos nossos ouvidos de *kidnappers* e *gangsters*.

Hitler e Mussolini têm o direito de responder a Roosevelt: Ao menos, nos nossos países, os heróis nacionais não são obrigados com a sua familia, a expatriar-se. Não se roubam as suas crianças, nem elles encontram, todas as manhãs, entre a correspondência, vinte ameaças de morte".

Tendo sido o primeiro a atravessar, pelos ares, o Atlantico, num gesto que maravilhou o mundo, Lindbergh é obrigado a fugir da sua terra, para procurar um esconderijo no estrangeiro!

A America não é um modelo para ser imitando integralmente. Ela levou muito



Roosevelt — E, da minha parte, queiram entregar isto ao Velho Mundo

(Gringoire. Paris)

Inteligência, Ano II, nº 15, p. 23, mar. 1936.

INTELIGÊNCIA

Revista de opinião mundial

nas eleições. Para o momento, os republicanos e os radicais estão divididos, e só a sua união harmoniosa — tarefa extremamente difícil — poderia salvar em má situação a reeleição de Mr. Roosevelt. Esta reeleição parece, portanto, bem provável, mas o segundo período presidencial do autor do "New Deal" será menos sensacional, talvez mesmo de caráter conservador, pelo menos em comparação com o primeiro, que agora termina.

AS DUAS TENDÊNCIAS POLÍTICAS DOS EE. UU.

Que afirma o Presidente Roosevelt na sua mensagem? Em primeiro lugar, que os Estados Unidos querem permanecer neutros; em segundo lugar, no entanto, que reprovam toda política exterior de agressão, insuperável, segundo ele, dos regimes autocráticos.

Por que tal mensagem causa tanta surpresa?

Em relação à neutralidade, os Estados Unidos nunca variaram. No famoso discurso de Monroe, diante do Congresso, em 1823, ele teve a seguinte frase: "Nossa primeira máxima fundamental deve ser a de não nos deixarmos envolver pelas guerras que perturbam a Europa". Ao irromper a Grande Guerra, Wilson era neutralista e foi pelo seu programa neutralista que foi eleito.

Mas, os Estados Unidos, que sempre reprovaram a violência, devem, naturalmente, ter entrado na guerra em nome da doutrina de Monroe. Pouco depois da sua eleição, Wilson disse: "Nenhuma nação tem o direito de procurar estender o seu poder político a uma outra nação, pois cada povo tem o direito de ser livre e escolher sua própria política, seu próprio caminho de desenvolvimento, sem ser incomodado, ombro a ombro com os grandes e os fortes".

Esta dupla tendência da política americana parece-se com a dupla tendência da política inglesa. Em Washington como em Londres, existem os que são antes de tudo neutralistas (como o senador Borah, por exemplo) e aqueles que são, antes de tudo, moralistas.

Condenando os poderes dictatoriais e as instituições autocráticas, "sinónimos de escravidão no interior e de agressão no exterior",

o presidente Roosevelt mostra que a moral internacional deve prevalecer sobre a política de neutralidade. Ele repete as palavras de Wilson, que, resolvido a intervir na Grande Guerra, pôde dizer: Nós participamos da vida do mundo. Tudo o que atingir o gênero humano atinge a nós também. É claro que as nações, para o futuro, devem ser governadas pelo mesmo alto código de honra que nós exigimos dos indivíduos".

(Marianne, Paris, 8/1/36).

O DECANO DOS DICTADORES

O "decano dos dictadores", o general João Gomes Vicenta, presidente da Republica de Venezuela, recentemente falecido, era o mais velho dos dictadores, pois tinha tomado conta do poder em 1909. O general Gomes não tinha grande indulgência pelos seus inimigos políticos que mandava para a prisão ou para o exílio. Esse deposto, cuja cultura era insignificante, tinha-se imposto como objectivo restabelecer a ordem e a prosperidade do seu país que, antes d'ele, tinha conhecido 50 revoluções em 80 anos e chegara a repudiar as suas dividas. A morte do presidente não deixou de provocar alguns disturbios.

(Le Mois, Paris, 1.º de Jan.º, 1936)



Roosevelt — "A única civilização é a civilização norte-americana!"
(Il Travaso delle Idee, Roma)

Inteligência, Ano II, nº 15, p. 47, mar. 1936.

Outro periódico bastante utilizado para a construção de imagens negativas dos Estados Unidos foi a revista italiana *Il Travaso delle idee*. Roosevelt foi duramente atacado por suas tentativas de imiscuir-se nos assuntos europeus, ao longo dos anos 1930. Dentro de seu país, ele enfrentava, ainda, o campo do isolacionismo, premissa para uma atitude meramente observadora em relação ao trato diplomático internacional da qual Charles Lindbergh era um dos principais expoentes. Para este grupo, os EUA

não deveriam intervir em guerras fora do continente americano e deveriam trabalhar para a recuperação econômica e demais problemas causados pela crise do final da década de 1920 que havia deixado marcas profundas.

Em abril de 1937, tal contexto voltaria às páginas de *Inteligência* por meio da publicação de uma imagem selecionada da congênere italiana supracitada. Nela, encontrava-se Roosevelt a escrever uma série de papéis enquanto era interpelado por um de seus auxiliares:

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

fronteira da Carelia, a voar, não importa em que momento, sobre as ricas regiões da Escandinávia, que, como dizia, recentemente, o general Hanshofen, na revista alemã *Volk und Reich*, "provoca o apetite de muita gente".

Por que, porém, perguntar-se-á, a Alemanha e a Rússia se interessam tanto por esses caminhos do extremo-norte da Europa? Há, em primeiro lugar, o problema das comunicações marítimas soviéticas com o Ocidente. Como se sabe, a convenção de Montreux suprimiu os estreitos, tornando o Mar Negro, em caso de guerra, um mar fechado; por outro lado, os soviets não se sentem seguros nos seus movimentos no Báltico. Durante muitos anos, e sobretudo depois de 1935, os alemães, não cessaram de procurar reforçar as ilhas Aland, a entrada do golfo da Bothnia, desmilitarizadas por força da convenção internacional de 1922. O primeiro passo foi dado pelo governo finlandês: o aeródromo de Mariehamn, a cidade mais importante do arquipélago, é destinado a fins militares e não comerciais. Ora, é capital alemão e são engenheiros ale-

mães que tiveram parte preponderante na construção desse aeródromo. Com a reforçamento das ilhas Aland e com um governo "amigo" em Helsingfors — suposição que não é de todo improvável — será fácil à frota e à aviação alemãs bloquear as forças navais soviéticas no golfo da Finlândia. Mesmo sem esse bloqueio, a Alemanha poderá controlar a passagem do Báltico do Sund por uma pressão sobre a Dinamarca. De tudo isso, depreende-se que, em tempo de guerra, nenhum navio russo chegará a passar do Báltico para o mar do Norte.

Essas são as razões por que a Rússia não conta mais, como bases seguras e caminhos marítimos protegidos os que estão no Mar Negro e no Báltico. E' por isso que, de alguns anos a esta parte, os soviets procuram as rotas marítimas do Ártico. Dois portos russos somente são acessíveis durante todo o ano: Alexandrovsk e Mourmansk, situadas no extremo oeste da península da Kola. Nos tempos do Tsar, esses portos não passavam de aldeias informais; hoje, tornaram-se centros comerciais e estratégicos de primeira ordem. A sua importância cresceu, sobretudo, pela abertura do canal Stalin, que permite ao almirantado soviético fazer passar pequenas unidades (submarinos e torpedeiros) das suas bases do Báltico até Alexandrovsk, sem deixar território russo. E quando

o canal Maria, entre o Lago Onega e o Neva, estiver pronto, os russos poderão fazer passar toda espécie de cruzadores pelo vasto sistema de canais e lagoas, que ligam Lenígrado ao Mar Branco e ao Oceano Ártico.

Em resumo: em caso de guerra russo-alemã, os Soviets e o Reich poderão, reciprocamente, infligir-se sérias derrotas no Ártico, tanto no domínio econômico, como no militar. O Reich, bloqueando a única via livre da U. R. S. S. para o Ocidente e a U. R. S. S. privando a indústria de guerra da Alemanha de uma de suas principais fontes de abastecimento, que é a Suécia".

(The Morning Post, Londres, 5-2-37).



— Veja, Senhor Presidente: temos 5.000.000 de desocupados, graves por toda a parte, aumento de crimes... Como se ha-de resolver a situação?

— Não falamos nisso, por ora. Estou ocupadíssimo em redigir alguns conselhos a dar à Europa!

(Il Travaso delle Idee, Roma).

O indivíduo dizia: “Veja, senhor Presidente: temos 5000000 de desocupados, greves por toda a parte, aumento de crimes...Como se há de resolver a questão”. O presidente, de pronto, respondia: “Não falemos nisso, por ora. Estou ocupadíssimo em redigir alguns conselhos a dar à Europa!”. A caricatura pretendia expor a que níveis havia chegado a ingerência de Roosevelt que, pretendendo auxiliar na condução dos problemas do Velho Continente, deixava o país à deriva.

Mario Gracioti, apostava em desnudar as reais atividades norte-americanas por meio de outra caricatura extraída de *Il Travaso delle idee*. Nela, via-se o presidente Roosevelt, alado, a caminhar em frente a uma barragem de canhões. A imagem foi alocada em um artigo escrito por Walter Lippmann, um dos maiores defensores das políticas norte-americanas no cenário internacional. O conhecido autor, definiu que

(...) o ponto cardinal dos objetivos da política exterior norte-americana, razão do seu valor militar, é a essência corporificada na Doutrina de Monroe, a saber: manter o hemisfério ocidental invulnerável para as nações americanas e imunizar os dois continentes contra as rivalidades imperialísticas das potências euro-asiáticas.²⁴⁰

²⁴⁰ *Inteligência*, Ano III, nº 29, maio 1937, p. 51.

INTELIGÊNCIA

Menário da opinião mundial

deu numa ditadura pode muito bem acontecer nas outras.

De qualquer maneira, o meio principal a que os Estados Unidos podem recorrer para tornar a guerra menos provável é promover, resolutamente, uma ressurreição econômica, por um comércio mais liberal. Pode ser que tal política não evite a guerra. Entretanto, ela será útil para este e os demais países neutros. Mas, os Estados Unidos podem também exercer importante influência pelo seu exemplo. Outrora oferecemos à Europa bons conselhos seguidos de um mau exemplo (o idealismo de Wilson e as tarifas de após-guerra); podemos oferecer-lhe, agora, um bom exemplo seguido de um bom conselho. Não devemos ser modestos demais na estimativa da influência moral do bom exemplo oferecido pela mais poderosa nação do mundo.

Potencialmente, isso constitui uma grande influência. Porque, parte importante da preparação psicológica para a guerra, na Europa, é a propaganda insistente de Berlim e Moscou de que só se pode escolher entre facismo e comunismo. A resposta mais efectiva a esta propaganda é o exemplo de uma grande nação em paz consigo mesma, prosperando sob instituições livres. O panorama de um grupo de nações prósperas e livres, incluindo todos os povos deste hemisfério, a comunidade britânica, a França, a Bélgica, o império holandês e os países escandinavos deverá contribuir para contrabalançar a propaganda dos países autocratas. Entre os povos que hesitam, entre os líderes democráticos que parecem estar colocados contra a parede, para alguma coisa contará o

notarem que existe outro caminho de vida, nem fascista, nem comunista, e é o que está em vigor na maior parte dos países civilizados. Por isso, tem importância nosso exemplo e quanto aos outros o melhor é não lhes dar demasiada importância.

Não obstante, devemos pensar no facto desolador de que a maior guerra que jamais explodiu é possível; mais ainda: no presente estado da Europa, não só é possível, mas é provável. A corrida armamentista não poderá continuar indefinidamente. Mais dia menos dia, algumas das nações atingirão o ponto máximo do seu poderio militar e ou terão de usá-lo ou resignar-se-ão a perder a sua relativa preponderância, em face das nações mais ricas e populosas. Por outro lado, o sistema liberal, orientado com sábia e



Anjo da paz? Nas mãos tem, de facto, o ramo de oliveira, mas embora ele escreva sobre a paz, são os canhões que falam...

[Il Traverso delle Idée, Roma].

A legenda questionava o leitor: “Anjo da paz? Nas mãos tem, de fato, o ramo de oliveira, mas embora ele escreva sobre a paz, são os canhões que falam...”. Em certa

medida, pesava sobre Roosevelt acusações semelhantes às que recaíam sobre Hitler: seu discurso não se coadunaria com as ações, que ficavam no campo da ameaça, sem adentrar no terreno da ajuda concreta às democracias.

As estratégias editoriais adotadas pelos responsáveis evidenciam a tensão entre conteúdos textuais e iconográficos, a ponto de um contradizer o que se afirmava no outro. Tais práticas alertam contra a posição simplista que toma a imagem como mera ilustração do conteúdo do artigo. Na verdade, os compiladores selecionavam o material iconográfico que se coadunava com a temática exibida a fim de reforçar ou mitigar determinadas visões de mundo veiculadas na imprensa internacional. À medida que o ano de 1937 avançou, cresceram as críticas à política exterior dos Estados Unidos. Em fevereiro de 1938, duas imagens mostravam cenários semelhantes do isolacionismo. Na primeira delas, o secretário de Estado Cordell Hull, caminhava sobre ovos nos quais se lia a palavra “neutralidade”.

INTELIGENCIA

Mensário da opinião mundial

gregadas do mundo, durante tres anos, confiadas ao cuidado de matronas que as ensinavam a costurar e a tecer, recebendo, ao mesmo tempo, uma educação geral. Elas eram diretamente responsáveis pela manutenção do fogo sagrado, que devia permanecer constantemente aceso. Se êle se apagasse, dizia-se, grandes calamidades cairiam sobre o país.

Ao fim de tres anos, a maior parte das moças deixava o estabelecimento para se casar com membros da nobreza. Aquelas que preferiam continuar a ser virgens do sol, vestiam então uma roupa branca especial e usavam uma faixa de ouro no cabelo. Eram elas que teciam e bordavam os finos tecidos usados pelos sacerdotes nos seus ritos sagrados.

Além dos sacerdotes regulares, havia ordens de adivinhos, que praticavam as suas proezas, contando montes de milho, examinando as pernas cabeludas das aranhas, observando o vôo dos passaros e prescrutando as entranhas das lamas e de outros animais oferecidos em sacrificio. Esses sacrificios consistiam em lamas (animais de carga das regiões andinas) aves, cães, ouro, prata, tecidos e produtos agricolas. Os sacrificios humanos eram muito raros, se não completamente desconhecidos.

Além dêste culto regular, associado com os sacrificios, os peruanos acreditavam piamente no animismo. Para êles, qualquer objeto, animado ou inanimado, era um espirito inteligente. De acôrdo com tal crença, dirigiam preces a todas as coisas da natureza e faziam-se oferendas nos cantos das casas para proteger os que nelas residiam.

Alguns membros da nobreza eram educados em seminários especiais, onde aprendiam a história, a moral, a religião, e os deveres cívicos, como futuros dirigentes do povo. As crianças das classes mais baixas não recebiam outra educação a não ser alguns preceitos sobre a maneira de lavrar e semear, e sobre



O secretario Hull e a dança dos ovos.
(Fortune, Nova York)

Dos ovos por ele pisoteados, ainda que a imagem revele sua tentativa de caminhar suavemente entre eles, dois quebraram-se: do primeiro deles, ascende uma cruz suástica, ícone do nazismo alemão enquanto, do segundo, surgia a face de um soldado japonês. Ambos os perfis sintetizavam as ameaças ao poderio norte-americano, sendo o primeiro na Europa e o outro, na Ásia. Neste ano de 1938, o Japão havia reiniciado sua guerra contra a China, onde os EUA possuíam, bem como os britânicos, interesses comerciais. Nesse sentido, a caricatura demonstrava profunda articulação com os acontecimentos que grassavam no cenário externo e mostravam um país cauteloso de tomar atitudes, contribuindo para a degradação de sua imagem dentro do Brasil, peça fundamental no mosaico criado pelos editores do mensário paulistano.

Assim como ocorreu com as caricaturas da França e da Inglaterra, representadas, respectivamente, por Marianne e por John Bull, os editores de *Inteligência* buscaram imagens do ícone da cultura norte-americana, do Tio Sam, para incorporar suas referências àquela nação.²⁴¹ Para eles, era essencial, popularizar, àquela altura representações negativas dos Estados Unidos e de seus líderes uma vez que o projeto por eles defendido para o Brasil passava ao largo da cultura política daquele povo.

²⁴¹ Para uma análise acerca da representação destes ícones durante este período, ver: GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror. Quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



Inteligência, Ano IV, nº 42, p. 47, jun. 1938.

O personagem que sintetizaria as principais características do povo norte-americano aparecia armado com duas pistolas nas quais se liam: “armamentos navais” e “rearmamento americano”. O chapéu estrelado era uma referência à bandeira do país enquanto as calças concluíam tal simbologia ao acompanharem as listras presentes naquela flâmula. A vítima da fúria dos EUA resolvidos a “armar-se”, de acordo com o pequeno texto presente na parte inferior da imagem, era o globo terrestre que, assustado, erguia ambas as mãos, rendendo-se.

A mensagem que o desenhista pretendia transmitir era a de que ao promover o rearmamento, os Estados Unidos estavam contribuindo e ameaçando a paz do mundo, da qual se diziam lídimos defensores. Após o exposto, pode-se inferir que as caricaturas que tinham como temática a política exterior norte-americana pretenderam evidenciar que, bem como a das demais potências democráticas, esta era fundamentada na falácia e

nas pretensões bélicas. Para editores de *Inteligência* era de grande relevo agrupar as potências estrangeiras em grupos que os leitores poderiam facilmente identificar.

No primeiro, encontrava-se Itália e Alemanha, com suas caricaturas que mostravam a conquista e o fascismo em marcha enquanto segundo grupo, as nações cuja política exterior carecia de coerência: a Inglaterra, a França e os Estados Unidos. Na tentativa de deixar essa tendência clara para o leitor os editores deixaram sinais que permitem delinear sua visão de mundo que a esta altura, era favorável às potências do primeiro grupo, denominadas, no material textual, de potências dinâmicas.

A crítica à Sociedade das Nações era o corolário dessa estratégia iconográfica que pretendia denegrir a imagem das democracias uma vez que tal instituição reunia as nações criticadas por *Inteligência* e simbolizava a ruína dos princípios fundadores da ordem internacional vigente. A exploração desta crise foi uma das temáticas mais recorrentes nas páginas da revista editada em São Paulo que, ao longo de todo o período, recortou da mídia impressa internacional, imagens que corroboraram a falência do órgão genebrino.

Nascida da vitória da *Entente Cordiale* na Primeira Guerra Mundial, a Sociedade das Nações baseava-se no ideal de segurança coletiva para fundamentar a nova ordem internacional. Idealizada pelo presidente norte-americano Woodrow Wilson, sua história foi, de início, marcada pela frustração: grandes responsáveis pela vitória da França e da Inglaterra durante o conflito, os EUA desempenhavam um papel de liderança moral naquele momento até que o Senado estadunidense não aderiu ao fórum recém fundado.

A ausência dos norte-americanos tornou o poder da nova instituição limitado ao continente europeu além de representar duro golpe àqueles que tinham lutado por um novo espaço de discussões na esfera dos negócios exteriores. Todavia, o enfraquecimento da Liga não se devia somente aos Estados Unidos mas também à Rússia, à Alemanha, do Japão e do Brasil, que nela não ingressaram.

Dessa forma, a constituição da Liga que se pretendia universal acabou se transformando em algo de amplitude muito restrita e localizada, tendo como pilares de sustentação a aliança franco-britânica. Quando *Inteligência* foi lançada no mercado editorial brasileiro, em 1935, o prestígio da Sociedade das Nações (SDN), estava já sob ataque, mas seria agravado pela agressão italiana à Abissínia e posterior reação dos membros que dela participavam. Por meio das caricaturas publicadas na mídia impressa

internacional notava-se a modificação do status da referida liga. De acordo com Christian Delporte

(...) les dessinateurs multiplient les ‘images-choc’ où ils associent Hitler et Mussolini à la mort, au sang, au feu, aux ruines, mais l’appel à l’intransigeance élude soigneusement la question des moyens appropriés pour stopper leur progression. (...) Incapable de s’opposer aux ambitions italiennes, la vieille femme mafflue au visage disgracieux se voile pudiquement la face pour ne pas voir Mussolini plonger dans une mer de sang quand elle ne livre pas le Négus, pieds et poings liés, au Duce. (...) Dans les années qui suivent, la SDN est une femme malade, voire moribonde.²⁴²

As caricaturas alocadas nas páginas do mensário paulistano refletiam a evolução da percepção que os compiladores tinham da atuação do órgão internacional diante dos problemas que ameaçavam a paz do mundo. As constantes invectivas dos ditadores e a nova metodologia aplicada por eles para a solução das questões diplomáticas levaram ao esvaziamento do foro privilegiado das democracias.²⁴³

²⁴² DELPORTE, Christian. Idem, 1992/3, p. 139. No mesmo texto, o autor traçou a evolução da representação da Sociedade das Nações ao longo do tempo. Para ele, “Le dessin témoigne ensuite de l’espoir que fit naître la Société des Nations; mais aussi de l’immense déception qu’elle causa. Bien sûr, on ne sera pas surpris d’observer le contraste entre le sincère attachement exprimé par les dessinateurs radicaux et socialistes pour l’assemblée de Genève, et le sévère jugement porté par leurs confrères communistes sur la ‘machine imperialiste’ créée à l’issue de la Grande Guerre. (...) Le jeune fille, allégorie de la SDN dans les années 1920, au regard pur, au visage rayonnant de bonheur, s’enlaidit, vieillit prématurément. Ses traits se creusent, ses yeux s’emplissent de tristesse et de résignation, sa silhouette s’épaissit : elle est devenue méconnaissable et, de façon troublante, tend à se rapprocher de l’image – classique celle-ci, et volontairement antipathique – du personnage féminin baptisé ‘SDN’ des dessinateurs d’extrême-droite », Ibidem, p. 131.

²⁴³ Ver anexo XI.

INTELIGENCIA

mensário da opinião mundial

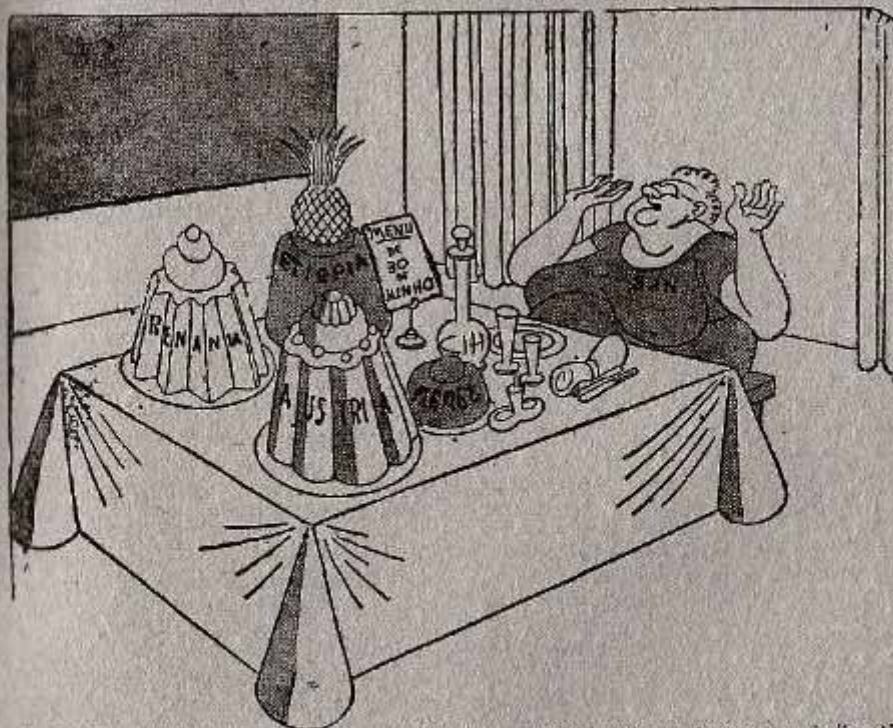
Havaíanos asiáticos	12.592
Portugueses	27.588
Porto-riquenses	6.671
Espanhois	1.219
Outros caucasicos	44.895
Chineses	27.179
Japoneses	139.631
Coreanos	6.461
Filipinos	63.052
Outras procedencias	780
Total	368.336

A partir de 1930, alguns filipinos foram repatriados, parecendo provável que, no próximo recenseamento, a proporção por eles representada será muito menor. Cerca de um terço de toda a população é constituído de japoneses, e este grande elemento manifesta tendências mais coesas do que o resto, possuindo a reputação de não se misturar.

Note-se que cerca da metade da população branca é constituída pela guarnição militar. Hawaii, ao que se diz, é a maior base naval dos Estados Unidos; além disso, enormes forças navais e aéreas ali se acham estacionadas, o que faz crer que Tio Sam não quer ser tomado de surpresa. Não obstante, as actividades militares não participam indubitavelmente da administração do território, e, em virtude do facto de as ilhas havaianas se encontrarem a meio caminho, entre o ambicioso Japão e a costa pacífica dos Estados Unidos — bem como de os descendentes de japoneses formarem o maior elemento da população havaiana — não se pode censurar os norte-americanos pelas precauções que tomam.

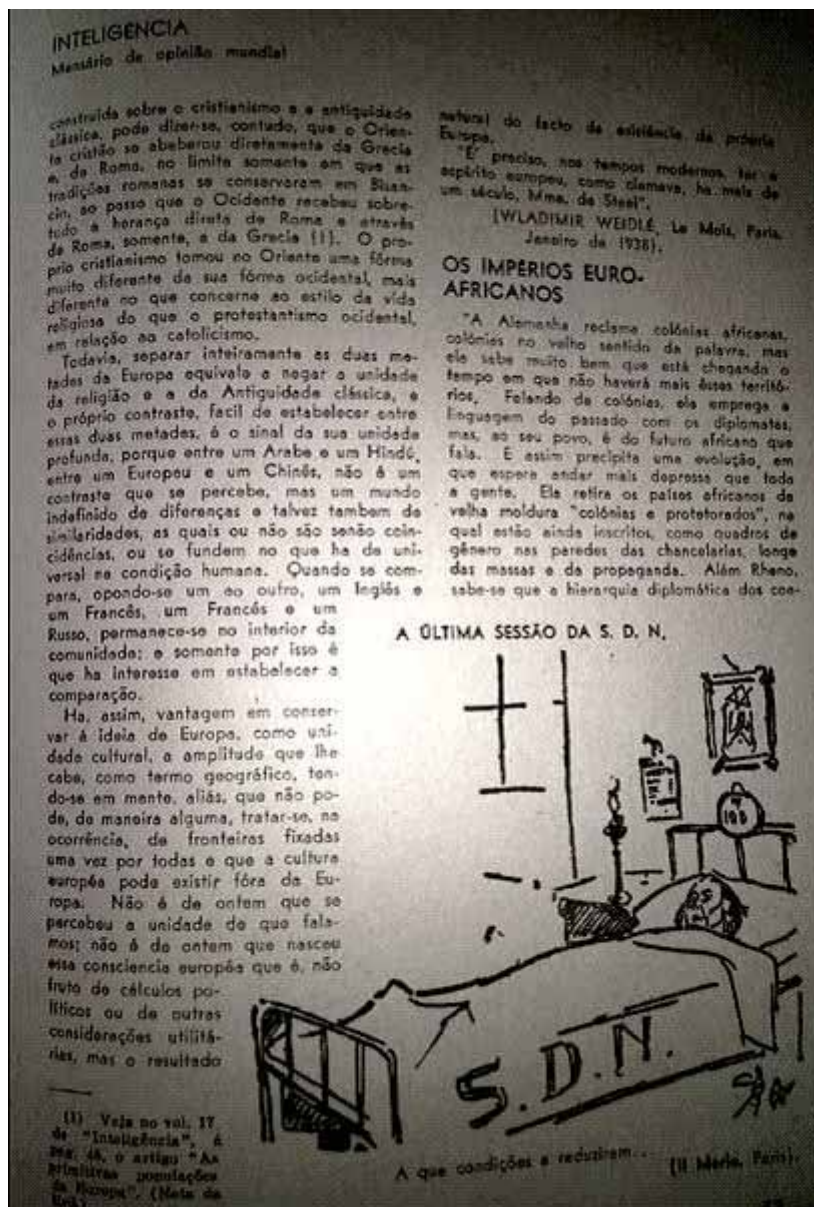
A política dos Estados Unidos, em relação a esse codinho de raças, pode ser resumida assim: — Americanização. Do berço à sepultura, os ideais da cidadania americana.

MESA DE DOÇES NA S. D. N.



A S. D. N.: — Com todos estes pratos, é bem possível que eu tome uma indigestão!
(Guerín Meschino, Milão)

Inteligência, Ano II, nº 19, p. 23, jul. 1936.



Inteligência, Ano IV, nº 39, p. 43, mar. 1938.

Nesse sentido, pode-se dizer que a revista nasceu no momento em que os críticos da SDN ganharam força para atacar as medidas tomadas pelos líderes dos países democráticos. Os responsáveis pela publicação trabalharam, neste momento, não somente pela defesa do plano de expansão italiano, mas, principalmente, pela ridicularização do órgão sediado em Genebra. Tal estratégia estava articulada ao projeto dos editores do mensário que, ao rir do símbolo máximo das democracias ocidentais e difundir as caricaturas, davam força àqueles que estavam à direita do espectro político.

Neste período, o corpo de editores de *Inteligência* dedicou especial atenção à crise, aos desafios e à inépcia da Sociedade das Nações, assunto mais abordado. No primeiro exemplar do periódico esta crítica ao órgão que compunha os mecanismos internacionais do sistema democrático já se faz presente o que sugere uma provável

intenção de fustigar de forma contínua a representatividade e a significação desta entidade.



Inteligência, Ano I, nº 01, p. 50, jan. 1935.

A caricatura intitulada “Ambiente da Sociedade das Nações” mostrava um telefonista que explicava ao interlocutor o significado das siglas que compunham o nome da Liga das Nações: “S – como schrapnel; D como detonador; L – como nitroglicerina”. Em segundo plano, observava-se uma mesa de negociações e, ao fundo, um mapa com o título “Europe” demonstrando o que estava em jogo. A fonte utilizada para recorte desta caricatura foi a revista francesa *Le rire*, de Paris o que torna a crítica ainda mais contundente tendo em vista que a França era um dos pilares que sustentavam a organização genebrina.²⁴⁴ Além disso, pode-se inferir que a intenção do desenhista que compôs a caricatura era chamar a atenção para o ambiente nada harmonioso da

²⁴⁴ As principais fontes utilizadas pelos organizadores de *Inteligência* no que concerne às caricaturas foram italianas, primordialmente, e alemãs. No caso da Itália, merece destaque a revista *Guerin Meschino*, de Milão enquanto as revistas alemãs mais citadas são a *Kladderadatsch*, de Berlim e a *Simplicissimus*, de Munique. Sobre este último, afirmou Ursula E. Koch: “só pelo título se define a missão do jornal. Trata-se de mostrar, pela sátira textual (títulos e legendas das caricaturas, cartas e entrevistas fictícias etc.) e visual, os vícios da sociedade e do Estado, de expor o ridículo, dizer a verdade, suscitando, muitas vezes, mas não sempre, o riso, um riso alegre, malicioso, doloroso ou sarcástico”. A Autora ainda explica que “ao contrário de seu colega berlinense *Kladderadatsch*, um semanário exclusivamente dedicado à política, *Simplicissimus* publica também novelas literárias (...)”. KOCH, Ursula E. O semanário satírico *Simplicissimus* (1896-1944) de Munique: criador e divulgador de estereótipos sociais e nacionais. In: LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, humor e caricatura. A questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 296.

instituição pois que todas as siglas por ele renomeadas compõe os artefatos de uma bomba.

A composição da Sociedade das Nações também foi duramente criticada e muitas vezes ridicularizada pelos caricaturistas. Além disso, Japão e Alemanha, dois países que retornariam ao cenário internacional como protagonistas durante os anos 1930 também não integravam o grupo de países que pertenciam à Sociedade das Nações.



Inteligência, Ano I, nº 12, p. 17, dez. 1935.

Na caricatura acima, intitulada “Alquimia societária” a proposta seria mostrar “como são fabricadas as propostas da Sociedade das Nações”. A revista italiana *Guerin*

Meschino dedicou-se a satirizar a Liga constantemente não somente em virtude da atuação daquele organismo mas também em defesa das pretensões italianas. Neste caso específico, a imagem articulava-se ao longo texto na qual foi alocada. Nele, o autor concluiu que “o verdadeiro problema que se apresenta é saber se a Sociedade das Nações pode ou não provar sua eficácia no conflito, e se seus membros estão ou não dispostos a respeitar e manter o ‘Convenant’”.²⁴⁵

A Itália era governada por Mussolini desde 1922 e sentia-se ludibriada pelas potências reorganizadoras do mapa europeu do pós-guerra (França e Inglaterra). Ela não recebera os territórios que pleiteava sendo ela mesma uma das potências vencedoras. A situação deteriorou-se quando Mussolini, em 1935, declarou guerra e ocupou a Abissínia, situação que previa uma reação, em conjunto, uma vez que o país africano era um dos membros signatários. A caricatura acima, publicada em dezembro de 1935 nas páginas do mensário paulistano se articula, deste modo, a este contexto. O termo “alquimia” indica que a atuação da S.D.N. resultava não de uma racional análise dos problemas mas sim da mágica mistura de elementos completamente distintos entre si representados pelos nomes expostos nos balões de vidro: franco-maçonaria, anti-pacifismo, bolchevismo, Jéze, Rickett, negociatas, Leon Blum e Litvinof.²⁴⁶

Além disso, merece destaque a expressão “como foram fabricadas as propostas da Sociedade das Nações”. O verbo “fabricar”, aqui, indica não o resultado de um processo de salutares discussões entre iguais, prática essencial na tessitura de leis e acordos dentro de um parlamento democrático, mas sim a de tramóia, de falsos pressupostos. Nesse sentido, o contraste entre o ambiente científico e as palavras inscritas nos balões de vidro (antipacifismo, negociatas, franco-maçonaria e bolchevismo) revelam que o produto final deste laboratório certamente não seria nada promissor no advento de assegurar a paz – fim último daquela instituição. Pode-se inferir ainda que a citação de “bolchevismo” reflete o desacordo com a entrada da URSS na S.D.N. o que ocorreu em 1934 e com a crescente aproximação entre esta última e a França, que culminara no Pacto franco-soviético de 1935.

²⁴⁵ *Inteligência*, Ano I, nº 12, dez. 1935, p. 13.

²⁴⁶ O nome “Jéze”, refere-se a Gaston Jéze, professor de direito público francês e presidente do Instituto de Direito Internacional. Ele se envolveu no conflito ítalo-abissínio quando aceito ser conselheiro de Selassié, dirigente do país inimigo de Mussolini. In: http://fr.wikipedia.org/wiki/Gaston_J%C3%A8ze. Outro nome exposto no balão é o de Francis W. Rickett, britânico que negociara questões referentes à petróleo na Abissínia. In: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,848435,00.html>. Leon Blum foi um político francês responsável pela criação da Frente Popular, que governaria a França a partir de 1936 e Litvinof era o Comissário para Relações Exteriores da URSS. Acesso em 11 de julho de 2012.

Em algumas oportunidades, duas ou mais imagens com a mesma temática foram inseridas em um mesmo texto para que a crítica fosse ainda mais contundente. No volume de maio de 1935, as caricaturas mostravam a distância entre a idealização e a realidade no seio da Liga. Na primeira delas, um dos personagens observava a tela intitulada “O quadro da Sociedade das Nações” e indagava: “Que é aquela mancha negra?”, pergunta à qual o companheiro respondia: “A Abissínia”. Enquanto isso, na outra caricatura, via-se os representantes das várias nações que compunham a entidade dançarem juntos, de mãos dadas, ao redor de uma árvore jovem, sinal de que fora plantada recentemente, celebrando o ambiente reinante, de paz e compreensão entre os povos. No outra parte, a expressão “como ficou”, em contraste com o anterior, mostrava os homens em volta de uma árvore já adulta, cercada, ao longo da qual se viam algumas barracas e trincheiras.



Inteligência, Ano I, nº 05, p. 15, maio 1935.

séculos, e a avalanche de um assalto dos mongóis.

Não cremos que os perigos para a Europa consistam em ataques de fóra, senão antes no facto de que ela carecerá, no momento decisivo, das forças oportunamente adequadas à sua existência política, económica e espiritual.

São as complicações europeias sem fim as que nos fazem olhar com preocupação para o enorme continente asiático, o Japão e as grandes massas de povos da China, e, finalmente, para os russos, aos quais nos apraz denominar, como sêres de origem mongólica, asiáticos.

Por acaso a Ásia poderia subjugar hoje a Europa?

Pode o Japão ocupar parte da Sibéria, exercer influência na China, provocar dificuldades na Índia e conquistar mercados. Precisamente sobre este último ponto se argumenta e se escreve agora muito. Entretanto, com balanças comerciais como as do nosso antigo sistema capitalista, jamais se obterão triunfos decisivos.

Se o Japão se propõe arruinar o comércio dos outros continentes, só

multiplicará as complicações num mundo já por demais complicado e cada dia mais estreito, e, sem dúvida, entrarão em jogo forças compensadoras de índole diversa.

Mais ainda: se o Japão injectar as suas energias nos povos da China, Índia, Afganistan, sem dúvida estes despertarão os demónios da Ásia e somados estes a outros tantos demónios europeus, se volverão uns contra os outros, para despedaçarem-se implacavelmente.

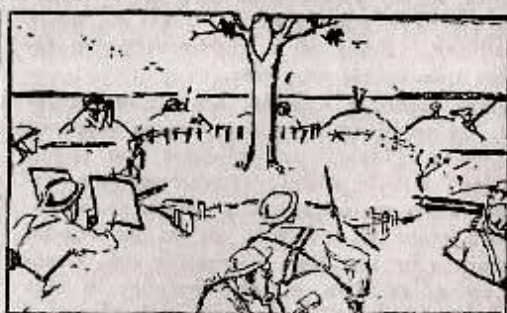
A atual fermentação na China poderá dar uma boa ideia do que sucederia então.

Um imperialismo pan-asiático, dirigido contra a Europa, levaria muito tempo a constituir um perigo sério; a sua fermentação empregaria em desenvolver-se um período tão grande, possivelmente, como o que foi necessário para produzir-se na Europa a fermentação da nossa época. E quando ele se visse em condições de poder exercêr uma tutela sobre a Europa, depois de tantas tempestades, a própria Europa se encontraria em condições muito diversas das que atualmente prevalecem.

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES



... como foi ideada



... como ficou.

(Kledderadatsch, Berlim).

Inteligência, Ano I, nº 05, p. 17, maio 1935.

Cada homem vestia ou segurava um objeto que remetia à guerra: um usava uma máscara contra gases tóxicos, utilizados durante algumas batalhas da Primeira Guerra Mundial, outros, de uniforme militar, apontavam metralhadoras e rifles enquanto alguns

“Guerra ítalo-abissínia”, iniciada em outubro de 1935 por Mussolini. A imagem foi alocada junto a um texto, assinado por Pierre Gaxotte, de *Je suis partout*, órgão que se situava no campo político da direita francesa, no qual ele expunha a política exterior francesa nos seguintes termos:

Nós temos uma política: Paz. *A Etiópia não nos interessa: queremos paz.* Já concertamos com a Itália os nossos mal entendidos. Cedemos-lhe para nossa tranquilidade, a metade do Tibest, sobre as nossas fronteiras africanas. Queremos Paz! Não procuraremos atrapalhões com a Alemanha para agradar aos seus emigrados. Queremos Paz! Não ficaremos entre Hitler e Stalin, se esses cavalheiros tem contas a ajustar. Nós temos um exército, mas é para defender-nos e para proibir que outros nos ataquem. Queremos Paz! Paz! Paz!²⁴⁷

A maioria das vezes na qual a Liga foi representada por um indivíduo ela o foi no corpo de uma mulher, constituindo esta caricatura, uma rara exceção. Além disso, a pintura do fantasma foi feita na cor preta, para simbolizar o conflito contra os africanos que viviam no país invadido. A guerra era uma ameaça à legitimidade da Liga pois que era travada entre dois países membros: Itália e Abissínia. Previa o *Convenant* que quando um país membro fosse atacado, todos deveriam unir-se para responder ao agressor. Ocorre que, àquela altura, não havia por parte dos aliados franco-britânicos nenhum interesse em deflagrar uma outra guerra entre as nações européias. Tal situação expunha não somente a falência das leis que regiam a SDN, mas também os interesses das grandes potências, fiadoras da ordem internacional.

Em 1936, *Inteligência* manteve as críticas à SDN por meio das caricaturas selecionadas nas mais diversas revistas estrangeiras. A variedade e a reiteração das polifônicas e polissêmicas críticas tinham o fito de demonstrar ao leitor a falência da instituição cujas medidas se mostravam ineficazes. A reação da Liga à invasão foi, por exemplo, a aplicação de sanções aos vencedores do conflito. Defensores da posição italiana, os editores do mensário, buscaram responder a esse raciocínio de maneira a evidenciar o que sustentava a prática das sanções.

²⁴⁷ *Inteligência*, Ano I, nº 11, p. 36, nov. 1935, grifo nosso. O excerto denota uma das principais características do movimento pacifista francês do período: a política de apaziguamento, propugnada por aqueles que acreditavam que, ao ceder aos pedidos dos ditadores, a guerra poderia ser evitada. Ao tratar do assunto, um historiador francês asseverou que: “Sujet sensible, le pacifisme navigue au rythme des espoirs, des déceptions, des peurs, des préjugés, des calculs des uns et des autres : et le dessin exprime immédiatement ses infléchissements les plus soudains », DELPORTE, Christian. *Op. cit.*, 1992/3, p. 152

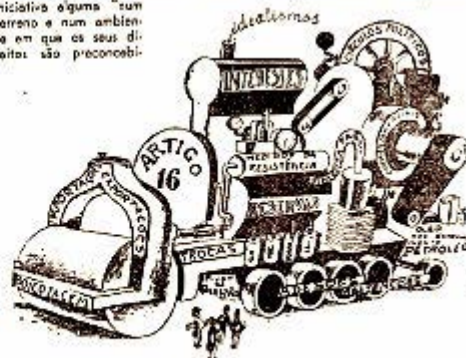
dicamente desenvolvido pelo representante do governo britânico em Genebra e o da Liga das Nações. Todavia, a Itália prorroga repetidas vezes a correção pela declaração do boicote que estava pronto a fazer distinções entre a Liga e a Inglaterra, dispensando a devida consideração aos justos interesses britânicos. Os rumores de uma conferência hipfite, que ocorreram depois das mútuas garantias italo-inglesas a respeito das medidas militares no Mediterrâneo e depois da mensagem do rei Hussein ao "Duca", foram cabalmente derrotados em Londres, onde se esperava um impasse, e o reunião do Conselho da Liga, que deveria realizar-se depois do fracasso dos propósitos do Cairo — reunião de que deveria resultar uma prestação mais-válida por se retirar o processo da Liga contra a Itália. O Conselho que se reuniu em Londres (a 24 de Setembro) aprova preliminarmente a acção do Dr. Eden, e, presenciado tudo o que de pior se podia imaginar em torno dos acontecimentos futuros, preparou uma pergunta à França, a respeito de utilização das bases navais francesas, na eventualidade de um ataque de Itália contra a esquadra britânica.

O Conselho de Liga das Nações, reunido a 26, começou por ouvir a leitura do relatório dos Cinco, formado pelas famosas propostas já então repulidas pela Itália, de onde a recapitulação das observações vertidas do sr. Aloisi e da resposta com a qual o governo elíptico acatou, naturalmente, as referidas propostas. Mes o Conselho não fez seu o relatório dos Cinco, como alguns fanáticos sancionistas teriam desejado — o que equivaleria à imediata aplicação do parágrafo quan-

to do artigo 15 do Pacto. Resolvase, ao contrario, que o Conselho recuasse a propria relatoria, com as recomendações que fossem julgadas oportunas, para deixar, entretanto, aberta a porta a novas tentativas eventuais de conciliação. A Junta dos Cinco decidiu em tal sentido praticamente para rubricar a sua tarefa não se achava terminada. O Conselho se transformou em Junta para divergencia italo-etiopea, também denominada "Junta dos Três" [que é a maioria dos membros do Conselho, menos a Itália]. Chegou, neste interim, um pedido telegrafico da Negus: este solicitava que o Conselho emisse uma commissão de observadores "para verificar os factos relativos a qualquer aggressão", e ajuizasse que as suas tropas, afim de demonstrarem as suas intenções ultrapacificas, se haviam retirado para dentro das fronteiras. O primeiro acto dos Três foi a responder ao Negus que o seu pedido acabava de ser tomado em séria consideração, e que havia sido apreciada a sua decisão de retirar as tropas; enquanto isso, nomeou-se uma sub-comissão de três membros, incumbida de verificar a solicitação etiopea podiam ser sobejada. A conclusão dos Três sobre a sobejada, de natureza pouco acclamatoria, foi, entretanto, negativa, sendo praticamente impossível um controle das fronteiras, com a Negus havia pedido. Simultaneamente, o gabinete de presidência do Conselho decidiu que a assembleia da Liga, embora tivesse assistido a sua ordem do dia, não ficou encorajado, mas apenas apreensivo. O occulto subentendido antitaliano desta deliberação legal foi posto em relevo pelo sr. Aloisi, que compareceu à sessão; de facto, o pro-

posita de manter sempre pronta uma reunião da assembleia, para um assunto reservado à competência do Conselho, representava a vontade de fazer pressão sobre este último, para que autorizasse, sem mais, poderes à assembleia para tratar da pendência.

No comunicado relativo ao Conselho de Ministros da data de 28, as declarações da Itália "para imediato anúncio", relativamente à Liga das Nações e à Inglaterra, foram declaradas de maneira a colocar os interessados em face de todas as suas próprias responsabilidades. O "Duce", depois de recapitular as razões pelas quais a Itália se viu obrigada a repetir as sugestões de Justo das Cincos, afirmou que o governo italiano não teria tomado qualquer iniciativa alguma "no terreno e num ambiente em que as suas dificuldades são preponderantes".



A. marshallensis var. *marshallensis* Marshall

[Griffin Mathews, M.D.]

damente manipulados". A gravidade da situação foi mais tarde, posta em relevo pelo "Duce" quando este recordou que "enquanto a Liga das Nações se fechou nos labirintos formais dos seus processos, a Etiópia completou uma mobilização dos seus recursos, na intenção, declarada pelas "ras", de alocar os frontes das colônias italianas". Aquela recusa das tropas abissínicas, na distância de trinta quilómetros, que tanto havia comovido os círculos ginebrinos, firmes na ideia de que a Itália deveria ser considerada ofensora, cedeu a que cantasse, foi a definição pelo "Duce" como um expediente indigno de ser considerado a sério, porque tinha um escopo estrat-

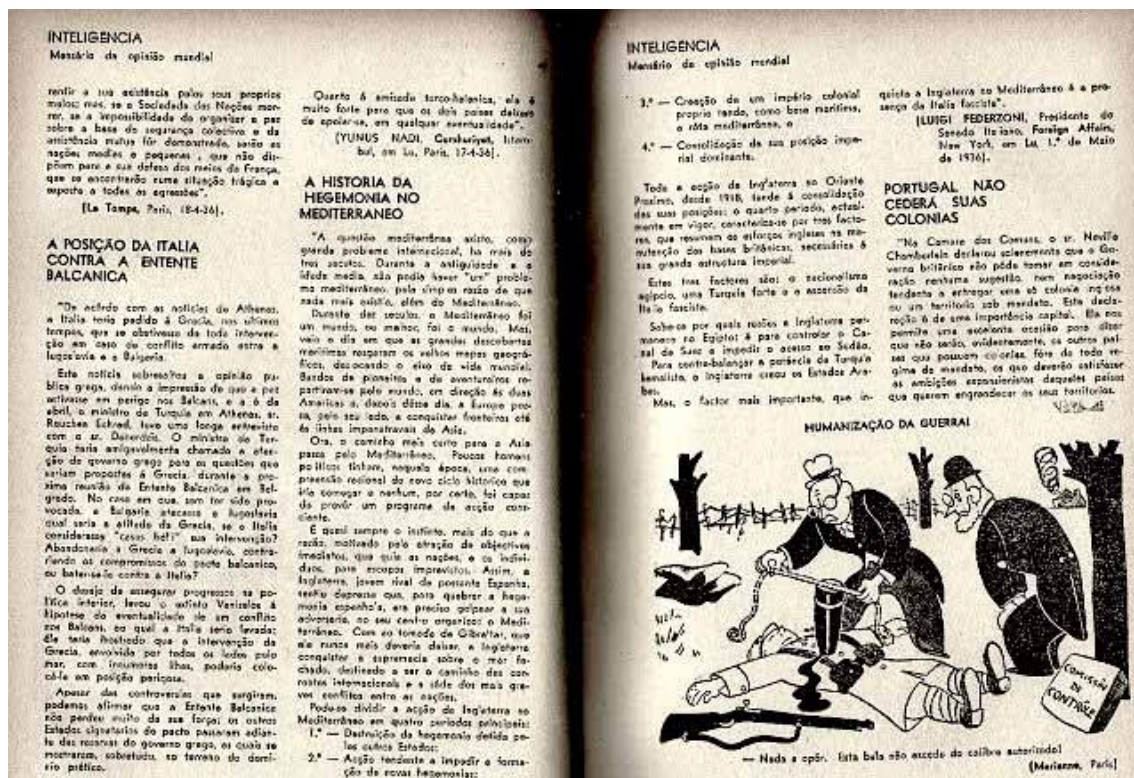
Inteligência, Ano II, nº 13, p. 13, jan. 1936.

Intitulada “A maravilhosa máquina das sanções”, a caricatura publicada na revista italiana *Il Guerin Meschino*, de Milão, fazia uma dura referência aos interesses em jogo na questão que envolvia a Itália e a SDN. A engenhoca lembrava um trem: à frente, levava um rolo compressor denominado “boicotagem”, flanqueado pelas “exportações” e “importações” que lhe davam sustentação. O “artigo 16”, escudo do instrumento, referia-se ao ponto do Tratado que originou a SDN segundo o qual os países deveriam reagir conjuntamente à uma agressão. O “pivot da questão” foi colocado embaixo da máquina, como menos importante, secundado pelos pneus “adesões” e “abstenções”.

Funcionavam, ainda, como válvulas, as palavras “sim”, “mas” “porém”, “se”, que serviam para denotar a insegurança e a constante sensação de instabilidade fomentada, ainda, por uma “imprensa paga” que defendia os “interesses” de “círculos políticos” e de “círculos comerciais”, ambos com assuntos que envolviam o conflito. O combustível da invenção era “óleo mas essencialmente petróleo” cuja cobiça e interesse faziam virar fumaça os “idealismos” em jogo naquela disputa. A composição foi inserida em meio a um artigo de *Nuova Antologia*, de Roma, no qual o autor defendia que “sem a Liga das Nações, a questão ítalo-etíópica teria perdido noventa por cento do

seu caráter perigoso”.²⁴⁸ Assim, , conclui-se que o perigo não era resultado da ação italiana, mas sim da Sociedade das Nações, que poderia generalizar o conflito. Invertiam-se, dessa forma, os papéis: a Itália tornava-se vítima e a SDN, algoz.

Durante todo o ano de 1936, as atitudes tomadas pela Sociedade das Nações no intuito de fazer valer a sua atividade foram satirizadas pelos intelectuais que selecionavam as caricaturas da política internacional. Numa das ocasiões, a intenção de tornar a guerra menos sangrenta e bárbara, por meio da intervenção nos métodos praticados pelos exércitos foi ridicularizada em uma caricatura mordaz.

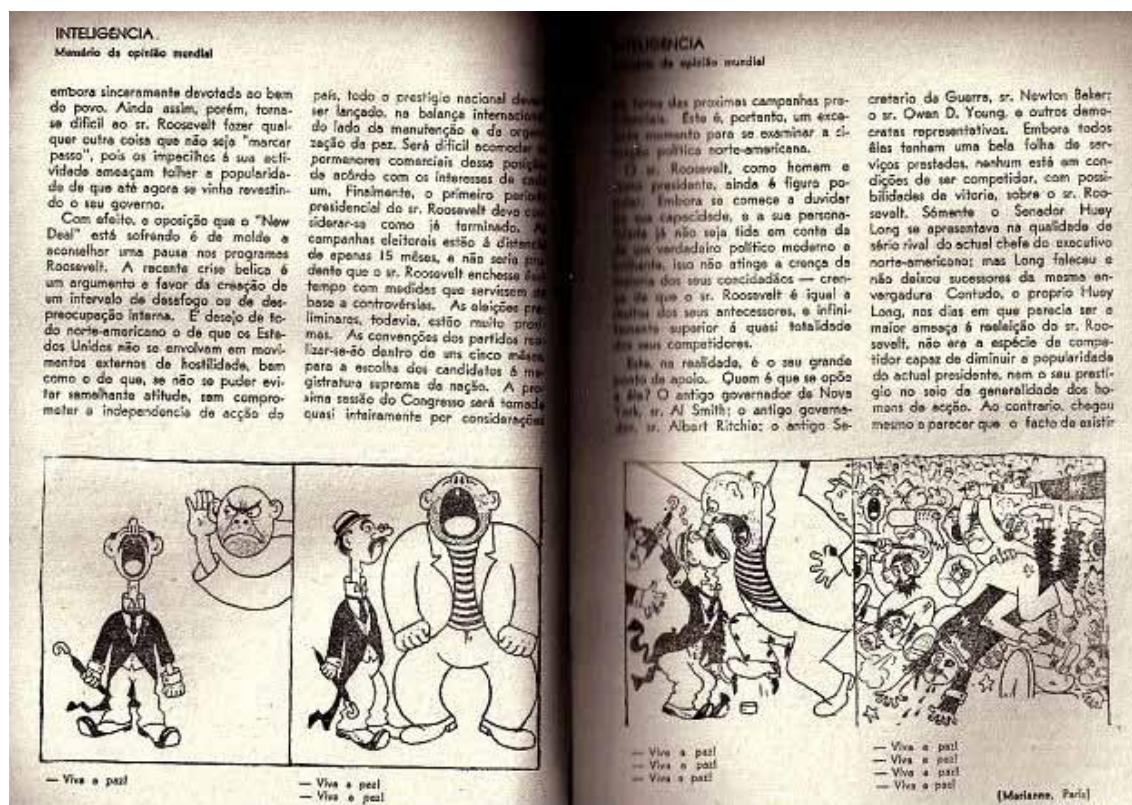


Inteligência, Ano II, nº 18, p. 63, jun. 1936.

Sob o título “Humanização da guerra!”, a imagem mostrava um soldado morto, com uma enorme bala em seu abdômen de onde saiu uma poça de sangue. Sobre seu cadáver, dois inspetores avaliavam se sua morte poderia ser enquadrada nas novas regras de combate chanceladas pela Sociedade das Nações. Com uma regra, ele mediu o calibre da bala e afirmou que tal “bala não excede o calibre autorizado”. Na bolsa do outro personagem, pode-se ler “Comissão de Controle”, reforçando a presença dos funcionários da Liga no local.

²⁴⁸ *Inteligência*, Ano II, nº 13, p. 11, jan. 1936.

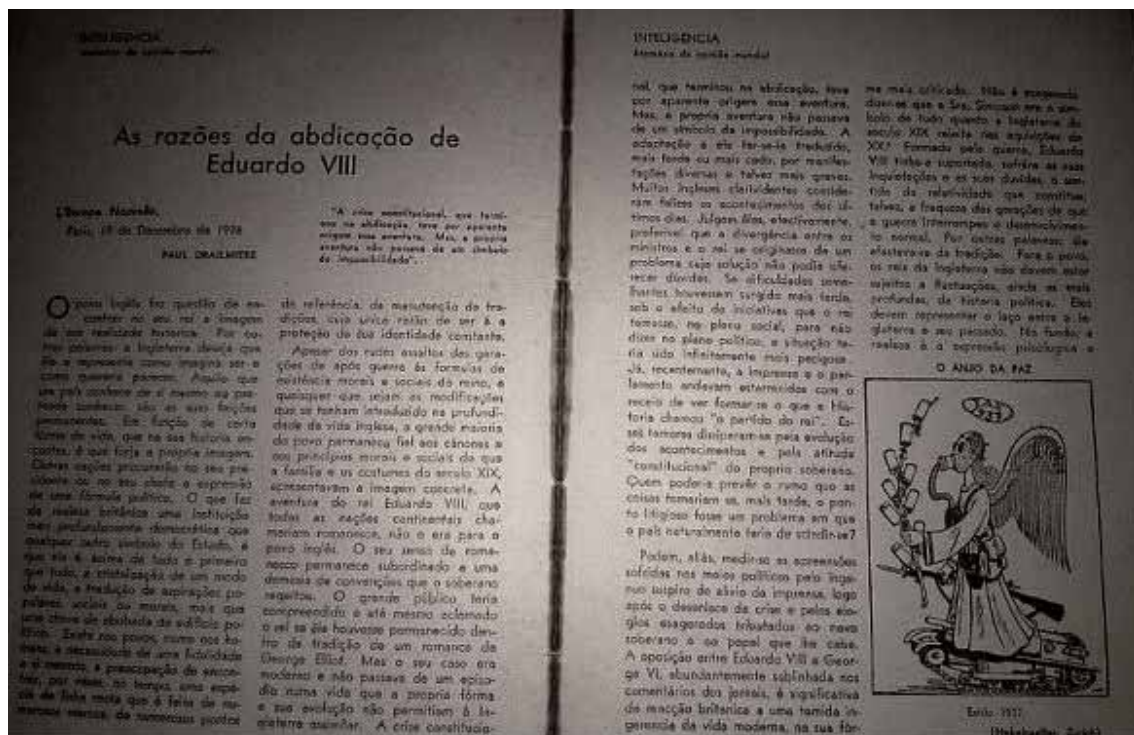
Marianne, por meio de uma caricatura que ocupou duas páginas de *Inteligência*, sintetizava tal sentimento em relação à Sociedade das Nações e à paz, em geral.



Inteligência, Ano II, nº 15, p. 44-45, mar. 1936.

À esquerda um personagem gritava “Viva a paz!” sendo ouvido por outro que, se aproximava, e começa a gritar o mesmo. No quadro seguinte, os homens se encaravam e continuavam a gritar até que uma multidão aproximava-se, armada com porretes, garrafas e outras armas transformando a situação numa batalha a céu aberto. Apesar dessa cena, permaneciam ecoando os gritos de “Viva a paz!”, em contraste com as atitudes das pessoas. A mensagem não poderia ser mais pertinente num período em que as iniciativas que tinham por finalidade defender um cenário pacífico acabavam mediadas por ameaças, veladas ou não, de guerra.

No ano posterior, em 1937, uma caricatura publicada em *Inteligência* mostrava como se vestia o “Anjo da Paz”, imagem que pretendia sintetizar as críticas denunciadas pelos editores do mensário:



Inteligência, Ano III, nº 26, p. 49, fev. 1937.

A caricatura, extraída da revista suíça *Der Nebelspalter*, órgão progressista publicado naquele país,²⁴⁹ apareceu montada em um tanque, com espadas penduradas em suas asas, além de uma baioneta na mão direita. Na outra, segurava no lugar do ramo de oliveira, uma série de granadas, além da máscara contra gases tóxicos. A inscrição “Pax 1937” revelava a ironia presente na caricatura que pretendia transmitir a idéia de que o novo ano não seria nada pacífico já que o anjo da paz trazia todos estes instrumentos em suas vestes.

A situação da Sociedade das Nações era insustentável. Desafiada em 1935, pela Itália e em 1936 pela Alemanha, ela ainda enfrentava o início da Guerra Civil Espanhola no mesmo ano e a atividade japonesa na China, desde 1937. Em virtude de tais desafios e dos seguidos fracassos em detê-los e mediá-los, o respeito e a admiração pela Liga que nascera da tragédia, ficaram seriamente comprometidos. Em 1938, a revista *Kladderadatsch*, explicitava tal condição, quando publicou esta caricatura, difundida no Brasil por *Inteligência*.

²⁴⁹ A professora Laurence Danguy, da Université de Lausanne, estudiosa do periódico suíço, abordou suas características na palestra *Le Nebelspalter zurichois (1875-1921): histoire, modèles, maquette et thématique*. Séminaire interuniversitaire *L'Europe des revues: les réseaux (1880-1920)* (TIGRE) Paris, École Normale Supérieure, 09 novembre 2013.



Inteligência, Ano IV, nº 37, p. 43, jan. 1938.

À volta de uma mesa reuniram-se os representantes dos países que ainda compunham a SDN e que o artista do traço denominou de “O Clube dos Fantasmas”. A ideia aqui não era somente afirmar que os participantes da Liga não tinha muita expressividade política, o que, exceção feita à França e à Inglaterra, era verdadeiro, mas sim o de ressaltar o fato de que as posições e medidas defendidas pela liga haviam se desligado da realidade.²⁵⁰ Suas propostas, assim, ganhavam um caráter inaplicável porque não eram mais vinculadas a este mundo, mas ao além enquanto, por outro lado, as ditaduras eram intituladas de dinâmicas porque resolviam rápida e eficazmente os seus problemas. Além disso, a imagem foi alocada em um artigo, extraído do periódico publicado em Nova York, *Cosmopolitan*, que tratava da iminência da Segunda Guerra

²⁵⁰ No volume que circulou em fevereiro de 1938, os editores publicaram dois textos a propósito da Liga. No primeiro deles, o autor afirmava: “Encaremos o pior. Imaginemos que a Sociedade das Nações, sem desaparecer talvez, completamente, fique reduzida ao papel de academia ou de *sepulcro deserto*. Então, sem dúvida, aqueles que foram os seus fundadores, seus propagandistas ou seus fiéis devotos não encontrarão lágrimas bastantes para deplorar a decadência do que foi a mais nobre tentativa e a mais magnífica esperança dos homens”. Algumas páginas adiante, os leitores encontravam, na seção *Ciência*, o artigo “O alfabeto das vitaminas”, no qual se lia que: “Já é tempo de ordenar o alfabeto das vitaminas, diz o Dr. McCay, do Laboratório de Nutrição animal, da Cornell University. Segundo ele, porém, só a Liga das Nações teria autoridade para semelhante tarefa. Desde que as pesquisas das vitaminas constituem atividade internacional, torna-se necessária uma organização internacional para ocupar-se delas. *E talvez nisso a Liga conseguisse melhores resultados do que na guerra civil da Espanha ou na guerra da China e do Japão*”, *Inteligência*, Ano IV, nº 38, fev. 1938, p. 42 e 77, respectivamente, grifo nosso.

Mundial, fato que demonstrava a incompetência do órgão sediado em Genebra na solução dos conflitos entre as nações. O autor deixava claro, em sua argumentação que

(...) a Segunda Guerra Mundial começou em 18 de Setembro de 1931, quando as tropas japonesas marcharam sobre a Manchúria. (...) Em Outubro de 1935, após quatro anos de rudes combates na Ásia, a Segunda Guerra Mundial estendeu-se à África. Animado pelo fracasso da Liga das Nações em abater o japonês, o sr. Mussolini enviou um exército de 250.000 homens contra a Etiópia.²⁵¹

Texto e imagem complementavam-se no intuito de denotar a falência da Sociedade das Nações e expressar as conquistas das potências revisoras da situação internacional vigente. A origem diversa das fontes, uma norte-americana e outra alemã, conferia legitimidade aos propósitos dos editores que, ao manipulá-las, pretendiam incutir no leitor, fazendo crer que o tema era abordado da mesma forma em toda a imprensa a internacional.

As caricaturas da política internacional publicadas no mensário paulistano nesse período acompanharam e difundiram o processo de destruição da Sociedade das Nações, órgão responsável por guardar a paz conquistada nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Ao descaracterizar sua composição e desqualificar seus métodos, os editores de *Inteligência*, responsáveis pela seleção das imagens desejavam compor um quadro que mostrasse como era frágil e fraco o organismo das nações que compunham o campo democrático, legitimando as vitórias das potências totalitárias, Alemanha, Itália e Japão.

O ano de 1938 marcou a trajetória da revista e de seu idealizador de maneira indelével. Ao mesmo tempo em que projetou o aumento da diversificação das atividades editoriais, a partir do nascimento da Editora Inteligência e do novo mensário *Viver*, foi também aquele no qual os integralistas foram varridos, por Getúlio Vargas, do cenário político nacional, consequência da derrota do Golpe desferido pelos adeptos da doutrina do Sigma, em maio de 1938, e posterior repressão do regime estadonovista. Nesse momento, a iminência da guerra e as novas relações econômicas entabuladas com os norte-americanos modificaram sobremaneira a *Inteligência*. O novo formato que a revista adotou e as novas operações editoriais adotadas pelos intelectuais que compunham a revista serão analisados, adiante.

²⁵¹ *Inteligência*, Ano IV, nº 37, p. 42, jan. 1938.

Capítulo III: *Inteligência*: o mosaico recomposto

A partir da fundação da Inteligência Editora LTDA, responsável pela publicação dos mensários *Viver e Inteligência*, houve alteração nas temáticas tratadas, em consonância com as mudanças ocorridas no cenário internacional. Neste capítulo, pretende-se delinear as principais modificações sofridas pela revista, fruto das pressões decorrentes da conjuntura, com a crescente aproximação do Brasil com os Estados Unidos, sobretudo depois que os norte-americanos entraram na guerra e de o Brasil decidir-se pela aliança continental.

Neste período, evidenciou-se a crescente tensão nas páginas do periódico editado por Mário Graciotti, ou seja, o choque entre duas visões de mundo: o fascismo, tão caro à publicação na primeira fase de sua circulação, que trouxe inúmeros textos e imagens laudatórios e, de outro lado, os Estados Unidos, cuja força assomava no horizonte como defensor do liberalismo, antes sempre criticado pelos responsáveis pela publicação. Essa mudança de posição, contudo, não ocorreu de forma homogênea. Textos que elevavam os Estados Unidos à condição de potência defensora das liberdades destruídas no Velho Mundo eram publicados lado a lado de caricaturas que conflitavam com o conteúdo. Não raras vezes, a ideia de que os norte-americanos eram os herdeiros dos ideais de 1789 era ridicularizada pelos recortes iconográficos, compondo um novo formato para o mosaico político sobre as representações em questão.

Gradualmente, ocorreu a sincronização entre textos e caricaturas, em decorrência das transformações da conjuntura (inter)nacional, que não tardou a atingir o conteúdo relativo ao Brasil que, antes alocado discretamente na seção *Economia*, tornou-se uma das temáticas centrais na nova fase da publicação, conferindo destaque a elementos chave do governo, como o ministro Oswaldo Aranha, além de estampar textos e discursos do presidente Getúlio Vargas. As razões da drástica reorganização associavam-se às modificações pelas no cenário político internacional.²⁵² O impacto dessa conjuntura sobre o Brasil, o mensário e sobre o editor Mário Graciotti são a trama que compõe este capítulo.

A contar do exemplar que circulou em julho de 1938, *Inteligência* publicou, sob o comando de Mário Graciotti, trinta e nove números, sendo que o último circulou em setembro de 1941. Após essa data, “o título, o ativo e o passivo da revista, que não era

²⁵² De acordo com CARONE, Edgar. *Op. cit.*, p. 04, tal conflito, “com suas conseqüências, modifica a situação da política interna. As diversas oposições – lideradas inicialmente pelos estudantes e pelos comunistas – se aproveitam da situação para forçarem a entrada do Brasil na Guerra. Ficar ao lado dos países democráticos significa oposição dos grupos totalitários do Estado Novo. O processo, assim, representa maior inter-relação entre o mundo externo e o interno. Desta maneira, cada vez que os países totalitários de direita recuam militarmente, a ditadura brasileira perde força”.

deficitária, foram transferidos, por pouco dinheiro, ao dr. Octaviano Alves de Lima, dono e diretor da antiga *Folha da Manhã*, como informou o ex-proprietário.²⁵³

Nesses anos finais, ou seja, de 1938 a 1941, houve mudanças no material textual selecionado pelos redatores, com alterações na linha editorial da publicação. Antes de 19XX, data da fundação da editora, o mensário valia-se, na maioria das vezes, de revistas ítalo-germânicas, que valorizavam as vitórias e as conquistas daqueles dois países no terreno da política externa, além de denegrirem a imagem da França, Inglaterra e Estados Unidos, o que se alterou, sobretudo no que respeita aos norte-americanos. Antes ridicularizados em textos e imagens, assumem o papel de herdeiros de uma tradição antes defendida pela Inglaterra e França.²⁵⁴ Nesse sentido, *Inteligência* interveio no espaço público no intuito de promover o poderio norte-americano e sua capacidade de gerir a política internacional em tempos de crise.

Tal modificação, surpreendente quando se tem em conta a trajetória do periódico até então, ganha sentido quando se tem em vista a aproximação daquele país com a América Latina, via política da Boa Vizinhança. Interessados em assegurar a aliança continental, Roosevelt colocou em prática um plano bem urdido para manter a hegemonia de seu país no Novo Mundo. A Alemanha havia conquistado muito espaço econômico no Brasil, em virtude de acordos bilaterais firmados com o governo de Getúlio Vargas, ancorado nas trocas por meio do marco compensado, idealização de Hjalmar Schacht, o “mago das finanças”.²⁵⁵ Tais acordos foram duramente criticados pelo governo de Roosevelt, que os considerava um flagrante crime contra as leis de mercado.

Além disso, o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, obrigou os editores de *Inteligência* a modificar as fontes estrangeiras utilizadas para compor o mensário. O esforço para obter periódicos oriundos das nações totalitárias foi uma das características deste momento no qual as vitórias do Eixo foram celebradas principalmente via caricatura. Para compreender como ocorreu estas escolhas, faz-se necessário acompanhar as modificação das representações dos Estados Unidos e de que

²⁵³ GRACIOTTI, Mário. *Op. cit.*

²⁵⁴ Ver tabela II, em anexo.

²⁵⁵ FRANCO, Gustavo. H. B. Prefácio *Setenta e seis anos de minha vida*, de Hjalmar Schacht., afirmou que “Schacht é de fato um feiticeiro, não só das finanças, mas também da política. Temos diante de nós uma sucessão de aulas ministradas por um mestre, e num teatro que cobre os principais eventos do século XX, Trata-se de um técnico a ensinar como se deve tratar com o Poder, nas piores condições possíveis, e na presença dos problemas econômicos mais avassaladores que se pode imaginar”, p. 14.

maneira o conflito europeu foi retratado na revista. Tais discussões norteiam as subdivisões deste capítulo.

3.1. Permanências e rupturas

Para dar conta das transformações na revista, pode-se apelar ao termo tessela, nome de cada peça de um mosaico. As escolhas dos editores, que folheavam as revistas internacionais em busca de textos e imagens, podem ser comparadas às pequenas peças utilizadas para compor o mosaico político que desejavam apresentar aos seus leitores, compondo uma dada síntese do momento em que viviam. Neste período, o quadro que se queria evidenciar tomava a Itália e os Estados Unidos como possíveis guias para a humanidade.

A análise do material selecionado permite inferir que, para o grupo de Mário Gracioti, era fundamental permanecer na defesa dos valores políticos fascistas e combater seus detratores. Os norte-americanos foram, nesse sentido, vítimas das caricaturas políticas selecionadas pelos editores, nas quais predominava a ironia contra Roosevelt e a nação que dirigia. Há que se definir, todavia, dois momentos distintos: no primeiro deles, logo após a fundação da Editora, os textos apresentavam uma imagem positiva dos Estados Unidos, ao passo que as caricaturas os contradizia, para, em seguida, apoiar incondicionalmente os EUA, num movimento que simbolizava o fim do projeto editorial que deu origem à *Inteligência*.

Em setembro de 1938, a convite de Mussolini,²⁵⁶ as potências européias foram a Munique, na Alemanha, para tratar do destino da região dos Sudetos tchecos, que acabaram anexados à Alemanha, o que se constituiu no ápice da política do apaziguamento empreendida pelo bloco franco-britânico, cujo objetivo precípuo era impedir que o Velho Continente enfrentasse outra guerra generalizada. *Inteligência* publicou texto de H. G. Wells, intitulado “Um novo liberalismo para uma nova humanidade”, no qual afirmava que essa política tinha sua procedência na

²⁵⁶ Segundo MILZA, Pierre. *Mussolini*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 272-273, “Mussolini, que nada tinha a negociar pessoalmente, foi na posição de árbitro da Europa. Amigo do Führer, cujas reivindicações apoiava, era também o homem que impedira a guerra quando tudo parecia perdido. Se apoiasse a Alemanha, as democracias poderiam apenas se curvar, e nesse caso ele teria a possibilidade de reclamar compensações a Hitler. Se, ao contrário, apoiasse as democracias para reconstituir a ‘Frente de Stresa’, a Alemanha deveria recuar. Ele estava comprometido demais em sua ligação com Berlim para não escolher a primeira solução, sem se preocupar imediatamente com compensações, e propôs como sendo seu um meio-termo que Ribbentrop lhe submetera pouco antes e que satisfazia Hitler completamente”.

(...) mentalidade política e social dos Estados Unidos – *quer a dos democratas, quer a dos republicanos* – que, é, de fato, uma personificação do liberalismo do século XVIII, o qual teve a fortuna de libertar-se da Igreja, da monarquia, dos privilégios da aristocracia e de todo vestígio medieval, *apresenta-nos a forma mais pura do liberalismo*. (...) *se quisermos saber como funciona o liberalismo, devemos examinar, antes de tudo, a situação americana.*²⁵⁷

Diante dos ataques sofridos nos anos 1920 e 1930 pela doutrina, nascida no século XIX e cujos maiores representantes eram Inglaterra e França, o autor propunha um retorno aos EUA para que se examinasse o liberalismo em seu estado puro, país onde a doutrina seria seguida à risca, independentemente da luta existente entre os partidos políticos. Característica desta fase da revista, as caricaturas da política internacional eram alocadas, não raras vezes, nestes artigos elogiosos aos Estados Unidos, para tornar risíveis as políticas e propostas oriundas do Novo Mundo. As tensões entre texto e imagem era uma das estratégias editoriais mobilizadas pela equipe de Mario Gracioti. A despeito das ideias de H. G. Wells, a ilustração, cuja fonte era o periódico italiano *Il Guerin Meschino*, traduzia em ironia a atuação americana no cenário internacional.

²⁵⁷ *Inteligência*, set. 1938, p. 24.

*entre um sistema democrático, baseado na liberdade, e um sistema ditatorial, baseado na força.*²⁵⁹

Roosevelt, que aparecera nas caricaturas ridicularizado por sua ingerência nos assuntos do Velho Mundo, foi mostrado como chefe de uma nação que recebia a todos na sede do poder americano, onde ecoavam risos. O contraste denunciado por Emil Ludwig evidenciava as diferentes formas de concepção da política nos regimes por ele analisados. A imagem da Casa Branca, livre de interditos, sintetizava a essência do sistema que tinha na liberdade uma de suas premissas fundamentais enquanto nas ditaduras, imperava a formalidade, a sisudez e os impedimentos de toda ordem. Ao equiparar os dois sistemas de governo, o autor talvez desejasse fazer uma analogia entre as Casas Branca e Marrom, esta última pertencente a Hitler.

Antes do início da Segunda Guerra Mundial, as alterações na linha editorial de *Inteligência* valeram também para as demais nações democráticas da Europa. Se, entre 1935 e 1938, França e Inglaterra eram mostradas como compondo o rol de países colonialistas, responsáveis pela exploração de milhares de indivíduos, e como praticantes de política externa criticada pelo mensário paulistano, agora, ambas constituíam a última barreira contra as agressões dos países totalitários. Em agosto de 1938, por exemplo, num dos textos selecionados, a aliança entre elas aparecia como “a muralha mais segura da paz e da liberdade no mundo”.²⁶⁰ Interpretação semelhante foi defendida poucos meses antes do início da segunda conflagração mundial, quando em uma das análises, assinada por André Siegfried, se lia que “é preciso defender o mundo contra certos métodos que decididamente o tornariam inabitável e de tal ponto de vista é do interesse humano que o Império britânico continue a desempenhar o seu papel de civilização”.²⁶¹

Quando a Alemanha cruzou a fronteira polonesa, dando início à Guerra, em 1º de Setembro de 1939, a polarização entre as nações europeias pareceu ganhar ainda mais sentido: de um lado, as democracias francesa e inglesa e, do outro, a Alemanha e os outros países totalitários, ainda neutros, Itália e URSS. Entre setembro de 1939 e junho de 1941, o pacto de não-agressão teuto-soviético foi apreendido como uma divisão da Europa em esferas de influência. Nesta conjuntura, Alemanha e União Soviética pareciam agir como aliadas, que manobravam contra as potências defensoras

²⁵⁹ *Inteligência*, Ano IV, nº 46, p. 51-52, out. 1938.

²⁶⁰ *Inteligência*, Ano IV, nº 44, p. 21, ago. 1938.

²⁶¹ *Inteligência*, Ano V, nº 53, p. 25, maio 1939.

do *status quo*, França e Inglaterra.²⁶² Os responsáveis por selecionar artigos na mídia internacional destacavam, neste período, não somente as primeiras vitórias dos alemães como também defenderam o caminho trilhado pelos italianos, contemplados com análises positivas.

Após a *Blitzkrieg* contra a Polônia, o continente viveu um período denominado de *Sitzkrieg*, em que nem a Alemanha e nem os Aliados tomavam a iniciativa de atacar. A despeito da invasão de um território finlandês pelas tropas da URSS, no final do ano de 1939, não houve qualquer movimentação por parte das principais potências européias.²⁶³

Desta forma, pode-se afirmar que as caricaturas sobre a política internacional publicadas nesses meses serviam para rir das potências aliadas que, após a derrota e abandono da Polônia e da Finlândia, não se articulavam para combater o inimigo. Em abril de 1940, por exemplo, os editores publicaram as seguintes caricaturas:

²⁶² SNYDER, Timothy. *Op. cit.*, p. 153, por exemplo, intitulou este período de “Molotov-Ribbentrop Europe”, na qual “together, between September 1939 and June 1941, in their time as allies, the Soviet and German states had killed perhaps two hundred thousand Polish citizens, and deported about a million more. Poles had been sent to the Gulag and to Auschwitz, where tens of thousands more would die in the months and years to come. Polish Jews under German occupation were enclosed in ghettos, awaiting an uncertain fate. Tens of thousands of Polish Jews had already died of hunger or disease”.

²⁶³ SARTRE, Jean Paul. *Diário de uma guerra estranha. Setembro de 1939 – Março de 1940*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 52, ao comentar sobre a guerra fantasma, afirmou: “O irmão de nossa hospedeira, que se encontra em Bitche, veio visitar a família, sem licença, em Marmoutier. Ele diz que, no seu setor, é a calma completa. ‘Ontem, a artilharia alemã bombardeou durante cinco minutos e não atingiu ninguém. Então, como resposta, a artilharia francesa bombardeou também durante cinco minutos. Foi tudo. ‘Pierre relata a notícia, à mesa, diante de uma dezena de soldados. Um deles: ‘È igual por toda parte. Ainda não houve feridos por balas alemãs. Até agora só existem feridos por minas. Os alemães não atiram’. Um outro: ‘Esses caras não querem combater’. Ainda um outro: ‘De qualquer modo, do jeito que está, ainda vai durar uns dez anos’.

Inteligência

Memário de opinião mundial

Lippman assegura que ele tem boas razões para hesitar: — se uma grande ofensiva, na frente ocidental, não lhe der a vitória rápida e decisiva, o futuro da Alemanha ficará comprometido para sempre.

Estas induções, ou outras, partem da suposição de que a Alemanha entrou na guerra com um plano de ofensiva na frente ocidental, e, mais ainda, com um plano de ofensiva fulminante: — o "Blitzkrieg". Entretanto, tal suposição não passa de sobrevivência histórica. Como o pensamento estratégico alemão foi, durante um século, orientado em sentido ofensivo, considera-se que deve ainda hoje manter-se o mesmo. Esta asserção não está demonstrada, e, com toda a probabilidade, é errônea.

A obra monumental de Clausewitz não foi, como se pensa, a simples teorização da estratégia napoleônica; mas, sem dúvida, fruto da experiência das guerras napoleônicas. O seu ensinamento adaptou-se, depois, aos exércitos de massa e aos novos meios de transporte, por obra de dois chefes geniais: — Moltke e Schlieffen.

Os chefes militares do pós-guerra de 1914/1918 tardaram a convencer-se que a guerra de movimento, pelo menos no Ocidente, é coisa já superada. Continuaram a pensar em função de estratégia de movimento, e o próprio Ludendorff, na "Guerra To-

tal", ainda fala de "cérco". Finalmente, porém, os alemães perceberam a realidade. A Linha Siegfried é a prova. Um país que dispende vários bilhões de marcos para obras defensivas de tal gênero não pretende de certo ater-se ainda à estratégia napoleônica.

Isto não tem sido compreendido no exterior. Os jornalistas e até os escritores militares continuaram a atribuir à Alemanha planos de furiosas ofensivas iniciais. Acreditou-se que o Reich jogaria tudo, num assalto fulminante. Na realidade, porém, esta idéia, não foi sustentada na Alemanha por nenhum cultor sério de estudos militares. Tal idéia pertence mais à literatura política do que à ciência militar; no fundo, faz parte do repertório dos diletantes da estratégia.

Quando se procura compreender quais são as idéias, os propósitos e os planos de alguém — homem, exército ou nação — é fácil cometer o ér-



Finalmente, agora, está-se combatendo o sério...
[Guerin Meschino, Milão]

Inteligência, Ano VI, nº 64, p. 19, abr. 1940.



Inteligência, Ano VI, nº 64, p. 20, abr. 1940.

As imagens foram alocadas em meio a um artigo intitulado “Porque é que a Alemanha, a França e a Inglaterra não combatem”, extraídas do periódico italiano *Oggi*, em que se aventavam possíveis razões para a inatividade:

(...) o fundamento da vitória franco-britânica é, pois, o domínio dos mares; este é, ao que parece, o ponto cardinal de sua estratégia. Enquanto os exércitos permanecerem imóveis, o bloqueio age. Tal é, segundo parece, o seu plano. (...) A inação alemã, porém, é contrária a todas as regras e a todas as previsões. Do que se deduz que a Alemanha ou se prepara para desfechar um grande ataque — através de país neutro, ou pelo ar — ou o que o sr. Hitler está hesitando.²⁶⁴

As caricaturas articulavam-se ao conteúdo do artigo na medida em que satirizavam a “guerra estranha”. Na primeira delas, o desenhista afirmava que a “guerra intensificava-se” mas, dos canhões, saíam apenas inscrições “desmentidos”, “comunicados”, “contra-comunicados”, situação sintetizada pelo comentário inserido

²⁶⁴ *Inteligência*, Ano VI, nº 64, p. 18, abr. 1940.

abaixo: “Finalmente, agora, está se combatendo a sério...”. Enquanto isso, a segunda imagem, convidava o leitor a visitar a Frente Ocidental, para passar “noites tranquilas” em “paisagem encantadoras” com “mesas numeradas”. Ambas foram selecionadas dos periódicos italianos *Il Guerin Meschino* e *Il Travaso delle idee*, diletas fontes utilizadas pelos editores para combater as democracias ocidentais. Pelo exposto, percebe-se que a maneira encontrada por Mário Graciotti neste primeiro momento do conflito foi trazer o riso ao leitor, o riso da guerra que, até então, era vencida pelas potências totalitárias.

Hitler esperava concluir um acordo com os anglo-franceses mas, diante da recusa destes em aderir ao programa de paz alemão, que significaria nova derrota das democracias, o chanceler decidiu reeditar o plano de invasão da França, a partir do norte. A operação de invasão teve início com a ocupação dos países setentrionais, como a Noruega e a Dinamarca, que eram estratégicos para a instalação de bases para a *Luftwaffe*.²⁶⁵ Apesar da resistência da esquadra britânica,²⁶⁶ enviada para a região, o conflito terminou com a vitória da Alemanha, marcada pela utilização de divisões de pára-quedistas.²⁶⁷ Uma vez executada esta parte do plano, era necessário implementar a segunda etapa: a invasão da Holanda, Bélgica e França. Este movimento causava muita

²⁶⁵ A campanha da Noruega, de acordo com MASSON, Philippe. *A Segunda Guerra Mundial. História e estratégias*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 482, “revela importantes deficiências do lado aliado, que afetam o comando, o moral das tropas e o armamento. Demonstra, ainda, que a força naval franco-britânica não é adaptada à ameaça aérea. Se as perdas alemãs não são desprezíveis – três cruzadores e dez destróieres – são largamente compensadas pela aquisição de uma notável posição estratégica no mar do Norte. A campanha norueguesa teve importantes repercussões políticas. Aos 10 de maio, Chamberlain pede demissão. É substituído por Churchill. Paul Reynaud também deve retirar-se, mas o desencadear do ataque alemão leva-o a permanecer no poder”.

²⁶⁶ Apesar da vitória na batalha, a esquadra germânica foi praticamente colocada fora de combate, o que comprometia uma possível tentativa de invasão da Inglaterra pelo mar., A respeito, BURLEIGH, Michael. *Moral Combat. A history of the World War II*. London: Harper Press, 2010, p. 158, argumentou que: “Norways minuscule armed forces were swiftly routed by German airborne troops and by troops landed from fast destroyers, an operation made possible by a refuelling tanker provided by the Soviet Union. However, the swift German victory also contained a major strategic defeat. Norwegian defences in Oslo fjord sank the heavy cruiser *Blücher*, carrying the entire Gestapo contingent of the occupation administration, while the Royal Navy sank ten German destroyers in Narvik fjord, and went on to cripple the battlecruisers *Gneisenau* and *Scharnhorst*, along with a number of other German ships. (...) This was to make the German capacity to mount an invasion of Britain entirely dependent on winning air supremacy over the Channel”.

²⁶⁷ O sucesso da operação foi descrito por LUKACS, John *A última guerra européia. Setembro 1939/Dezembro 1941*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 91, seguintes termos: “Examinada em retrospecto, a invasão da Dinamarca e da Noruega por Hitler foi uma obra prima de audácia e de execução. É também um desmentido ao argumento habitual de que este tirano e fazedor de guerra continental era ignorante das realidades da guerra marítima. Ele não era, absolutamente, ignorante da guerra anfíbia, que os ingleses chamam de Operações Combinadas e na qual foram mestres desde do começo da Idade Moderna. Os alemães venceram aos ingleses na corrida pelos quatro portos noruegueses, inclusive Narvik. Os ingleses, inclusive Churchill, não acreditavam que os alemães se aventurassem tão longe”.

inquietação nos generais alemães uma vez que os franceses possuíam o maior exército do continente.²⁶⁸

A despeito da opinião geral sobre a longa guerra contra os franceses, a Alemanha conseguiu aplicar as mesmas estratégias que lhe garantiram o sucesso contra os poloneses e, em menos de dois meses, tomaram Paris. A queda da França foi um choque que impactou o mundo todo em virtude da celeridade com que ocorreu e por conta dos sinais que tal derrota emitia. O mês de junho de 1940 marcou, ainda, a entrada da Itália no conflito, atitude que recebeu muitas críticas em virtude dos italianos declararem guerra à França quando esta já se encontrava em séria situação militar.²⁶⁹ Ao entrar no conflito, Mussolini, de certa maneira, assegurava a vitória ao Eixo porque os exércitos franceses estavam cercados ao norte e ao sul.²⁷⁰

Entre maio e junho, novas caricaturas que ironizavam a situação na frente ocidental foram publicadas no mensário paulistano. Todavia, diante da ofensiva alemã, tais imagens adquiriam novo significado porque, àquela altura, os alemães já haviam iniciado a campanha no oeste (com a invasão da Bélgica, Holanda e França, em maio) e as divisões motorizadas foram uma das armas principais para o sucesso germânico na frente ocidental. Em virtude disso, a caricatura da política internacional, publicada em

²⁶⁸ BLOCH, March, *Strange defeat. A statement of Evidence written in 1940*. New York: W.W. Norton, 1999, p. 36-37, expôs as razões que levaram à capitulação dos exércitos franceses. Para ele, “What drove our armies to disaster was the cumulative effect of a great number of different mistakes. One glaring characteristic is, however, common to all of them. Our leaders, or those who acted for them, were incapable of thinking in terms of a *new* war. In other words, the German triumph was, essentially, a triumph of intellect – and it is that which makes it so peculiarly serious. (...) The ruling idea of the Germans in the conduct of this war was speed. We, on the other hand, did our thinking in terms of yesterday or the day before. Worse still: faced by the undisputed evidence of Germany’s new tactics, we ignored, or wholly failed to understand, the quickened rhythm of the times”.

²⁶⁹ MASSON, Philippe *Op. cit.*, p. 488, lembrou que “em 10 de junho, com a derrota da França sendo inelutável, Mussolini aproveita para lhe declarar guerra, atitude estigmatizada pela célebre fórmula ‘punhalada nas costas’. O Duce, consciente das insuficiências do exército italiano, vê a guerra como o meio de participar das negociações de paz. ‘São necessários mil mortos para que eu me sente à mesa dos vencedores’. Ele tem um duplo objetivo: extensão territorial às expensas da França (Córsega, Tunísia, Djibuti) e alargamento da zona de influência italiana nos Bálcãs, para ter condições de travar uma guerra paralela e autônoma na Europa Central e no Mediterrâneo”.

²⁷⁰ No Brasil, a entrada italiana no conflito foi duramente criticada por aqueles que torciam por uma vitória das democracias. Por meio das cartas trocadas entre Júlio de Mesquita Filho, àquela altura, exilado, e sua esposa, Marina Mesquita, pode-se apreender de que maneira a atitude de Mussolini foi compreendida. Nas palavras de Marina: “O dia de hoje foi de matar! A entrada do italiano na guerra e a retirada do governo francês de Paris deixaram-me verdadeiramente arrasada. O que vai ser do mundo? Que futuro espera os nossos filhos? Como é que um povo como o francês vai acabar? Você nem pode imaginar o estado de espírito de todos. A Itália está na rua da amargura. Não se pode desejar maior achincalhe. O Lili voltou para casa desvairado de ódio. A estudantada está toda à procura de italianos para esbofetear. Mas a verdade é que tudo isso não impede a Alemanha esteja na iminência de esmagar o mundo”. Em resposta, Júlio de Mesquita Filho chamou a Itália de “nação de covardes”, In: MESQUITA FILHO, Ruy. *Op. cit.*, p. 159-160.

das tribus de montanha, que se submeteram às ordens de Londres.

Quando não são as razões políticas ou religiosas que provocam as suas incursões no território da Índia britânica, são a fome e a miséria que impellem estas tribus rebeldes a caminho da rica e fértil planície de Pechaur. Este estado endêmico de revolta tornou famosa a província de fronteira, que tem o nome de Yaghistan, o que, no dialeto daquela gente, quer dizer "terra de inquietação". É ali que se situa o Passo do Khyber, única brecha deixada aberta pela natureza, no seio da cadeia de montanhas intransponíveis que circundam e protegem a Índia.

Há um provérbio dos nacionalistas indus, que afirma que os inimigos dos seus inimigos são seus amigos; por isso, eles, em desacôrdo com os musulmanos de toda a Índia, travaram amizade com as tribus musulmanas da fronteira.

Em Julho de 1938, o então presidente do Congresso Pan-Indu, waharlal Nehru, exaltou, num discurso, os sentimentos de solidariedade existentes entre os nacionalistas e as tribus da fronteira, "ambas vítimas do imperialismo britânico". Isto aconteceu depois das audaciosas incursões dos tribus contra as forças inglesas, e após o massacre de sete oficiais britânicos durante um ataque a um comboio militar.

Foi em consequência desta propaganda que o 39º "Charwhal Rifles" que se havia coberto de glória na guerra de 1914/1918 — se recusou a participar da repressão às desordens em Pechaur, no momento em que os Afrides, descendo em massa pelas montanhas, ameaçavam de perto a cidade.

Outro inveterado inimigo dos ingleses — o Haji de Turangzai — "musulmano fanático — préga, entre as tribus da fronteira, a guerra pela substituição de um reino islâmico ortodoxo.

Seus discípulos, Abdul Ghaffar e o faquir de Ipi — o primeiro, autor do sufocado movimento dos "camisas vermelhas", e o segundo, chefe de uma tribo rebelde dos Uziris — sempre atuaram na província da fronteira de Noroeste, ao sul do Passo do Khyber, no Uziristan.

Os ingleses renunciaram a idéias de submeter estas tribus selvagens; finalmente, traçaram uma linha, por onde da "Durand Line", que assinala os limites do Afeganistão; áquem desta linha cessa toda a sua autoridade administrativa; a seguir, barraram a passagem de um e de outro lado do Khyber, construindo um sistema de fortificações que tomou o nome de "Mahsud Line"; afinal, entrincheiraram-se ao longo de todo o limite admini-

— General, o senhor está pensando um

É indispensável, entretanto, para o Inglaterra, o porto de Singapura, como "posto de passagem militar entre o Índia e a China", — ou antes, entre o Pacífico, a Austrália, a Nova-Zelândia, o Oceano Índico e a Europa. Se Singapura não se encontrasse em poder dos

— General, aí, tóra está um homem que afirma ter inventado um sistema para deter as divisões motorizadas...
(Guerra Meschino, Milão).

A estratégia editorial permaneceu a mesma: valiam-se de periódicos italianos, neste caso *Il 420* e *Il Guerin Meschino*, e reproduziram caricaturas que tratavam da guerra com ironia. Na primeira delas, as pessoas fugiam da guerra que ficava “pesada” porque choviam dos aviões comunicados escritos em “caracteres cuneiformes” enquanto, naquela inserida nas páginas do mensário no mês posterior, mostrava-se um homem a segurar uma placa que, de acordo com um dos personagens, era uma das “grandes invenções” para “deter as divisões motorizadas”. Não se pode esquecer que

tais divisões foram as responsáveis pela rápida derrota dos exércitos franceses e dos expedicionários britânicos que, portanto, foram ridicularizados por meio destes traços.

Durante a primeira fase de circulação da revista *Inteligência*, os editores traduziram textos que defendiam a posição italiana no cenário internacional e abusaram das caricaturas que exemplificavam essas políticas, como as que se referiam à guerra contra a Abissínia. Nesta etapa, porém, pode-se afirmar que as operações editoriais de Mario Graciotti e demais colaboradores foram alteradas.



Inteligência, Ano VI, nº 66, p. 21, jun. 1940.

A imagem apresentava a capital da Itália como o “pólo magnético da política internacional”, observado com curiosidade pelas demais nações do globo.²⁷¹ Publicar

²⁷¹ Tal imagem da capital fascista representava um dos maiores anseios de Mussolini que, durante os anos 1930 dedicara seus esforços para fazer de Roma uma cidade imponente, o centro do mundo. De acordo

uma imagem como estas àquela altura significava defender a imagem da Itália quando o país era muito criticado devido à sua declaração de guerra à França, feita na undécima hora. Ao pretender colocar o país governado por Mussolini no centro das decisões globais, Mário Gracioti deixava transparecer, de maneira nada sutil, sua admiração pelo regime fascista.

Após derrotar os franceses, os germânicos novamente tentaram selar um acordo de paz com a Inglaterra. Winston Churchill, todavia, não acatou as propostas de Adolf Hitler e decidiu continuar a luta contra a Alemanha.²⁷² Neste cenário, foi de fundamental relevância o auxílio prestado pelos Estados Unidos que, a despeito da neutralidade, nunca deixou de manifestar seu apoio às nações democráticas.²⁷³

No que se refere a este país, pode-se afirmar que *Inteligência* cobriu o processo de envolvimento daquela nação no conflito, evidenciando sua transformação em uma das maiores potências globais. A presença norte-americana era incontornável para qualquer órgão que tratasse do tema. Além do mais, com o correr do conflito, a dificuldade de ter acesso às publicações alemãs e italianas crescerem muito e o que havia em abundância eram as norte-americanas, o que forçou *Inteligência* a mudar suas fontes.

Nesse sentido, o leitor encontrava cada vez mais textos cuja temática tinha os EUA como cerne. Essa presença tornou-se mais evidente à medida que se desenrolavam os cenários de guerra na Europa e o Brasil ficava mais distante do Velho Mundo. Dentre os autores cujos textos foram mais recorrentes estava o jornalista Walter Lippman. O

com MILZA, Pierre. *Op. cit.*, p. 161, “muito mais que as outras cidades da península, Roma foi o teatro de predileção da ‘fabricação do consenso’, fundada aqui sobre a utilização seletiva da arqueologia e da história. Com efeito, evocar em Turim, Milão, Veneza ou Florença o mito já bastante velho da romanidade tinha poucas chances de encontrar eco entre populações cuja cultura se inscrevia em um *continuum* histórico no qual as seqüências mais gloriosas não coincidiam com as horas de glória do Império pagão. Em Roma, no entanto, onde sobrevivera ao tempo o sentimento de uma capital de essência universal, a orquestração do mito não encontrava a mesma resistência e tinha audiência em todos os estratos da sociedade”.

²⁷² De fato, o líder alemão tentou se valer da guerra como arma política para tentar selar a paz com a Inglaterra. De acordo com DAVIES, Norman *Europa na guerra. 1939-1945*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 101-102, “a fase final da campanha durou um mês. No norte, os exércitos aliados foram encurralados em um grande bolsão nas proximidades de Calais e Dunquerque. O destino deles estava selado, até que, para perplexidade de seus generais, Hitler ordenou que os Panzers parassem. Foi uma decisão majoritariamente política, provavelmente inspirada pela errada crença de que a Grã-Bretanha desejaria buscar a paz”.

²⁷³ Idem, p. 179, ao analisar as relações entre os Estados Unidos e o continente europeu neste período, destacou as atividades políticas do primeiro ministro britânico como responsáveis por “trazer os EUA novamente para o tabuleiro”. Ainda de acordo com o professor emérito da Universidade de Londres, esta estratégia “envolveu 18 meses de meticulosa diplomacia. O presidente americano, Franklin D. Roosevelt, estava favoravelmente inclinado. E, graças à cobertura jornalística da Batalha da Bretanha e da Blitz de Londres por Ed Murrow e outros, a população americana solidarizou-se com a situação do azarão britânico”.

jornalista norte-americano e sua obra eram bastante conhecidos no Brasil como se depreende da correspondência de Júlio de Mesquita Filho.²⁷⁴ O proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo* dirigiu-se a Walter Lippman em duas oportunidades com o objetivo de alertá-lo sobre as relações entre o governo Roosevelt e a ditadura varguista. Na primeira vez, ele tentava demonstrar que

(...) o que foi feito após Munique, pelos governos representativos, a fim de facilitar a tarefa das ditaduras, desaparece perante o que representa a obstinação com a qual o governo e uma parcela da opinião norte-americana procuram justificar a posição e o prestígio de homens tais como o Getúlio Vargas e o seu principal colaborador, Osvaldo Aranha. Porque, não tenha dúvida, em um único segundo, sua presença à frente do poder no Brasil significa a consolidação definitiva de uma imensa cabeça-de-ponte do Eixo Roma-Berlim exatamente no coração do continente americano e a algumas centenas de milhas, se tanto, do canal do Panamá. (...) Enquanto Washington persistir em não querer compreender a política deliberadamente tortuosa de Vargas, Hitler constituirá um perigo tão iminente para a América, quanto o que ele está em vias de demonstrar ser para toda a Europa.²⁷⁵

A esta altura vivendo em Buenos Aires, em virtude de seu segundo exílio, o jornalista brasileiro permaneceu em luta contra os princípios que guiavam o governo de Getúlio Vargas, atacando, sempre que possível, o presidente e seus auxiliares mais próximos. Assim como Vargas, Júlio de Mesquita Filho enxergava na guerra um meio de solucionar o problema político brasileiro e, em virtude disso, tentava demonstrar aos norte-americanos a incongruência da proximidade entre os dois governos.

Na segunda oportunidade em que se comunicou com Walter Lippman, pretendia demonstrar o perigo que as lideranças brasileiras representavam para os interesses das democracias denunciando, desta vez, as relações entre o ministro das relações exteriores brasileiro e seus pares do Itamaraty:

Já que estou prestes a lhe falar do senhor Osvaldo Aranha, quero chamar sua atenção para o fato de estar à frente da Embaixada do Brasil em Berlim o senhor Ciro de Freitas Valle, ex-subsecretário de Estado das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, e *primo-irmão* de Osvaldo Aranha. Não lhe parece estranho, prezado senhor, que um primo-irmão de Osvaldo Aranha seja enviado como embaixador do governo de Getúlio Vargas, exatamente no momento em que se deveria esperar uma aproximação cada vez mais íntima entre a América do Norte e as democracias em luta com as potências totalitárias, de um lado, e, de outro lado, um choque, cada dia mais grave, entre o eixo Roma-Berlim e Washington? Não lhe parece claro como o dia que a chegada do primo-irmão de Osvaldo Aranha a

²⁷⁴ Na missiva datada de 15 de junho de 1940, escreveu Júlio de Mesquita ao confrade dos Estados Unidos: “seu nome é muito conhecido no Brasil e sua excelente obra, *A cidade livre*, muito divulgada nos meios políticos e intelectuais brasileiros. É, inclusive, um dos pontos de apoio, se assim me é permitido expressar, de nossa juventude democrática”, IN; MESQUITA FILHO, Ruy (org). *Op. cit.*, p. 167.

²⁷⁵ Idem, p. 166-167.

Berlim possa apenas denunciar a abertura de negociações graves, tão graves que não poderiam ser confiadas a não ser a alguém que tivesse o mesmo alto interesse? (...) há mais, muito mais. Há toda a história da constituição e da organização do partido integralista, isto é, do fascismo brasileiro, cujo chefe é o escritor Plínio Salgado, um *alter ego* de Alfredo Egydio de Souza Aranha, outro primo-irmão de Osvaldo Aranha. Ainda é ele o inspirador, é ele que orienta, sem que seu nome e sua ação apareçam. O que dele conhecemos nos Estados Unidos, é bem diferente, é sua lábia, sua perícia em dizer o contrário do que realmente pensa. (...) É a repetição, na América, da tragédia que custou a liberdade de tantos povos na Europa e que, deste lado do oceano, preparam para nós dias terrivelmente sombrios!²⁷⁶

O panorama do cenário nacional traçado por Júlio de Mesquita Filho passava, como se vê, pela história recente da crise européia que terminara mal para as democracias. Os agentes infiltrados, os traídos, os quinta-colunas, faziam-se presentes nas ilações do jornalista, com o intuito combater a ditadura estadonovista. Ao publicar os artigos de Walter Lippman, *Inteligência* dava mostras de sua guinada editorial, pois tais conteúdos representavam uma ruptura no que se referia à visão de mundo até então defendida e propagada pelo mensário.

Defensor do liberalismo político, ele engajou-se na luta pela participação efetiva de seu país nos assuntos internacionais, com o intuito de conferir aos Estados Unidos um papel de liderança. Para ele

*(...) Na fase vital da nossa geração, registrou-se um dos maiores acontecimentos de toda a história da humanidade. O poder controlador da civilização ocidental atravessou o Atlântico. A América, que em outra época foi colônia, à margem da Europa, é, agora, e será, na próxima geração, cada vez mais, centro geográfico, econômico e político do Ocidente. O que Roma foi para o mundo antigo, o que a Grã-Bretanha tem sido para o mundo moderno, os Estados Unidos serão para o mundo de amanhã. Poderíamos desejar coisa diversa. Eu, pelo menos o desejaria. Todo aquele que era jovem, no mundo americano de antes da Grande Guerra, sente saudades daquele tempo. Mas as nossas preferências pessoais importam pouco para os grandes movimentos da história; e, quando o destino de uma nação se revela, não há escolha possível e sim mera aceitação desse destino.*²⁷⁷

A reedição da Doutrina do Destino Manifesto, articulada ao longo do século XIX, foi defendida, mais de uma vez, nas páginas do mensário paulistano. Era dever

²⁷⁶ Ibidem, p. 175. O biógrafo de Osvaldo Aranha, por outro lado, revelou que “as atitudes políticas de Aranha modificaram-se sob a influência de seu entusiasmo pela administração Roosevelt e pelo sistema político americano. A atuação política dele já demonstrava que era um homem de tendências ecléticas: no fundo liberal, ao mesmo tempo era pragmático e insistia em resultados, o que significava que, antes de ir para os Estados Unidos, e dependendo das circunstâncias, tolerava medidas antiliberais”, In: HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 205.

²⁷⁷ *Inteligência*, Ano V, n° 58, p. 55, out. 1939.

daquela nação ocupar um papel de relevo no cenário político internacional. É interessante que Lippman não escondia suas pretensões quando evocava o papel exercido por Roma, na Antiguidade, e pela Grã-Bretanha, na atualidade, para se referir ao porvir. O destino era, dessa forma, a construção de um Império Atlântico, que centralizaria as decisões, uma vez imposta a paz.

Durante o ano de 1939, os editores de *Inteligência* contrapuseram as caricaturas aos conteúdos, no intuito de oferecer uma leitura à contrapelo às ideias disseminadas pelo material textual, francamente contrário aos valores abraçados pela publicação. Tal prática tornou-se possível pois as possibilidades de manipulação das imagens eram maiores do que as oferecidas pelos textos traduzidos e publicados pelo mensário. Não parece equivocado sustentar que, nesta fase, o material iconográfico foi utilizado como arma de ataque ao crescente poderio norte-americano que, no Brasil, refletia nos imperativos econômicos.

Duas imagens inseridas nos meses de maio e junho daquele ano demonstram esta estratégia. A primeira delas, recortada da revista italiana *Il Travaso delle idee*, sugeria ao leitor que não havia diferenças entre a posição do presidente norte-americano, Franklin D. Roosevelt, e os ditadores europeus. Na segunda, extraída de *Kladderadatsch*, o líder estadunidense era levado a seguir os passos do ex-presidente Wilson.²⁷⁸

²⁷⁸ No desenho original, em anexo, Roosevelt era levado por Wilson, em um plano inclinado, para o abismo. Em *Inteligência*, o plano sob o qual os chefes da nação norte-americana caminhavam era retilíneo, o que alterou o sentido da crítica. Em *Kladderadatsch*, ao seguir Wilson, Roosevelt estaria condenado enquanto na congênere paulistana, a imagem denotava que o caminho era o mesmo do predecessor, sem apontar para as consequências de tal atitude.

Inteligência

Boletário da opinião mundial

tência, na construção de um enorme império asiático.

É possível, sem dúvida, que os japoneses não considerem devidamente os obstáculos que se lhes colocam à frente: as guerrilhas chinesas, amparadas e reforçadas por forças nacionalistas regulares, tornarão cada vez mais difícil qualquer tentativa de reconstrução económica, nas zonas ocupadas. Mas, na hora atual, não é previsível qualquer fracasso, nos círculos militares nipônicos. Os civis japoneses foram trasladados para as cidades chinesas já ocupadas, em número considerável, e não sómente para Peiping, Tient-Sin e Changai, mas também para cidades como Taiyungfu, capital da província de Chansi, e Chihchiachung, na linha férrea de Pekin-Hankow, ambas situadas nas proximidades da zona em que a atividade dos guerrilheiros é mais intensa. Este movimento de "colonização" dificilmente se verificaria se houvesse, da parte dos chefes militares, a menor apreensão relativa à probabilidade de serem os japoneses expulsos dos pontos que já ocuparam.

Os pontos mais fracos da estrutura japonesa são as finanças e o estado da balança dos seus pagamentos internacionais. O Japão nunca conseguiu equilibrar o seu orçamento, desde a ocupação da Mandchúria. Sua dívida nacional, que era de cerca de 6.000.000.000 de yens, em 1931, é, agora, aproximadamente de 16.000.000.000 yens, e, sem dúvida, passará de 20.000.000.000, ao entrar o ano de 1940. As exigências da guerra e a depressão do comércio exportador despojaram o Japão de quasi todo o seu ouro, excepto no que se relaciona com a soma de 500.000.000

de yens, conservada como reserva de moeda nominal, embora a dívida japonesa seja, na base, praticamente inconvertível. O balanço com as nações situadas fóra do bloco do yen é desfavorável ao Japão, na medida de cerca de 500.000.000 de yens.

Não se devem desprezar estes sinais económicos de perigo. Mas também não se deve atribuir-lhes importância excessiva. A história está cheia de exemplos de países que lutaram, durante muitos anos, contra embaraços maiores do que aqueles que o Japão hoje enfrenta; e, a despeito de tão sérias dificuldades económicas, não renunciaram à luta. A zona sul dos Estados Unidos e a Alemanha, durante a Grande Guerra, são casos típicos.

Se o Japão se encontra em apuros financeiros, isto também é verdade, em grau maior ou menor, a respeito de todas as grandes nações do mundo. Se os Estados Unidos podem dar-se ao luxo de dispendir bilhões de dólares, por ano, durante um tempo indefinido,



Roosevelt: — Devamos combater os regimes autoritários; e não admito oposição à minha autoridade.

(Il Travaso della Idea, Roma).

Inteligência, Ano V, nº 53, p. 51, maio 1939.

Inteligência

Menário da opinião mundial

Com este pensamento, o espírito humano torna-se de natureza cosmogônica.

O homem, portanto, auto-destrói-se, quando não consegue multiplicar-se e elevar-se como os círculos concêntricos de uma espiral sobre si mesmos. Em verdade, o homem não tem o direito de pensar, eis tudo".

(PAOLO MAYERÜ, Meridiano di Roma, Roma, 12-2-39).

O RUMO DA POLÍTICA NORTE-AMERICANA

"Os pais da Constituição norte-americana forjaram o seu instrumento à luz de um dos mais velhos ditados: "Dividir, para reinar".

As presidentes, áles conferiram um poder que não teriam dado a Luis XIV, nem a Napoleão. O presidente pode negociar tratados, designar embaixadores e ministros, comandar o exército, a marinha, as milícias. Para não torná-lo um potentado, fizeram algumas restrições: seus tratados não serão válidos se não forem aprovados por dois terços do Senado; os representantes de Tio Sam não se instalam nas capitais estrangeiras se não tiverem o beneplácito da Câmara alta; e para declarar a guerra, obter créditos necessários à defesa nacional, é preciso pedi-los ao Congresso.

O sr. Monroe sugeriu para facilitar o tarefa do presidente: nenhuma aliança, nenhum compromisso com nações estrangeiras. O que, naturalmente, não impede ao titular do cargo mais alto de Nação alimentar desejos secretos, que a história tanto revela. Assim, as duas câmaras, o Congresso e o Senado, na sua

estratégia, procuraram manifestar os desejos íntimos do presidente. A lei da neutralidade, votada a 31 de agosto de 1935, e que está prestes a terminar, prova o que dissemos acima. Uma parte do congresso norte-americano está propenso a aprovar a emenda Sudlow que exige um referendun popular para decidir se os Estados Unidos devem ou não entrar em guerra.

De um lado, a administração procura estender os seus poderes, sem cessar; de outro, o Congresso procura afastar todos os riscos de conflito com potências estrangeiras. Neste assunto, as Câmaras estão divididas: os "isolecionistas" conservam gravada no coração a data de 1917 e lembram-se, com carinho, da Páncia Pilatos; os "ativistas", diante das ameaças dos Estados totalitários, do perigo dos eixos, do zig-zague da foga de Roma, Berlim e Tóquio, sonham um reforço do poder presidencial para contrabalançar a força das ditaduras.

"Política do avestruz", gritam os segundos aos primeiros; "política de quele de lobo", retrucam os primeiros aos segundos: querem fazer de Roosevelt um ditador".

A imprensa norte-americana tem-se especializado na consulta aos seus leitores, sobre inúmeros assuntos de ordem internacional. As porcentagens, conforme os casos, das opiniões acerca da atitude que devem tomar os



Roosevelt seguindo os passos de Wilson

[Kladderadatsch, Berlim]

Inteligência, Ano V, nº 54, p. 57, jun.1939.

As vitórias germânicas na Europa não foram suficientes para que tal posição fosse revista. Nem mesmo a derrota da França, que calou fundo em todo o Ocidente, foi capaz de modificar tal apreensão do futuro americano. Em setembro de 1940, no momento em que Londres era bombardeada pela *Luftwaffe*, Walter Lippman sentenciava:

*Soou a hora do nosso destino. Estamos vivendo no tempo mais trágico, desde que os colonizadores firmaram pé na América. Às nossas mãos, não preparadas e sem vontade, confiou-se a tarefa de instalar uma cidadela da liberdade tão poderosa, que, pelo nosso exemplo, o mundo possa, talvez, redimir-se e recompor a sua harmonia. Este é o destino americano. Se o não cumprirmos, o mundo em que vivemos perderá toda a esperança de pronta ressurreição.*²⁷⁹

Longe de contrariar tal perspectiva, as derrotas das democracias ocidentais frente aos exércitos de Hitler confirmavam a previsão de que era necessária uma intervenção dos Estados Unidos na guerra que era, até então, européia.²⁸⁰ Tal pensamento foi exposto em um dos artigos publicados no mensário no mês de novembro de 1940 no qual se lia:

(...) só a mais heróica defesa poderá impedir que desçam sobre a nossa raça idades mais escuras do que aquelas que se fizeram sentir há milhares de anos. Essa defesa é possível e deve ser tentada, e tentada neste país, por nós, *o único povo suficientemente forte e suficientemente rico e livre, bastante inteligente também para encarar de face os mais vitais problemas da história.* (...) A nossa civilização, para sobreviver, tem de voltar as suas energias para a força e libertar-se de tudo quanto é conforto. Esta verdade é dura de ouvir, mas toda a civilização que teve medo de encarar de face esta verdade, pereceu, chega a sua hora.²⁸¹

O argumento do autor assemelhava-se, em sua estrutura, ao pensamento de Adolf Hitler quando da tomada do poder na Alemanha. Livrar-se do luxo e voltar a encarar a existência como luta entre os mais fortes era um dos pilares da ideologia nazista. Não se pode perder de vista que tal argumentação foi elaborada logo após a queda da França, momento em que a Inglaterra suportava, sozinha, os bombardeios germânicos sob seu território. Os impactos de tais fatos compunham, desta forma, o pano de fundo sob o qual o autor delineava sua enfática defesa da pujança norte-americana, único e último povo capaz de liderar uma reação aos regimes totalitários europeus.

Em 1940, as caricaturas da política internacional selecionadas pelos editores, cujo conteúdo versava sobre os Estados Unidos, demonstravam esta transição a que o

²⁷⁹ *Inteligência*, set. 1940, p. 27.

²⁸⁰ Ao estudar o período no que se referia à posição adotada pelos Estados Unidos, MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 132, afirmou que “de fato, à parte de motivações e idiosincrasias pessoais, Roosevelt colimava, simultaneamente, alguns objetivos: esmagar a Alemanha, como potência, principal concorrente dos Estados Unidos, e liquidar as possessões da Itália e do Japão; dissolver o Império Colonial, que a França, Holanda e Bélgica ainda mantinham e assumir todas as posições e domínios da Grã-Bretanha, proposta feita a Churchill na reunião de Placentia Bay (09 de agosto de 1941); e estabelecer a nova ordem mundial, sob a hegemonia dos Estados Unidos”.

²⁸¹ *Inteligência*, Ano VI, nº 71, p. 44, nov. 1940, grifo nosso.

autor se referia. Não obstante o fato de que havia alguns líderes naquele país que defendiam a tese da neutralidade, a partir da derrota da França, o caminho para a guerra contra as nações agressoras parecia inexorável. Desta maneira, as representações construídas por meio do material iconográfico sofreram alteração significativa, que denota a mudança do papel desempenhado por esta nação diante dos problemas europeus.

Entre setembro e dezembro daquele ano, inúmeras imagens foram publicadas por *Inteligência* tendo como foco os Estados Unidos e sua nova política externa e interna.²⁸² Dentre elas, destacaram-se as que seguem:

²⁸² Ao se referir a este período, LOPES, Sônia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 1999, asseverou que “durante os anos de 1940/1941, Lourival Fontes, seguindo a orientação de Vargas, proibiu críticas aos Estados Unidos”, fato que parece ter sido registrado pelas páginas do mensário, cuja oscilação no que se referia às representações daquele país cessou justamente neste momento.

Inteligência

Mostrando a opinião mundial

dos problemas, embora sejam medidas urgentes e indispensáveis.

A árdua missão da Conferência de Havana pode resumir-se nestas palavras: orientar o furacão. Como não é possível desvincular a América da terra, devemos fazer que as forças desordenadas cheguem até nós em forma relativamente atenuada, de maneira que admitam ser dirigidas no possível e, se os sonhos forem alguma coisa mais que sonhos, até mesmo aproveitá-los.

Quem sabe! A América está esperando a sua hora e sentindo-a prefigurar-se nos destinos do mundo. Um pouco prematuramente é chamada a cumprir o seu alto dever, o dever de continuadora de civilizações. Mas, como algum dia tinha que começar, mais vale cedo do que tarde. Em duro momento, é convidada ela a realizar a sua missão, mas todos os povos chamados a prosseguir a história o foram igualmente, em consequência de um desastre. O vôo começa contra o vento...

A Conferência de Buenos Aires (1936) pode considerar-se o prolegômeno da que vai reunir-se em Havana. Desde há tempos, vem a América dando sinais de inquietude perante a decomposição da Europa, a qual primeiro ensaiou na Espanha a virulência das suas armas para logo entregar-se abertamente ao seu esporte favorito: destruir tudo quanto constrói.

Mestra civilizadora de longa projeção imperial, eis que a Europa vacila e perde o juízo. Os americanos, sempre acusados de inquietos e até sanguinários, viram com espanto que as suas próprias revoluções endêmicas ani-

quilam menos vidas em dois lustros do que as hordas européas em uma semana. Diga-se, se se quiser, que isto é efeito das formidáveis máquinas de guerra, de que nesta parte do mundo não "desfrutamos" ainda. Mas os fatos são aquilo que são: junto àqueles crimes coletivos, as últimas refregas americanas tornem-se torneios cavalheirescos, em que os caudilhos se citam em campo aberto, longe de mulheres e crianças.

Agora, ante a loucura da Europa, dá-se o caso patético de um continente que quer defender-se com um cordão sanitário. Nada há mais terrível na história. É preciso remontar até à mitologia, onde encontramos Gea, a fêmea receosa, escondendo as suas crias no seio, para subtraí-las à demência devoradora do pai Cronos...

A América pode orgulhar-se de uma tradição jurídica de acórdãos continen-

A MURALHA ATUAL



A barreira do Novo Continente contra todas as invasões

(The New York Times, Nova York)

Inteligência

Memário da opinião mundial

inha possuem a sua força aérea própria, para seu uso, como parte integrante do todo. Em princípio, embora não na forma, isto condiz com os planos básicos de operações da força aérea alemã, altamente eficaz. Tal princípio é que a função da arma aviatória não se resume em combater batalhas e ganhar vitórias, por si mesma, e sim em tornar possível o triunfo às forças de terra, ou de mar, conforme o caso.

Concorda-se, agora, em que a defesa dos Estados Unidos será mais prática e viável com a defesa de todo o continente americano, isto é, "por meio da proteção do todo o hemisfério, contra invasões, controle ou domínio das nações não-americanas", para usarmos as palavras do presidente Roosevelt. Os principais pontos vitais, em todo o hemisfério, são o Canal do Panamá, o Alasca e a região Nova York-Nova Inglaterra-Canadá-Terra Nova. Se os norte-americanos forem atacados, com aviso prévio, em "um" desses pontos, eles estão, desde já, convenientemente preparados. Mas, em consequência dos agrupamentos políticos, precisam estar prontos para fazer face a ataques por duas ou mais potências, procedentes de ambos os oceanos ao mesmo tempo.

Uma Alemanha vitoriosa pode ameaçar a zona Groenlândia-Terra Nova-Canadá. Além do Japão, de conhecida agressividade, outra importante potência aérea, a Rússia soviética, possui bases à vista do Alasca. Os inimigos, firmemente apoiados em tais zonas, ficarão a pouca distância de regiões perigosas dos Estados Unidos, como a de Nova York-Nova Inglaterra e a do noroeste do Pacífico, perto de Seattle. Da mesma forma, a Itália e a Alema-

nha, se vitoriosas, ficarão perto de numerosas bases atlânticas e africanas, de onde poderão ser lançados ataques contra os portos da América do Sul e das Antilhas, que dominam o Canal do Panamá e suas rotas de navegação.

Como a esquadra norte-americana poderia defender apenas "uma" de tais regiões, forçoso seria tomar principalmente como ponto de apoio a arma aérea, afim de manter a distância qualquer ataque violento contra os outros setores, até que o exército ou a marinha destruíssem os assaltantes. Surge, pois, a pergunta: "Caberá à aviação da marinha, ou à aviação do exército, a tarefa de enfrentar tais ataques?" Infelizmente, as duas forças aéreas não poderão coordenar-se rápida e eficien-

A DEFESA DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL



Armado de alto abaixo
(The Chicago Daily News, Chicago)

Inteligência, Ano VI, nº 70, p. 29, out. 1940.

Ambas foram alocadas em textos que tratavam da preponderância do continente americano, liderado pelos Estados Unidos, diante do cenário internacional convulsionado pela guerra na Europa. No primeiro deles, o autor lembrava que

(...) A América está esperando a sua hora e sentindo-a prefigurar-se nos destinos do mundo. *Um pouco prematuramente é chamada a cumprir o seu alto dever, o dever de continuadora de civilizações.* Mas, como algum, dia tinha que começar, mais vale cedo do que tarde. Em duro momento, é convidada ela a realizar a sua

missão, mas todos os povos chamados a prosseguir a história o foram igualmente, em consequência de um desastre. O vôo começa contra o vento...²⁸³

O argumento do autor responsável pelo outro artigo, no qual o continente apareceu abraçado por um revólver, partia do mesmo pressuposto. Nele, o entendimento era de que “(...) concorda-se, agora, em que a defesa dos Estados Unidos será mais prática e mais viável com a defesa de todo o continente americano, isto é, ‘por meio da proteção de todo o hemisfério, contra invasões, controle ou domínio das nações não-americanas’, para usarmos a palavra do presidente Roosevelt”.²⁸⁴

A imagem dos Estados Unidos como arsenal das democracias, que resistiam aos ataques de Adolf Hitler e de Benito Mussolini em vários teatros da guerra, ganhou contornos ainda mais nítidos com a chegada do ano de 1941. Em fevereiro, o símbolo daquela nação aparecia a treinar boxe, fortalecendo-se para o combate.



Inteligência, Ano VII, nº 74, p. 50, fev. 1941.

²⁸³ *Inteligência*, Ano VI, nº 69, p. 35, set. 1940, grifo nosso.

²⁸⁴ *Inteligência*, Ano VI, nº 70, p. 29, out. 1940.

No mês seguinte, em um dos artigos, ressaltava-se que

(...) a única esperança, para nós, no sentido de evitar a pior catástrofe da história, está no abandono do modo de pensar de acordo com os nossos desejos, e na percepção de que não devemos permitir que a Inglaterra perca a partida. A única possibilidade de os Estados Unidos evitarem a guerra está em por em relevo, no auxílio prestado à Grã-Bretanha, a unidade, a robustez, e a coordenação de recursos e de produção de armamentos, de que seriam capazes, se estivessem, de fato, em guerra.²⁸⁵

As caricaturas da política internacional alocadas neste volume do mensário articulavam-se a esta nova posição no que se referia ao papel dos Estados Unidos diante do novo conflito. Inseridas em meio aos textos que tratavam dos desafios que a Segunda Guerra européia trazia àquele país, as imagens serviam para reforçar a ideia de que ele possuía os requisitos necessários para enfrentá-los. As imagens abaixo expressavam este conceito ao colocar, frente a frente, Tio Sam, a apontar dois canhões a Hitler que, na segunda ocasião, fugia, aturdido, do barulho feito pelos dados da produção de armamentos norte-americanos.

²⁸⁵ *Inteligência*, Ano VII, nº 75, p. 43, mar. 1941.

da guerra irromperá por cima dos oceanos e dentro de todos os continentes.

A esta seja uma guerra muito longe do norte da Europa, no oriente do Mediterrâneo e na China, ainda é aos norte-americanos circunscrever o seu âmbito. O dique que a guerra, a que, por isso, nos armar-nos, sem termos de fazer uma grande linha fortificada — da pelas belonaves e pelos aeroplanos, pelas forças da terra e do ar, pelos exércitos da China, pelo poder dos ingleses, dos japoneses e dos pró-norte-americanos. Eficaz. Esta linha não corre ao redor do mundo, das Ilhas Azores ao Estreito de Ormuz, ao Canal de Suez, ao Singapur, até ao Panamá, desde que alemães não entrem na Ásia, ou em qualquer parte do nosso hemisfério, bem como o Japão e não se estor-se.

O Eixo conseguir as Ilhas Britânicas, o bloqueio e pelo ar, os ingleses não poderão esperar que o uso de Gibraltar, ou de qualquer posição, na África do Norte, no Oriente Médio, ou no Extremo Oriente, continue nas mãos. A rota para a América do Sul

ficará inelutavelmente aberta: e as rotas para as Índias, e para a Austrália serão deixadas e outrem. Com as forças de que dispomos, o mais que podemos esperar fazer será manter as posições do Havaí e do Panamá, e isto, ainda assim, representará tarefa desesperadora, porque seremos de fazer frente a uma aliança hostil, triunfante e imensamente poderosa em dois oceanos.

Mesmo que as Ilhas Britânicas resistam, a ruptura das linhas mediterrâneas atenderá, imediatamente, a guerra pela África e dentro, para o Atlântico, para a América do Sul e a to-

OS ESTADOS UNIDOS E A GUERRA



Os Estados Unidos resolveram converter-se no arsenal das democracias.

(The New York Times, Nova York).

Inteligência
da opinião mundial

posta em prática, por ele, com este intuito, de 1936 a 1939. Integram estas "vitórias incruentas".

Então, o chefe nazista fez que a esperança de que apenas mais um dia bastaria, e que a guerra manteria a Alemanha pela falta de compreensão dos opositores. Tudo isso é verdade, mas pode ter uma espécie de paz se estiver preparado para viver com os ordens nazistas.

Entretanto, não terá paz verdadeira e indefinida continuidade do terror, em que se exterminarão os políticos; em que os grupos raciais serão em estrutura hierárquica de tal que serão obliterados; e em chamada Revolução Alemã substituirá a menor dúvida de que Hitler recusa a paz negociada, tomando-se como protegido, ou aliado menor, atribuído à Itália. Esta situação colaboração no programa estabelecido em Berlim, no quadro mundial. A Itália, as vagas do trem aerodinâmico que se avizinha do mundo, e não poderia deixar, ainda que quisesse. Sua posição econômica é tão débil, em comparação à da Alemanha, que é mais preta que parca, de sua aliança. A paz, uma paz negociada, ficaria sem condições.

A paz negociada, proposta pela Alemanha, em Estados Unidos, do único amigo que possuem no mundo. O governo britânico — Hitler não faria a paz britânica — e em Londres predominaria o clima pro-nazista.

O governo não produziria a paz no Continente e guerra. E então os Estados se veriam no mais terrível dos imagináveis. O Japão entraria a invadir o Eixo, como a Itália o fez, na França.

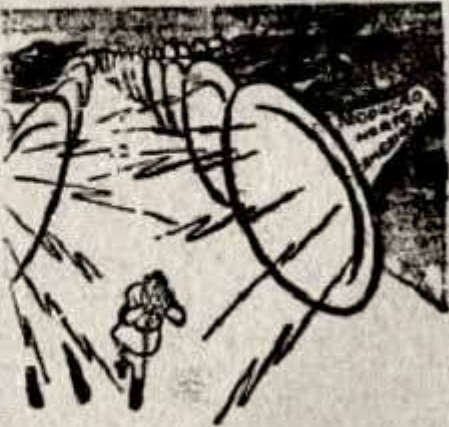
A atitude demotista já é séria, hoje, nos Estados, que se passaria se a Inglaterra tornasse "parceira" do Eixo? A esta sem dúvida, os cuidadosos preparativos nos Estados Unidos, durante anos, pelas mãos do Eixo, dariam seus frutos. Assim, viriam dos "Bundes" e dos seus. Devemos, entretanto, recordar que a "luz" de Hitler, para os Estados Unidos, que, no momento oportuno, os norte-americanos se subdividiam seriam da história e entrariam em fase de revolução doméstica.

A única esperança, para nós, no sentido de evitar a pior catástrofe da história, está no abandono do modo de pensar de acordo com os nossos desejos, e na percepção de que não devemos permitir que a Inglaterra perca a partida. A única possibilidade de os Estados Unidos evitarem a guerra está em pôr em relevo, no auxílio prestado à Grã-Bretanha, a unidade, a robustez, o a coordenação de recursos e da produção de armamentos, de que seriam capazes, se estivessem, de fato, em guerra.

Se se permitir que a "neutralidade" obstrua o caminho, na tomada de providências políticas, diplomáticas, propagandísticas, militares e industriais, necessários à preservação da nossa soberania, então será melhor abandoná-la. Em todo o caso, será muito mais lógico não proceder assim. Porque ainda é possível ganhar a guerra, sem entrar nela.

E não deverá haver paz com exceção de uma paz que dê a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, juntos, uma posição mais forte, perante o mundo. Esta é a única alternativa contra a possibilidade de capitulação de todas, perante o Eixo, e de sua integração nesse mesmo bloco, de acordo com a vontade dos totalitários — e de suas exclusivas imposições".

[DOROTHY THOMPSON, New York Herald Tribune, Nova York, 28 de Novembro de 1940].



A produção norte-americana está aturando o agressor.

[The New York Times, Nova York].

Inteligência, Ano VII, nº 75, p. 43, mar. 1941.

A esta altura, os editores pareciam deixar claro que os Estados Unidos respondiam aos apelos feitos pelos britânicos que, desde 1940, pediam ajuda à nações da América.. Os discursos do Primeiro Ministro Winston Churchill elucidavam esta situação, tendo uma de suas mais famosas alocuções sido concluída afirmando que em

caso extremo o Novo Mundo viria em socorro ao Velho.²⁸⁶ Uma das imagens publicadas em *Inteligência* parece demonstrar ao leitor os resultados do auxílio por ele requerido.

Inteligência
Mensário da opinião mundial

Mikado desejam que os esforços se concentrem no sentido de concluir-se a guerra na China; outros preferem novas aventuras, em direção ao sul. Ao que parece, os dois grupos concordam nestes três pontos:

1.º — Se o canal de Suez coir em mãos dos alemães, então o dilema estará resolvido; será preciso que os japoneses desçam para o sul. 2.º — As melhores tropas do Mikado — a Divisão Konoie, da Guarda Imperial, e a "Sempre Vitoriosa Quinta Divisão" — — força de elite que diz ter uma série ininterrupta de vitórias, que data dos tempos da guerra russo-japonesa — deveriam estacionar na Indo-China; dali, poderiam saltar para o norte, afim de cortar a estrada da Birmânia, ou para o sul, com o propósito de assaltar Singapura. 3.º — É importante, em qualquer hipótese, perturbar ou eliminar o tráfico de armas dos chineses, pela costa Sul da China, por meio de incursões. Em começos de Junho, três destas incursões se lavaram a efeito, perto de Ningpó, de Fuchou e de Cantão.

O homem em torno do qual se debate o dilema da marcha para o sul ou da marcha para o norte, é o chefe de estado-maior japonês, tenente-general Seichiro Itagaqui, que deverá aposentar-se em Agosto deste ano. Diz-se que este general pensa lançar uma grande e magistral campanha, destinada a pôr fim à guerra com a China, antes de se aposentar. O homem que obtivesse êxito, numa tarefa desta envergadura, seria considerado semi-deus no Japão.

O meio mais seguro, para os japoneses derrotarem a China, seria tomarem Chung-King. O ataque frontal, por sobre os cadáveres dos soldados do

general Chen, e a marcha pelos gargantas traiçoeiras do rio Iangtze, seria o meio mais áspero de se levar avante tal empreendimento. Mais fácil seriam o ataque contra a estrada da Birmânia e a avançada para o sul, contra a frente da Chensi, num titânico movimento de pinça. Mas, nenhuma destas iniciativas tem possibilidade de ser tomada a peito imediatamente.

A maior das batalhas da guerra da China, este ano, provou que o sonho do general Itagaqui não passa de bolha de sabão, a menos que Tóquio se resolva a lançar maior quantidade de homens no campo da luta. Os japoneses, tentando um avanço para o sul, através do rio Amarelo, conseguiram dividir em duas partes a frente chinesa, acima do rio, e estabelecer serviços de navegação militar no mesmo rio. Os japoneses esperavam, a seguir, marchar para leste ou oeste, cercar e esmagar estas duas metades. Mas, os chineses



O auxílio norte-americano
(The New York Times, Nova York)

²⁸⁶ Em sua fala ao Parlamento Britânico, no dia 04 de junho de 1940, o Primeiro Ministro, diante da possibilidade da vitória alemã na guerra contra a França, afirmou: "Muito embora grandes pedaços da Europa e muitas nações antigas e famosas tenham caído ou venham a cair sob o jugo da Gestapo e de todo o odioso aparato da dominação nazista, não esmoreceremos nem fracassaremos. Vamos até o fim. Combateremos na França, combateremos nos mares e oceanos, combateremos com confiança crescente e força crescente no ar. Defenderemos nossa ilha, ao custo que for. Lutaremos nas praias, lutaremos nas pistas de pouso, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas montanhas; *we shall never surrender*; e ainda que, coisa em que não creio por um só momento, esta ilha ou grande parte dela fique subjugada e faminta, então, nosso Império além dos mares, armado e protegido pela esquadra inglesa, prosseguirá na luta, até que, quando a Deus aprouver, o Novo Mundo, com toda a sua força e poder, venha para o resgate e a libertação do Velho", In: CHURCHILL, Winston. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 319.

A análise do conjunto do material textual e iconográfico dedicada aos Estados Unidos permite afirmar que houve, nesta segunda fase da publicação, dois momentos distintos. Durante os anos de 1938 e 1939, texto e imagem eram, propositadamente, contrapostos, sendo a caricatura da política internacional utilizada como arma para ressignificar o conteúdo.

Após 1939 e até a venda do mensário, percebe-se a articulação, cada vez maior, entre a iconografia e os artigos selecionados. Tal fato foi responsável pela alteração sofrida nas representações construídas acerca daquela nação ao longo do tempo. Estas modificações na estratégia discursiva operada pelos editores de *Inteligência* vinculavam-se às profundas mudanças ocorridas no Brasil e no cenário internacional. Para melhor compreendê-las, faz-se necessário uma ulterior explanação.

3.2. O Brasil em perspectiva

A ideia de lançar, no mercado de bens culturais impressos, uma revista que tratasse dos temas brasileiros nunca deixou de estar na mira dos editores de *Inteligência*. Em 1935, ano do seu lançamento, Mario Gracioti publicou um anúncio sobre o lançamento de *Brasília: mensário da opinião nacional*. Tal projeto não vingou em virtude da iniciativa integralista que culminou no lançamento de *Panorama: coletânea mensal do pensamento novo*, revista que foi publicada entre janeiro de 1936 e meados do ano seguinte.

Após novembro de 1937, data do golpe que instaurou o Estado Novo, os editores da revista souberam dialogar com a ditadura, porque antes mesmo que o golpe fosse deflagrado, criara concursos que premiavam as obras mais nacionalistas, tendo por jurados os artistas do Salão de Belas Artes de São Paulo. Assim, as temáticas selecionadas da mídia internacional e a crítica às democracias não distanciavam o periódico dos valores abraçados pelo poder.

Concurso de traduções da revista

INTELIGÊNCIA

Consequente com as suas finalidades de ordem cultural, o mensário "Inteligência", que já instituiu o prêmio "Inteligência", do valor de 3.000\$000, em pintura, escultura e arquitetura, para a obra de arte que melhor com o autoconhecimento apresentar, premiada anualmente pelo João Paulino de Belas Artes, desejando estimular o aperfeiçoamento do nosso idioma e o estudo das principais línguas estrangeiras, resolve instituir concursos de traduções entre estudantes de qualquer categoria, concursos esses que obedecerão nas seguintes disposições:

Art. 1.º — A revista *Inteligência* publicará a partir do próximo mês de Março de 1937, um artigo em idioma estrangeiro (alemão, francês, italiano ou inglês, etc.), transcrito de autorizadas publicações;

Art. 2.º — O estudante interessado no concurso deverá traduzir o artigo para o português (de preferência na ortografia fonética), assinando-o com pseudônimo e enviando-o à redação de *Inteligência*. O artigo deverá vir acompanhado do cupom impresso na página que estampar o artigo a ser traduzido. O concorrente deverá, também, enviar junto com o artigo, num pequeno envelope fechado, o seu nome, endereço, escola que frequenta, pseudônimo usado na tradução;

Art. 3.º — Cada artigo a traduzir será inscrito na revista *Inteligência*, introduzindo-se propositalmente, até três erros, de sentido ou de construção gramatical para dar ensejo à discussão e desenvolver o senso crítico do estudante;

Art. 4.º — Nestes concursos poderão tomar parte alunos de qualquer estabelecimento de ensino, público ou particular, do Brasil, (escolas de comércio, escolas normais, ginásios, cursos secundários, superiores, etc.);

INTELIGÊNCIA

Mensário de opinião mundial

Art. 5.º — As traduções serão imparcialmente julgadas pela redação de *Inteligência* e classificadas em 5 ou 10 primeiros lugares;

Art. 6.º — A tradução classificada em 1.º lugar será publicada na revista, com a citação do nome, endereço do tradutor e escola que cursa. Ao concorrente assim classificado será concedido um prêmio-estímulo de 50\$000 e uma assinatura anual grátis de *Inteligência*;

Art. 7.º — As traduções classificadas, respectivamente, em 2.º a 5.º lugares, receberão os seguintes prêmios:

- ao 2.º lugar, uma assinatura anual grátis de *Inteligência*;
- aos outros classificados será concedido, a cada um, um livro de sua escolha da coleção *Brasiliense*, da Companhia Editora Nacional.

Art. 8.º — Para classificação dos artigos 6.º e 7.º serão levados em consideração os seguintes factores:

- fidelidade ao texto original;
- precisão e elegância na reprodução do pensamento original;
- pureza da linguagem;
- condições materiais da apresentação (papel alíneo, boa dactilografia, etc.).

Art. 9.º — 56 serão abertos os envelopes das traduções classificadas, inutilizando-se os outros, após o encerramento de cada concurso.

Art. 10.º — Qualquer inobservância destas disposições anulará a inscrição do concorrente.

Art. 11.º — O prazo para entrega das traduções terminará sempre 60 dias após a publicação do artigo a traduzir e o resultado será publicado no mês subsequente ao encerramento do concurso.

Inteligência, Ano III, nº 26, p. 114-115, fev. 1937.

INTELIGÊNCIA

Mensário de opinião mundial

Concurso de traducções

Concurso n.º 1

PERSONALITY

We recognize personality when we see it, but find it hard to define. A man or woman with a striking personality enters a room, and at once the atmosphere is electrified. It may be the voice, the eyes, a shock of hair, a toss of the head, the speech or the gesture — all combined, or some of them — that make a Presence, and everyone in the room is involuntarily dominated by her. Everything appears different; the lights seem to have gone up; expectancy is in every mind, and we feel that anything may happen.

Great preachers are great mainly because of their personality. Learned or unlearned they may be, but they have the power of throwing their personality with their message far beyond the pulpit, until every listener is literally held by it.

Statesmen, professors, and lawyers may be impressively dull, unless they have also personality. But, possessing that, they are able to arrest any audience and play upon it as one may play on an instrument. It is the indispensable gift of the reformer, the bare teacher, the great leader of men.

But we likewise come under the hypnotism of personality in humbler men and women. We catch it in an expression, a touch, or a word that wins, a gleam of the eye or a shy lift, just as surely as by beauty, strength of character, the exercise of will, or a sympathy that overflows. Personality is limited to no particular station in life, and is as common among the workers and the poor as it is among the well-to-do and the cultured.

Personality is something invisible, intangible, and imponderable, and yet as real as the soul, and as vital as the spirit. It is not a halo round the head, but an odour thrown out from the whole being. It is not identical with character; it transcends it. Character, which is but the result of continued habit, may be good or bad. A person may be a glorious saint and have also an impressive personality. But, equally, personality may be absent from the good.

A man may be a devil incarnate, a blustering bully, or a woman a termagant or an amazon, and, as such, have a personality which, once encountered, none can forget. On the other hand, people may be only sordidly wicked, wantonly cruel, and evilly dull, with not a spark of personality to redeem the sombreness of character.

There is also the person of "dubious personality," neither hot nor cold. Such a one is nearly the negation of a personality. These are the very ordinary

INTELIGÊNCIA

Mensário de opinião mundial

people whom we pass by, because they have nothing with which to draw or repel.

Is one's personality static? Does our personality, once acquired, remain as fixed and unchangeable part of our identity? We may be born with a certain type of disposition, phlegmatic or enthusiastic, but heredity may be overcome by environment and the impact of life's happenings. Indeed, an individual may be entirely unaware of possessing personality; or, to observers' eyes, his personality may seem quite other than he thinks.

Nor can an individual set out with fixed intention to acquire or develop his personality. If he does, the results may be totally unexpected, for such personality as he may have had may disappear, like a soap-bubble at the touch of a hand; or the personality he tries to force may become mere eccentricity and an unattractive collection of foibles.

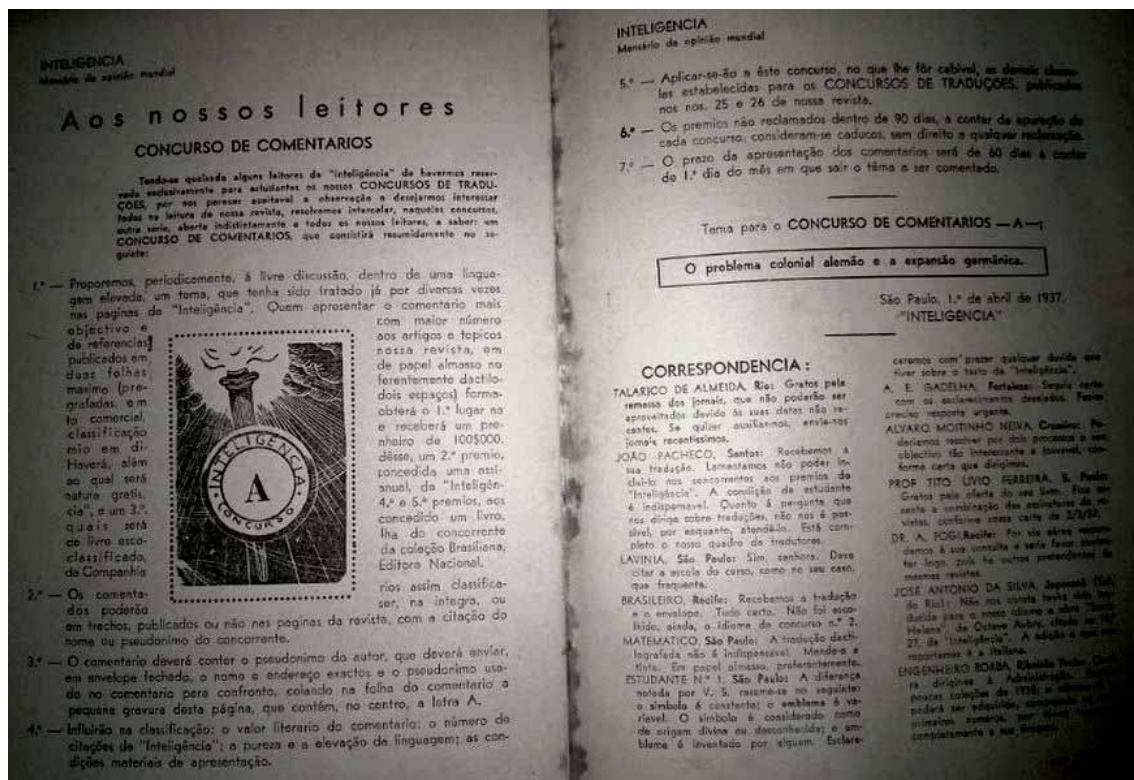
Life's environment and circumstance may, no doubt, have their effect on personality. Hardship may evoke it; ease and luxury may stifle it; yet both may be powerless to deflect its steady growth. Undoubtedly, personality develops with the years, in some fast and in others slowly. It is impossible to forecast what will evolve personality. It may be some line of study; some form of hero-worship, one personality igniting another; or some of life's richest experiences — love, patriotism, a burning indignation. Latent qualities all unsuspected may appear in a emergency where resourcefulness and leadership are called for, or in a flame of grief when sympathy and courage are needed. At such a moment, a man or a woman may step forward out of the ranks, tower in strength above the others, and may render untold sacrifice or service.

(JAMES SCOTT, *Chamber's Journal*,
Edinburg, December de 1936.)

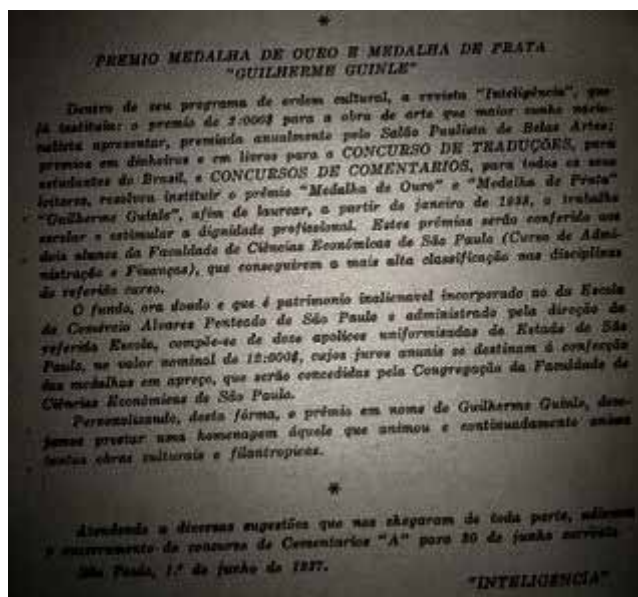
Leia atentamente, para observá-las, as condições básicas das Concursos de "Inteligência", nos n.ºs 25 e 26. Recolha a pequena gravura desta página a colar na folha de tradução a enviar.

Não se esqueça de que neste trecho podem existir até três erros gramaticais que deverão ser assinalados na versão.

Inteligência, Ano III, nº 27, p. 114-115, mar. 1937.



Inteligência, Ano III, nº 28, p. 114-115, abr. 1937.



Inteligência, Ano III, nº 30, p. 116, jun. 1937. Guilherme Guinle homenageado.

Depois de maio de 1938, quando os integralistas, aliados dos liberais,²⁸⁷ tentaram dar um golpe contra Getúlio Vargas, Mário Graciotti apesar de ligado ao movimento, permaneceu ocupando seu posto na Assistência Social do Estado, sem admoestações por parte da polícia estadonovista. Todavia, a manutenção de temáticas que defendiam a visão de mundo totalitária passou a ser alvo de críticos, que tomavam

²⁸⁷ Cf. CARONE, Edgar. *Op. cit.*, p. 269.

Inteligência como órgão político. As críticas valeram um longo editorial, publicado em maio daquele ano:

Aos nossos leitores

Embora não seja necessário, pois os leitores de "Inteligência" há quasi cinco anos nos acompanham, mês a mês, nesta jornada de cultura dignificante, que possibilita, por preços mínimos, o enriquecimento do patrimônio cultural e espiritual de cada brasileiro, somos obrigados a protestar veementemente contra notícias tendenciosas, veiculadas por alguns órgãos do Rio e transcritas, a pagamento, em outros jornais do País, atribuindo à "Inteligência" atividades intelectuais e mesmo políticas que ela, em absoluto, não tem. Pelo absurdo das notícias, pela infâmia das alegações, que partem, naturalmente, de alguns concorrentes fracassados, aos quais a nossa revista faz inveja pela decência e asseio com que se apresenta, características que a impuseram, nos meios intelectuais do Brasil e nos povos onde se fala o nosso idioma, como Portugal e África portuguesa, nada é consistente nêsse terreno de atribuir-nos uma pseudo atividade político-partidária.

Somos, e o declaramos sempre, veículo de cultura, que nasceu de um escopo honesto de favorecer, num terreno elevado, o debate de alguns dos imensos problemas que agitam o mundo de hoje. Submetida a rigoroso e espontâneo policiamento redacional, e ao "visto" da Censura Governamental do Estado, todas as nossas transcrições têm um cunho de UTILIDADE, ATUALIDADE, AUTENTICIDADE, IMPARCIALIDADE, de que as nossas dezenas de milhares de assinantes e leitores, onde se encontram figuras das mais respeitabilíssimas da magistratura, forças armadas, profissões liberais, clero, associações culturais do Brasil, são testemunhas insofismáveis. Os 52 números mensais de "Inteligência", já publicados, tornam nossa revista, sem favor algum, em nosso idioma, uma verdadeira enciclopédia dos tempos presentes, onde se espelha, não o debate acalorado e perturbador das vozes apaixonadas, mas o depoimento daqueles que estudam, com isenção de ânimo, a marcha do pensamento humano nas questões de interesse geral para o Brasil.

Constituída em Editora, antes de mais nada, lançamos, há um ano "Viver!" — Mensário de Saúde, Força e Beleza, a PRIMEIRA e ÚNICA revista brasileira, dedicada a assuntos de higiene, educação física e eugenia, que conta com as mais autorizadas colaborações nacionais e estrangeiras e que inscreve, como ponto capital de seu programa, ajudar a formar uma consciência sa-

Inteligência

Mensário de opinião mundial

nitária no País, afim de preparar as gerações atuais à conquista de um Brasil maior.

Bitolando as nossas atividades culturais pelo critério redacional de "Inteligência", que é um mensário de opinião mundial, registramos na repartição competente o título de uma nova revista "Brasília — Mensário da opinião nacional", que procurará tornar conhecido o Brasil aos brasileiros de norte a sul.

Além dessas iniciativas, que já representam um ativo digno de apreço, instituímos, já há tres anos, prêmios para as obras de arte que maior cunho nacionalista apresentarem, premiadas anualmente pelo Salão Paulista de Belas Artes, em escultura, arquitetura e pintura; fizemos concursos de traduções, para estimular a aprendizagem de línguas estrangeiras e aperfeiçoar o nosso próprio idioma, com prêmios em dinheiro e em livros, escolhidos estes da Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional, que é um repositório da história e da cultura do Brasil; fizemos concursos dos dez mandamentos de saúde, que obtiveram larga aceitação em todo o País; instituímos medalhas de ouro, "Guilherme Guinle", em homenagem ao grande filântropo brasileiro, a serem conferidas, anualmente, aos melhores alunos do Curso Superior de Economia e Finanças da Escola Álvares Penteado; realizamos, permanentemente, sem fito do lucro, compras de livros nacionais e estrangeiros para os nossos assinantes.

Tudo isso, porém, é catalogado, apenas para demonstrar, a quem não nos conhece, o que tem sido "INTELIGENCIA EDITORA". Sobre o que é, basta ler as nossas publicações.

*

Procurando realmente servir o Brasil, não no terreno das coisas mundanas, que são valores efêmeros, "Inteligência" e "Viver!", cada uma no seu setor, realizam milagres, oferecidas como são a preços mínimos. Sentimos, porém, que somos compreendidos e que, fóra de qualquer outra recompensa material, a que nunca aspiramos, recebemos, dia a dia, recompensas morais, que tanto nos penhoram. Embora não constituam as nossas revistas obras marcantes no panorama da Nação, percebemos que alguma parcela é nossa nesse trabalho insano, a que as gerações presentes se devotam, de manter bem altas as tradições de cultura, dignidade e grandeza da nossa terra e da nossa gente.

São Paulo, 1.º de Maio de 1939.

INTELIGENCIA EDITORA LIMITADA

Inteligência, Ano V, nº 53, p. 19-20, maio 1939.

Dentre outros argumentos, os editores lembraram que foram

(...) obrigados a protestar veementemente contra notícias tendenciosas, veiculadas por alguns órgãos do Rio e transcritas, a pagamento, em outros jornais do país, atribuindo à 'Inteligência' atividades intelectuais e mesmo políticas que ela, em absoluto, não tem. Pelo absurdo das notícias, pela infâmia das alegações, que partem, naturalmente, de alguns concorrentes fracassados, aos quais a nossa revista faz inveja pela decência e asseio com que se apresenta, características que a impuseram, nos meios intelectuais do Brasil e nos povos

onde se fala o nosso idioma,, como Portugal e África Portuguesa, nada é consistente nesse terreno de atribuir-nos uma pseudo atividade político-partidária.²⁸⁸

Após declarar que o mensário era um “veículo de cultura”, os editores valeram-se das atividades desenvolvidas ao longo do tempo para justificar a ideia de que a revista respondia somente às elevadas questões do espírito. Para tanto, elencaram todas as premiações e campanhas culturais que promoveram:

(...) instituímos, já há três anos, prêmios para as obras de artes que maior cunho nacionalista apresentarem, premiadas anualmente pelo Salão Paulista de Belas Artes, em escultura, arquitetura e pintura; fizemos concursos de traduções, para estimular a aprendizagem de línguas estrangeiras e aperfeiçoar o nosso próprio idioma, com prêmios em dinheiro e em livros, escolhidos estes da Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional, que é um repositório da história e da cultura do Brasil; fizemos concursos dos dez mandamentos de saúde, que obtiveram larga aceitação em todo o País; instituímos medalhas de ouro, ‘Guilherme Guinle’, em homenagem ao grande filantropo brasileiro, a serem conferidas, anualmente, aos melhores alunos do Curso Superior de Economia e Finanças da Escola Álvares Penteado; realizamos, permanentemente, sem fito de lucro, compras de livros nacionais e estrangeiros para os nossos assinantes.²⁸⁹

O denodado esforço para se defenderem das acusações permite inferir que elas foram muitas e contundentes. O ano de 1939 foi importante para Samuel Ribeiro, com destaque para a inauguração, em setembro, do prédio da Caixa Econômica Federal, na Praça de Sé, amplamente divulgado pela imprensa.



Revista da Semana, p. 33, set, 1939.

²⁸⁸ *Inteligência*, Ano V, nº 53, p. 19, maio 1939.

²⁸⁹ Idem, p. 20. Na longa defesa preparada pelos editores do mensário, houve ainda espaço para descrever *Brasília*: “(...) mensário da opinião nacional, que procurará tornar conhecido o Brasil aos brasileiros de norte a sul”.



Revista da Semana, p. 45, set, 1939.



Revista da Semana, p. 45, set, 1939.

As reportagens enfatizaram a presença de Vargas, que veio a São Paulo para a inauguração e que se hospedou na casa de Samuel Ribeiro, genro de Guilherme Guinle, àquela altura, vice-presidente do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda.²⁹⁰ A revista respondeu, neste período, aos interesses econômicos do círculo detentor do poder econômico, consubstanciado na família Guinle.

Nesta fase da publicação, os assuntos referentes à esfera econômica ocupavam cada vez mais espaço, com destaque para as iniciativas da ditadura varguista, que se

²⁹⁰ [Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001,. Acesso em 18 abr. 2013.

esforçava para fechar um acordo com os americanos em áreas estratégicas para o país.²⁹¹ Enquanto na primeira fase os artigos tratavam dos resultados obtidos pelo Brasil no campo das finanças e da produção, nesta etapa, esteve em foco a figura do ministro Oswaldo Aranha e de Guilherme Guinle, cunhado do proprietário de *Inteligência*, que foi enviado aos Estados Unidos para concluir um acordo que visava a construção de uma usina siderúrgica no país, essencial para a formação de um parque industrial.

Em junho de 1939, um dos textos publicados por *Inteligência* comentava a viagem de Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, a Washington, que tinha por finalidade negociar benefícios econômicos para o governo brasileiro. A empreitada foi muito criticada pelos defensores de maior aproximação com a Alemanha em virtude da ausência de resultados concretos.²⁹² Ao entrar neste debate, os editores do mensário defendiam os interesses governamentais na esfera econômica, postura que não sofreu alteração, desde 1935. O artigo, extraído do *Boletim da União Pan-Americana* destacava:

(...) durante a permanência do Dr. Oswaldo Aranha nos Estados Unidos, realizou-se uma série de conferências para a troca de ideias sobre diversos assuntos de interesse mútuo entre o Ministro, os altos funcionários e técnicos do Governo brasileiro, que vieram em sua companhia, e altos funcionários do Governo norte-americano. Durante essas conversações, foi cuidadosamente examinado o terreno de possível colaboração, tendo sido tomadas importantes deliberações sobre matérias transcendentais para uma colaboração mutuamente proveitosa.²⁹³

²⁹¹ Não se pode esquecer que a guerra viria alterar os principais parceiros brasileiros no que se referia ao comércio exterior. Nesse sentido, a Alemanha que tinha tomado a dianteira como maior parceira comercial do Brasil em 1938, perdeu lugar devido ao bloqueio do Oceano Atlântico pelos britânicos. De acordo com CARONE, Edgar. *Op. Cit.*, p. 31: “(...) A Alemanha e a Itália, fora outros países do continente europeu, diminuem ou paralisam totalmente as compras. O impasse se traduz em novas quedas de exportação em 1941 e 1942, o que obriga as autoridades a aceitarem os Acordos de Washington, em que cada país da América obtém uma cota de café no mercado americano, no momento, por preços mais compensativos”.

²⁹² *Getúlio Vargas: Diário. 1937-1942*. Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 206, anotou: “Quase fracassou a Missão Oswaldo, porque este pretendia um compromisso do governo brasileiro de retomar o pagamento das dívidas, e eu me recusava a assumir tal compromisso, não só pela incerteza de poder cumpri-lo, como pela repercussão política do ato no Brasil. O Ministro da Fazenda passou o dia em Petrópolis em contínuas conferências telefônicas com Washington, até encontrarem uma fórmula de declaração que constituía uma promessa, sem importar propriamente num compromisso”.

²⁹³ *Inteligência*, Ano V, nº 54, p. 66, jun. 1939. Além do Ministro, foram aos Estados Unidos, “o diretor do DASP, Luís Simões Lopes, do diretor do Banco do Brasil, Marcos de Sousa Dantas, e dos diplomatas Carlos Muniz e Sérgio de Lima e Silva, a missão manteve diversas conversações com autoridades norte-americanas entre os meses de janeiro e março. Como resultado, Brasil e Estados Unidos assinaram uma série de cinco acordos que estabeleciam a concessão de um crédito de US\$ 50 milhões para auxiliar a criação de um Banco Central brasileiro; a concessão de um empréstimo de US\$ 19,2 milhões do Eximbank para a liquidação de atrasados comerciais e a reativação do intercâmbio comercial entre os dois países; o compromisso desse mesmo banco de financiar vendas norte-americanas para o Brasil com prazos de pagamento e juros favorecidos, e a promessa do governo Roosevelt de facilitar a formação de companhias de desenvolvimento, com capitais americanos e brasileiros, destinadas à industrialização de

A esta altura, já era nítido que havia dois campos distintos no interior do governo: de um lado, Oswaldo Aranha, americanófilo, defensor de uma aproximação com os Estados Unidos, e, de outro, os germanófilos, presentes principalmente nas corporações militares, cujos representantes de maior destaque eram o General Eurico Gaspar Dutra e o chefe da polícia, Filinto Muller.²⁹⁴

Uma das principais características do mensário durante a primeira fase de circulação, entre janeiro de 1935 e junho de 1938, foi a defesa dos interesses italianos na esfera internacional. Esta postura permaneceu em alguns textos e foi mais nítida nas caricaturas da política internacional. Nos primeiros números da segunda fase, alguns artigos defenderam o *Lebensraum* italiano, descrito da seguinte maneira:

(...) espaço vital não significa para a Itália somente espaço colonial. É espaço político, é o Mediterrâneo, que é o caminho marítimo, através do qual a Itália se comunica com o mundo. O Mediterrâneo é para a Itália o que o ar é para uma pessoa encerrada num quarto. (...) *Não se confunda a teoria italiana do espaço vital, nem tampouco a germânica com a teoria imperialística tradicional, ligada aos fastos do capitalismo plutocrático. O imperialismo da Itália fascista e da Alemanha nazista não é o imperialismo dos financistas... Nos seus 'espaços vitais', esses dois povos procuram inverter capitais, porque os seus capitais tem um só nome: trabalho, gênio criador, direito à vida.*²⁹⁵

Após a invasão da Polônia, os artigos selecionados tinham por finalidade justificar a neutralidade italiana, além de celebrar a nação dirigida por Mussolini como guia para o futuro da Europa e da humanidade, que deveria mirar-la como paradigma político contemporâneo. Um dos textos compulsados pelos editores da revista insistia neste argumento, afirmando que frente a uma Europa convulsionada pela guerra

(...) esta nação vigilante é a âncora de salvação da Europa, núcleo fatal de forças que, na possível desintegração da Europa, poderá e deverá constituir o ponto de

matérias-primas brasileiras. Em contrapartida, o governo brasileiro assumiu o compromisso de liberar o mercado de câmbio para as transações comerciais, facilitar a transferência de lucros de capitais norte-americanos aplicados no Brasil e retomar o pagamento da dívida externa”, In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EstadoEconomia/Missaoranha>, acesso em 20, mar. 2014.

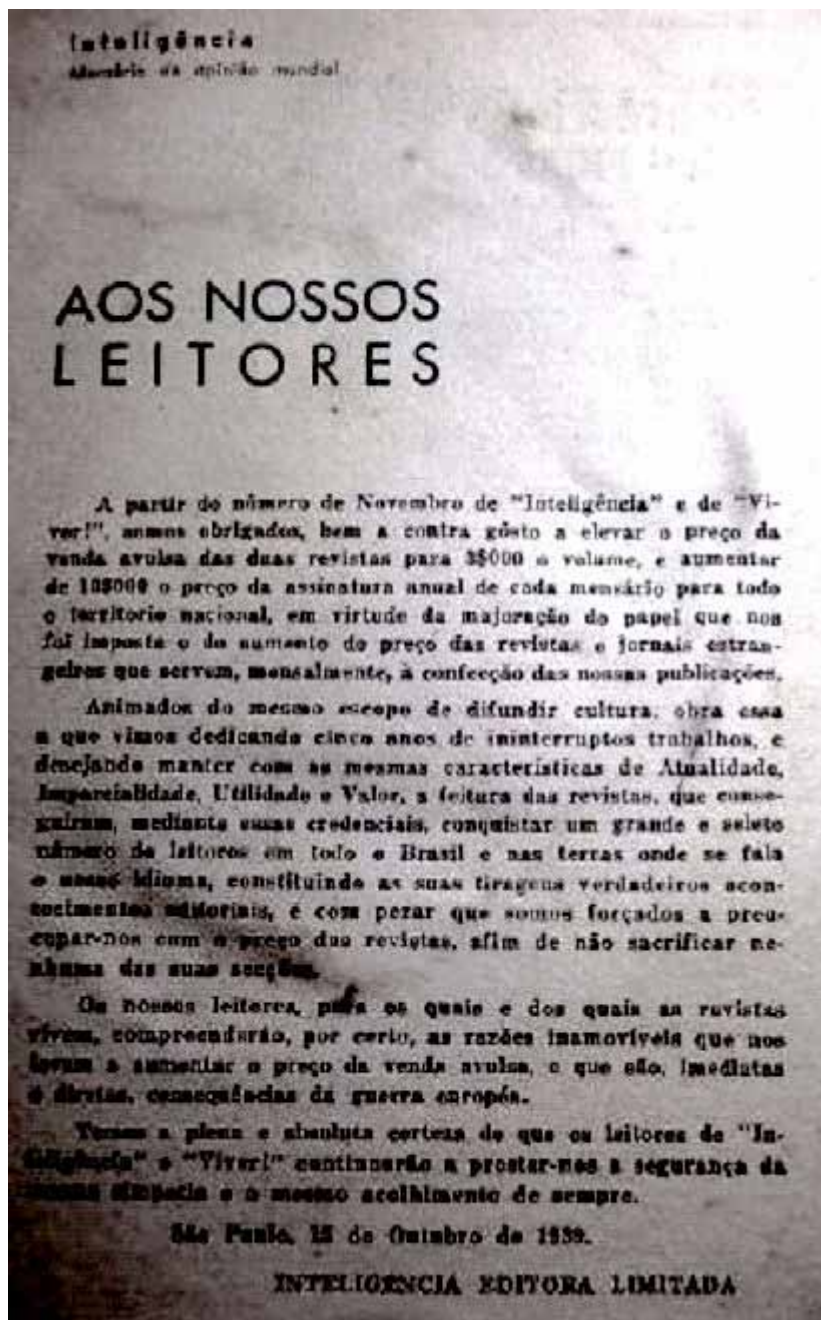
²⁹⁴ De acordo com CARONE, Edgar. *Op. cit.*, p. 213: “em boa parte, Getúlio Vargas, Filinto Muller, Oswaldo Aranha e Francisco Campos giram em torno da problemática mundial e o reforço de uns e outros, isto é, das tendências direitista ou liberal, depende da problemática mundial, que se reflete internamente e leva a hegemonia ou ocaso de uma delas. No entanto, dependência dos fatores externos, não significa falta de autonomia interna, mas demonstra a inter-relação entre os dois fatores, que é básica neste momento histórico brasileiro”, *Op. cit.*, p. 264. Em seus diários, Getúlio Vargas escreveu sobre o clima de animosidade entre seus ministros da Justiça (Francisco Campos) e do Exterior (Oswaldo Aranha). Para ele, “Observei acentuada má vontade do ministro da Justiça para com o seu colega do Exterior. Eu supunha antes que a prevenção era somente do segundo para com o primeiro. Verifico que é recíproca, e não é só prevenção, é hostilidade.

²⁹⁵ *Inteligência*, Ano V, nº 55, p. 48, jul. 1939, grifo nosso.

partida de uma renovação européia, impedindo que o continente pereça, submerso pela onda do seu próprio esgotamento. (...) É preciso que se fale bem claro aos europeus: - será o fim, a sujeição, o desaparecimento do continente – se a Europa não se lançar, imediatamente à obra de colonização e civilização de todo o continente africano. *‘Africa te teno’ – o velho grito de Roma – deve ecoar, de novo, nos limites da Europa, se esta não quiser ficar na condição de última entre as potências mundiais. Trata-se de realidade já agora irrefutável, que só os cegos e os inconscientes podem deixar de ver e ouvir. Uma Europa que se prolongue na África será uma Europa novamente forte, e, talvez, mais forte do que antes. A Europa unida à África, uma Europa que consiga realizar a Euráfrica, será uma Europa poderosa como a Ásia e a América, depois que esses continentes hajam realizado a sua unidade.*²⁹⁶

Os reflexos da guerra sobre a revista foram imediatos, não somente em virtude da questão do papel de imprensa, que era importado e controlado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela análise e censura do material impresso publicado no Brasil. Somava-se a isso o fato de que *Inteligência* ser confeccionada a partir de matrizes internacionais que, diante da nova situação, enfrentavam dificuldades para chegar aos editores. Em novembro de 1939, um editorial explicava o leitor os fatores que levaram à elevação do preço do mensário.

²⁹⁶ *Inteligência*, Ano VI, nº 62, p. 24-6, fev. 1940, grifo nosso.



Inteligência, Ano V, nº 59, p. 11, nov. 1939.

Nele, lia-se:

A partir do número de Novembro de 'Inteligência' e de 'Viver!', somos obrigados, bem a contra gosto a elevar o preço da venda avulsa das duas revistas para 3\$000 o volume, e aumentar de 10\$000 o preço da assinatura anual de cada mensário para todo o território nacional, em virtude da majoração do papel que nos foi imposta e do aumento do preço das revistas e jornais estrangeiros que servem, mensalmente, à confecção das nossas publicações.²⁹⁷

²⁹⁷ *Inteligência*, Ano V, nº 59, p. 11, nov. 1939.

Na entrada do novo ano de 1940, os editores celebravam a marca de quase um milhão de volumes, oportunidade em que apresentaram as seguintes ilações:

(...) ao demais desse crédito, temos que registrar outro, que é o de ter despertado, no Brasil, o gosto por esse gênero de publicações, que tanto êxito encontram nos mais importantes centros intelectuais do mundo. Com tiragens sucessivas dignas de relevo, que são verdadeiros recordes editoriais, *os 61 volumes de 'Inteligência' alcançam quase um milhão de exemplares, que constituem, em nosso idioma, talvez, e única enciclopédia da evolução do pensamento humano neste último quinquênio.*²⁹⁸

A partir de 1940, a presença de temáticas brasileiras consolidou-se. *Inteligência* publicou discursos do presidente Getúlio Vargas e outros textos que, de certa forma, a inseriram no rol de publicações que faziam coro aos projetos estadonovistas. Pode-se afirmar que, nos últimos dois anos, o mensário editado por Mário Gracioti perdeu coerência e coesão, apresentando aos leitores uma justaposição de temas e ideias, num diapasão bem diverso do conjunto anterior. Não se pode desassociar esta modificação ocorrida nas páginas do mensário da situação vivida pela família de Samuel Ribeiro. Em março de 1940, Guilherme Guinle

(...) foi nomeado por Getúlio Vargas presidente da recém-criada Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional. Nesse posto, participou das negociações promovidas pelo governo brasileiro com vistas à obtenção de empréstimos no exterior que viabilizassem a concretização do referido plano.²⁹⁹

A entrada do Brasil nas páginas de *Inteligência* ocorreu de forma gradual ao longo de 1940 até tornar-se freqüente no ano seguinte. Os editores selecionaram, inicialmente, excertos de discursos presidenciais com o objetivo de expor as questões que preocupavam o país. No primeiro deles, destacava-se:

(...) com a grande siderurgia, fundiremos o aço para os nossos canhões e as chapas para os nossos navios. Faremos o material agrícola para lavrar as nossas terras, confeccionaremos os trilhos e locomotivas para as nossas estradas de ferro e fabricaremos os motores para acionar os braços mecânicos da indústria. O momento é propício. Estamos na manhã de um novo dia e é necessário que o aproveitemos, porque só assim poderá o Brasil entrar no rol das grandes potências pela estruturação das suas forças orgânicas e sob a base permanente das suas indústrias fundamentais, mas tranquilizando a todos porque será um fator de prosperidade e de paz.³⁰⁰

²⁹⁸ *Inteligência*, Ano VI, nº 61, p. 17-8, jan. 1940.

²⁹⁹ Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, acesso em 18 abr. 2013. A comissão era “diretamente subordinada à presidência da República”, criada por meio do decreto nº 2054, datado de 04 de março de 1940, In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>, acesso em 17 ago. 2013.

³⁰⁰ *Inteligência*, Ano VI, nº 62, p. 71, fev. 1940, grifo nosso.

As bases da política interna e externa, defendidas como essenciais para o desenvolvimento, foram delineadas nesta fala presidencial. De fato, a construção de uma usina siderúrgica e a aquisição de material para o Exército foram os dois maiores objetivos do Estado Novo. Ao afirmar que o momento era “propício”, Getúlio Vargas referia-se à conjuntura internacional que, a despeito da guerra, favorecia o Brasil. À primeira vista, o pronunciamento pode soar paradoxal: como o mundo conflagrado auxiliaria na construção de uma siderúrgica? Todavia, o presidente pretendia valer-se das rivalidades entre a Alemanha e os Estados Unidos, ambos desejosos em estabelecer sua hegemonia na América Latina, para obter os resultados desejados.

Os estudiosos deste período, ao avaliarem as estratégias elaboradas por Getúlio Vargas no que se referia à economia, intitularam a atitude presidencial como “eqüidistância pragmática” e “duplo jogo”, ou seja, ele utilizava as rivalidades internacionais para a realização das obras que julgava essenciais para o desenvolvimento brasileiro.³⁰¹ No mês que marcou a queda dos franceses diante da Alemanha, *Inteligência* publicou outro excerto de Getúlio, desta vez sobre a política trabalhista do Brasil:

(...) falando num momento como este, diante de uma multidão que vibra de exaltação patriótica, não posso deixar de pensar como os nossos governantes permaneceram, durante muito tempo, indiferentes à cooperação construtora das classes trabalhistas. Relegados a uma existência vegetativa, privados de direitos e afastados dos benefícios da civilização, da cultura e do conforto, os trabalhadores brasileiros nunca obtiveram, sob os governos eleitorais, a menor proteção, o mais elementar amparo. Para arrancar-lhes os votos, os políticos profissionais tinham de mantê-los desorganizados e sujeitos à vassalagem dos cabos eleitorais. (...) Embora deixados ao abandono, os nossos trabalhadores souberam resistir às influências malsãs dos semeadores de ódio, a serviço de velhas e novas ambições de poderio político, consagrados a envenenar o sentimento brasileiro de fraternidade com o exotismo das lutas de classe. O ambiente nacional tem reagido sadiamente contra esses agentes de perturbação e desordem. A propaganda insidiosa e dissolvente apenas impressionou os pobres de espírito e serviu para agitar os mal intencionados.³⁰²

A publicação dos textos presidenciais conferia um caráter quase oficial ao órgão de propriedade de Samuel Ribeiro. Em um regime como o estadonovista, tais atos representavam a manifestação das diretrizes que o governante determinava para o país.

³⁰¹ Cf. MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência. A política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 e GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo: Editora Símbolo, 1977.

³⁰² *Inteligência*, Ano VI, nº 66, p. 59-60, jun. 1940.

Na iminência da derrota francesa, ao discursar a bordo do *Minas Gerais*, Getúlio traçou um panorama dos regimes políticos que foi comemorado em Berlim e Roma e muito criticado nos Estados Unidos. O presidente dizia que chegara a vez dos regimes de força, vencedores nos campos de batalha, enquanto a época do liberalismo passara. A fala de Getúlio parecia uma provocação quando se recordava que, na noite anterior, Roosevelt proclamara auxílio à Inglaterra, última defensora dos regimes democráticos europeus.³⁰³

Ao saber dos efeitos que suas palavras produziram nos governos estrangeiros e mesmo dentro do país, o ditador preparou outra peça que, desta vez, foi alocada nas páginas do mensário, publicada em agosto de 1940:

(...) o regime de 10 de Novembro, sendo uma consequência do ajustamento e equilíbrio das nossas forças sociais, é também o que mais se adapta às circunstâncias da vida contemporânea. Foi bem claro, no pensamento e na forma, o meu discurso daquele dia memorável. *E não é com o comentário falseado e a publicação tendenciosa de frases isoladas que se pode interpretá-lo. Não volto atrás, não me retrato de nenhum dos conceitos emitidos. Antes, só tenho motivos para reafirmá-los integralmente.* As velhas raposas da politicagem, os boateiros contumazes, os descontentes incorrigíveis, falhos de dignidade cívica, e mesmo alguns espíritos de boa fé que pretendem agitar o ambiente não perceberam, talvez, que se prestavam à exploração dos agentes de perturbação internacional, pagos para fomentar dissídios, a serviço de ódios e objetivos inconfessáveis. É fácil de descobrir e identificar esses elementos nocivos entre os aproveitadores de todos os tempos, os preparadores de guerras, os sem-pátria, prontos a tudo negociar, e os que, tendo-a, não sabem defendê-la. Muitos deles, indesejáveis noutras partes, infiltraram-se clandestinamente no país com prejuízo das atividades honestas dos nacionais, e, abusando da nossa hospitalidade, fazem-se instrumento das maquinações e intrigas do financismo cosmopolita, voraz e sem escrúpulos.³⁰⁴

O formato adotado pelo mensário editado por Mario Gracioti permitia que os deslocamentos ganhassem maior ou menor força, quando republicados no mensário. Nesse caso, a dura resposta de Getúlio aos seus críticos, nacionais e estrangeiros, publicada em agosto, ganhava tons ainda mais realistas. Conquanto a guerra na Europa parecesse perdida para as nações do campo democrático, os “conceitos emitidos” a que

³⁰³ Em sua fala, o presidente dos Estados Unidos lembrava que, naquele momento, “não devemos vacilar em proclamar certas verdades. De maneira unânime, como Nação – e isto se pode aplicar às demais nações americanas – estamos convencidos de que uma vitória militar e naval dos deuses da força e do ódio, poria em perigo as instituições democráticas do mundo ocidental, e que, por isso, todas as nossas simpatias estão do lado das nações que estão dando seu sangue, na luta contra tais forças”, *O Estado de S. Paulo*, 11 jun. 1940, p. 02.

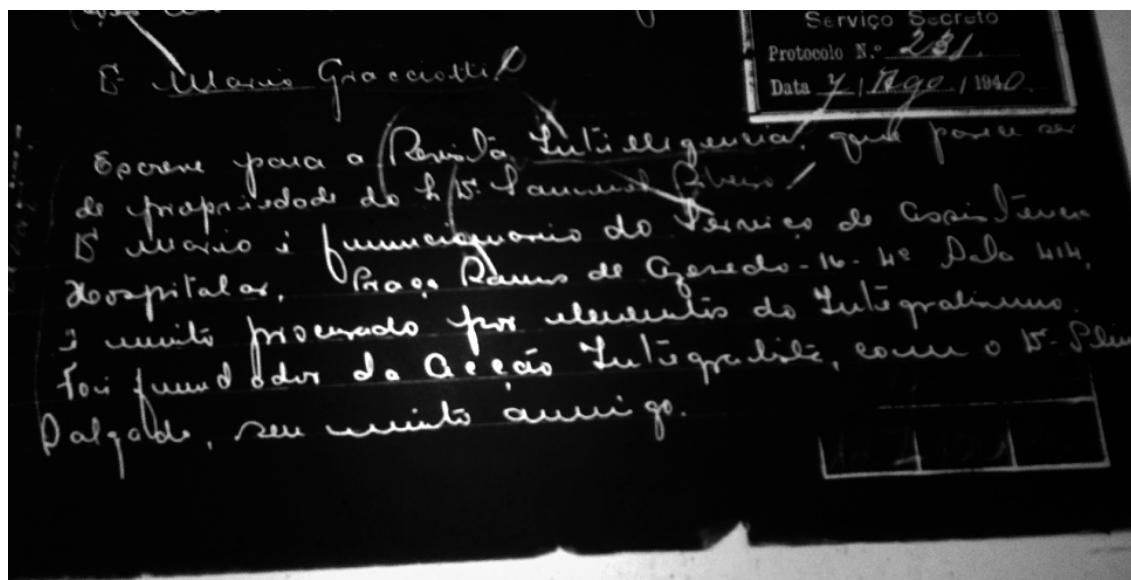
³⁰⁴ *Inteligência*, Ano VI, nº 68, p. 35-36, ago. 1940, grifo nosso.

se referia o presidente, não só foi validado pela derrota francesa como servia de alerta às demais nações.

Entre 1940 e 1941 houve uma profunda reorientação do governo brasileiro, em consequência das pressões norte-americanas. Assim, a polícia estadonovista iniciou uma detalhada e minuciosa busca acerca de elementos que pudessem comprovar quem seriam os dissidentes, os quais Getúlio citou no trecho final de sua tréplica, discurso que ganharia fôlego à medida que o regime caminhava para posicionar-se frente ao conflito.

Essas atividades policiais, que ocorreram em escala nacional e sem poupar nenhum elemento considerado potencialmente perigoso aos interesses do governante, culminaram na espionagem de diversos cidadãos. Ao compulsar os documentos produzidos pelos policiais, podem-se encontrar alguns vestígios dos procedimentos que envolveram o nome de Mário Graciotti nas investigações.

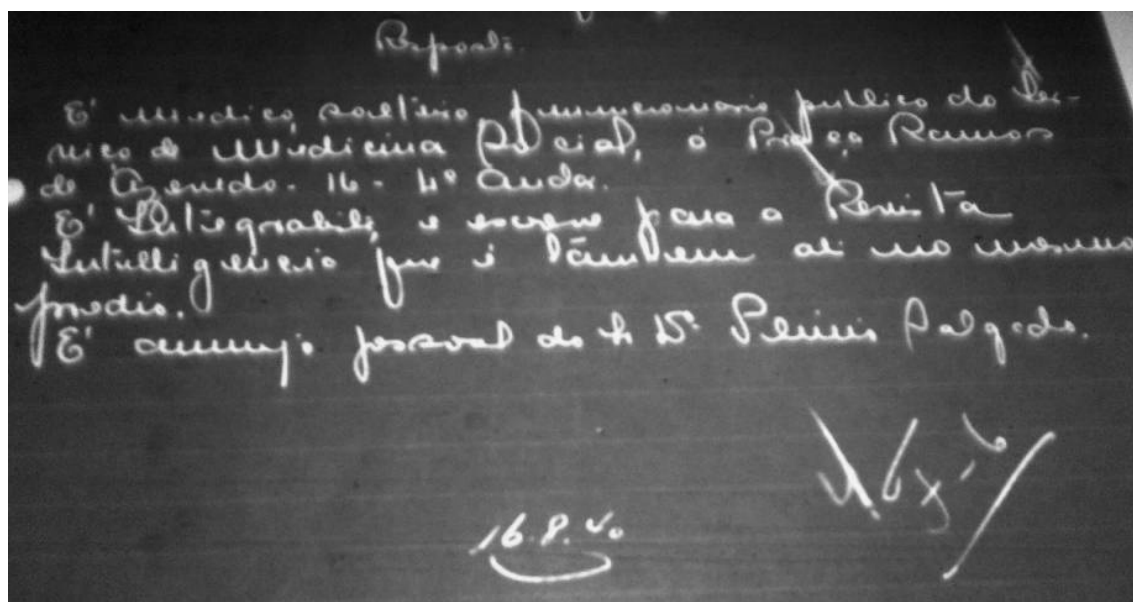
Nos arquivos do Serviço Secreto, havia dois relatórios sobre o editor do mensário. No primeiro deles, datado de sete de agosto de 1940, o agente da repressão descrevia: “S. Mário Graciotti. Escreve para a Revista Inteligência, que parece ser de propriedade do sr. Samuel Ribeiro. S. Mário é funcionário do Serviço de Assistência Hospitalar, Praça Ramos de Azevedo, 16, 4º, Sala 414, *é muito procurado por elementos do Integralismo. Foi fundador da Ação Integralista, com o sr. Plínio Salgado, seu muito amigo*”.³⁰⁵



Primeiro relatório sobre Mário Graciotti, Arquivo do Estado de S. Paulo.

³⁰⁵ Arquivo do Estado de S. Paulo, grifo nosso. Vale destacar que o casamento de Mário Graciotti com Eugenia Sereno, pseudônimo adotado por Benedicta Rezende, sobrinha do chefe dos integralistas, ocorreu em setembro de 1940. Para mais informações, ver: <http://escritorasdovaladeparaiba.blogspot.com.br/2012/01/eugenia-sereno.html>, acesso em 20 jul. 2013.

Na segunda oportunidade, o funcionário deveria “observar com segurança que faz o sr. Mario Graciotti”, o que gerou a seguinte anotação: “É médico, solteiro, funcionário público do Serviço de Medicina Social, à Praça Ramos de Azevedo, 16, 4º andar. É integralista, e escreve para a Revista Intelligência que é também no mesmo prédio. É amigo pessoal do sr. Plínio Salgado”.



Segundo relatório sobre Mário Graciotti, Arquivo do Estado de S. Paulo.

Os escritos engendrados pelos observadores que integravam a estrutura repressora criada pelo regime do Estado Novo permitem inferir que contra Mário Graciotti pesavam acusações que se referiam à proximidade dele com Plínio Salgado. Ambos os documentos apresentaram o editor da revista como amigo do líder do movimento e, mais grave, membro atuante do grupo, uma vez que recebia partidários da doutrina do Sigma no local em que trabalhava.³⁰⁶

³⁰⁶ A espionagem e as técnicas utilizadas pela polícia estadonovista atingiram inúmeras pessoas na cidade de São Paulo. Os documentos apontam que houve repressão, principalmente, contra os cidadãos que representavam os países que formavam o Eixo, Alemanha e Itália, os quais sofreram com perseguições e represálias. Um documento, datado de 1942, revela a situação dos italianos em São Paulo: “a proibição de falar italiano em lugares públicos (...) é considerada como a principal causa psicológica. O decreto do governo sobre finanças contra nacionais do Eixo. Rompimento atribuído à pressão norte-americana. Milhares de imigrantes italianos, os quais formam cerca de 40% da população da cidade (...) só podem falar sua língua dentro das suas casas. Prisões e agressões policiais contra italianos. O campo é muito favorável para os propagandistas do Eixo. Os Estados Unidos são considerados culpados de todos os acontecimentos desagradáveis ocorridos durante os últimos seis meses”, In: *Memorandum: motivos que causaram o desenvolvimento de sentimento pró-Eixo entre os italianos em São Paulo*. De Serafim Romualdi ao (dr.) Bruno Foa, diretor, Bureau of Latin American Research, 1714 Rhode Island Avenue, Washington, D. C, 07 de agosto de 1942.

Entre setembro e novembro de 1940, enquanto os editores coletavam material para tratar da guerra aérea travada nos céus de Londres entre a *Luftwaffe* e a *Royal Air Force*, notícias alocadas no mensário davam ao leitor o cronograma da atuação de Guilherme Guinle no exterior. A primeira nota, extraída do jornal norte-americano *The Wall Street Journal* comentava “com simpatia a chegada da missão brasileira, chefiada pelo sr. Guilherme Guinle, para estudo das possibilidades da instalação da indústria de aço no Brasil”.³⁰⁷

Na segunda, publicada em outubro, o artigo dava conta de que “fora aprovado em Washington o projeto que autoriza o aumento de capital do Banco de Importação e Exportação”.³⁰⁸ Esta notícia interessava aos brasileiros que negociavam com os Estados Unidos o financiamento da siderurgia nacional porque foi este banco o principal envolvido na liberação das verbas de que o Brasil necessitava.³⁰⁹

No mês de novembro, *Inteligência* publicou um texto no qual informava a conclusão do acordo do qual o Brasil necessitava: “O sr. Jene Jones, representante dos Estados Unidos e Guilherme Guinle, representante do Brasil, firmam um acordo relativo ao desenvolvimento da indústria siderúrgica no Brasil”.³¹⁰ Ao encerrar o ano, os editores do mensário publicaram um discurso de Vargas, dirigido aos trabalhadores do Brasil, no qual o presidente passava em revista os acontecimentos à época da celebração do aniversário do Estado Novo. Para ele, o regime que vigorava antes da Revolução de 1930,

(...) sob o rótulo de liberal, o regime não passava de uma oligarquia. Com o poder transmitido quase que por sucessão de família, os governos não tomavam conhecimento praticamente da vida pública. (...) O 10 de Novembro não teve vencedores nem vencidos. Não derramou uma gota de sangue brasileiro. (...) Hoje aqui estamos, 10 anos passados. E o vosso intérprete tomou a palavra para

³⁰⁷ *Inteligência*, Ano VI, nº 69, p. 64, set. 1940.

³⁰⁸ *Inteligência*, Ano VI, nº 70, p. 61, out. 1940.

³⁰⁹ Segundo CARONE, Edgar *Op. cit.*, p. 92, “diante da guerra, do perigo nazista, da necessidade de os Estados Unidos se afirmarem nas Américas e, também, por causa do espírito aberto de Franklin D. Roosevelt, o governo americano através do Export and Import Bank, empresta 20 milhões de dólares, que, com os 25 milhões brasileiros (setembro de 1940) forma o capital da CSN (janeiro de 1941). NETO, Lira. *Getúlio. Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo. 1930-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 387, afirmou que: “Com o objetivo de ganhar de vez o Catete para a causa aliada, os Estados Unidos ultimaram um generoso pacote de concessões econômicas e militares ao Brasil, discutidas pelos dois países em uma comissão mista de trabalho. Além do empréstimo destinado ao projeto siderúrgico, Roosevelt prometeu ampliar a compra de algodão nacional, estabelecer cotas favoráveis para o café brasileiro no mercado norte-americano e importar ao país toneladas de minérios considerados estratégicos em tempos de guerra, como manganês, níquel, bauxita e cromo. Por intermédio do chamado Lend-Lease Act – programa de ajuda de fornecimento de armas e suprimentos bélicos para as nações aliadas –, Washington se comprometia a remeter nada menos de 100 milhões de dólares em equipamentos bélicos para o Brasil”.

³¹⁰ *Inteligência*, Ano VI, nº 71, p. 55, nov. 1940.

declarar que o presidente cumpriu a promessa de candidato (Muito bem): (Palmas prolongadas); e a vossa presença é para aprovar esta atitude e para dizer que realmente assim foi.³¹¹

A partir das publicações que encerraram aquele ano, percebem-se os rumos que a nova política editorial da revista seguiu, uma vez que as possibilidades de Mario Gracioti e de seus colaboradores de selecionar textos e imagens críticos diminuía à medida que os Estados Unidos aumentavam as pressões sobre o Brasil. De certa forma, não parece equivocado afirmar que o periódico foi levado para o centro das questões político-econômicas daquele momento, servindo aos interesses da família Guinle, à qual pertencia Samuel Ribeiro.

Não se pode esquecer da tentativa deste empresário de efetuar a compra do jornal *O Estado de S. Paulo*, questão que se arrastava desde março de 1940, quando o matutino fora invadido pela polícia e passou a ser propriedade da ditadura. As investidas do presidente da Caixa Econômica Federal no intuito de tornar-se o novo proprietário foram evidenciadas nas cartas que este trocou com Júlio de Mesquita Filho que, do exílio, informou que ele não venderia as ações a ele pertencentes sob nenhuma hipótese.³¹²

Quando o primeiro volume do mensário foi publicado, em 1941, o leitor encontrou uma revista diferente daquela que encerrara o ano. Em uma nota explicativa, os editores de *Inteligência* traçaram um panorama da situação internacional e explicavam que

(...) tendo alcançado o índice de ‘revista cultural de maior circulação no Brasil e no Exterior’, vamos enriquecer as nossas colunas com artigos assinados por expoentes do pensamento brasileiro, especialmente, escritos para *Inteligência*, afim de registrar o nosso depoimento em face de tantos e tão extraordinários acontecimentos mundiais.³¹³

³¹¹ *Inteligência*, Ano VI, nº 72, p. 84, dez. 1940.

³¹² Em uma das cartas que enviou do exílio, Júlio de Mesquita Filho justificava sua posição nos seguintes termos: “Seria um erro enorme, um erro que é preciso a todo custo evitar, sobretudo agora que o desastre dos totalitários se avizinha a passos de gigante. Essa é a minha intransigente, inabalável convicção. Embora tivesse que ficar só, não aceitaria jamais uma solução que implicasse a alienação definitiva e inapelável do *Estado*. No dia em que a lei for soberana na minha terra, estarei pronto a vender a minha parte de ações, se disso depender o bem-estar dos demais membros da família. Sob o jugo do Getúlio, nunca. Fica, pois, entre nós definitivamente entendido: SÓ CONCORDAREI COM A VENDA, CASO FIQUE INSOFISMARELMENTE ESTABELECIDO QUE ELA SE EFETUOU SOB VIOLENCIA E QUE, PORTANTO, OPORTUNAMENTE PODERÁ SER ANULADA. Caso contrário, sou pelo abandono do jornal em mãos dos que nesse momento estão a sua frente, reservado-me para mais tarde perder justiça”, *Op. cit.*, p. 222, grifo no original.

³¹³ *Inteligência*, Ano VII, nº 73, p. 17-8, jan. 1941.

Aos nossos leitores

Com este volume, que é o n.º 73, "Inteligência" inicia o seu sétimo ano de vida editorial. Grata efeméride é para o nosso trabalho o transcorrer desta data. Apesar das condições anormais que se prolongaram por todo o ano de 1940, decorrentes dos conflitos políticos atuais, procurá-mos manter "Inteligência" no mesmo nível em que ela vem se apresentando aos seus leitores, desde o primeiro volume. Equidistantes das lutas que convulsionam três continentes e nas quais estão comprometidos inúmeros países e centenas de milhões de homens, esforçamo-nos para dar, mensalmente, sem o calor das paixões, um panorama, quanto possível, completo, não acérca dos boletins militares, que esses são acontecimentos diários, suscetíveis de retificação, mas sobre as origens, razões, estudos remotos, presentes e futuros, da grande hecatombe, em que se envolvem quasi todas as nações do mundo.

Tomada dêsse ponto de vista, a conflagração mundial cresce em extensão e profundidade, e nela descobrimos outras significações, além das que residem nos atos de bravura e nas vitórias coletivas, que pairam, em títulos garrafais, no sensacionalismo das notícias.

Em virtude de tais circunstâncias, procurá-mos manter abertas as possíveis fontes de captação e, se mais não pudemos alargar o âmbito das nossas páginas, culpa é de fatores alheios à nossa vontade.

Tendo alcançado o índice de "revista cultural de maior circulação no Brasil e no Exterior", vamos enriquecer as nossas colunas com artigos assinados por ex-

poentes do pensamento brasileiro, especialmente escritos para "Inteligência", afim de registrar o nosso depoimento em face de tantos e tão extraordinários acontecimentos mundiais.

A obra que iniciámos há sete anos marca, pela fidelidade ao seu programa, pela exatidão e continuidade de suas informações, um acontecimento inédito na vida editorial do Brasil. Os 72 volumes de "Inteligência", cujas tiragens já ultrapassaram um milhão de exemplares, é uma prova insofismável da simpatia ininterrupta de seus milhares de leitores.

Afastados do jornalismo anedotário e fácil, longe de preocupações comerciais, imprimindo à revista um cunho cultural que a distingue dos seus concorrentes, "Inteligência" tornou-se um mensário indispensável a todo aquele que, desejando enriquecer o seu patrimônio intelectual, não dispõe de recursos e de tempo para acompanhar, através das grandes publicações, a marcha do pensamento contemporâneo.

O êxito de "Inteligência" estimula-nos a prosseguir na jornada. Para esta, temos a certeza de que, hoje, como ontem, contamos com a simpatia dos nossos leitores, a preferência dos nossos anunciantes e com a dedicação dos nossos companheiros de redação e de administração.

Nenhum outro escopo, nem outra recompensa, almejamos para o nosso trabalho, a não ser o de contribuir para manter altas e vivas as tradições de cultura da nossa terra e da nossa gente.

São Paulo, 1.º de janeiro de 1941.

"INTELIGÊNCIA EDITORA LIMITADA".

Inteligência, Ano VII, nº 73, p. 18, jan. 1941.

A seção que trazia textos assinados exclusivamente para *Inteligência* recebeu o nome de Vida Nacional. O título representava, de certa maneira, o desejo dos editores de possuir uma revista que tratasse de maneira específica dos problemas brasileiros. Inserida neste contexto, porém, no qual as temáticas se vinculavam aos imperativos econômicos, a inserção destes textos simbolizava a derrota do projeto inicial de *Inteligência*.

Inteligência

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

ANO VII SÃO PAULO, Maio de 1941

N. 77

ÍNDICE

Vida Nacional

A artilharia anti-aérea e a guerra total	14
Brasil-Ecuador	17
Comércio exterior e mercado interno	18

Política

Que é a Europa?	19
A partilha da França	24
As várias França	26
Uma nova Atlântida	27
A missão da Portugal	28
A Inglaterra revolucionária de amanhã	29
Os gases e a invasão da Inglaterra	32
O custo da guerra civil espanhola	33
O papel do cão na guerra	34
Como será a "nova ordem" nazista na Europa	35
O segundo exército alemão	38
O Eixo e os Estados Unidos	40
Aviões norte-americanos para a Inglaterra	40

Localize seu lar
NO SUMARE
Terrenos a longo prazo e financiamento para construções.
Informe-se na administração da
SOCIEDADE SUMARE LTDA.
RUA LUIZ DE MOURA, 200 - SANTO ANTONIO

Inteligência, Ano VII, nº 77, maio 1941. Novo índice do periódico após a inserção da seção sobre temas brasileiros.

O Chefe da Nação ao Povo Brasileiro

“SENHORES:

“O espírito de todos os brasileiros, nesta hora augural do novo ano, deve elevar-se num pensamento puro e intenso de intenso amor e dedicação à pátria. Espero, também, que o voto de quantos partilham do nosso socorro e do nosso trabalho, seja pelo maior incremento do nosso progresso e continuação da fase de tranquilidade que desfrutamos, em meio aos sobresaltos, restrições e amarguras, que ensombram a vida de grandes e nobres povos.

“O ano de 1940 foi para o Brasil de reais e fecundas iniciativas, e, apesar dos reflexos perturbadores da guerra que devasta e enluta outros continentes, manteve-se equilibrado o ritmo do nosso desenvolvimento. Representa isso a melhor prova da nossa vitalidade econômica e da nossa resistência moral. Conseguimos com os próprios esforços superar os males da crise mundial e dispor ainda de energias para empreendimentos de alta significação nacional. Além de encaminharmos os problemas suscitados pelo crescimento do país, votamo-nos à solução de outros justamente considerados fundamentais à organização e expansão da nossa economia. Refiro-me à siderurgia e ao petróleo. O governo empenhou-se com o firme propósito de resolvê-los e o fez na oportunidade que não era mais possível esperar.

“Hoje, mais do que antes, a guerra e a paz, a destruição sem medidas ou a conquista arrojada dos bens da civilização, dependem do ferro e dos combustíveis. Ambos são as grandes forças propulsoras na vida dos povos contemporâneos e constituem, a bem dizer, a obsessão dos mais progressistas e o permanente temor dos fracos e desarmados.

“Sem eles, não há coragem, não há patriotismo e espírito de luta com poder bastante para garantir a integridade e a independência das nações. Julgo indispensável insistir na im-

Inteligência, Ano VII, nº 74, p. 15-6, fev. 1941.

portância dessas realizações, pela necessidade de criar no povo brasileiro uma mentalidade vigilante e realista, adaptada aos problemas da nossa existência, e às questões vitais da nossa expansão econômica.

"Não é supérfluo acentuar que, na fase de transformação que o mundo atravessa, seria imprevidência criminosa atarmos às preocupações de puro formalismo, continuarmos despreocupados das verdadeiras necessidades nacionais. Cumpre-nos permanecer atentos aos acontecimentos e não nos iludirmos quanto ao que nos possam trazer de riscos e surpresas. Por isso, ao passo que trabalhamos sem desfalecimentos pelo progresso material, não esquecemos de apelar para a consciência esclarecida dos brasileiros, concitando-os a uma mobilização efetiva de todas as energias, com o fim de se unirem mais sólida e fraternalmente. Porque essa união é o imperativo patriótico, e a ele devemos consagrar-nos pelos sentimentos e pela ação.

"O que testemunhamos, no decorrer do ano findo, através dos incidentes da vida internacional e dos acontecimentos internos, é profundamente confortador. A coesão do espírito nacional permitiu-nos dar maior vigor às nossas atitudes e mostrar a firmeza e sinceridade dos nossos propósitos.

"Estamos na fase de formação social, em que os destinos da nacionalidade tomam rumos definitivos. Produzir, industrializar, converter em riqueza excessiva a nossa riqueza potencial; abrir caminhos, estender a rede de comunicações, estabelecer ligação permanente entre as diversas regiões do país; educar, preparar moral e tecnicamente os moços, fazê-los fortes de espírito e de corpo, dar às novas gerações a consciência das suas responsabilidades — tudo isso é tarefa fundamental e urgente que nos cabe levar a termo, para transformar em realidade o ideal de engrandecimento crescente da pátria, dentro da ordem, do trabalho e da paz.

"Brasileiros:

"No alvorecer do Ano Novo, quero sentir-me em contacto convosco, para transmitir-vos a minha saudação amiga e pedir que, em meio às justas expansões de alegria e augúrios de prosperidade, consagreis o melhor e o mais ardente dos vossos votos à felicidade do Brasil".

(Discurso do Presidente Getúlio Vargas ao Povo Brasileiro, por ocasião da passagem do Ano — Diário de S. Paulo, S. Paulo, 1-1-41).

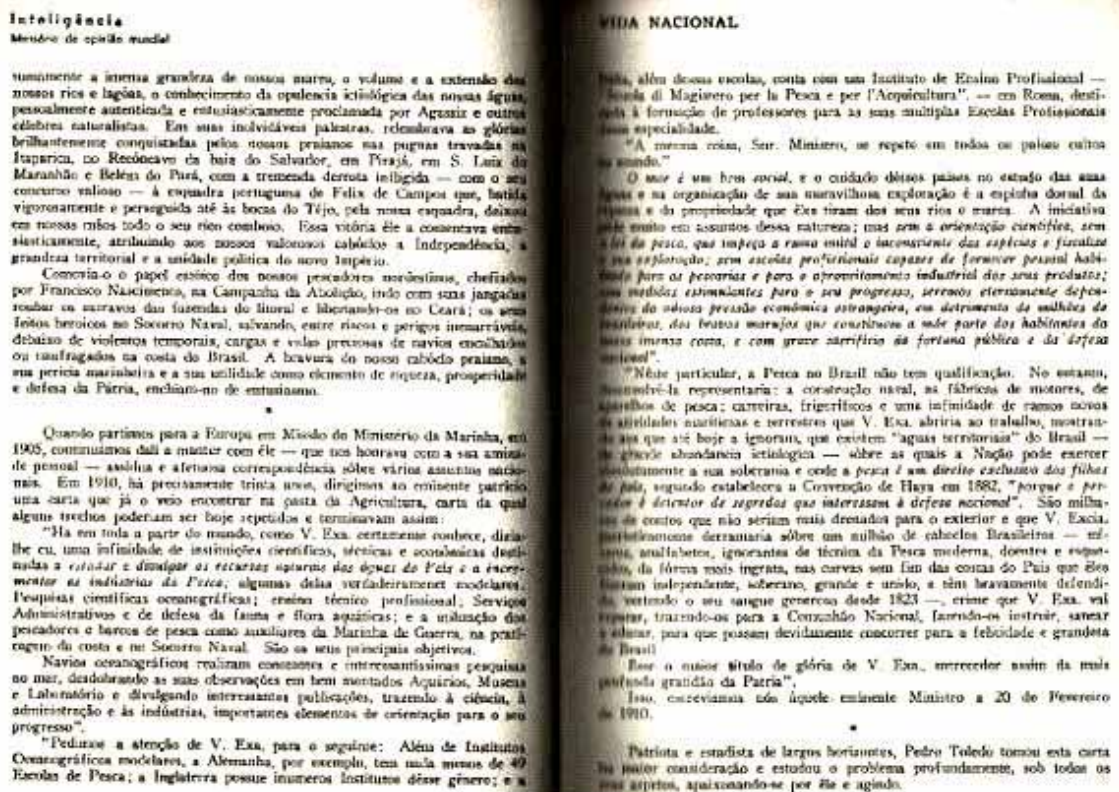
Inteligência, Ano VII, nº 74, p. 15-6, fev. 1941.

O texto que inaugurou a nova seção era um excerto do discurso pronunciado por Getúlio Vargas, por ocasião do ano novo, extraído do jornal *Diário de S. Paulo*. A escolha deixava claro que o mensário sofria com as invectivas do regime sobre a imprensa, neste caso, possivelmente, resultado das ligações entre seu proprietário com o poder central. O presidente referiu-se aos desafios que o futuro nos reservava ressaltou a necessidade de

(...) educar, preparar moral e tecnicamente os moços, fazê-los fortes de espírito e de corpo, dar às novas gerações a consciência das suas responsabilidades — tudo isso é tarefa fundamental e urgente que nos cabe levar a termo, para transformar

em realidade o ideal de engrandecimento crescente da pátria, dentro da ordem, do trabalho e da paz.³¹⁴

As mudanças ocorreram também na diagramação do periódico, que na seção de temas dedicados ao Brasil, não apresentava a divisão em duas partes, como fia evidente na comparação abaixo:



Inteligência, Ano VII, nº 74, p. 18-9, fev. 1941.

³¹⁴ *Inteligência*, Ano VII, nº 74, p. 16, fev. 1941.

verdade é que, a tal respeito, há muito pouco por onde escolher. Em 1910, os ingleses derrubaram o Khedive das Baías Nílo, suplantando-o de frente com os alemães. O Egito achou-se na dependência econômica quase absoluta da Grã Bretanha. Toda a sua colheita algodão, de valor aproximado de 45.000.000 de dólares, vai para a Inglaterra.

Somente uma pequena parte da população egípcia tem algum interesse pela política. Noventa e nove por cento por cento da população caminha em camponeses — **fellahs** — que praticamente são analfabetos e são pobres que não possuem nenhuma influência no algodão que lhes fornece o sustento. Importam-se das fábricas estrangeiras os tecidos mais baratos para seu uso. O **fellah** não deixa de dar o seu voto — o sufrágio universal — ao rei do Egito — mas não tem o menor visgo ideia do que faz. Quando lhe ordenam ou lhe pagam, faz demonstrações de raiva. E o isso se reduz a manifestações de sua vida política.

Os foliões não expõem a sua opinião a respeito de hegemonia britânica na sua terra. Mas se o fizessem, eles seriam desfavoráveis. Os ingleses pagam bem quando lhes alugam os serviços como lavadeiras ou soldadas. Os foliões são tão profícuos que a população do país aumentou de cinco para dezesseis milhões.

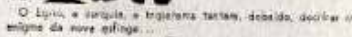
a sua tarefa se não tivessem o apoio formidável da esquadra britânica.

Para a Inglaterra, Suez não passa de uma alternativa do Cabo de Boa Esperança que, na realidade, representa uma viagem suplementar de 5.520 milhas. Mas, para a Itália, o Canal é uma artéria vital. A maior parte do barranco que ele importa, o estanho, o níquel, o tungstênio, considerável porção do seu ferro, zinco e manganês, lá, está, vêm por esse caminho. Com os ingleses nas margens do Canal, os belos exércitos italianos da África Oriental correm o perigo constante de serem esmagados, de um momento para o outro, entre munições e munitíssimos.

A Itália despertou a essa realidade em 1935. Mas, em vez de recorrer à diplomacia para remediar tal situação de coisas, tentou a intimidação, protestando contra as elevadas taxas da companhia, pedindo uma redução substancial, alegando que 20 por cento dos seus rendas procediam de seus navios. Essa demanda, juntamente com a ambição da Itália de ter alguns direitos na companhia, poderiam ter sido satisfeitos. O que a França e a Inglaterra não podiam conceder era a participação no controle militar ao longo do canal, reservado aos britânicos e aos japoneses.

Presidência, as forças armadas do país são, quase dez vezes maiores do que em tempos normais antes da guerra. No longo do Canal há 250.000 homens. Há uma quinta parte aos ingleses e a sexta idêntica e 15 por cento do Reino Unido. As tropas egípcias são 100.000, além de 30.000 homens, condições em Anaco, sustentação e necessidades, que são comandados por generais próprios. Estes algarismos, se tomarmos como errata, não é para mim, mas, têm forças — notoriamente inferiores aos Italianos — que concentramos 30.000 homens de tropas brancas e negras na Abissínia — não comparamos

Como em outras questões de política internacional, a Itália tentou arrogar-se direitos internacionais sobre o Canal de Suez, afirmam os fascistas, não passa de um plágio. O Canal de Suez foi na realidade planejado por um engenheiro italiano — Alex Negrelli — de cujos planos o francês se apropriou. O debate a este respeito continua, mas o que desde já é certo é que Negrelli não era italiano, mas sim austríaco.



(The New York Times, New York)

A despeito das características adotadas pela nova seção, ela não teve vida longa nas páginas de *Inteligência*, tendo desaparecido após quatro meses (fevereiro e maio de 1941). O período posterior foi marcado por uma oscilação, resultado da inserção de conteúdos que defendiam a política exterior norte-americana e imagens que a denegriam.

255

Inteligência

Mensário da opinião mundial

meios do poderio em face dos que apenas pretendam abusar d'elles, dispêdo do poder exclusivamente os que o empregem a serviço da comunidade.

Não há problema de natureza geral ou especial que não tenha sido submetido a exame meticoloso. A matéria imensa carece, agora, apenas da compilação, por assim dizer, artística. Pretendemos fundir os valiosos resultados obtidos pelos comitês oficiais de Direito Penal, com os trabalhos puramente teóricos dos doutrinadores. Creio que, com semelhante fusão, a síntese da teoria com a prática, do trabalho ministerial com os estudos acadêmicos, do Partido com o Estado, resultará uma obra de alto valor. Não queremos uma jurisdição exclusivamente autoritária. Se, porém, o juiz é colocado como parte control do processo, é preciso ser verdadeiro representante da jurisdição nacional, papel este, cujo desempenho não podemos conceder ao procurador do Estado. É incompatível o sistema de jurisdição com um sistema de condonação: sem defesa. O sistema autoritário exagerado é um dos perigos da atualidade. A jurisdição sólida, que o Fuhrer ordenou edificassemos, exige que o cidadão, fiel às leis, ao movimento político e ao Fuhrer, tenha a vida, a liberdade e seu progresso individual garantidos, ao bem da totalidade da nação. O Direito Penal, portanto, precisa ser depositado nas mãos de personalidades magnânimas, dominadas pela filosofia nacional-socialista, cientes das necessidades da vida individual, corporificando o ideal do juiz popular no sentido da tradição germânica, e sendo os orientadores sociais do seu povo. A dignidade do tribunal deve ser intangível. A personalidade do juiz não pode ser ridicularizada em público.

O problema, de um modo geral, é um dos grandes problemas da atualidade. Cabe-nos

O AUXÍLIO NORTE-AMERICANO



— Aguentem! Nós estamos chegando!
(Kladderadetsch, Berlim).

a tarefa de proclamar perante toda a nação alemã a autoridade do Direito como parte essencial inerente e indisponível a um poder político duradouro.

É no Direito Penal, que um povo estabelece as garantias da sua vida comum. Estou crente que iniquem se opõe a condição de ser a grande codificação do Código Penal uma das tarefas mais elevadas e nobres entre as inúmeras que nos estão esperando. A realização de tal tarefa, em cooperação estreita com todas as autoridades interessadas, é o objetivo do meu apelo aos que trabalham na Academia do Direito Alemão. É uma tarefa de importância sumamente grave e de enorme responsabilidade, que não pode ser resolvida unicamente pelo lado jurídico.

[HANS FRANK, Correspondência L.L.I.,
— Berlim, Abril de 1941].

GUERRA POUCO MORTÍFERA

"O que de mais extraordinário haverá a dizer a respeito da Guerra Mundial N.º 2 não será a sua rapidez, nem a sua extensão, nem a sua fúria — mas, sim, o relativamente pequeno número das baixas.

Na semana passada, a Grã Bretanha revelou que nos primeiros 21 meses do conflito apenas 18.627 membros do exército, da marinha e da força aérea tinham perecido em combate. Devido aos reides aéreos tinha morrido quasi o dobro de civis (35.756, ou seja o número de acidentes de automobilismo, durante um ano, nos Estados Unidos). Na Guerra Mundial N.º 1 tinham perecido dez vezes mais soldados no mesmo período.

Uma estatística das baixas, relativamente ao número de homens empregados nos três serviços, demonstrou que era o exército o menos atingido. Exército: 7.879 mortos, 16.510 feridos, 743 desaparecidos, 5.482 mortos em consequência de ferimentos ou doenças, 40.450 prisioneiros (não incluindo Coreia — talvez 10.000 capturados, talvez 5.000 mortos).

Marinha: 4.422 mortos, 3.553 feridos, 1.323 perdidos, 81 mortos em consequência de ferimentos ou moléstias, 517 capturados (não incluindo o "Hood" — quasi 1.300 perdidos).

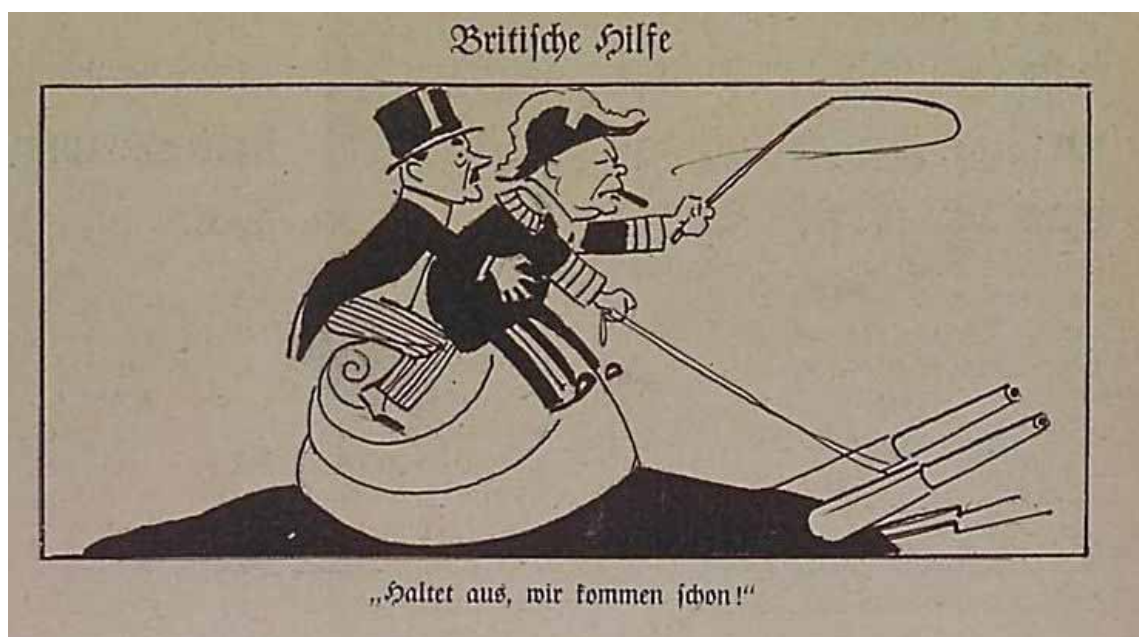
R. A. F.: 6.326 mortos, 1.338 feridos, 1.879 desaparecidos, 1.045 mortos em consequência de ferimentos e moléstias e 408 capturados.

[Time, Nova York, 9 de Junho de 1941].

Inteligência, Ano VII, nº 79, p. 46, jul. 1941.

Publicada no volume de julho, a caricatura acompanhava texto sobre o direito alemão com o qual não se articulava. No mesmo número, todavia, um dos artigos defendia que os Estados Unidos eram a cidadela final da defesa britânica, tema recorrente do mensário desde que os americanos passaram a auxiliar a Inglaterra na luta contra a Alemanha. O acesso às caricaturas originais permitiu que se comparasse o desenho inserido na revista alemã com a versão brasileira. Originalmente publicado em

abril de 1940, mais de um ano antes, portanto, de sua alocação em *Inteligência*, percebe-se que os editores do mensário paulistano efetuaram alterações responsáveis por uma profunda modificação de sentido.



Kladderadatsch, Ano 93, n. 17, 21 abr. 1940. Legenda: Britische Hilfe. “Haltet aus, wir kommen schon!”³¹⁵

Merecem atenção duas grandes alterações: a primeira, que se refere à mudança do título para de “Britische Hilfe” (ajuda britânica) para “O auxílio norte-americano”; a segunda, que correspondia aos personagens: ao invés de dois homens montados no que se assemelhava a um caracol, que evocava o ritmo lento de deslocamento, os editores de *Inteligência* reproduziram apenas um.

Esta caricatura demonstra parte do processo de confecção do periódico, à medida que escasseava o acesso aos materiais oriundos dos países do Eixo, Alemanha e Itália, fontes privilegiadas no que se referia ao material iconográfico. Assim, os editores valeram-se de originais aos quais tiveram acesso muito tempo antes, aumentando, dessa forma, o *gap temporal* entre as edições.

Os contextos nos quais as duas imagens foram publicados eram inteiramente distintos. Em abril de 1940, a imagem inserida em *Kladderadatsch* dialogava com o cenário do conflito europeu. Adolf Hitler, havia iniciado a invasão dos países nórdicos, aos quais a Inglaterra e a França tinham de defender em virtude de posições estratégicas

³¹⁵Disponível para consulta em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/kla1940/0195?sid=dedcab4b126bb4f881591bfd41c86e49>, acesso em out. 2013, em livre tradução: “Ajuda britânica. Aguardem, nós estamos indo!”.

que estavam em jogo. A imagem satirizava a promessa britânica na medida em que ressaltava o fator tempo: enquanto os britânicos caminhavam com lentidão, os germânicos apresentaram ao mundo a *Blitzkrieg*, responsável pela derrota polonesa, no início da Guerra.

Quando foi alocada nas páginas do mensário paulistano, a troca dos vocábulos e o apagamento dos personagens revelavam outra conjuntura.³¹⁶ Àquela altura, os britânicos, bombardeados pelos alemães, contra os quais lutavam sozinhos após a rápida e surpreendente derrota francesa, aguardavam a ajuda do Novo Mundo. Os Estados Unidos, que apesar da neutralidade haviam iniciado uma série de empréstimos às nações democráticas, foram criticados pelos editores de *Inteligência*, que satirizaram a velocidade da ajuda oferecida pelo Tio Sam. Não houve sequer a preocupação de alterar a face do homem que comandava o animal. De certa maneira, ao escrever “auxílio norte-americano” e manter o rosto do líder britânico Winston Churchill a intenção era afirmar que independentemente de se tratar da Inglaterra ou dos Estados Unidos, a ajuda não passava de promessa vazia.

Esta crítica ganhava destaque à medida em que se recorda que as temáticas utilizadas nesta segunda fase do periódico reforçavam, por meio de textos e imagens, a crescente relevância dos Estados Unidos no cenário internacional. Além disso, algumas caricaturas destacaram, ainda, a resistência da Grã-Bretanha, que não se entregava ao inimigo. Como se percebe, a imagem publicada pelos editores do mensário, resultado de alterações de ampla natureza, contrastava com o material coligido na segunda fase da revista e poderia indicar uma tentativa de retomada das práticas anteriores a 1938 quando as revistas ítalo-germânicas constituíram a base principal para os ataques às democracias.

Entre agosto e setembro de 1941, *Inteligência* publicou duas outras caricaturas oriundas de *Kladderadatsch*, que tinham por finalidade demonstrar a fraqueza da

³¹⁶ Inscrever e apagar constituem-se em operações intelectuais e atos editoriais que ressignificam os conteúdos. No século XX, período no qual a imagem representou arma essencial nos combates entre as visões de mundo então em conflito (fascismo, nazismo, comunismo, integralismo) tais práticas foram amplamente utilizadas. Segundo KING, David. *Le commissaire disparaît. La falsification des photographies et des oeuvres d'art dans la Russie de Staline*. Paris : Éditions Calmann-Lévy, 2005, p. 09, que estudou as fotografias e as obras de arte na URSS de Josef Stalin, : “Comme leurs homologues de Hollywood, les retoucheurs de photographies de la Russie soviétique passaient de longues heures à gommer les défauts des peaux imparfaites, aidant l'appareil photo à falsifier la réalité. Le visage grêlé de Joseph Staline exigeait notamment des dons exceptionnels à l'aérographe (un pistolet à encre actionné par un cylindre à air comprimé). Mais c'est à l'époque où se déchaînèrent les grandes purges, à la fin des années 30, qu'apparut un nouveau type de falsification. L'élimination physique des adversaires politiques de Staline tombés aux mains de la police secrète s'accompagna très vite de leur effacement de toute forme d'existence picturale ».

Inglaterra frente à Alemanha. Na primeira delas, o leão britânico fugia assustado da *Luftwaffe*:

Inteligência
Mensário da opinião mundial

do trabalho, no período de após-guerra, venham a operar-se sem tropeços. Antes do mundo recuperar seu equilíbrio em bases novas, deverão evitar-se muitos escolhos.

Mesmo no todo ou em parte despojado de seus poderosos meios de antanho, o capitalismo defender-se-á. Tentará salvar pelo menos as suas possibilidades ulteriores de ação. Os quadros técnicos e os chefes de empresas serão aliás, num mundo novo, tão necessários como no passado. Mas terão de aceitar a colaboração numa ordem econômica e social, em cujo seio os objetivos comunitários terão cada vez mais importância do que os interesses particulares, tais como os concebia o regime capitalista.

De seu lado, será preciso que o mundo do trabalho, na euforia que resultará do fim do pesadelo, não vá contentar-se com vantagens imediatas e, sem completamente o perceber, contribua para forjar novamente a potência de um regime, que se revelou incapaz de garantir a estabilidade e o equilíbrio do mundo econômico e social. Seria de recear, com efeito, que um capitalismo, pouco a pouco res-

taurado em sua potência, detentor novamente dos grandes meios de produção, voltasse a ser aquilo que foi até à irrupção do conflito, responsável, em grande parte, pelo desemprego.

O perigo mais grave desse repentino reforço da potência do trabalho, sobretudo em nossas "democracias" em que, fácil é reconhecê-lo, nem o sentido do esforço coletivo, nem o do bem comum foram até agora cultivados, seria ver as massas operárias, manobradas por demagogos e aventureiros. Perigo social, perigo político considerável que não deverá subestimarse, porque poderia comprometer definitivamente a construção de um mundo equilibrado e mais estável.

*

O que ressalta destas poucas reflexões é, a par da importância essencial do problema dos quadros das elites em todos os domínios, a urgência de impôr às soluções gregárias, às soluções de massa, a edificação de uma sociedade sem rigidez, que aceite as formas moventes da vida, de uma sociedade solidamente enraizada em sua base nacional, de uma sociedade finalmente fundada, primeiro que tudo, sobre a família, aí encontrando o melhor antídoto para a nefaste atomização do individualismo e o recurso constante e preguiçoso ao Estado-Providência.

Isto demonstra a importância que nos países europeus se deve atribuir ao renascimento camponês. Os campos deverão tornar-se reservatórios de vitalidade, de saúde física e do equilíbrio moral das nações.

Por motivos idênticos, será necessário desenvolver o artesanato em todas as suas formas e principalmente as de



O leão britânico acossado pela aviação germânica.
[Kladderadatsch, Berlim]

Inteligência, Ano VII, nº 80, p. 24, ago. 1941.

O texto no qual a caricatura foi inserida era originário da França ocupada, extraído do periódico *La Revue Universelle*, no qual o autor tratava das questões do pós-

guerra. Desta forma, texto e imagem contribuíam para afirmar que a aviação germânica finalizava o conflito enquanto se debatia a formação do mundo no pós-guerra. Dentre os argumentos apresentados, lia-se que: “(...) tudo permite pensar: o capital, reconstituído pelo trabalho, será sobretudo capital coletivo, a serviço de uma política em que o interesse geral e o serviço do bem comum terão precedência sobre os interesses particulares”.³¹⁷

No mesmo exemplar, o leitor encontrava uma entrevista com o presidente Getúlio Vargas. Tratava-se de uma defesa das bases políticas nas quais se fundamentava o Estado Novo além de apresentar seus resultados concretos no que se referia à economia. Ao ser inquirido pelo repórter do jornal *La Prensa*, de Buenos Aires, sobre a relação entre o Estado brasileiro e a democracia:

O presidente levanta-se, começa a caminhar e responde: ‘ao instituí-lo, não tivemos em vista copiar este ou aquele modelo. Procuramos, apenas, a maneira de dar forma política às tendências sociais e econômicas brasileiras. **Qualquer pessoa culta ou um observador avisado que examine sem prevenções a nova estrutura política do Brasil reconhecerá, desde logo, que ela se assenta sobre princípios legitimamente democráticos. Dentro de nossas realidades, instituímos uma democracia realista e funcional**’. (...) argumento – é uma democracia distanciada dos modelos do liberalismo clássico? ‘**é verdade – respondeu o presidente – afasta-se dos modelos do liberalismo e prescinde das grandes assembléias e das discussões estéreis, para concentrar seu esforço na ação construtiva e rápida**’. (...) Getúlio afirma que a legislação trabalhista e a siderurgia foram frutos do estado nacional...’ Só com o advento do Estado Nacional, foi possível tamanha realização, que consulta os mais altos interesses nacionais. Este é um dos aspectos lamentáveis na forma comum da democracia parlamentar; perde-se tempo, agravam-se as divergências de opinião, levantando-se novos obstáculos às iniciativas úteis e de interesse geral. É fácil verificar, neste momento, nos países em guerra, mesmo nos que se proclamam democráticos à maneira clássica, como eles necessitam eliminar as discussões formalísticas para passar à ação direta. (...) **as doutrinas e as ideologias valem pelos elementos de progresso que procuram dar aos povos. O mais é verbalismo oco**.³¹⁸

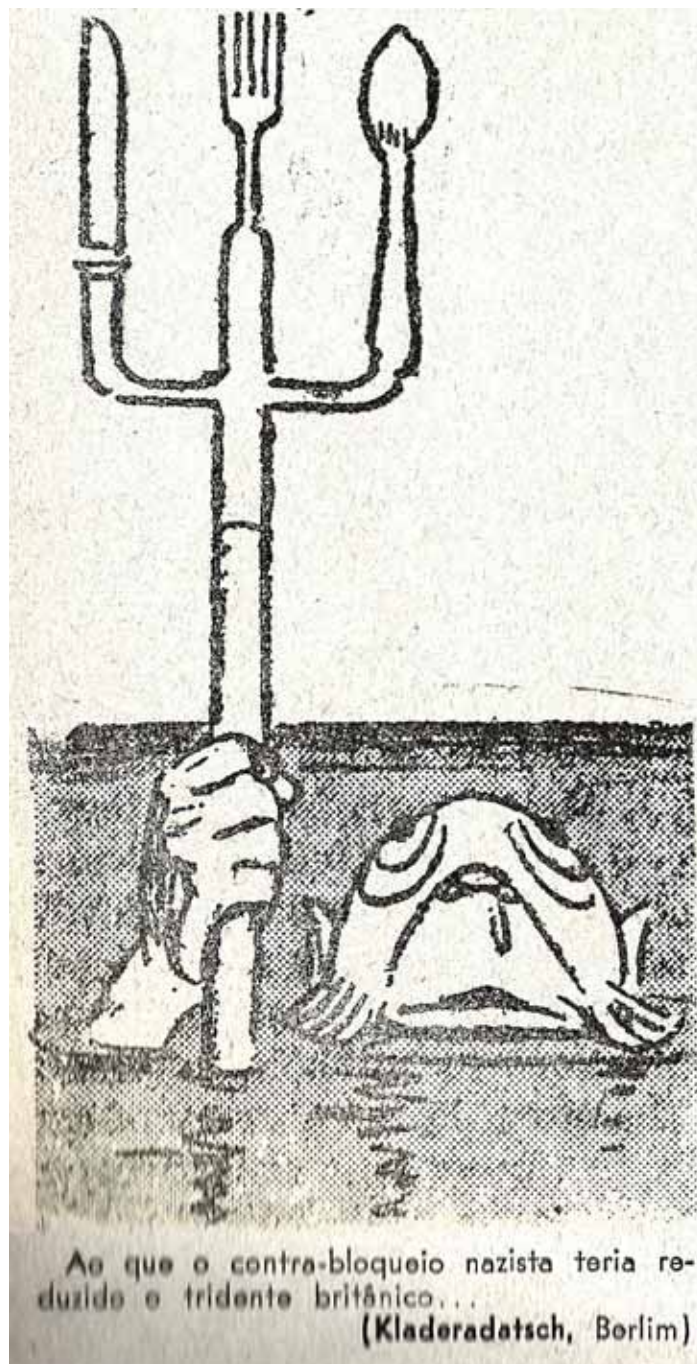
Getúlio avaliava as principais características das democracias como o debate sobre as questões essenciais para o desenvolvimento do país como “verbalismo oco” e utilizava as conquistas econômicas para defender o projeto do Estado Novo diante de um cenário de profunda alteração. As perguntas elaboradas pelo repórter tocavam na

³¹⁷ *Inteligência*, Ano VII, nº 80, p. 21, ago. 1941.

³¹⁸ *Inteligência*, Ano VII, nº 80, p. 49-50, ago. 1941, grifos nossos.

questão das distinções entre o modelo democrático anglo-francês e aquele pretendido pelo pragmático presidente brasileiro, alvo de críticas dentro e fora do Brasil.³¹⁹

No mês seguinte, os editores publicaram outra caricatura, desta vez celebrando o que representaria as consequências do bloqueio germânico à Inglaterra:



Inteligência, Ano VII, nº 81, p. 18, set. 1941.

³¹⁹ Apesar de se encontrar no exílio, o jornalista Júlio de Mesquita Filho, por exemplo, desenvolveu uma ativa política de enfrentamento contra o governo do presidente Getúlio Vargas. Em mais de uma oportunidade ele escreveu para os líderes do governo norte-americano para denunciar as práticas do Estado Novo chamando a atenção para o fato delas se articularem mais à ditadura nazi-fascista do que ao regime democrático americano. Para mais detalhes ver: MESQUITA, Ruy. Op. cit.

Articulada ao texto que acompanhava, a caricatura servia para reforçar a ideia de que a resistência era ineficaz. Enquanto o autor Bem Lucien Burman, cujo artigo fora publicado em *The Living Age*, defendia que “na França longínqua, os homens falam em auxiliar os invasores. Aqui, pensa-se unicamente na maneira de derrotá-los, um dia. Já não se pode dizer que não seja o coração da África Negra. É o Congo, o berço da Nova França”,³²⁰ a caricatura demonstrava a fome como resultado da tentativa de suportar o bloqueio naval alemão.

O volume de setembro de 1941 constitui o último exemplar publicado sob o comando de Mário Graciotti. Ao que parece, as tentativas de voltar a utilizar as temáticas e as fontes ítalo-germânicas como na primeira fase foram responsáveis por uma tensão nas páginas da revista. Esta tensão resultava da defesa dos regimes totalitários em meio a um governo que se debatia para tentar provar que apesar de suas diferenças com o “liberalismo clássico”, como disse Getúlio Vargas, o regime poderia ser intitulado de democrático.

O fim do período de Mário Graciotti e de Samuel Ribeiro como diretor e secretário do periódico ocorreu em meio às negociações que envolveram o presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo no processo de aquisição, pelo governo federal, do jornal *O Estado de S. Paulo*.³²¹ A intervenção de Samuel Ribeiro foi uma das estratégias do executivo para encerrar o caso do *Estado*, que se arrastava desde março de 1940, data da invasão do jornal pela polícia do regime.³²²

A intransigência do proprietário do matutino, Júlio de Mesquita Filho que, do exílio, escrevia cartas orientando amigos, parentes e advogados a esse respeito, foi constante, repudiando todos os intermediários enviados pelo presidente que propunham algum tipo de acordo. Getúlio exigia a saída de Samuel Ribeiro da presidência da Caixa

³²⁰ *Inteligência*, Ano VII, nº 81, p. 15, set. 1941.

³²¹ Em uma das cartas enviadas a Júlio de Mesquita Filho, Antônio Mendonça, advogado e cunhado do jornalista brasileiro afirmou, em um resumo que fez de suas atividades à frente das negociações, que havia voltado “ao Rio, comuniquei o resultado da viagem ao Lourival Fontes e ele me disse que procurasse em São Paulo o Samuel Ribeiro, encarregado pelo Getúlio de fazer a compra”, *Op. cit.*, p. 225.

³²² Ao redigir uma de suas missivas a seu esposo, Marina Mesquita destacava como se encaminhava a questão da compra do periódico. Ela havia ouvido dizer “que o Samuel Ribeiro, que quer ficar a frente do jornal, representando o GG, convidou o Chateau para ajudá-lo. Este sem-vergonhíssimo senhor recusou-se: primeiro, por ser incapaz de tomar a si, em circunstâncias como as atuais, o jornal feito por Júlio Mesquita; segundo, por ter a certeza de que esta situação é transitória, o ‘jornal foi tomado por um governo ditatorial, Seu Samuel. Com os donos presos e exilados, logo a coação é provada. Quer um conselho? Não se meta você nisso’, *Op. cit.*, p. 232.

para que tratasse da compra e gerenciasse o periódico que pertencia aos Mesquita.³²³ O diretor-proprietário de *Inteligência* pediu afastamento da presidência da instituição bancária, em agosto de 1941, fato interpretado por Júlio como sinal de que a operação seria levada a cabo com Samuel Ribeiro à testa das negociações. De fato, desde maio daquele ano, ele tinha conhecimento que Samuel Ribeiro estava disposto a investir, 6\$500 contos de réis na aquisição do periódico paulista.³²⁴

Para fazer frente a esta situação, Júlio de Mesquita Filho escreveu uma carta, de Buenos Aires, diretamente ao diretor de *Inteligência*, na qual dizia:

Meu prezado patrício. Cartas recebidas esta semana afirmam ter o meu prezado patrício apresentado demissão do cargo de presidente da Caixa Econômica Federal. Não sei o que esse seu gesto possa significar. Como porém o considero um homem do bem, digno do meu maior respeito e embora não tenha a honra de conhecê-lo pessoalmente, julgo do meu indeclinável dever preveni-lo de que continuo a manter de modo absoluto tudo quanto lhe mandei dizer por intermédio do doutor Leo Pinto Souza. Ficam assim sob sua exclusiva responsabilidade as conseqüências futuras de qualquer voto seu que porventura possa colidir com a deliberação em que estou e que lhe transmitiu aquele nosso amigo comum, de exigir, seja como for, quando for e por que meio for, contas pessoais de todos quanto direta ou indiretamente participaram ou venham ainda a participar de um ato que reputo, muito mais do que um roubo, um insulto à dignidade de São Paulo.³²⁵

Em sua resposta, Samuel Ribeiro pedia que o proprietário do periódico confirmasse,

(...) de modo irrevogável, o ponto de vista em que se colocou: de não vender absolutamente as ações que lhe pertencem no referido jornal. Devo, de passagem, esclarecer ao ilustre doutor Júlio de Mesquita Filho que a minha intervenção na compra do *O Estado de S. Paulo* tem sido sempre orientada através de sucessivas conversas com membros de sua digna família e no sentido de servir a interesses do governo da União, pois, conforme V. Sa. está informado, a Caixa Econômica Federal de São Paulo é credora do referido jornal. Permito-me, também, para ultimar o assunto desta, lembrar a conveniência da resposta de V. Sa. ser formulada em termos bem categóricos.³²⁶

³²³ Marina anotou esse pedido em uma carta datada de julho de 1941, na qual comentava: “O GG mandou hoje um emissário do Rio para dizer ao Samuel Ribeiro que como tem que sair a semana que vem (para onde irá?) quer resolver o caso do Estado já. Exige então que o Samuel escreva uma carta pedindo demissão da Caixa Econômica para tomar conta do jornal. Tenho a impressão que este sem-vergonha não tem coragem de assumir tal atitude. Qual será o mais infame: ele ou o GG? Dizem, não sei se será verdade, que o Abraão tem dito ao irmão que nunca pensou que ele tivesse coragem de se apoderar de uma propriedade tomada de assalto a uma família respeitável. Será verdade? Mas mente-se tanto”, *Op. cit.*, p. 278.

³²⁴ Antonio Mendonça, em um dos relatórios que escreveu durante a fase de negociações do *Estado*, elencou os seguintes dados: “O Co., então, avisou-me que o negócio voltava a ser feito com o S. A C.E. entraria com 20 mil contos (aumentando o empréstimo hipotecário do E.), o Go. Com 3.500 e o S. com 6.500”, *Op. cit.*, p. 238.

³²⁵ Idem, p. 282.

³²⁶ Ibidem, p. 283.

★

Conforme foi publicado no "Diário Oficial" de 21 do corrente, foi concedido ao dr. Samuel Ribeiro, a pedido, um ano de licença de suas funções de presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal de São Paulo.

Para substituí-lo durante a licença foi designado, nos termos do decreto 24.427, de 19 de junho de 1934, que regulamenta as Caixas Econômicas Federais, o dr. Artur Antunes Maciel, diretor do mesmo Conselho Administrativo; e, para substituir a este diretor, durante o mesmo período, foi designado o dr. Alcides da Costa Vidigal.

O Estado de S. Paulo, 24 ago. 1941, p. 03.

Júlio de Mesquita Filho não respondeu a pergunta do homem que, posteriormente chamou de “repugnante homem do dinheiro” e “desprezível capitalista”. Informou, em uma de suas missivas, que após uma série de desencontros, negativas e indecisões, Samuel Ribeiro “deliberou retirar-se do negócio”.³²⁷ A tentativa do diretor de *Inteligência* de concluir a compra do *Estado* e, como desejava Getúlio Vargas, dirigi-lo, não se efetuiu. Pelo contrário, um mês após a sua saída da presidência da Caixa Econômica, em setembro de 1941, a revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* foi vendida.

Àquela altura, a conjuntura política internacional era diversa da que propiciou o surgimento do mensário. Em primeiro lugar, não era possível que Samuel Ribeiro continuasse como diretor de uma revista que defendia posições fascistas enquanto o cunhado Guilherme Guinle ocupava cargo de destaque no governo federal e era o

³²⁷ Idem, p. 299.

negociador do acordo que financiou a siderurgia no Brasil. Não se pode esquecer que o período foi marcado pela mudança de rumos no regime estadonovista. Ao explicar seu ponto de vista à esposa, Júlio de Mesquita Filho contava que

(...) o Oswaldo se considera totalmente vitorioso relativamente à nossa política em face dos Estados Unidos, pois conseguiu que o Getúlio se resolvesse a conceder as bases pedidas pelos yankees e que o Góes aderisse a esse ponto de vista. Quanto ao Dutra, ainda segundo o marido da ciumenta, ouvia textualmente do Oswaldo, *ou se conforma com a nova orientação, ou espierrava do ministério com um pé na bunda!*.³²⁸

No campo dos impressos, uma das ações foi justamente impedir que periódicos defendessem os regimes nazi-fascistas como alternativa política. Esta reorientação chegou à *Inteligência* e não foi acatada por Mário Graciotti que, em suas memórias, afirmou não ser possível continuar a publicação de um mensário de opinião mundial sem as fontes italianas, alemãs e japonesas. Outros periódicos passaram por problemas semelhantes, como o jornal *Meio Dia*, publicado no Rio de Janeiro, cuja propriedade pertencia ao escritor Joaquim Inojosa.³²⁹

A chegada ao Brasil, de *Seleções do Reader's Digest*, marcada para o início de 1942, foi noticiada na imprensa paulista no segundo semestre de 1941, no mesmo mês em que *Inteligência* foi vendida ao proprietário da *Folha da Manhã*. A partir dos textos que escreveu ao longo da vida, pode-se inferir que Mario Graciotti relacionou a entrada do periódico norte-americano no Brasil à saída da revista que ele editava desde 1935 porque, em última análise, tratava-se de um projeto que não havia mais possibilidades de ser desenvolvido.

Não havia, em 1941, nem expectativas e tampouco fontes que lhe permanecessem seguir na mesma linha editorial. Por outro lado, *Seleções* marcou o *turning point* da política externa brasileira, cuja publicação iniciou-se em janeiro de 1942, mês da Conferência dos Chanceleres americanos realizada no Rio de Janeiro, num

³²⁸ Idem, p. 275.

³²⁹ FRANZOLIN, João Arthur Ciciliato. *Uma aposta arriscada. O jornal Meio-Dia e o nazismo. 1939-1942*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 146, identificou três fases distintas na trajetória do periódico. Para ele, “a primeira, em 1939, na qual se defendeu o pacifismo e os países democráticos; outra entre 1940 e 1941, marcada pela estridente adesão do jornal ao nazismo e um ataque feroz à Inglaterra, que então enfrentava sozinha a máquina de guerra alemã; por fim, uma terceira, em 1942, quando minguiaram os editoriais e os textos de Inojosa relativos à guerra. (...) Dessa forma, é patente que a orientação política do jornal flutuou em função do momento, e que a opção pelos Aliados só se deu quando o periódico já definhava e não mais podia contar com o apoio dos alemães”.

clima de união entre as repúblicas do continente contra as nações agressoras européias.³³⁰

Seleções do "Reader's Digest"
Em princípios de 1942 o "Reader's Digest" terá uma edição em língua portuguesa

Segundo informações procedentes dos Estados Unidos "The Reader's Digest" iniciará, dentro em breve, em princípios de 1942, uma edição em língua portuguesa. Essa edição proporcionará aos brasileiros, a mesma condensada e selecionada matéria que atualmente só lhes é acessível em inglês e espanhol.

O novo mensário será intitulado "Seleções do Reader's Digest". Cada número conterá, pelo menos, vinte artigos, extraídos, em resumo, dos principais livros e periódicos, de toda a parte do mundo. As "Seleções" destinadas ao Brasil adotará o modelo das edições inglesa e espanhola, seja quanto à natureza dos artigos, seja quanto ao aspecto material.

Em editamento, "Reader's Digest" pretende por em ação um programa de cooperação com editores latino-americanos, no sentido de promover a produção de artigos, de autoria de escritores das Américas do Sul e Central, para as suas três edições, brasileira, espanhola e inglesa.

Na edição espanhola de outubro dessa revista, conta-se a história de um jovem que só tinha como capital a sua idéia e iniciativa, lançou o "Reader's Digest", em cujo êxito os cépticos nunca poderiam acreditar; como, sem outro co-editor senão a sua esposa, fez ele próprio, em pessoa, o serviço de expedição dos primeiros números; e como e por que a revista, principiando com uma circulação de menos de 5 mil exemplares, viu duplicar de ano a ano a referida circulação, até ser hoje no mundo uma publicação favorita, com um número de leitores que sobe a 15 milhões, e distribuídos e espalhados por todos os continentes.

Os fundadores do "Reader's Digest" foram o sr. e a sra. De Witt Wallace. Reunidos em 1921, planejaram e puseram em prática esse tipo de revista inteiramente novo dispondo, como recursos financeiros, de pouco mais de mil dólares. A medida que a revista se ia desenvolvendo, em parte dos respectivos lucros em melhorar, mais e mais, os artigos editoriais. A "Reader's Digest Association" funciona, ainda hoje, sob a direta superintendência dos Wallaces, e é ainda completamente de sua propriedade. Nunca teve controle algum, por motivo de conexão ou auxílio de qualquer ordem, de bancos, indivíduos, sociedades, agentes de governo, ou quaisquer outros elementos estranhos. A perfeita independência editorial é a base fundamental em que foi lançada a revista.

Na narrativa, a que ajudamos a trazer também esclarecido o êxito imediato que a edição espanhola alcançou, apesar de contar apenas onze meses de existência. Distribuída, como vai sendo, naturalmente, em todos os países da América Latina, já ultrapassou os algarismos de 330 mil exemplares a cada número. Tendo em vista a grande importância do Brasil no Hemisfério Ocidental, e estimulado pelo entusiasmo e entusiasmo que receberam em todas as nações americanas de língua espanhola, resolveram os editores empreender a nova edição brasileira, na esperança de que mereceria a mesma êxito e expansão alcançada, e uma larga expansão de leitura, em todas as partes do Brasil.

O Estado de S. Paulo, 05 set. 1941, p. 08.

A publicação de *Seleções* em português foi um investimento vultuoso por parte dos proprietários norte-americanos e representava uma das facetas da política da boa

³³⁰ A publicação da revista representava um vitória do grupo que apoiava a intervenção dos Estados Unidos do conflito e a política da boa vizinhança no continente latino-americano. Ao analisar o período, rico em contradições, JUNQUEIRA, Mary Anne. *Op. cit.*, p. 30, afirmou que: "antes de 1939, foram veiculados alguns artigos antissemitas e elogiosos do nazismo. Entretanto, após o ataque de Pearl Harbour, a revista passou a tratar os alemães como inimigos e os judeus como vítimas de Hitler". Não parece equivocado afirmar que *Inteligência* passou, nesta fase, por mudanças semelhantes, em decorrência da pressão norte-americana.

vizinhança que, àquela altura, chegava a seu ápice no continente. Juntamente com *Selecciones*, a congênere publicada em espanhol, serviu ao intuito de criar uma imagem positiva dos Estados Unidos no continente além de se pretender uma barreira às invectivas germânicas.³³¹

Para Samuel Ribeiro a saída simbolizou o fim de suas pretensões de continuar no mundo impresso: depois da tentativa frustrada de adquirir o jornal *O Estado de S. Paulo* ele, agora, perdia a revista. O mesmo não pode ser dito de Mário Graciotti. Após a saída da redação de *Inteligência*, o editor passou a integrar o corpo de *Viver*, o outro periódico que compunha o escopo da Inteligência Editora.

A revista *Inteligência* passou a ser dirigida por Octaviano Alves de Lima e gerenciada por Alexandre Fernandes, e instalou-se em novo endereço, Rua do Carmo, 31, sempre na cidade de São Paulo. No primeiro volume que circulou após a aquisição do periódico, não ocorreram mudanças e o leitor desavisado, que não conferisse a página de rosto, quicá não percebesse que o periódico mudara de mãos.

³³¹ Ao estudar o processo de americanização do Brasil durante estes anos, TOTA, Antônio Pedro. *A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 46, afirmou que: “As Américas, não só os Estados Unidos, tinham, segundo Roosevelt, de se transformar numa fortaleza do hemisfério. Na reunião pan-americana de setembro-outubro de 1939, os países americanos, instados pelos Estados Unidos, formaram uma comissão, que deu origem ao Conselho Econômico e Financeiro Interamericano. Os delegados dos Estados Unidos também conseguiram aprovar a formação de uma zona de neutralidade de trezentas milhas em torno do continente americano”.

LIVROS

GUY DE POURTALES — *Wagner, história de um artista* — Edições Losada, Buenos Aires, 1941;

"Há vidas, que constituem, sem exagero, a mais acabada das novelas. É a de Ricardo Wagner é uma assim, desde os seus dias humildes de Leipzig, até aos tempos radiantes e melancólicos do Palácio Vendramin, da Veneza ducal, sem esquecer os de sua fugaz experiência com o infeliz Luiz de Baviera. É uma vida apaixonada e apaixonante; grande — com grandeza majestosa — e tristemente anesquinhada pelos baixos mistérios da existência. Vida maravilhosa, cuja história e cujos comentários se reúnem em mais de dez mil volumes, deduzidos da meditação e da admiração com que os homens a têm contemplado.

Um destes homens foi Guy de Pourtalés. Cincoenta anos depois de haverem os humildes gondoleiros venezianos assistidos, abortos, ao desfile, pelos canais, do fêretro, a que montariam guarda pereos os leões de São Marcos, Pourtalés encerrou, em uma síntese cheia de precisão, formosamente construída, a vastíssima bibliografia wagneriana. Novelista acima disto tudo, o autor animou os cenários em que viveu o creador da "Tetralogia", dando-lhes o seu carácter de grandes afrescos humanos, afin de que servissem de fundo ao inquieto Ricardo.

Guy de Pourtalés começou, com Chopin, a sua experiência de esgaravar as vidas turbulentas dos grandes românticos da música. O êxito conseguido com esse trabalho, talvez o haja estimulado a empreender outra obra, desta vez com referência a Wagner. E, com esta, elaborou a sua obra-prima, apesar de, mais tarde, também Liszt haver sido submetido, por ele, a uma profunda e sagaz investigação. É sabido o papel que este desempenhou na vida do seu genro, ainda muito antes de o ser. Tal relação levou Pourtalés a completar o panorama

(Continúa na pág. 4)

EXPEDIENTE DE "Inteligência"

Mensário da opinião mundial

Director:

Octaviano Alves de Lima

Gerente:

Alexandre Ferrandes

Redação e Administração:

Rua do Carmo, 31

salas 204 e 205

S. PAULO — Brasil

ASSINATURAS:

Sob registro	360000
Para o Brasil — 12 números	300000
Para os outros países	450000
Sob registro	560000

VENDA AVULSA:

Número do mês	26000
Id. atrezado	33500
Número do mês (Exterior)	45000

Tabelas de anúncios com a Administração.

Representante no Rio de Janeiro:

Silvio Leal da Costa

Av. Rio Branco, 143 - 4.º - s/ 6 - Tel. 23-1231

Tel. 23-1231

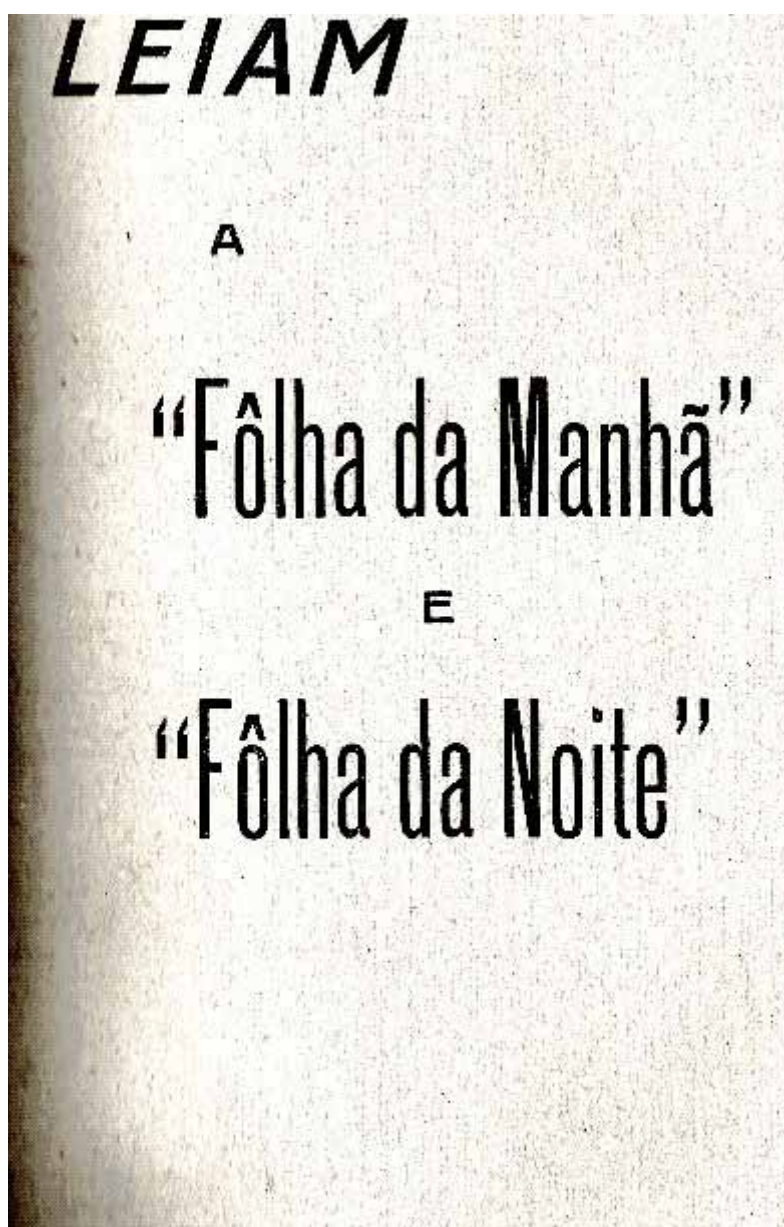
Os trabalhos publicados neste mensário, quando preciso, são expressamente autorizados.

"Inteligência", ao divulgar as opiniões transcritas em suas páginas, não endossa por esse facto os conceitos nelas emitidos; todas as transcrições permanecem subordinadas à responsabilidade da sua fonte de origem".

EXEMPLARES AVULSOS E COLEÇÕES DE "Inteligência"

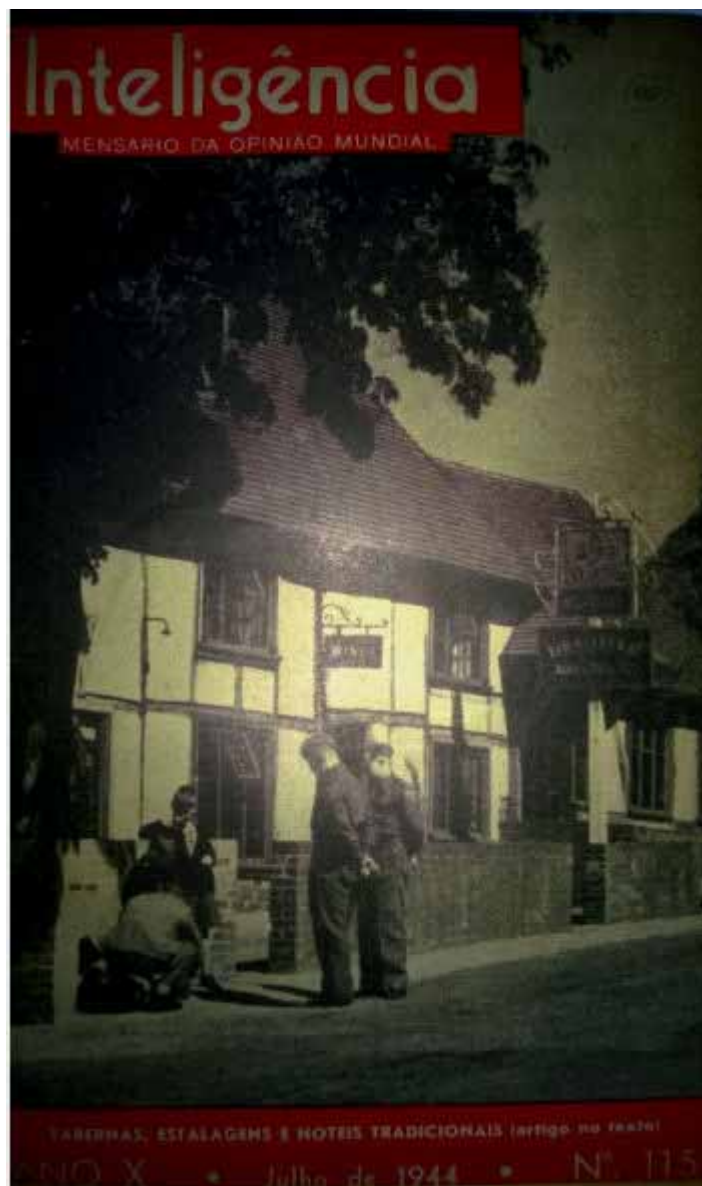
Restando poucos exemplares avulsos e poucas coleções, será, de ora avante, o preço dos mesmos 3\$500, quer vendidos separadamente, quer em coleções anuais. As coleções encadernadas custarão, de ora avante, 6\$000 por volume encadernado, de 3 ou 4 exemplares.

Inteligência, Ano VIII, nº 82, out. 1941. A revista sob nova direção.



Inteligência, Ano VIII, nº 82, out. 1941. Propagandas das *Folhas* de Octaviano Alves de Lima no mensário da opinião mundial.

Ao longo do tempo, contudo, a revista sofreu um processo de modernização, principalmente no que se refere à imagem. As caricaturas perderam sua conotação política e deram lugar às fotos, que traziam imagens do conflito mundial.



Inteligência, Ano X, nº 115, jul. 1944. Nova capa da revista, com destaque para a utilização do recurso fotográfico, ausente na primeira fase da publicação.



Inteligência, Ano X, nº 115, p. 06, jul. 1944.

A longevidade do periódico, que foi publicado até 1946, indica que apesar das modificações empreendidas, o público leitor permaneceu fiel àquela estrutura, elaborada por Graciotti em 1935. Em 1943, ele lançou-se em outra empreitada: o Clube do Livro, iniciativa de sucesso que atravessou décadas e que consistia na publicação de clássicos da literatura a preço baixo.

O fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo representou o início de um novo período na história da humanidade com o reaparecimento dos regimes democráticos na Europa e no Brasil. Para Mário Graciotti, todavia, aqueles foram anos

marcados por uma violência desmedida contra o regime fascista, mal interpretado, cuja derrota legou um mundo que encarava com tristeza e ressentimento.³³²

³³² Em uma de suas obras, ao se referir ao século ao qual pertencia, GRACIOTTI, Mário. *Esta moeda salva o mundo*. São Paulo: Ibrasa, 1993, p. 101, escreveu: “Se o século XIX lhe deu tantas decepções, calcule, dona Melusine, a que se reduziu o século XX, que espantou todas as fadas, símbolos do Bem e da Beleza, para inventar a Bomba Atômica, o Robô, a Proveta, a Aids, mantendo a enganosa moeda especulativa, a que desarrumou o mundo? Querida fada Melusine, tenha pena de nós!”. Ao estudar a trajetória dos contos acerca de Mélusine ao longo do tempo, LE GOFF, Jacques. *Mélusine maternelle et défricheuse*, *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 26^e année, n° 3-4, 1971, p. 601, assinalou: que “elle est l’incarnation symbolique et magique de leur ambition sociale”. Para mais informações sobre este assunto, consultar também: STEAD, ÉVANGHÉLIA. *La chair du livre. Materialité, imaginaire et poétique du livre fin-de-siècle*. Paris: Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 2012. A evocação da fada por Mario Graciotti pode ser interpretada como recurso do editor que viu seu projeto fracassar.

Conclusão

*Notícias aparentemente insignificantes, reunidas em mosaicos, dão, às vezes, um quadro de conjunto e permitem conclusões certas, em relação às intenções do inimigo.*³³³

Em 1970, no momento de euforia que se seguiu à conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo Brasil, o nome de Mário Gracioti ecoou no salão da Sala de Reuniões da Assembléia Legislativa de São Paulo. Na ocasião, a deputada Dulce Salles Cunha Braga leu uma longa justificativa para o requerimento que tinha por finalidade conferir “votos de louvor e congratulações ao eminente médico, escritor e editor paulista Mário Gracioti”.³³⁴ Ao rememorar a trajetória do livro no país, afirmou que:

(...) foi exatamente por volta de 1920, que um paulista dos mais eminentes resolveu libertar o livro nacional da tutela estrangeira: mestre Monteiro Lobato, das mais belas figuras do Vale do Paraíba, nome já inscrito no Panteão da Nacionalidade, ao organizar o seu parque gráfico, vinha testemunhar o quanto podíamos fazer na confecção do livro nacional, libertando-o das engrenagens alienígenas. Até 1920, em geral, a maioria dos nossos livros era feita na Europa, Lisboa, Paris, através dos editores Garnier, Laemert, e até em Leipzig, na Alemanha. Lobato descobrira o segredo de fazer o livro, mas não havia conseguido, ainda, a maneira de colocá-lo definitivamente. Para termos uma ideia das pequenas tiragens da época, basta compulsar a biografia de Lobato, feita pelo saudoso Edgard Cavalheiro. Lá estão números impressionantes: as tiragens comuns do livro brasileiro eram de 500 a 1000 exemplares naqueles anos, tiragens essas que levavam, segundo as próprias palavras de Lobato, até cinco anos para se esgotar. O livro mantinha-se na forma clássica: ficava na prateleira das livrarias à espera de um possível leitor.³³⁵

Após apresentar o feito inicial de Monteiro Lobato e a posterior insolvência de sua empresa gráfica, em 1925, a deputada destacou a fundação, em São Paulo, do mensário *Inteligência*, idealizado por Mário Gracioti, como um verdadeiro recorde editorial. Ao formular essa linha de continuidade, Dulce inferia que o editor paulistano era o homem responsável por popularizar o livro no Brasil, desafio no qual o autor de *Urupês* havia falhado, anteriormente. Ao traçar uma analogia entre o panorama cultural e o esportivo no Brasil dos anos 1970, ela comentou:

³³³ *Inteligência*, Ano VI, nº 63, p. 27, mar. 1940.

³³⁴ Dulce Salles Cunha Braga, Requerimento nº 177, de 1970, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Ano LXXX, nº 164, 02 set. 1970, p. 75, o parabenizava, então, por ser “recentemente distinguido com duas láureas nacionais: o troféu dos ‘Dez Mais da Cultura – 1968-1969’, instituído pelo Jornal de Letras e a Medalha ‘Machado de Assis’, da Academia Brasileira de Letras”.

³³⁵ Idem.

(...) quando o extraordinário jogador Edison Arantes do Nascimento (Pelé) completou um número expressivo de gols, 1.000, que representa um índice esportivo muito simpático, recebeu o grande futebolista várias homenagens oficiais, tais como a Ordem do Rio Branco, que lhe foi concedida pelo sr. Presidente, o cartão de ouro do Senado, o selo comemorativo dos 1.000 gols e outras significativas manifestações de aplauso. José Tavares de Miranda, em um de suas recentes crônicas no prestigioso jornal “Folha de S. Paulo”, fixando aqueles índices, informa que Mário Graciotti não fez mil gols, mas editou e colocou nos lares brasileiros cerca de 7 milhões de livros, ao longo de 28 anos. Que homenagens poderemos prestar a Mário Graciotti, semeador de cultura, *rei do livro?*”³³⁶

De fato, o “rei do livro” recebeu, ao longo da vida, diversos prêmios e honrarias. Sua atividade editorial foi devidamente reconhecida, bem como os serviços em prol da divulgação do livro e da cultura no Brasil. Todavia, no que diz respeito à *Inteligência*, pode-se afirmar que ela foi mais que um “veículo de divulgação cultural,” como a classificou Dulce Salles Cunha Braga.

A revista de recortes idealizada pelo médico de descendência italiana foi lançada porque respondia às ambições políticas dele e de seu grupo, entusiasta do fascismo italiano. Este aspecto da atividade editorial de Mário Graciotti, diferentemente daquele diretamente associado aos livros, perdeu-se ao longo do tempo. Ao tomar a revista *Inteligência: mensário da opinião mundial* como fonte e objeto de pesquisa percebe-se que havia um projeto que norteava a ação do editor.

O formato adotado pelo periódico permitia aos editores a elaboração de justaposições que alteravam os sentidos tanto do material textual quanto do iconográfico. Inspirado em *Le Mois*, periódico francês que circulava no Brasil, ele pretendeu produzir uma revista valendo-se de uma técnica semelhante da mobilizada por *Seleções*. Assim como na congênere norte-americana, os editores investiram em condensar artigos da imprensa para compor o mensário paulistano. A diferença entre ambas residia no fato de que, em *Inteligência*, não havia textos publicados por autores brasileiros a exceção dos alocados na seção *Vida Nacional*, na segunda fase da publicação, quando o periódico passou por transformações efêmeras em seu projeto gráfico e editorial.

Ao folhear tais revistas, todavia, o compilador tomava determinados caminhos, atuava sobre os conteúdos, realizando atos editoriais que resultavam em um produto

³³⁶ Ibidem.

sem precedentes no mercado de bens simbólicos brasileiro. Ao proporcionar ao leitor um índice das revistas que foram utilizadas para a composição do periódico, os editores pretendiam transmitir uma ideia de heterogeneidade que, todavia, mostrava-se enganosa, quando se cotejava os conteúdos que ganharam maior ou menor destaque ao longo do tempo.

Desta forma, ao longo de toda a primeira fase, o material textual e o iconográfico foram articulados para defender uma visão de mundo fascista, tanto no que se referia à política quanto à economia. Inúmeros textos sobre o corporativismo foram publicados pela revista, que também estampou em suas páginas caricaturas que defendiam a política externa ítalo-germânica, em detrimento das democracias ocidentais, duramente condenadas.

O sucesso de *Inteligência* ocorreu em um momento em que o Brasil havia aberto suas janelas para os problemas mundiais. Após a participação do país na Primeira Guerra Mundial, um público ávido por informações acerca do cenário internacional ganhou força e cresceu em quantidade. Em 1938, resultado de tal sucesso, Graciotti e Samuel Ribeiro criaram a Inteligência Editora Ltda, responsável pelo mensário da opinião mundial e por *Viver*, periódico pautado nos critérios eugênicos. A diversificação de atividades era um sinal de que a empreitada na qual eles haviam se lançado em 1935 obtinha êxito.

A instabilidade das relações políticas nacionais e internacionais, contudo, alterou as circunstâncias. A partir da ditadura do Estado Novo, instaurada em novembro de 1937, e da derrota do golpe integralista em 1938, Mário Graciotti, amigo de Plínio Salgado, viu o movimento ser proibido por Getúlio Vargas. As temáticas principais passaram, então, por profundas alterações. Os Estados Unidos, antes ridicularizados por suas pretensões, receberam um tratamento diferente ao longo desta segunda fase. Com o início da Segunda Guerra Mundial e as vitórias retumbantes do campo da direita na guerra européia, *Inteligência* publicou caricaturas nas quais satirizava os esforços democráticos, certos de que a vitória pertencia ao Eixo, o que demonstra que as temáticas estavam coadunadas com o resultado da guerra.

Quando a França foi derrotada e os Estados Unidos prontificaram-se a socorrer a Inglaterra, que lutava sozinha contra os ítalo-germânicos, aumentaram as pressões sobre o governo brasileiro no sentido de apoiar a causa das democracias. Altos investimentos foram feitos tanto no que se refere a assuntos econômicos quanto culturais por parte dos

Estados Unidos que, àquela altura, rivalizavam com os alemães em busca da hegemonia no continente americano.

Em consequência disso, as páginas da revista foram inundadas com textos assinados por personalidades que defendiam o liberalismo e a intervenção dos Estados Unidos na conflagração. Aos poucos, o projeto inicial de *Inteligência* foi saindo do controle de Graciotti, que perdia espaço para assuntos da esfera econômica que passavam dentro da redação da revista.

Entre 1940 e 1941, o cunhado de Samuel Ribeiro, Guilherme Guinle, foi o responsável pelas negociações que resultaram, com sucesso, na criação de um parque siderúrgico nacional. A revista, que em 1939 já havia sido acusada de atividades políticas suspeitas, era tragada pela proximidade de seu diretor com o poder. Mário Graciotti, por outro lado, passou a ser investigado e observado de perto pelos agentes da repressão, que relatavam a proximidade dele com Plínio, ampliada para parentesco, em setembro de 1940, quando o médico se casou com uma sobrinha do chefe integralista.

Samuel Ribeiro, presidente da Caixa Econômica Federal e diretor do mensário e da Inteligência Editora, envolveu-se no processo de aquisição do jornal *O Estado de S. Paulo*, invadido pelo regime estadonovista em março de 1940. Respondendo aos apelos do próprio presidente, ele pediu para deixar o cargo no banco federal para tentar comprar o jornal dos Mesquita. Como Júlio de Mesquita Filho, então no exílio, não aceitava qualquer tipo de acordo com a ditadura, o negócio não vingou. *Inteligência* foi vendida no mês seguinte, ao proprietário da *Folha da Manhã*, Octaviano Alves, responsável pela modernização do mensário que circulou até 1946.

A derrota do projeto inicial de *Inteligência* deveu-se à conjuntura internacional e às mudanças vividas pelo governo brasileiro ao longo dos anos 1940. Inicialmente programada para defender e propagar os ideais caros à direita, o mensário, em 1941, vibrava com a resistência britânica e abria suas páginas a escritores americanos que proclamavam a grandeza e a pujança do liberalismo dos Estados Unidos. Sintoma dos tempos que advinham, no mesmo mês em que o mensário da opinião mundial foi vendido, anunciou-se a entrada de *Seleções* no Brasil, prevista para janeiro de 1942.

O excerto que encima esta conclusão foi extraído de um texto publicado em março de 1940, no qual se comentavam os problemas da guerra moral. Esta, de acordo com a definição do autor, era “a luta que o Estado mantém com os meios de ordem intelectual e moral, visando reforçar na opinião pública o seu prestígio e enfraquecer o

do inimigo, mantendo e aumentando as suas forças de defesa e diminuindo a vontade do inimigo na resistência nacional”.

Nesse sentido, pode-se concluir que Mário Graciotti compulsou periódicos internacionais, folheando-as com o propósito de elaborar uma revista cujo segredo residia no formato por ele idealizado. Suas compilações, ou melhor, seus atos editoriais resultavam em um periódico que se valia de textos e imagens para propagar uma visão de mundo de direita, por ele reconhecida como única capaz de solucionar os problemas do Brasil. A revista foi o meio por ele encontrado para travar a sua guerra moral, preparando a opinião pública, as massas, para os problemas futuros, embasado nas premissas da política fascista e corporativista. Quando foram derrotados, integralismo e fascismo, nacional e internacionalmente, coube a Mário Graciotti a tentativa de criar uma memória confortável desta fase de sua vida, afirmando, sempre, que a data da venda da revista era 1942, ano da entrada do Brasil na conflagração.

A trajetória deste homem de letras, médico e editor ao longo destas décadas do século XX, demonstra que as atividades editoriais dele caminharam *pari passu* com as atividades políticas e a derrota de seu projeto ligava-se, inextricavelmente, à derrota de sua visão de mundo no cenário internacional. Os mosaicos por ele compostos e recompostos ao longo dos anos são indícios que revelam a complexidade das relações entre a polícia nacional e internacional nas primeiras décadas do século XX. Ao se lançar em uma nova empreitada, o Clube do Livro, em 1943, Mário Graciotti continuou seu percurso de editor, nacionalmente reconhecido e admirado sem, contudo, deixar de defender, ao longo de suas obras, o fascismo e Plínio Salgado.

Marcado por esta derrota, o editor de *Inteligência* assemelhava-se à caricatura publicada nos primeiros anos da publicação, na qual se via o globo terrestre a olhar para diversas placas indicativas de caminhos ideológicos. Em meio às múltiplas possibilidades, uma delas sinalizava o fascismo como horizonte de felicidade, para onde as aves se dirigiam. O olhar de Graciotti, contudo, privado desta expectativa, observava as sendas do século XX com amargura e rancor. A revista, nas palavras de Dulce Salles Cunha Braga, alcançara sucesso, pois “não há, no Brasil, homem público, intelectual de projeção, escritor ou político, que não a tenha conhecido e colecionado”.³³⁷ Ao reescrever o passado, alterando datas e fatos, ele atuava como o editor que lançou

³³⁷ *Op. cit.*

Inteligência desta vez, entretanto, recortando e colando tesselas que compunham um mosaico particular, o das escritas de si.

Anexos

Anexo I

Tabela I
Caricaturas e temáticas – 1935

Mês	Temática	Fonte/País
Fevereiro	O Mundo	New York Herald - EUA
Fevereiro	O Mundo	Examiner - EUA
Fevereiro	Hitler	Le Rire - França
Fevereiro	Hitler	Mucha – Polônia
Fevereiro	URSS	Berliner Illustrierte Zeitung - Alemanha
Fevereiro	URSS	Berliner Illustrierte Zeitung - Alemanha
Abril	Inglaterra	Der Simpl – Tchecoslováquia
Abril	Hitler	Folha da Noite – Brasil
Abril	Hitler	Le Rire – França
Maio	SDN	Il Travaso delle Idee - Italia
Maio	SDN	Kladderadatsch - Alemanha
Maio	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Junho	Inglaterra	Der Simpl - Tchecoslováquia
Junho	Hitler	Vendémiaire - França
Junho	Mussolini	Der Simpl - Tchecoslováquia
Julho	Abssínia	Il Travaso delle Idee – Itália
Julho	Abssínia	New York - EUA
Julho	Abssínia	Today - EUA
Julho	Inglaterra	Il Guerin Meschino - Itália
Julho	Inglaterra	Evening Standard - Inglaterra
Julho	Nazismo	Za Industrializatsion - URSS
Julho	Deus Marte	Kladderadatsch – Alemanha
Agosto	Abissínia	Guerin Meschino – Itália
Agosto	Abissínia	Il Travaso delle Idee – Itália
Agosto	Abssínia	Jugend - Alemanha
Agosto	Abssínia	Glasgow Record - Escócia
Agosto	Abssínia	Mucha – Polônia
Agosto	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Agosto	Inglaterra	De Groene Amsterdammer

		– Holanda
Mês	Temática	Fonte/País
Agosto	Hitler	The Sun – EUA
Agosto	Mundo	Akbaba – Turquia
Setembro	Abssínia	Socialdemokrat – Tchecoslováquia
Setembro	Abssínia	Guerin Meschino - Itália
Setembro	Abssínia	Il Travaso delle Idee – Itália
Setembro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Setembro	Mussolini	Punch - Inglaterra
Setembro	Mussolini	Politiken - Dinamarca
Outubro	Abssínia	Judge - EUA
Outubro	Abissínia	Guerin Meschino – Itália
Outubro	Inglaterra	La Stampa – Itália
Outubro	Paz	Guerin Meschino - Itália
Outubro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Outubro	SDN	La Publicidad – Espanha
Outubro	SDN	Daily Express – Inglaterra
Outubro	Hitler	Marianne - França
Outubro	Mussolini	Pan - Argentina
Outubro	Mundo	The Financial World – EUA
Novembro	SDN	Baltimore Sun - EUA
Novembro	SDN	Marianne - França
Novembro	URSS	Kladderadatsch - Alemanha
Novembro	Mussolini	The New York Times - EUA
Novembro	Mussolini	The Star - Austrália
Novembro	Mundo	Daily News - EUA
Dezembro	Abissínia	Guerin Meschino – Itália
Dezembro	Inglaterra	Kladderadatsch - Alemanha
Dezembro	Inglaterra	Il Tevere – Itália
Dezembro	Deus Marte	Philippines Free Press - Filipinas
Dezembro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Dezembro	SDN	La Stampa – Itália
Dezembro	SDN	Evening News – Inglaterra
Dezembro	Mussolini	Le Rire – França
Dezembro	Mussolini	Daily Express – Inglaterra
Dezembro	Mussolini	Le Petit Bleu - França

Anexo II

Tabela II
Caricaturas e temáticas – 1936

Mês	Temática	Fonte/País
Janeiro	França	Gringoire/França
Janeiro	Guerra 1914	Nebelspalter – Suíça
Janeiro	Inglaterra	Daily Herald – Inglaterra
Janeiro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Janeiro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Janeiro	SDN	Je suis partout – França
Janeiro	SDN	Il Travaso delle Idee – Itália
Janeiro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Janeiro	SDN	Simplicissimus – Alemanha
Janeiro	URSS	American Newspaper – EUA
Janeiro	Hitler	Vanity Fair – EUA
Janeiro	Mussolini	Melbourne Star – Austrália
Janeiro	Mussolini	Glasgow Bulletin – Escócia
Janeiro	Mussolini	Notenkraker – Holanda
Janeiro	Mundo	Izvestia – URSS
Fevereiro	Inglaterra	Le Rire – França
Fevereiro	Morte	Simplicissimus – Alemanha
Fevereiro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Fevereiro	SDN	Ric et Rac – França
Fevereiro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Fevereiro	SDN	Le Rire – Paris
Fevereiro	SDN	Daily Express – Inglaterra
Fevereiro	SDN	Daily Express – Inglaterra
Fevereiro	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Fevereiro	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Fevereiro	Mussolini	Contemporary Review – Inglaterra
Fevereiro	Japão	Marianne – França
Março	França	Kladderadatsch – Alemanha
Março	Inglaterra	Morning Post – Inglaterra
Março	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Março	Morte	Life – EUA
Março	SDN	Guerin Meschino – Itália
Março	SDN	Marianne – França

Mês	Temática	Fonte/País
Março	Mussolini	Nation – EUA
Março	Mussolini	Daily Herald – Inglaterra
Março	Mussolini	Guerin Meschino – Itália
Março	Mussolini	Marianne – França
Março	Mussolini	Guerin Meschino – Itália
Março	Abissínia	Daily Herald – Inglaterra
Março	Japão	Sozial-Demokraten – Dinamarca
Março	EUA	Common Sense – EUA
Março	EUA	Gringoire – Paris
Março	EUA	Il Travaso delle Idee – Itália
Março	EUA	La Tribuna Illustrata – Itália
Maio	França	Marianne – França
Maio	Morte	Il 420 – Itália
Maio	Morte	Haagsche Post – Holanda
Maio	Marte	Post – EUA
Maio	SDN	Il Sette Bello – Itália
Maio	SDN	Guerin Meschino – Itália
Maio	Hitler	Evening Standard – Inglaterra
Maio	Japão	Izvestia – URSS
Maio	Mundo	Evening Standard – Inglaterra
Junho	França	Guerin Meschino – Itália
Junho	Inglaterra	Je suis partout – França
Junho	Inglaterra	Il Travaso delle Idee – Itália
Junho	Morte	St. Louis-Post Dispatch – EUA
Junho	SDN	Gringoire – França
Junho	SDN	Guerin Meschino – Itália
Junho	SDN	The North China Herald – China
Junho	SDN	Marianne – França
Junho	Hitler	Le Pilon – Bélgica
Junho	Hitler	L’Humanité – França
Julho	França	L’illustrazione Italiana – Itália
Julho	França	Gringoire – França
Julho	França	Guerin Meschino – França
Julho	Guerra 1914	Daily Herald – Inglaterra
Julho	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Julho	Paz	Smith’s Weekly – Austrália
Julho	SDN	Heraldo de Madrid – Espanha

Mês	Temática	Fonte/País
Julho	SDN	Guerin Meschino – Itália
Julho	Goebbels	De Notenkrakey - Holanda
Julho	Hitler	Evening Standard – Inglaterra
Julho	Mussolini	Ric et Rac – França
Agosto	Guerra 1914	Simplicissimus – Alemanha
Agosto	SDN	Il 420 – Itália
Agosto	SDN	Guerin Meschino – Itália
Agosto	Hitler	Komar – Twow
Agosto	Mundo	Il Travaso delle Idee – Itália
Setembro	GCE	Guerin Meschino – Itália
Setembro	Inglaterra	Daily Express – Inglaterra
Setembro	SDN	Brenessel – Suíça
Setembro	SDN	Huzo – Itália
Setembro	SDN	Il Travaso delle Idee – Itália
Setembro	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Setembro	Hitler	Evening Standard – Inglaterra
Setembro	Japão	Moscow News – URSS
Setembro	Japão	Daily Express – Inglaterra
Setembro	Japão	Osaka Pakkou – Japão
Outubro	GCE	Guerin Meschino – Itália
Outubro	GCE	Il 420 – Itália
Outubro	GCE	Marianne – França
Outubro	GCE	Marianne – França
Outubro	SDN	Current History – EUA
Novembro	França	Je suis partout – França
Novembro	Guerra 1914	Brenessel – Suíça
Novembro	GCE	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Novembro	GCE	Herald – Inglaterra
Novembro	GCE	Baltimore Sun – EUA
Novembro	GCE	Il 420 – Itália
Novembro	GCE	Daily Worker – Inglaterra
Novembro	Paz	Guerin Meschino – Itália
Novembro	SDN	Kladderadatsch – Alemanha
Novembro	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Novembro	URSS	Izvestia – URSS
Novembro	Mundo	Il Merlo – Itália
Novembro	Mundo	Guerin Meschino – Itália
Dezembro	GCE	Marianne – Paris
Dezembro	GCE	L’Humanité – França

Mês	Temática	Fonte/País
Dezembro	GCE	Handels Och Sjoparts-Tidning – Suécia
Dezembro	GCE	Guerin Meschino
Dezembro	SDN	Ric et Rac – França
Dezembro	URSS	Guerin Meschino – Itália
Dezembro	Hitler	Il Merlo – Itália

Anexo III

Tabela III
Caricaturas e temáticas – 1937

Mês	Temática	Fonte/País
Janeiro	GCE	Guerin Meschino – Itália
Janeiro	Fascismo	Papitu – Espanha
Janeiro	GCE	Heraldo de Madrid – Espanha
Janeiro	Mundo	Marianne – França
Janeiro	SDN	Kladderadatsch – Alemanha
Janeiro	SDN	Kladderadatsch – Alemanha
Janeiro	Paz	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Janeiro	Mussolini	Guerin Meschino – Itália
Janeiro	Mussolini - Hitler	Mucha – Polônia
Janeiro	Paz	Morning Post – Inglaterra
Janeiro	Paz	Le Petit Bleu – França
Janeiro	GCE	New York Telegram – EUA
Janeiro	Inglaterra	Il Travaso delle Idee – Itália
Janeiro	Paz	Chicago Daily Telegraph – EUA
Janeiro	Liberdade	Marianne – França
Janeiro	Europa	Karikatur – Turquia
Fevereiro	URSS	Guerin Meschino – Itália
Fevereiro	Europa em armas	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Fevereiro	URSS	Guerin Meschino – Itália
Fevereiro	Mussolini - Hitler	Osaka Pakku – Japão
Fevereiro	Inglaterra	Le Canard Enchainé – França
Fevereiro	SDN	Kladderadatsch – Alemanha
Fevereiro	SDN	Politiken – Dinamarca
Fevereiro	GCE	Jugend – Alemanha
Fevereiro	GCE	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Fevereiro	Europa em armas	Nebelspalter – Suíça
Fevereiro	Goering	Current History – EUA
Fevereiro	SDN Americana	L’Illustrazione Italiana – Itália
Fevereiro	Paz	Nebelspalter – Suíça
Fevereiro	Paz	L’Ordre – França
Fevereiro	GCE	Etoile Rouge – França
Fevereiro	GCE	Pravda – URSS
Fevereiro	Mundo	Daily Express – Inglaterra
Fevereiro	Paz	Mucha – Polônia
Fevereiro	Europa em armas	Star – Inglaterra
Março	GCE	North China Daily News – China
Março	GCE	Marianne – França
Março	GCE	Daily Express – Inglaterra
Março	Europa - GCE	Sondagsnisse-Strix – Suécia

Mês	Temática	Fonte/País
Março	Paz	Le Soir – França
Março	GCE	La Tribune des Nations – França
Março	GCE	Le Cannard Enchainé – França
Março	GCE	Pittsburg Press - EUA
Março	Cuba	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Março	China	Glasgow Record – Escócia
Março	Alemanha	Marianne – França
Março	SDN	Fargo Fórum – EUA
Março	Armamentos	Berlingske Tidende – Dinamarca
Março	Pactos	North-China Daily News – China
Março	Mussolini - Hitler	Le Soir – Bélgica
Abril	GCE	Daily Express – Inglaterra
Abril	GCE	Dagens Nyheter – Suécia
Abril	GCE	Il 420 – Itália
Abril	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Abril	GCE	United Feature Syndicate – EUA
Abril	Alemanha – França	Brenessel – Alemanha
Abril	Hitler	Evening Standard – Inglaterra
Abril	URSS x Fascismo	Il 420 – Itália
Abril	Europa	Politiken – Dinamarca
Abril	Europa	Marianne – França
Abril	Mundo bipolar	De Telegraaf – Holanda
Abril	Mundo	Daily News – EUA
Abril	Europa	Guerin Meschino – Itália
Abril	Mussolini - Hitler	Kladderadatsch – Alemanha
Abril	EUA	Il Travaso delle Idee – Itália
Abril	GCE	Glasgow Record – Escócia
Abril	SDN	Marianne – França
Maio	GCE	Guerin Meschino – Itália
Maio	Mundo bipolar	North-China Daily Express – China
Maio	SDN	Pilori – Suíça
Maio	GCE	Il Travaso delle Idee – Itália
Maio	Colônias divididas	Guerin Meschino – Itália
Maio	Hitler	Dagens Nyheter – Suécia
Maio	Mundo	Guerin Meschino – Itália
Maio	Inglaterra	Swiss Nebelspalter – Suíça
Maio	Inglaterra – EUA	Guerin Meschino – Itália
Maio	Marte	Mucha – Polônia
Maio	Mussolini - Hitler	Izvestia - URSS
Maio	EUA	Il Travaso delle Idee – Itália
Maio	SDN Americana	Simplicissimus – Alemanha
Maio	Marte	Nebelspalter – Suíça
Maio	GCE	Guerin Meschino – Itália
Junho	Inglaterra	Realités – Bélgica
Junho	SDN	Il Popolo d'Italia – Itália
Junho	Paz	Daily Express – Inglaterra
Junho	Europa	Evening Standard – Inglaterra

Mês	Temática	Fonte/País
Junho	Guerra	Daily Herald – Inglaterra
Junho	SDN	Guerin Meschino – Itália
Junho	Europa	Detroit Sunday Times – EUA
Junho	Democracia	Politiken – Dinamarca
Junho	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Junho	Mussolini - Hitler	De Groene Amsterdammer – Holanda
Junho	GCE	Vanguardia – Espanha
Junho	Mussolini - Hitler	Realités – Bélgica
Junho	GCE	Adelante – Espanha
Julho	GCE	Il 420 – Itália
Julho	Mundo bipolar	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Julho	GCE	Realités – Bélgica
Julho	Marte	Hooger Leven – Bélgica
Julho	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Julho	Mussolini - Hitler	Il Popolo d'Italia – Itália
Julho	Napoleão	Glasgow Record – Escócia
Julho	Europa	Albany Evening News – EUA
Julho	EUA	De Groene Amsterdammer – Holanda
Julho	Raças	Nebelspalter – Suíça
Julho	URSS	Glasgow Record – Escócia
Julho	Mussolini	Humoristicke Listy – Tchecoslováquia
Julho	Guerra	Oklahoma City Times – EUA
Julho	Hitler	Daily Herald – Inglaterra
Agosto	GCE	Adelante – Espanha
Agosto	GCE	Arizona Republic – EUA
Agosto	GCE	Current History – EUA
Agosto	Hitler	Le Cannard Enchainé – França
Agosto	URSS – Alemanha	South Wales Echo – País de Gales
Agosto	Rexismo – Bélgica	Le Peuple – Bélgica
Agosto	Guerra	Daily Herald – Inglaterra
Agosto	Europa	Le Petit Bleu – França
Agosto	Mussolini	Current History – EUA
Agosto	Inglaterra	Adelante – Espanha
Agosto	EUA	Current History – EUA
Agosto	Inglaterra	St. Louis Post-Dispatch – EUA
Agosto	Alemanha	Le Cannard Enchainé – França
Agosto	Guerra	Glasgow Times – Escócia
Agosto	GCE	Humanité – França
Agosto	Paz	Nebelspalter – Suíça
Agosto	Hitler	Realités – Bélgica
Agosto	Europa – América	Review of Reviews – EUA
Agosto	Europa – América	Review of Reviews – EUA
Agosto	Inglaterra	Current History – EUA
Agosto	Caricaturas de líderes	Judge – EUA
Setembro	China	Kladderadatsch – Alemanha
Setembro	Guerra	New York Times – EUA
Setembro	Mussolini - Hitler	London Daily Herald – Inglaterra

Mês	Temática	Fonte/País
Setembro	URSS	Il 420 – Itália
Setembro	Mundo bipolar	Current History – EUA
Setembro	SDN	Guerin Meschino – Itália
Setembro	Europa	Current History – EUA
Setembro	China	The Digest – EUA
Setembro	Itália	Il 420 – Itália
Setembro	Paz	Guerin Meschino – Itália
Setembro	Mussolini	Humanité – França
Setembro	Inglaterra	Current History – EUA
Setembro	Guerra	Birmingham Gazette – Inglaterra
Setembro	EUA	Kladderadatsch – Alemanha
Setembro	França	Il Travaso delle Idee – Itália
Outubro	GCE	De Groene Amsterdammer – Holanda
Outubro	URSS	Kladderadatsch – Alemanha
Outubro	GCE	Glasgow Record – Escócia
Outubro	URSS	Il Merlo – Itália
Outubro	Japão	Il Merlo – Itália
Outubro	China	St. Louis Post Dispatch – EUA
Outubro	Palestina	St. Louis Post Dispatch – EUA
Outubro	URSS	Guerin Meschino
Outubro	Guerra	St. Louis Post Dispatch – EUA
Outubro	Mundo bipolar	New York World Telegram – EUA
Outubro	Guerra	Muskete – Polônia
Outubro	Japão	New York World Telegram – EUA
Outubro	Guerra	Guerin Meschino – Itália
Outubro	Paz	Kladderadatsch – Alemanha
Outubro	EUA	Des Moines Register – EUA
Outubro	Guerra	Oeuvre – França
Novembro	Paz	Guerin Meschino – Itália
Novembro	Inglaterra	Die Brenessel – Alemanha
Novembro	Japão	Current History – EUA
Novembro	Inglaterra	Il Guerin Meschino – Itália
Novembro	Japão	Glasgow Evening Times – Escócia
Novembro	China	Little Rock Democrat – EUA
Novembro	Japão	Glasgow Record – Escócia
Novembro	Paz	New Masses – EUA
Novembro	SDN	Nebelspalter – Suíça
Novembro	Inglaterra	Glasgow Record – Escócia
Novembro	EUA	Richmond Times Dispatch – EUA
Novembro	Inglaterra	New Masses – EUA
Novembro	Japão	L’Oeuvre – França
Novembro	GCE	Current History – EUA
Novembro	Japão	L’Oeuvre – França
Novembro	Mussolini	L’Oeuvre – França
Dezembro	Japão	Il Merlo – Itália
Dezembro	Mundo – ano novo	Nebelspalter – Suíça
Dezembro	Japão	Ric et Rac – França

Mês	Temática	Fonte/País
Dezembro	Mundo – ano novo	Il Merlo – Itália
Dezembro	Guerra	Daily Express – Inglaterra
Dezembro	China	The North China Herald – China
Dezembro	Guerra	Il Travaso delle Idee – Itália
Dezembro	Japão	Il Merlo – Itália
Dezembro	Inglaterra	Glasgow Bulletin – Escócia
Dezembro	Mussolini - Hitler	Karicatur – Turquia
Dezembro	Inglaterra	Guerin Meschino – Itália
Dezembro	Japão	The Bulletin – Inglaterra
Dezembro	Judeus	Il Travaso delle Idee – Itália

Anexo IV

Tabela IV
Caricaturas e temáticas – Janeiro – Junho de 1938

Mês	Temática	Fonte/País
Janeiro	Japão	Seattle Star – EUA
Janeiro	Japão	Berlingske Tidende – Dinamarca
Janeiro	Japão	The Chicago Tribune – EUA
Janeiro	Mundo – ano novo	Current History – EUA
Janeiro	Alemanha	Karicatur – Turquia
Janeiro	SDN	Kladderadatsch – Alemanha
Janeiro	Mundo	San Francisco Chronicle – EUA
Janeiro	Inglaterra	Birmingham Gazette – Inglaterra
Janeiro	Mussolini - Hitler	Arizona Republic – EUA
Janeiro	Mussolini	World Review – Inglaterra
Janeiro	GCE	Los Angeles Times – EUA
Janeiro	Alemanha	L'Oeuvre – França
Fevereiro	Japão	The Washington Post – EUA
Fevereiro	EUA	Guerin Meschino – Itália
Fevereiro	Japão	Daily Herald – Inglaterra
Fevereiro	Inglaterra	Chicago Tribune – EUA
Fevereiro	Inglaterra	Il Travaso delle Idee – Itália
Fevereiro	Inglaterra	Current History – EUA
Fevereiro	Mussolini - Hitler	Le Populaire – França
Fevereiro	Mussolini - Hitler	Le Cannard Enchainé – França
Fevereiro	EUA	Fortune – EUA
Fevereiro	EUA	Richmond Times Dispatch – EUA
Fevereiro	EUA	The Daily Oklahoma – EUA
Março	Japão	Arizona Republic – EUA
Março	Japão	Current History – EUA
Março	Japão	South Wales Echo – País de Gales
Março	Mundo – ano novo	Judge – EUA
Março	Japão	Die Brenessel – Alemanha
Março	EUA	Die Brenessel – Alemanha
Março	Inglaterra	Il 420 – Itália

Mês	Temática	Fonte/País
Março	Mundo	Marianne – França
Março	Inglaterra	The New York Times – EUA
Março	Mussolini - Hitler	Libertad – Espanha
Março	SDN	Il Merlo – Itália
Março	França-Inglaterra	Berliner Tagblatt – Alemanha
Março	Itália x Inglaterra	Marianne – França
Março	Inglaterra	Il Merlo – Itália
Março	França	Glasgow Record – Escócia
Março	EUA	Die Brenessel – Alemanha
Março	Alemanha	Il Travaso delle Idee – Itália
Março	Alemanha	Marianne – França
Abril	Mussolini - Hitler	Marianne – França
Abril	Mussolini - Hitler	Marianne – França
Abril	Japão	Glasgow Record – Inglaterra
Abril	Japão	St. Louis Post Dispatch – EUA
Abril	Japão	San Francisco Chronicle – EUA
Abril	Inglaterra	Il 420 – Itália
Abril	Inglaterra	Kladderadatsch – Alemanha
Abril	Inglaterra	Il 420 – Itália
Abril	Inglaterra	World Review – Inglaterra
Abril	Alemanha	Glasgow Record – Inglaterra
Abril	EUA	The Daily Oklahoman – EUA
Abril	Guerra	Collier's – EUA
Abril	EUA	Current History – EUA
Abril	Europa	The New York Times – EUA
Abril	EUA	Richmond Times Dispatch – EUA
Abril	Japão	South Wales Echo – País de Gales
Abril	China	Die Brenessel – Alemanha
Maio	Itália	Il 420 – Itália
Maio	Inglaterra	Marianne – França
Maio	Itália	Haagsche Post – Holanda
Maio	Inglaterra	Marianne – França
Maio	Inglaterra	Haagsche Courant – Holanda
Maio	SDN	Il 420 – Itália
Maio	Japão	Nebelspalter – Suíça

Mês	Temática	Fonte/País
Maio	Armamentos	Die Brenessel – Alemanha
Maio	Paz	Marianne – França
Maio	Guerra – soldado desconhecido	Il 420 – Itália
Maio	Guerra	Il 420 – Itália
Maio	Alemanha	Il 420 – Itália
Maio	Hitler	Marianne – França
Maio	EUA	Il 420 – Itália
Maio	Crise financeira	Die Brenessel – Alemanha
Maio	Armamentos	Il 420 – Itália
Maio	Franco francês	Je suis partout – França
Maio	Mussolini - Hitler	Marianne – França
Junho	Japão	Marianne – França
Junho	Itália	Humoristicke Listy – Tchecoslováquia
Junho	Paz	Marianne – França
Junho	Mussolini - Hitler	The Louisville Times – EUA
Junho	Inglaterra	St. Louis Post Dispatch – EUA
Junho	Marte	Marianne – França
Junho	Alemanha	Marianne – França
Junho	Guerra	Nebelspalter – Suíça
Junho	Mussolini - Hitler	Marianne – França
Junho	França	Il 420 – Itália
Junho	Europa	Il Travaso delle Idee – Itália
Junho	EUA	Il 420 – Itália
Junho	Mussolini	Sondagsnisse Strix – Suécia
Junho	Mundo	St. Louis Post Dispatch – EUA

Anexo V

**Tabela V – Caricaturas e temáticas
1938/1941**

A -1938

Mês	Temática	Fonte
Julho	Inglaterra	Il 420
Julho	México	The Baltimore Sun
Julho	Hitler	Marianne
Julho	França	Marianne
Julho	Hitler	Je suis partout
Julho	Mussolini	Politiken
Julho	Alemanha	The Detroit News
Julho	Mundo	Los Angeles Times
Julho	GCE	Marianne
Julho	EUA	Current History
Julho	Itália e Inglaterra	Simplicissimus
Julho	SDN	Je suis partout
Agosto	Paz	Marianne
Agosto	Guerra	Guerin Meschino
Agosto	Bipolarização ideológica	Current History
Agosto	Hitler	Marianne
Agosto	Tratado de Versalhes	Guerin Meschino
Agosto	Hitler	The Rochester Times Union
Agosto	Alemanha	The Washington Post
Agosto	Eixo	Marianne
Agosto	Japão	Current History
Agosto	Japão	Il 420
Agosto	Japão	New York Times
Agosto	EUA	Guerin Meschino
Agosto	EUA	Guerin Meschino
Agosto	Alemanha	Je suis partout
Setembro	Guerra	St. Louis Post Dispatch

Mês	Temática	Fonte
Setembro	Alemanha	Marianne
Setembro	Alemanha	Marianne
Setembro	EUA	Guerin Meschino
Setembro	Eixo	Marianne
Setembro	Alemanha	Il 420
Setembro	Tchecoslováquia	Il 420
Setembro	Alemanha	Marianne
Setembro	Alemanha	Washington Post
Setembro	França	Il 420
Setembro	Hitler	The Chicago News
Setembro	Guerra	Il Travaso delle idee
Setembro	Japão	The S. Francisco Chronicle
Setembro	EUA	Il 420
Setembro	Japão	Il 420
Setembro	Eixo	Je suis partout
Setembro	Marte	Guerin Meschino
Outubro	Europa	Kladderadatsch
Outubro	Alemanha	Marianne
Outubro	Alemanha	Il 420
Outubro	GCE	Marianne
Outubro	Mussolini	Marianne
Outubro	Paz	Marianne
Outubro	Morte	Marianne
Outubro	Ocidente	Marianne
Outubro	Guerra e paz	Il 420
Outubro	GCE	Il 420
Outubro	Guerra	Il Travaso delle idee
Outubro	Japão	New York Times
Novembro	Versalhes	Kladderadatsch
Novembro	Paz	Groene Amsterdammer
Novembro	Guerra	Brennessel
Novembro	Hitler	Marianne
Novembro	Europa	The New York Times

Mês	Temática	Fonte
Novembro	Inglaterra	Nebelspalter
Novembro	Aviação	The Philadelphia Ledger
Novembro	Palestina	Kladderadatsch
Novembro	Itália	Marianne
Novembro	Paz	Le Rire
Novembro	Japão	The Washington Post
Novembro	Inglaterra	Il 420
Novembro	Europa	Il 420
Dezembro	SDN	Il 420
Dezembro	Pacifismo	Guerin Meschino
Dezembro	Inglaterra	Guerin Meschino
Dezembro	Hitler	The New York Times
Dezembro	Japão	Marianne
Dezembro	Alemanha	St. Louis Star-Times
Dezembro	Africanos	Guerin Meschino
Dezembro	Paz	New York Times
Dezembro	Palestina	Il 420
Dezembro	Hitler	Marianne
Dezembro	Guerra	New York Times
Dezembro	Inglaterra	Marianne
Dezembro	Guerra	Settebello
Dezembro	Diplomacia	The New York Times
Dezembro	Versalhes	Marianne
Dezembro	Paz	Marianne

B - Caricaturas e temáticas -1939

Mês	Temática	Fonte
Janeiro	Tchecoslováquia	Il 420
Janeiro	Hitler	Marianne
Janeiro	Mapa da Europa	Guerin Meschino
Janeiro	Munique	Cincinnati Inquirer
Janeiro	A moda na Europa	Marianne
Janeiro	Terra	The Christian Science Monitor
Janeiro	França	Marianne
Janeiro	Alemanha	Marianne
Janeiro	Símbolos modernos	Ken
Janeiro	Mercador de guerra	Je suis partout
Janeiro	Inglaterra	Judge
Janeiro	Pactos	Je suis partout
Janeiro	Japão	Richmond Times Dispatch
Janeiro	Hitler	Marianne
Janeiro	Paz	Marianne
Janeiro	Armamentos	Marianne
Janeiro	Super homem	Nebelspalter
Janeiro	Homem comeu o mundo	Nebelspalter
Fevereiro	França	Marianne'
Fevereiro	Itália	Marianne
Fevereiro	Mussolini	Marianne
Fevereiro	Mundo	New York Times
Fevereiro	Mundo	Christian science monitor
Fevereiro	Mercador de guerra	Il 420
Fevereiro	Paz	Marianne
Fevereiro	EUA	Guerin Meschino
Fevereiro	Guerra	Dublin opinion
Fevereiro	Guerra	The Glasgow Record
Fevereiro	Os 04 cavaleiros	The Chicago News
março	Mediterrâneo	Marianne

Mês	Temática	Fonte
Março	Fascismo	Il 420
Março	Mussolini	Marianne
Março	Mussolini	Marianne
Março	Mussolini	Marianne
Março	Versalhes	Settebello
Março	Mussolini	Il Travaso delle idee
Março	Hitler	Diário de Lisboa
Março	Hitler	Glasgow Record
Março	Hitler	Marianne
Março	Alemanha	London Opinion
Março	EUA	Marianne
Março	Guerra	Marianne
Março	China	The North China Herald
Março	Japão	Je suis partout
Março	Eixo	Il 420
Março	EUA	Kladderadatsch
Março	Previdência	Guerin Meschino
Abril	Chamberlain	Brennessel
Abril	Direito da força	Marianne
Abril	Italomanha	Marianne
Abril	Inglaterra	Kladderadatsch
Abril	Paz	The New York Times
Abril	Paz	Je suis partout
Abril	Itália	Il 420
Abril	Itália	Il 420
Abril	Tratados	Marianne
Abril	Moedas	Vendredi
Abril	Eixo	Marianne
Abril	Europa	Marianne
Abril	Modas para 1939	Marianne
Abril	Conferencia de Lima	Lynch Current News
Maio	Geometria política	Die Weltwoche
Maio	Eixo	Marianne

Mês	Temática	Fonte
Maio	Guerra	Vendredi
Maio	Antitotalitarismo	Il 420
Maio	Macarrões fumegantes	Il 420
Maio	Geografia muda	Il 420
Maio	Mussolini	Marianne
Maio	Roosevelt	Il Travaso delle idee
Maio	Tio Sam	New York Times
Maio	Guarda-chuva	Marianne
Maio	Roosevelt	Haagsche Courant
Junho	Eixo	Marianne
Junho	Itália	Il 420
Junho	Inglaterra	Marianne
Junho	Interrogações	Il 420
Junho	Miss Europa 1939	Marianne
Junho	A esfinge armada	kladderadatsch
Junho	Inglaterra	Je suis partout
Junho	França-Itália	Marianne
Junho	Primavera	Il Travaso delle idee
Junho	O cerco	Ilo 420
Junho	Roosevelt	Kladderadatsch
Junho	Mendigo que imprimia mapas	Il 420
Julho	Alemanha	St. Louis Post-Dispatch
Julho	Mundo	Christian Science Monitor
Julho	Alemanha	Marianne
Julho	Hitler	Marianne
Julho	Eixo	Rochester Union
Julho	Marianne	Marianne
Julho	Hitler	New York Times
Julho	Europa	Il 420
Julho	Alemanha	Marianne
Julho	Japão	Marianne
Julho	Geografia	Ric et Rac

Mês	Temática	Fonte
Agosto	A paz democrática	Kladderadatsch
Agosto	Corredor polonês	La Lumière
Agosto	Acordo anglo-russo	Il 420
Agosto	Inglaterra	Daily Telegraph
Agosto	Chamberlain	Nebelspalter
Agosto	SDN	Il Travaso delle idee
Agosto	SDN	Il Guerin Meschino
Agosto	Compensações	Marianne
Agosto	Inglaterra	Kladderadatsch
Agosto	Inglaterra – URSS	St. Louis Post Dispatch
Agosto	Tio Sam	Il Guerin Meschino
Agosto	Asia	Judge
Agosto	Diplomacia Européia	Haagsche Post
Agosto	EUA	Il Travaso delle idee
Setembro	Alemanha	St. Louis Post Dispatch
Setembro	Inglaterra	Marianne
Setembro	Inglaterra	Il Guerin Meschino
Setembro	Mundo	The Argus
Setembro	SDN	Kladderadatsch
Setembro	Roosevelt	Current History
Setembro	Mundo	Washington Post
Setembro	Muralha das democracias	Marianne
Outubro	O choque	Collier's
Outubro	Eixo	St. Louis Post Dispatch
Outubro	Chamberlain	New Orleans Times
Outubro	Guerra	Marianne
Outubro	Eixo	Detroit News
Outubro	Eixo	Le Canard Enchaîné
Outubro	Chamberlain	Il Travaso delle idee
Outubro	Chamberlain	Kladderatsch
Outubro	General diverte-se	Ric et Rac
Outubro	Guerra na Bobolândia	Il 420

Mês	Temática	Fonte
Outubro	Diplomata	Il Guerin Meschino
Outubro	Bombardeios	Judge
Outubro	Guerra dos brancos	Il Travaso delle idee
Outubro	Corrida armamentista	Marianne
Novembro	Maquina nazista	Washington Post
Novembro	Guerra	Rochester Times Union
Novembro	Rússia	Il 420
Novembro	Guerra	The New York Times
Novembro	Soldados de 20 anos atrás	The New York Times
Novembro	Paz	Il Guerin Meschino
Novembro	Mundo	The Louisville Times
Novembro	Guerra	The New York Times
Novembro	O soldado	Glasgow Record
Novembro	Itália	Il Guerin Meschino
Novembro	Eixo	The Washington Post
Novembro	EUA	The Detroit News
Dezembro	Guerra	The New York Times
Dezembro	Alemanha	Punch
Dezembro	Linha Maginot aérea	Il Guerin Meschino
Dezembro	Europa	Sketch
Dezembro	Guerra	The New York Times
Dezembro	A frente ocidental	Il Guerin Meschino
Dezembro	Mundo em chamas	Marianne
Dezembro	Geografia contemporânea	Il 420
Dezembro	Moda na Europa	Il Travaso delle idee
Dezembro	Eixo	Il 420
Dezembro	Eixo	Rochester Times Union
Dezembro	Bala perdida	Punch
Dezembro	EUA	The Rochester Times-Union
Dezembro	1940 com medo	Marianne
Dezembro	Os 04 do apocalipse	Haagsche Post

C – Caricaturas e temáticas -1940

Mês	Temática	Fonte
Janeiro	Guerra	Je suis partout
Janeiro	Paz	Il Travaso delle idee
Janeiro	Mercador de armas	Il Travaso delle idee
Janeiro	Europa Oriental	London Opinion
Janeiro	O prato dos peixes	Settebello
Janeiro	Cidade às escuras	The New York Times
Janeiro	Hitler	Inquire
Janeiro	Mercadores de armas	Il Travaso delle idee
Janeiro	Guerra	Je suis partout
Janeiro	Máscaras de guerra	The Humorist
Fevereiro	Lei internacional	New York Times
Fevereiro	Inglaterra	Ric et Rac
Fevereiro	Torpedeamentos	Il Settebello
Fevereiro	Londres evacuação	London Opinion
Fevereiro	Mercador de armas	Il Guerin Meschino
Fevereiro	Neutralidade	New York Times
Fevereiro	Fortificações subterrâneas	Il Guerin Meschino
Fevereiro	Máscara para vinho tinto e branco	Il Travaso delle idee
Fevereiro	Historia da civilização	Marianne
Fevereiro	Terra	Il 420
Fevereiro	Espaço vital	Candide
Fevereiro	Frente ocidental	New York Times
Fevereiro	Paz	Il Guerin Meschino
Fevereiro	Navios	Il 420
Fevereiro	Japão	London Opinion
Fevereiro	Submarino	Il Travaso delle idee
Março	Civilização	Marianne
Março	Nazismo	The New York Times
Março	Londres	St. Louis Post-Dispatch
Março	Guerra nos mares	Il Travaso delle idee

Mês	Temática	Fonte
Março	Navios	Il Guerin Meschino
Março	Bloqueios	Il Guerin Meschino
Março	Camuflagens	Il Travaso delle idee
Março	Países neutros	Il Guerin Meschino
Março	Torpedeamentos	Vendredi
Março	Idade da pedra	Saturday Evening Post
Março	SDN	Il 420
Março	Estados Unidos da Europa	St. Louis Post-Dispatch
Março	Lua da morte	Minneapolis Tribune
Março	A estranha guerra	Il Travaso delle idee
Março	Tio Sam	The Richmond Times Dispatch
Abril	Guerra estranha	Il Guerin Meschino
Abril	Turismo Frente Ocidental	Il Travaso delle idee
Abril	Guerra	The New York Times
Abril	Camuflagem	Il 420
Abril	Guerras	The Lynchburg News
Abril	Cavalo de Tróia	Il Travaso delle idee
Abril	Guerra submarina	Ric et Rac
Abril	Provocações noturnas	Il 420
Abril	Guerra	Il 420
Abril	Tempos modernos	Il Guerin Meschino
Abril	Navios	Il Travaso delle idee
Abril	Guerra submarina	Il 420
Abril	Capitães corajosos	Il Travaso delle idee
Abril	Guerra estranha	Marianne
Abril	Navios	Judge
Abril	Minas magnéticas	Il Guerin Meschino
Abril	Nos céus da Europa	Le Rire
Abril	Pombo correio	Ric et Rac
Abril	Capitão	Ric et Rac
Maio	Primavera na Europa	Rochester Times

Mês	Temática	Fonte
Maio	Mediterrâneo	Observer
Maio	Eixo	The New York Times
Maio	John Bull	Nebelspalter
Maio	Conta de gás	Marianne
Maio	Camuflagens	Ric et Rac
Maio	Cemitério internacional	Current History
Maio	Frota de Bagdá	Ric et Rac
Maio	Inglaterra	Je suis partout
Maio	Mercadores de canhões	Il Travaso delle idee
Maio	Guerra estranha	Ric et Rac
Maio	Mensageiros	London Opinion
Maio	Churchill	Il 420
Maio	Náufragos	Ric et Rac
Maio	Geografia	Saturday Evening Post
Maio	Guerra estranha	Ric et Rac
Maio	Guerras medievais	Das Magazin
Junho	Guerra	The Detroit News
Junho	Guerra	The Memphis Commercial Appeal
Junho	Paz	Karicatur
Junho	Itália – centro da atenção mundial	Il 420
Junho	Ingenuidade	Das Magazin
Junho	Guerra	Time and Tide
Junho	Guerra	The Lynchburg News
Junho	Aviação moderna	The New York Times
Junho	Candura e tragédia	New Yorker
Junho	Guerra	Judge
Junho	Serviço secreto	Judge
Junho	Preparações bélicas	The Detroit News
Junho	Bloqueio naval	Il Giornale della Domenica
Junho	As grandes invenções	Il Guerin Meschino
Junho	Serviços auxiliares	Il Guerin Meschino

Mês	Temática	Fonte
Julho	Objetivos	Il 420
Julho	Guerra estranha	Ric et Rac
Julho	Amores...	Judge
Julho	Neutralidade	Il Guerin Meschino
Julho	Guerra estranha	Ric et Rac
Julho	Inglaterra	The New York Times
Julho	Guerra estranha	Ric et Rac
Julho	Mercadores de guerra	Il 420
Julho	Guerra estranha	Ric et Rac
Julho	Japão	Richmond Times Dispatch
Julho	Guerra	The New York Times
Julho	Geografia que muda	Ric et Rac
Julho	Guerra	Vendredi
Agosto	Alemanha x Inglaterra	The New York Times
Agosto	Alemanha x Inglaterra	The Rochester Times
Agosto	Os quatro elementos	The Lynchburg News
Agosto	A arte da guerra	The New York Times
Agosto	Guerra	Il Travaso delle idee
Agosto	Guerra	Le Rire
Agosto	Camuflagem	Marianne
Agosto	Guerra moderna máquinas	Il Guerin Meschino
Agosto	Balcãs	Il Travaso delle idee
Agosto	Guerra no Oriente	The Washington Post
Agosto	EUA	Lynchburg News
Agosto	Invenções	Marianne
Agosto	EUA	The New York Times
Agosto	Guerra	The Boston Herald
Agosto	Bloqueio rigoroso	Il Travaso delle idee
Agosto	Cinema na guerra	Judge
Agosto	Mulheres na guerra	Il Guerin Meschino
Setembro	EUA	Milwaukee Journal
Setembro	Guerra	Marianne

Mês	Temática	Fonte
Setembro	Paraquedistas	Marianne
Setembro	Guerra espionagem	Settebello
Setembro	Humor	Punch
Setembro	Armas	The Los Angeles Times
Setembro	As últimas notícias	Il Guerin Meschino
Setembro	Marinheiro	Il Guerin Meschino
Setembro	Inglaterra	Punch
Setembro	Guerra x civilização	The New York Times
Setembro	EUA	The Rochester Times Union
Setembro	EUA – muralha da liberdade	The New York Times
Outubro	Egito	Punch
Outubro	França	St. Louis Star Times
Outubro	Fome	The Detroit News
Outubro	Hemisfério Ocidental	The Chicago Daily News
Outubro	Tio Sam	The Indianapolis News
Outubro	EUA	The Washington Post
Outubro	URSS	Osisani Gez
Outubro	Alemanha	The London Express
Outubro	O mundo em revolução	Punch
Outubro	Guerra	The Lynchburg News
Outubro	Marinha	Il Travaso delle idee
Outubro	Japão	Glasgow Bulletin
Outubro	Japão	The Chicago Daily News
Outubro	Guerra – moda	Il Guerin Meschino
Outubro	Guerra aérea	Marianne
Novembro	Japão	The Los Angeles Times
Novembro	Japão	The Washington Post
Novembro	EUA	The New York Times
Novembro	EUA	Baltimore Sun
Novembro	Inglaterra	The New York Times
Novembro	Inglaterra	The New York Times
Novembro	Inglaterra	Il 420

Mês	Temática	Fonte
Novembro	Paraquedistas	Ric et Rac
Novembro	Inglaterra	Punch
Novembro	Guerra	Punch
Novembro	Guerra aérea	Punch
Novembro	Inglaterra	Punch
Novembro	Guerra	Punch
Novembro	Guerra – máscaras	Marianne
Novembro	Guerra	Punch
Dezembro	Guerra	Punch
Dezembro	Hitler	The Lynchburg News
Dezembro	Inglaterra	St. Louis Post Dispatch
Dezembro	Tio Sam	Punch
Dezembro	EUA	The Memphis Commercial Appeal
Dezembro	Inglaterra – RAF	The New York Times
Dezembro	Inglaterra – Netuno	Punch
Dezembro	Mussolini	The New York Times
Dezembro	Guerra de continentes	St. Louis Post Dispatch
Dezembro	EUA	The Chicago Daily News
Dezembro	EUA	The Baltimore Sun
Dezembro	Balcãs	The New York Times
Dezembro	Stalin	The New York Times
Dezembro	Japão	The New York Times
Dezembro	Ano novo	Il 420
Dezembro	Inglaterra	The New York Times
Dezembro	Inglaterra	Punch

D – Caricaturas e temáticas -1941

Mês	Temática	Fonte
Janeiro	Inglaterra	London Daily
Janeiro	Guerra	St. Louis Globe-Democrat
Janeiro	Inglaterra – abrigo aéreo	Punch
Janeiro	Guerra	The New York Times
Janeiro	Guerra	Punch
Janeiro	Guerra	The Lynchburg News
Janeiro	Morte	Newsweek
Janeiro	Guerra	The New York Times
Janeiro	EUA	-
Janeiro	Mundo	Ric et Rac
Janeiro	Guerra – Inglaterra	Punch
Fevereiro	URSS	The New YorkTimes
Fevereiro	Itália	The New York Times
Fevereiro	EUA	The Japan Times Weekly
Fevereiro	EUA	The Birmingham Gazette
Fevereiro	Inglaterra	The London Daily Herald
Fevereiro	Inglaterra	Punch
Fevereiro	Tio Sam	The New York Times
Fevereiro	Tio Sam	The Indianapolis News
Fevereiro	Tio Sam	The New York Times
Fevereiro	Tio Sam	The Washington Post
Fevereiro	Inglaterra x Alemanha	The Japan Times Weekly
Fevereiro	EUA – Inglaterra	London Daily Mirror
Fevereiro	Guerra	Ric et Rac
Fevereiro	Tio Sam	The Detroit News
Março	Guerra – mudanças	Punch
Março	Inglaterra	New York Times
Março	Bombardeios em Londres	Esquire
Março	Bombardeios em Londres	Punch
Março	Tio Sam	The New York Times

Mês	Temática	Fonte
Março	EUA	The New York Times
Março	Tio Sam	The New York Times
Março	Guerra	The Chicago Daily New
Março	Guerra	Coronet
Março	Balcãs	The New York Times Magazine
Abril	Vida em Londres	Punch
Abril	Inglaterra	Punch
Abril	Luzes de Londres	Punch
Abril	Aviação	Punch
Abril	EUA	The New York Times
Abril	Enigma das esfinges	The Manchester Dispatch
Abril	EUA	The New York Times
Abril	França ocupada	Ric et Rac
Abril	Eixo	Washington Post
Abril	Eixo	The New York Times
Abril	Japão	Detroit News
Abril	Japão	The Chicago Daily News
Maio	Europa	Current History
Maio	Guerra total	Punch
Maio	Inglaterra	Punch
Maio	Inglaterra – invasão	Punch
Maio	Inglaterra – aviões	Punch
Maio	Guerra no deserto	Punch
Maio	Inglaterra – abrigos	Punch
Maio	Inglaterra – bombardeios	Punch
Maio	Guerra no deserto	The Humorist
Maio	Inglaterra – bombardeios	The Humorist
Maio	Inglaterra	The Humorist
Maio	Pombos correio	Punch
Maio	Trabalhos forçados	Esquire
Junho	EUA	The New York Times

Mês	Temática	Fonte
Junho	Hitler	St. Louis Post Dispatch
Junho	Máscaras anti gases	The Punch
Junho	Tio Sam	The New York Times
Junho	Refugio	Punch
Junho	Inglaterra	The Manchester Daily Dispatch
Junho	Bombardeio – Inglaterra	The Punch
Junho	Monotonia da guerra	The Punch
Junho	Bombardeio – Inglaterra	The Punch
Junho	Inglaterra – evolução	Newsweek
Junho	Bombardeio – Londres	The Punch
Junho	Pára-quedistas	Esquire
Julho	Hitler	The Salt Lake Tribune
Julho	Paz – Daumier	The New York Times
Julho	Guerra	St.Louis Post Dispatch
Julho	Pára-quedista	Life
Julho	Pára-quedista	Life
Julho	EUA	The Rochester Times Union
Julho	EUA	The Chicago Daily News
Julho	EUA	The Esquire
Julho	Tio Sam	Richmond Times-Dispatch
Julho	Alemanha x URSS	Daily Mirror
Julho	Japão	The Chicago Daily News
Agosto	Londres – defesa	The Birmingham Gazette
Agosto	Bombardeios aéreos	The Punch
Agosto	Inglaterra – aviação	Aeroplane
Agosto	O leão britânico	Kladderadatsch
Agosto	Guerra	Collier's
Agosto	Mundo	The Memphis Commercial Appeal
Agosto	EUA	Coronet
Agosto	Inglaterra – defesa	The London Daily Mirror
Agosto	Leão britânico	Das Schwarze Korps

Mês	Temática	Fonte
Agosto	Otimismo britânico	The Punch
Agosto	EUA	The New York Times
Agosto	Pára-quedistas	Life
Setembro	Humorismos	The New York Times
Setembro	Alemanha	Kladderadatsch
Setembro	Inglaterra	The Los Angeles Times
Setembro	Mundo	Esquire
Setembro	Humorismo	The New York Times
Setembro	Leão britânico	Dagens Nyheter
Setembro	Londres – bombardeios	The Punch
Setembro	Pára-quedistas	Esquire
Setembro	Exército	Esquire
Setembro	Pára-quedistas	Life
Setembro	Bombardeios	Army Times
Setembro	Humor	Esquire
Setembro	Guerra nos mares	Esquire
Setembro	A Noiva	Coronet

Anexo VI

Tabela VI

Revistas Internacionais mais utilizadas para selecionar as caricaturas

Título	País de origem	Ocorrências	Linha Política
Guerin Meschino	Itália	53	Direita
Marianne	França	31	Esquerda
Kladderadatsch	Alemanha	22	Direita
Il 420	Itália	21	Direita
Il Travaso delle Idee	Itália	19	Direita
Current History	Estados Unidos	15	Liberal
St. Louis Post Dispatch	Estados Unidos	13	Liberal
Daily Express	Inglaterra	12	Liberal
Nebelspalter	Suíça	11	Liberal
Brenessel	Alemanha	10	Direita

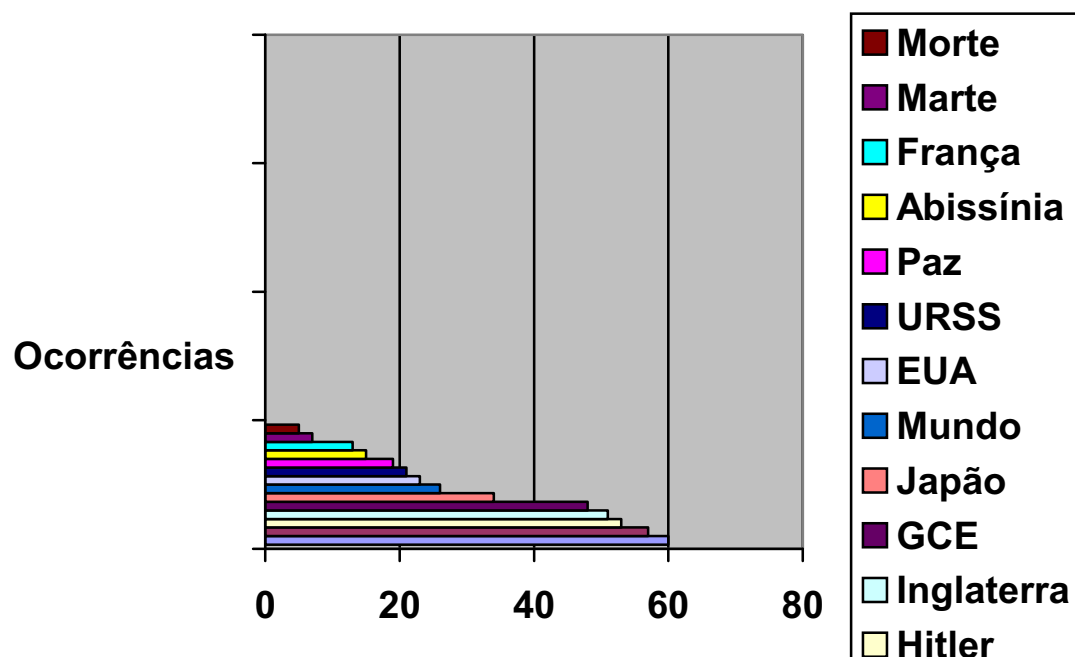
Anexo VII

Tabela VII

Temáticas de maior recorrência nas caricaturas políticas

Temática	Ocorrências
Mussolini	60
Sociedade das Nações	57
Hitler	53
Inglaterra	51
Guerra Civil Espanhola	48
Japão	34
Mundo	26
EUA	23
URSS	21
Paz	19
Abissínia	15
França	13
Marte	07

Morte	05



Anexo VIII

Conselho Administrativo

Esteve, ontem, no gabinete do presidente do Conselho Administrativo do Estado, o sr. Samuel Pessoa, diretor geral do Departamento de Educação, em conferência com o sr. Goffredo T. da Silva Telles.

- Estiveram, ontem, no gabinete do presidente do Conselho Administrativo do Estado, os srs. Bernardo Guertzenstein, prof. **Celestino Fazzio**, J. A. Martins Silva e prof. Daniel do Amaral Junior, respectivamente, diretor-presidente, diretor-superintendente, diretor-gerente e conselheiro de Turno do Banco Cooperativo Central de São Paulo, a fim de agradecer ao sr. Goffredo T. da Silva Telles o ter-se representado na solenidade inaugural daquele estabelecimento.

Folha da Manhã, 15 out. 1943, p. 08. Celestino Fazzio, diretor-superintendente.

Anexo IX



Kladderadatsch, Ano 92, nº 08, fev. 1939. Legenda: Abwärts: para baixo.

Anexo X

INTELIGENCIA

Memário da opinião mundial

Lady Chamberlain está em Roma há dezasseis meses. Alta, elegante, culta, com uma fisionomia que a idade muito pouco atingiu, uma voz doce e persuasiva, seu encanto conquista todas aquelas que dela se aproximam. Como seu marido, e ao contrário de muitos homens políticos ingleses, compreende e admira a mentalidade e a cultura latinas. Ama a sociedade e a pintura, assim como adora a diplomacia. Melhor do que qualquer dona de casa londrina, ela sabe reunir nas salas de Kensington a elite do mundo político e artístico. Em Roma, sua amizade com Mussolini, que vem desde 1925, abriu-lhe todas as portas. A sra. Julia Brambilla, viúva de um diplomata italiano, organizou brilhantes recepções para permitir que Lady Chamberlain conhecesse as principais personalidades italianas. Quando seu cunhado sucedeu a Lord Baldwin, em maio de 1936, ela tornou-se a embaixatriz oficial de Downing Street no palácio Chigi. Recentemente, ela afirmou que o seu cunhado é um realista.

Na última semana, Lady Austen ofereceu um almoço em honra do conde Ciano, ministro dos negócios estrangeiros da Itália. Lord Perth, embaixador da Inglaterra, esteve presente. A dona de casa, o ministro e o diplomata estiveram conversando durante muito tempo. No dia seguinte, Lady Austen enviou uma carta ao seu cunhado, assegurando-lhe que a Itália não tem nenhuma ideia agressiva em relação aos interesses britânicos no Mediterrâneo, na África ou no Oriente próximo, e que o sr. Mussolini estava disposto a reatar suas relações de amizade com a Inglaterra, sob certas condições, comodamente aceitas por ambas as partes. Foi após o recebimento dessa carta, que

o sr. Neville Chamberlain convocou o embaixador Dino Grandi, para comunicarlhe seu desejo de reatar as negociações com Roma.

Foi nos fins de 1925 que o Sr. Mussolini, grande admirador de sir Austen Chamberlain, então ministro dos negócios estrangeiros da Inglaterra, conheceu Lady Austen. Nasceu, entre eles, uma sólida amizade, que os anos não destruíram. Quando, em 1925, os incidentes da Abissínia esfriaram a amizade italo-inglesa, Lady Austen propôs um encontro entre o Duce e seu marido. A entrevista deu-se a bordo do iate *Dolphin*, na porta de Livorno. Esse encontro devia marcar o início de um novo período de relações amigáveis entre os dois países.

Em seguida, Lady Austen visitou frequentemente Roma, tendo repetidas

NOVA LEI MATRIMONIAL



A mulher não é obrigada a seguir o marido por toda a parte.

(Merlano, Paris)

Inteligência, Ano IV, nº 41, p. 25, maio 1938.

Anexo XI

Inteligência

Memória da opinião mundial

— A Federação Socialista da França protesta contra o discurso do sr. Daladier, proferido no Congresso de Marselha. — Inicia-se, na Palestina, a greve geral de 3 dias dos árabes. — Reorganiza-se o novo gabinete português. — Tenta-se, em Haíti, um golpe de Estado. — Chega a Nápoles a comissão dos jornalistas brasileiros.

NOVEMBRO, 3 — Por ocasião da fala do trono, o rei Jorge VI da Inglaterra elogiou os esforços do sr. Chamberlain. — Em discurso pronunciado em Roma, o sr. Mussolini declara ser imprudente alimentar um otimismo exagerado e que "devemos dormir ainda sobre os mochilos". — Tentam assassinar o rei Jorge da Grécia. — O Japão considera nulo o Tratado das Nove Potências.

NOVEMBRO, 4 — O jornal português "O Século" ataca violentamente "as especulações da imprensa britânica" sobre a cessão de colônias portuguesas à Alemanha. — Em discurso pronunciado em Hyde Park, o sr. Roosevelt concita os eleitores americanos a que preservem as conquistas sociais e econômicas do liberalismo.

NOVEMBRO, 5 — A Alemanha reinicia a fortificação das suas fronteiras ocidentais. — As tropas húngaras iniciam a ocupação dos territórios cedidos pela Checoslováquia.

NOVEMBRO, 6 — Quatrocentos mil operários alemães prosseguem nos trabalhos de fortificação da linha Siegfried. — Os governos do Chile e da Bolívia ratificam o protocolo assinado em 1907, fixando definitivamente a linha de limites entre os dois países.

NOVEMBRO, 7 — Encerra-se em Paris o Congresso dos Radicais Independentes. — A conferência da democracia Pan-Americana, reunida em Washington, reunir-se-á nos dias 10 e 11 de dezembro, simultaneamente com a Conferência Pan-Americana de Lima, a fim

de promover a resistência contra a penetração fascista na América Latina. — Realizam-se as eleições na Polónia. — A Alemanha exige a devolução das suas colónias.

NOVEMBRO, 8 — Quarenta milhões de americanos são chamados às urnas na América do Norte, para as eleições em 47 Estados. — A Itália pleiteia a entrada para a Companhia, que explora o Canal de Suez. — Reorganiza-se o novo gabinete australiano. — O sr. Hitler, em Munich, ataca os políticos ingleses "que não têm o direito de se intrometer na vida interna do Reich".

NOVEMBRO, 10 — Morre Kemal Atatürk Pachá, presidente e fundador da República turca. — Vítima de um atentado, morre em Paris o sr. Von Rath, secretário da embaixada alemã.

NOVEMBRO, 11 — Reune-se o conselho de ministros da França para discutir o plano financeiro do ministro Reynaud. — O general Ismet Inönü é eleito Presidente da Turquia. — Lloyd George propõe a convocação de uma assembleia de todas as grandes nações para consolidação da paz mundial.

NOVEMBRO, 12 — O Egito reconhece a conquista italiana da Abissínia. — Descobre-se uma organização nazista na Suíça. — Reune-se a conferência do Chaco.



A marcha dos acontecimentos.

(The New York Times, Nova York)

Inteligência, Ano IV, nº 48, p. 23, dez. 1938.

Anexo XII

terras da Europa, ao lado de Souza Aranha e Plínio Salgado. E' Mário Gracioti o contista que admiramos, é Mário Gracioti o editor que respeitamos.

Por isso, meu caro Mário Gracioti, venho a esta tribuna congratular-me com Agenor Mônaco pela apresentação do projeto que lhe concedeu o título de Cidadão Emérito. Esta é uma homenagem que todos temos que considerar magnífica, porque não se estende apenas a V. Exa., mas ao campo da cultura, à cultura em geral.

Veja, meu caro Mário Gracioti, quem se acha presente, hoje, nesta Casa. Seus antigos editores aqui estão: Octalies Marcondes Ferreira, Arnaldo Cúpolo o seu editor de "Europa Transquila". Mais adiante, Luiz Gonzaga Melo e Abel Ferraz de Souza. Aqui vejo a alta intelectualidade de São Paulo comparecer, para fazer eco às homenagens que lhe estão sendo tributadas neste momento. E aceite também meus mais efusivos parabéns, porque V. Exa. é por demais merecedor da homenagem que hoje lhe presta a Câmara Municipal de São Paulo.

O SRA. DULCE SALLES CUNHA BRAGA — (Pela ordem) — Sr. Presidente: Dignos Membros da Mesa; Minhas Senhoras; Meus Senhores; Caros Colegas:

Depois da biografia de forma discursiva, brilhante, que vem de ser realizada pelo nobre Vereador Agenor Mônaco, a quem esta Câmara agradece a honra de poder, hoje, dar o título de Cidadão Emérito ao grande cidadão paulistano Mário Gracioti; depois das palavras brilhantes, emocionantes do nobre Vereador Italo Pittipaldi, nada mais seria preciso dizer. Mas, nesta Sessão da Educação, em que o Brasil reconhece publicamente que a base, o alicerce, o fundamento do progresso do nosso povo, reside na educação, não poderia faltar, aqui, a palavra da Vereadora que, em nome da Câmara Municipal de São Paulo falou em todo o Brasil, como pioneira, a campanha da alfabetização em massa pelo rádio, pela televisão, para saudar Mário Gracioti o pioneiro da popularização da cultura em nosso meio, pioneiro do importante movimento editorial que com o Clube do Livro possibilitou aos menos afortunados adquirir um manancial de cultura, vindo em livros de formato e de custo pequeno; saudar Mário Gracioti, o pioneiro da revista moderna, em 1935, lançando "Inteligência"; saudar Mário Gracioti, o autor de "Europa Transquila", que recebeu o prêmio Carlos Laet e possibilitou a todos viajar através de suas páginas pelo velho mundo; saudar Mário Gracioti, o homem que com o romance O Homem Plural — no dizer de Mário Guastini bomba atômica no campo literário — veio postular contra a desumanização da humanidade e propagar pela humanização do homem; Mário Gracioti, homenageado pela Assembleia, já homenageado por esta Casa pela publicação da obra que é uma verdadeira enciclopédia, "Portugal"; Mário Gracioti, que com o último livro, numa insatisfação perene do artista que não para, que sabe que a perfeição deve ser adquirida a cada passo, vai além do dia do presente procurar "O Mundo antes do dilúvio";

Mário Gracioti, esta Câmara homenageia no amigo o Homem Plural, no verdadeiro sentido da palavra: o médico, o autor e o homem dedicado à assistência social. Quo potest enim que Mário Gracioti foi um dos criadores e um dos diretores — durante mais de 15 anos — do Serviço de Assistência Social do Estado de São Paulo! Poucos aqui sabem — tão grande é a modestia desse homem — que Mário Gracioti também é sempre poeta. Poeta, quando diz: (le)

"Estou andando pelas cidades mortas da Suméria antiga! Ando só, através das ruínas! A tarde desce, no câlido sopro da região em rescaldo; estamos a solá-Sol, como diria um velho marujo do Atlântico, empregando termo náu-

tical. Ao ver e assistir as homenagens prestadas a Mário Gracioti, não poderia deixar de vir a esta tribuna, um Vereador do Clube dos Estados, que se reúne em todos os últimos sábados do mês, no prédio de "A Gazeta", quando V. Exa. também deles tem participado daqueles almoços gostosos, almoços fraternos, almoços-coração. V. Exa. popularizou o livro, levando a literatura brasileira ao lar do operário, e então verificamos que lá no lar do trabalhador o livro é Mário Gracioti se confundem, não se sabendo qual deles tem a maior e a melhor forma.

Lembro-me bem do que li em minha meninice, no jornal "O Estado de São Paulo", dos artigos escritos por "João Bonifácio", pelos quais viamos o menino de Bom Retiro, sempre trigueiro, parecendo, insatisfeito, procurando alisar-se mais e mais. Em um de seus escritos, dizia o mesmo: "Eu sou paulista e, embora tenha viajado pelo mundo inteiro, com seus livros, continuou pisando a terra de São Paulo, o chão de Bom Retiro, o seu bairro que mal estava no mapa, mas estava vivo em seu coração.

Mário Gracioti, o Clube dos Estados, o clube de Fernando Soares, de Siriano Jucá e de tantos outros não poderia deixar de estar aqui presente neste recinto augusto da Câmara Municipal, que é o Senado da cidade de São Paulo, desta cidade-união, desta cidade inquebrantável, desta cidade que sentimos no coração e na alma, e se mil vidas tivéssemos mil vigas daríamos a São Paulo.

E' desta cidade, de sua cidade que hoje Mário Gracioti recebe o seu maior galardão, o título mais alto que São Paulo possa oferecer a um seu filho, Cidadão Emérito de São Paulo.

Bem se houve o Vereador Agenor Mônaco em dar esse título a esse médico, a esse jornalista, a esse escritor, a esse cidadão maluculo.

O Sr. Presidente faz soar a campainha.

A campainha do Sr. Presidente manda que eu me alencie. Cidadão Emérito da Cidade de São Paulo: fabulosa é a nossa cidade, como escritor, como popularizador do livro, pioneiro nessa iniciativa, receber da cidade fabulosa suas homenagens paulistas fabulosas.

O SR. PRESIDENTE — Vai fazer uso da palavra o nobre Cidadão Emérito da Cidade de São Paulo, S. Exa. o Dr. Mário Gracioti.

O SR. MÁRIO GRACIOTTI — Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Dr. Heitor Mendonça; Deputado Estadual, César de Arruda Costanzo, DD. Vice-Presidente da Assembleia Legislativa; do Estado de São Paulo; Prof. Antônio Calandriello, representante do Sr. Secretário do Trabalho, Dr. Damiano Guilo; Prof. Fernandes Soares, Presidente do Clube dos Estados; Dr. Aureliano Leite, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado; Dr. Ibrahim Nobre, Membro da Academia Paulista de Letras — a voz de São Paulo; DD. Professor Ernesto Leite; eminente saúdo Prof. Mário Pittipaldi, representante da Câmara Brasileira do Livro; Dr. Maurício da Rocha, representante da Associação Brasileira de Imprensa; Dr. Ernesto de Souza Campos, ex-Ministro de Estado da Educação; Sr. Mário Sunelli, Diretor de Relações Públicas da São Paulo Light, Serviços de Electricidade, S. A., todos bañados da cultura e do civismo da nossa amada terra.

Srs. Vereadores. Minhas Senhoras e meus Senhores. Devo confessar-vos uma coisa: assim como me emocionai na outra tarde, ao percorrer o saudoso bairro do Bom Retiro, onde nasci e em cuja periferia, banhada pelo rio Tietê, se espalhavam, nas chéias, as águas lúridas do velho Anhembi (e eram pelas que eu molhava os meus pés de menino feliz) — assim me comovi, ao ler a aprovação, no "Diário Oficial", anteprojeto que me concede, por iniciativa do eminente homem público Agenor Mônaco, e pela bondade de todos os ilustres Vereadores de

sublimes edificadores da nossa cidade nos seus mil e impressionantes aspectos, devem ser transferidos as flores com que corais, apontando-o às novas gerações, um de seus modestos filhos, o menino que nasceu no bairro do Bom Retiro e que está chorando, outra vez, tocado pela transcendência de vossa homenagem!

Com as mãos abertas sobre a bandeira de minha Pátria, cujas inigualáveis cores batizam o puro evangelho do nosso civismo e do nosso amor, invoco, em espírito, todos os imigrantes do trabalho, que possibilitaram o crescimento de São Paulo dentro do Brasil, que me assistam neste supremo minuto em que recebo, em nome delas, o maior galardão de uma vida. Ao recebê-lo, juro que farei tudo para ser digno da confiança que depositais em mim. Juro, ainda, que para essa finalidade, oferecerei o que tenho de mais profundo e de mais sério em meu coração de brasileiro, brasileiro do planalto bandeirante. Este juramento ratifica o que me foi dado pelo Destino, quando nasci sob o signo do Aquário, ao pé do rio Tietê, bem junto da majestade voliva do Jaraguá!

Naquele instante, nascia um dos mais modestos trabalhadores desta operosa colmeia, mas um dos maiores enamorados desta linda, gigantesca, deslumbrante Cidade de São Paulo de Piratininga! Que nós todos possamos, sempre e sempre, engrandecê-la cada vez mais na indústria, na ciência, no comércio, nas letras, nas artes, na economia, na política legitimando as suas trações e enobrecendo o brasão da nossa cidadania — Non duco, duco — não sou conduzido, mas vos conduzo para ajudar a construir uma das maiores nações civilizadas do Oriente e do Ocidente — humilssimo exemplo do anacleto "Mundo Melhor" para nossos filhos, para todos os filhos dos que, realmente, trabalham pela grandeza, pela honra e pela eternidade do Brasil! (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE — Cidadão Emérito da cidade de São Paulo, Dr. Mário Gracioti, esta Presidência deseja dizer a V. Exa. que esta Casa se honra e se orgulha de tê-lo na galeria dos homens ilustres da sua cidade.

E' preciso, nobre Cidadão Emérito, que V. Exa. saiba que o autor desta proposição, nobre Vereador Agenor Mônaco, concedeu pela primeira vez, como Vereador à Câmara Municipal de São Paulo, um título; e posso dizer ainda a V. Exa. que, dado o critério rigoroso que mantêm esse nobre Vereador nas concessões de títulos honoríficos, distingue V. Exa. com o mais alto título, que é o de Cidadão Emérito da Cidade, traduzindo assim o reconhecimento e a gratidão do povo paulistano, pelas suas excelssas qualidades como editor, como escritor, como jornalista, como médico emérito, e por outras qualidades das quais V. Exa. é possuidor.

Tenho certeza, Dr. Mário Gracioti, que ao lhe conceder o título de Cidadão Emérito da Cidade de São Paulo, Agenor Mônaco viu de maneira especial o trabalho e a dedicação de V. Exa. pela cultura de nosso país. Esta Casa também sente-se honrada e a população se rejubila em conceder a V. Exa. o mais alto galardão que esta Câmara poderia conferir a um cidadão, realmente emérito com as qualidades de V. Exa.

Está de parabéns o povo paulistano por conferir a V. Exa. título de Cidadão Emérito.

Esta Presidência agradece a presença honrosa das autoridades civis e militares, agraçando-lhes que se estendem aos nobres Vereadores e ilustre assistência por haverem comparecido a esta solenidade. O nobre Cidadão Emérito receberá os cumprimentos no salão nobre da Presidência.

Estão encerrados os nossos trabalhos. (Palmas) — Levanta-se a Sessão.

Mário Gracioti, cidadão emérito da cidade de São Paulo, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Ano 73, nº 78, p. 61, abr. 1963.

Mário Gracioti: a vida inteira dedicada à divulgação do livro

"Ao grande divulgador do livro no Brasil, Mário Gracioti, pelo cinquentenário de suas atividades literárias e editoriais". A placa com essas palavras inaugurada sexta-feira no recinto da V Bienal Internacional do Livro, é o reconhecimento ao trabalho desse homem de mais de 70 anos que, a vida inteira, só viu livros diante de si. Via, e ainda os vê, porque Mário Gracioti, com o mesmo entusiasmo com que fundou o "Clube do Livro", há 35 anos, distribui suas bibliotecas-prêmio, 1.200 este ano aos melhores alunos das escolas públicas do Estado e da Prefeitura. Pelo "Clube", que também edita uma revista e promove concursos, já lançou por volta dos seus dez milhões de volumes, num lote que, consumido Brasil a fora, vem aproximando o leitor de muitas das melhores obras da literatura mundial e do Brasil. Mas esses dados servem apenas para introduzir o homem, o escritor e o editor Mário Gracioti que, embora tenha escrito "O Homem Plural", é, realmente, uma pessoa singular.

Uma das suas singularidades, por exemplo, é ser um homem muito culto e muito informado, mas não permite — nunca permitiu —, em qualquer livro editado pelo "Clube", qualquer sugestão literária a seu ver desaconselhável para "mocinhas". Mário Gracioti corta, se encontrar num marginal, a palavra "amante". Não sai. Quando Jarbas Passarinho era ministro do Trabalho, o Clube resolveu publicar um dos seus livros, um romance, cuja ação se passa nos seringaais amazônicos. Gracioti lia os originais com muito gosto, mas de repente estacou num trecho em que se sugeria uma relação homossexual. Em vão o ministro argumentou que aquilo nada tinha de absurdo, que fazia parte de um contexto, além de artístico, histórico. Gracioti não cedeu e, para ver seu romance publicado, o importante editado teve que amputar sua literatura. Anos depois, ministro da Educação, Passarinho convidou Gracioti, também em vão, para dirigir o Instituto Nacional do Livro. O "Clube do Livro", diz Gracioti, jamais editaria Jorge Amado. Disse ele está absolutamente certo.

Um homem alto, de voz muito grave — como a de um barítono de ópera —, o paulista Mário Gracioti, como diz seu colega Nelson Palma Travassos, é uma pessoa "segura dos seus argumentos, das suas opiniões". Ele está seguro, por exemplo, que a opção por livros mais "picantes" só pode ser feita após os 18 anos. Gracioti diz que ninguém tem o direito de produzir livros eróticos, "mundanos", que possam chegar às mãos de rapazes e moças não

preparados para a sua fruição. A palavra "amante" não entra no vocabulário editorial do cidadão Mário Gracioti.

Escritor e Profeta

O ofício de escritor levou Mário Gracioti à Academia Paulista de Letras. Seus livros já fornecem uma respeitável relação, que começa com "Auto-móvel de Luxo" (contos de 1926, lançado simultaneamente com obras de Mário de Andrade, Sud Mennucci, Candidato Motta Filho, Rubens de Azevedo e quando os iniciantes passavam literários do escritor "sofriam a influência romântica do tempo". Depois Gracioti publicou "o último romântico" que, a rigor não era o último, mas "o penúltimo" — o linotipista se enganou. De 1932. Até 1938 Mário Gracioti escreveu em jornais de títulos já desaparecidos — "O Combate", "A Pátria" — e em 1934 traduziu 15 poemas de Leopardi, em prosa poética.

"Em 1938, pela Cultura Moderna, publiquei "A Quarta Dimensão", dei contos literários sem nenhum clima amoroso e onde já se notava a minha preocupação acerca dos problemas decorrentes dos desajustes sociais". O livro, que anunciava a invenção da Morda Espacial, "capaz de contribuir para salvar o mundo periclitante", foi elogiado por Monteiro Lobato, "pois chama o meu personagem Elétrico de "Molais", o homem que via a Terra da Promissão".

De 1938 a 1945, Mário Gracioti trabalhou na sua principal obra, "O Homem Plural". O que é o livro: "Nessas páginas procurei apresentar, em personagens-símbolos, toda a minha inquietude em face de um universo superindividualista, cibernético, turbulento, inseguro. Resuscitei, segundo recomendação do mestre Lobato, o personagem, criador da Morda Espacial, a que pretendo salvar a Humanidade, e fixei no prof. Stonel a aspiração final da Física Nuclear que buscava, não a pedra filosófica de transmutação dos metais, nem a procura dos elixires da juventude eterna ou dos horizontes de um Mundo Melhor para os nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos, mas o sortilégio da Energia Atômica, que se transformará em arma destruidora do Homem, deste Filho do Homem, reduzido, no esplendor científico do século XX, a não ter Pão e Paí", informa o escritor, responsável pelo período longo e pelas iniciais malhacadas. E acrescenta: "A profecia de meu livro realizava-se em cheio a 6 de agosto de 1945, isto é, 72 dias depois do lançamento de "O Homem Plural": nessa fúnebre data, a Bomba Atômica arrasava Hiroshima, matando mais de 100 mil habitantes".

Em 1962, 1965 e 1971, Gra-

cioti escreveu o que ele chama de uma espécie de trilogia: "O Mundo antes do Dilúvio", "Viagem ao redor das Origens" e "O Firmamento no Universo Finito", os três vinculando temas arqueológicos, antropológicos, astronômicos. Em seguida, "como intervalo nessas laboriosas lides", publicou livros de viagens: "Europa Tranquila" e "Portugal", prêmios "Carlos de Laet", da Academia Brasileira de Letras e "Silva Maris", da Associação Comercial de Lisboa.

Médico e Editor

Mário Gracioti também é médico e, em 1933, depois de formado, dirigiu a Assistência Social do Estado. Como chefe desse serviço, realizou uma obra de sentido ruidosamente humanista, ele um homem visivelmente sofrido com as carências nacionais não só em livros, mas em saúde e condições sanitárias. Foi Mário Gracioti que fundou o Hospital-Sanatório de Mandaguai e os lactários, hoje centros de saúde, do Brás, da Lapa, do Bom Retiro e de Vila Mariana.

O marco inicial de Mário Gracioti editor está na revista "Inteligência", fundada em 1933, seguida de uma outra, "Viver Menário de Saúde, Força e Beleza". Até 1942, período em que Gracioti as dirigiu, tiraram dois milhões de exemplares. "Inteligência", uma revista "pioneira em publicações de recortes da imprensa mundial", foi um êxito e provocou o aparecimento de outras publicações no gênero.

Em janeiro de 1943, "verificando as pequenas tiragens do livro nacional, em média de 500 a 1 mil exemplares", Gracioti fundou o "Clube do Livro", inspirado no slogan "Livro limpo, bom e barato, a domicílio". Foi outro êxito. "Uma lágrima de mulher", editado em 1956, alcançou a tiragem de 35 mil exemplares. A partir de primeiro de novembro de 1973, o clube ganhou outros associados, os escritores Nelson Palma Travassos, Carlos Henrique de Carvalho e Alvaro Malheiros. Os livros do "Clube" são mandados para o País inteiro.

Mário Gracioti também foi amável à cartúcia de livros nas escolas. E em 1963 convenceu a Prefeitura a instituir uma doação anual de bibliotecas-prêmio aos melhores alunos das suas escolas. Prestes Maia foi quem sancionou a lei. De ano a ano a idíia ganha corpo. O ano passado foram entregues em São Paulo 300 dessas bibliotecas, com 10 mil obras literárias. A idíia já se estendeu ao Estado e este ano mil dessas prêmios em livros serão distribuídos pelas cidades do interior.

Mário Gracioti aceita, com orgulho, o título de "grande divulgador do livro no Brasil".

O trabalho como editor reconhecido. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1978, p. 11.

Homenagem a Mario Gracioti

Um grupo de amigos, liderado pelo ex-governador Laudo Natel, está organizando um jantar em homenagem ao escritor e editor, acadêmico Mário Gracioti, pela distinção que lhe foi outorgada recentemente: o Prêmio José Ermirio de Moraes, do Pen Clube de São Paulo, em reconhecimento aos 60 anos de suas atividades literárias e editoriais.

Mário Gracioti, a partir de janeiro de 1933, é designado pelo então secretário de Estado de Saúde, dr. Francisco de Salles Gomes, na interventoria militar do general Waldomiro de Lima, para organizar e dirigir o primeiro organismo de Assistência Social, criado em São Paulo, em cujas funções se conservou, através de várias presidências, deixando algumas iniciativas executadas, a começar por um censo hospitalar, a implantação do Hospital-Sanatório do Mandaqui para tuberculosos pobres, o primeiro hospital oficial para esses doentes, a instalação de lactários, nos bairros periféricos, transformados, depois, em Centros de Saúde; nesse cargo, Mário Gracioti criou o sistema Leito-Dia, tornado, depois, lei estadual e federal, para subvencionar os estabelecimentos filantrópicos (hospitais de clínica geral, Santas Casas, libertando-os de injunções pessoais e partidárias).

Em 1934, desejando colaborar numa difusão cultural para a juventude brasileira, dando-lhe o conhecimento dos progressos da ciência e do pensamento mundial, através de recortes dos principais órgãos jornalísticos, funda, aptes de Seleções, a revista Inteligência, com o apoio de Samuel Rubião, que era, na época, presidente da Caixa Econômica Federal. Essa revista alcançou, em seu tempo, a tiragem mensal de 14.000 exemplares, recorde no gênero.

Em 1938, Mário Gracioti funda a revista *Viver! — Mensário de Saúde, Força e Beleza*, que conseguiu altas tiragens para essa categoria: 8.000 exemplares mensais.

Em 1943, com a colaboração de Luiz L. Reid e Waldemar L. Rocha, funda uma editora "sui generis", o Clube do Livro, destinado a levar a domicílio um livro de notório merecimento, limpo, bom e barato, alcançando as suas tiragens, na época, no gênero, as maiores do editorialismo brasileiro, classificando-se como pioneira em sua categoria: em outubro de 1956, com o romance *Uma lágrima de mulher*, de Aluizio de Azevedo, o Clube do Livro editava e colocava 35.000 exemplares. Atualmente, com a colaboração de Mário Gracioti, o Clube do Livro, que completou, há pouco, 45 anos de contínua atividade editorial, trabalha na área da Editora Ática.

Ao demais de seus três livros de contos, *Automóvel de Luxo*, O último romântico, *A Quarta Dimensão*, publicou Mário Gracioti dois romances. O *Cordão dos Milagres* e *O homem plural*, lançado este em três países da Europa, Itália, Iugoslávia e Espanha. Acerca desse livro, que anunciou, antes de Hiroshima, a energia nuclear como arma destruidora do homem, e a idealização da Moeda Espacial (temporária ou regressiva) manifestaram-se Monteiro Lobato, chamando Mário Gracioti de "Moisés, o homem que viu a Terra da Promissão", o Jânio da Silva Quadros, classificando o seu autor como "filósofo com visões proféticas".

Mário Gracioti é autor de uma espécie de trilogia: "O Mundo antes do Dilúvio" (arqueologia), "Viagem ao redor das origens" (antropologia) e "O Firmamento no Universo Finito" (astronomia). Esses três ensaios foram distinguidos com seis prêmios nacionais, incluindo o "Prêmio Joaquim Nabuco", de 1972, da Academia Brasileira de Letras.

Entre outros livros publicados, Mário Gracioti lança, em 1982, o seu ensaio em torno da vida e da obra de Paracelso, isto é, a sua Ciência e a sua Magia, que é, nesse ramo, a única biografia do sábio suíço, em língua portuguesa classificada pela Enciclopédia Larousse como "o maior gênio inovador da medicina, depois de Hipócrates". Esse trabalho foi distinguido em 1983 pelo "Prêmio de Memórias", da Fundação Cultural de Brasília, DF. Há longos anos, Mário Gracioti mantém no jornal *Diário Popular* a sua coluna bissemanal, "Ponto de Vista", na qual, entre outras iniciativas, promoveu a Lei do Silêncio e a Campanha das Bibliotecas-Prêmio aos melhores alunos de São Paulo, no curso do primeiro grau (Antigos Grupo Escolar e Ginásio).

Assim, o "Prêmio José Ermirio de Moraes", que lhe é conferido pelo conjunto de seus trabalhos, parece coroar a personalidade de um paulista, octogenário, nascido no bairro do Bom Retiro, nesta Capital, de pais italianos, aqui chegados em 1893, cuja vida, praticamente, foi dedicada, por esta ou aquela maneira, à difusão cultural no País.

Presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas durante seis anos, Mário Gracioti pertence à Academia Paulista de Letras, à Academia Cristã de Letras, à Academia de Letras de Campos do Jordão e à Academia Paulista de Jornalismo, da qual é o fundador.

Homenagem ao escritor Mário Gracioti. *O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1988, p. 43.

Anexo XV

1595

28/1/91

 **CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**
SEÇÃO DO PROTOCOLO

PROCESSO N.º 1595 DE 19 91

NATUREZA: Moção 195/91 de 04/06/91

PROMOVENTE: Ver. Walter Abrahão

ASSUNTO: Aplauso ao escritor e jornalista Mário Graciotti, por sua admi:
são na Ordem de Rio Branco, com Grau Oficial.

CNC Soluções
Tipo: Processo Legislativo
4/7/2011 14:51:55
00021236356-55

OBSERVAÇÕES

Arquivado em 23.10.2013

Chefe de Serviço
CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

04n. 5271

Mário Graciotti, admitido na Ordem do Rio Branco, do Itamaraty. Moção de aplauso proposta pelo vereador Walter Abrahão à Câmara Municipal de São Paulo, jun. 1991.

Bibliografia básica:

- ALVES, Vagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC/São Paulo: Loyola, 2002.
- ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Mendes, “Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas”, In: FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, tomo 03, v. 03.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1966.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- _____. *Formação do Império Americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BEEVOR, Antony. *Creta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. *Berlim*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BETHELL, Leslie & ROXBOROUGH, Ian (orgs). *América Latina. Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BLOCH, Marc. *Strange Defeat. A statement of Evidence written in 1940*. New York: W. W. Norton, 1999.
- BOMENY, Helena (org). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção O Brasil Republicano, Livro 2).
- _____. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir. (orgs). *Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

CARDOSO, Irene. R. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Cortez, 1982.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Anti-semitismo na Era Vargas. Fantasma de uma geração*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo. (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Gondin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHURCHILL, Winston. *Memórias. La Segunda Guerra Mundial*. Barcelona: Los Libros de Nuestro Tiempo, 1949, 06 Vols.

COLE, Wayne S. *Charles A. Lindbergh and the Battle against American Intervention in World War II*. New York: Harcourt, 1974.

CORSI, Francisco Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Unesp, 2000.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: a conexão argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000.

DAHMS, Helmuth Günther. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Bruguera, 1968, 02 Vols.

DAVIES, Norman. *Europa na guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DINIZ, Eli. “O Estado Novo. Estrutura de poder, relações de classes”, IN FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, tomo 03, v. 03.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971.

_____. *Memórias: Miséria universal, miséria nacional e minha própria miséria*. São Paulo: Hucitec, 1978, v. 07.

_____. *Prisão, exílio, luta...* Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946.

_____. *Memórias: ofício de trevas*. São Paulo: Hucitec, 1977.

_____. *Memórias: as raízes profundas*. São Paulo: Hucitec, 1974.

DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas. Biografia Política*. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

ELIAS, Norbert. Os alemães. *A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FILHO, Júlio de Mesquita. *Política e Cultura*. São Paulo: Martins, 1969.

FILHO, Ruy Mesquita (org). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

FRIEDRICH, Jorg. *O incêndio*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FRIEDRICH, Carl J. & BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Totalitarismo e autocracia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GARCIA, Eugênio Vargas. *Entre América e Europa: a política externa brasileira na década de 1920*. Brasília: UNB, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GRACIOTTI, Mario. *O outro caminho da libertação: conversa imaginária com o frei Leonardo Boff*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

GROSSMAN, Vasily. *Um escritor na guerra*. São Paulo: Objetiva, 2008.

HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha. Uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

_____. HILTON, Stanley. *Brazil and the soviet challenge 1917-1945*. Texas: University of Texas Press, 1991.

HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KERSHAW, Ian. *'The Hitler Mith'. Image and Reality in the Third Reich*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. *Hitler (1889-1936): Hubris*. London: Allen Lane/ The Penguin Press, 1998.

_____. *Hitler – Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (dir). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e instituições. (1889-1930). São Paulo: Difel, 1978, tomo III, 02 v.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LIDDELL HART, B. H. *History of the Second World War*. London: Papermac, 1992.

LOPES, Sônia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Literis, 1999.

LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

- LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MCCANN, Frank. *Soldados da pátria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MANN, Thomas. *Ouvintes alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.
- MESQUITA, Julio. *A guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002, 04 vol.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural norte-americana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira. (1935-1942)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- NEUMANN, Franz. *Behemoth. Pensamiento y acción en el nacional-socialismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.
- NOLTE, Ernst. *La crisis del sistema liberal y los movimientos fascistas*. Barcelona: Edicions 62, 1971.
- _____. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- _____. *La guerra civil europea. 1917-1945. Nacionalsocialismo y bolchevismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Imprensa Oficial – Arquivo do Estado de São Paulo, 1999. Coleção Teses & Monografias, v. 1.
- QUEIROZ, Sueli Robles Reis. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RAMOS, Plínio de Abreu. *Os partidos paulistas e o Estado Novo*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- RAUSCHINING, Hermann. *La revolución del Nihilismo*. Buenos Aires: Losada, 1940.
- _____. *Hitler me disse*.

- RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e seis anos de minha vida*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: o processo do alinhamento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- SHIRER. William. *A queda da França*. São Paulo: Record, s/d, 03 Vols.
- _____. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 04 Vols.
- SILVEIRA, Joel & NETO, Geneton Moraes. *Hitler/Stalin: O Pacto Maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963, 02 Vols.
- TOYNBEE, Arnold. *La Europa de Hitler*. Barcelona: Editorial AHR, 1955, 02 Vols.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995, v. II (1937-1942).
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.